

SUBINDO
O
MONTE

Este livro não é seu, no sentido de tê-lo em sua casa numa prateleira de sua biblioteca; você é que é tido(a) como pessoa especial, para, após a oportunidade de tê-lo em suas mãos por meio de uma doação a uma entidade filantrópica, fazer-lhe a leitura e, logo em seguida, repassá-lo a quem se dispuser a fazer a doação tal como você fez, escolhendo o objeto e a entidade a ser beneficiada, para também ler e repassá-lo, tudo para que assim se propague o livro e para que assim as doações aconteçam sempre em favor de necessitados, que somos todos e cada um de nós. Então, não quebre esta corrente; e o Céu permanecerá em festa. A doação de objetos pode ser como os de uso pessoal (roupas, sapatos, joias, novos ou usados), como os representados em alimentos não-perecíveis, como os de expressão de valor monetário em espécie ou em cheque etc., cada um em quantitativo que você estipular para uma entidade filantrópica de sua livre escolha. Após doar e ler (ou resolver não doar nem ler), faça o favor de indicar o nome da pessoa para quem você encaminhou o livro e o seu respectivo e.mail para o e.mail dorimar.dorimar@gmail.com ou mesmo devolvê-lo para o autor. É ainda importante dizer que não se deve deixar que pessoa próxima, qualquer que seja o vínculo, só por conta de uma intimidade, seja estimulada a ler este livro sem o correspondente ato de doar. Enfim, deixa-se expresso o reconhecimento quanto à precariedade, tanto da diagramação desta obra, quanto da sua impressão. Mas o importante é a mensagem que se pretende transmitir sem pretensões acadêmicas, sempre, porém, associada ao sentido do bem que se deve fazer a necessitados, nos quais todos nos devemos incluir.

Em tempo: Caso você queira ficar com um impresso como este, em sua biblioteca, visite o site www.dorielvelosogouveia.com.br, busque o arquivo correspondente e, a partir deste, numa Copiadora, peça que o imprima e o encaderne.

Diz-lhes este livro, caro leitor, prudentíssima leitora:

Quando, um dia, num momento, ainda que seja um só momento, vocês, que suas mãos me sustentem, tiverem o alcance da minha essência, com certeza essas suas mãos sentir-me-ão como uma brasa viva e, logo, vocês cuidarão de me repassar adiante, a outrem.

Todos os direitos cedidos pelo autor ao Projeto de nome idêntico ao da presente obra e proibida a reprodução total ou parcial sem autorização.

SUBINDO
O
MONTE

Doriel Veloso Gouveia

João Pessoa
2007

Dedicatórias

A todo aquele que, diante de uma oportunidade, somente consentiu conquistá-la, porque não seria um sacrifício para si nem para o próximo.

Aos dignos pensadores de todos os tempos, o agradecimento pela luz alcançada e pela seta que representam; sem eles, a caminhada teria ponto inicial de partida no meio de densas trevas.

Aos amigos – verdadeiramente aqueles que não impõem sacrifícios.

Aos meus íntimos: minha esposa Maristela, meus filhos Doriel, Doriella e Diara, minha nora Patrícia Karla e também aos meus pais Milton e Adelita (in memoriam).

IMPRESSÕES DO AUTOR SOBRE SUBINDO O MONTE

- Serei um falso profeta?

A resposta, por certo, quem deverá dar é você, leitor.

.....

Não me alegra a carne em face de qualquer intimidade que ela ache ter alcançado perante a força poderosa e misteriosa, costumeiramente chamada Deus. Faço o que está ao alcance de minha limitação carnal para proibi-la de pensar nesse aconchegante conforto - para ela. Egoísta que é por natureza, a carne se entrega com facilidade a esse propósito tão mesquinho. Doloroso é saber que esse egoísmo a faz miseravelmente cega, a ponto de não enxergar que ela é continente pequeno e fraco e passageiro para aninhar aquela delícia celestial eterna e infinita...

Reside em mim imenso desejo de ver SUBINDO O MONTE bem difundido, não para a glória de mim mesmo, mas para a glória daquela força poderosa e misteriosa, fonte inspiradora para este modesto trabalho - assim acho que tenha sido. Ou será que porventura me tenha enganado nessa firme assertiva o veículo da minha realidade de homem-carne?

Por isso, ao ler SUBINDO O MONTE, esqueça o leitor do autor. Valiosa é a apreciação final que ele puder fazer de si mesmo, no quanto a mencionada obra o possa ter influenciado.

Foi precisamente pensando no leitor que o autor escreveu SUBINDO O MONTE, de modo a poder mexer com os questionamentos que tanto o podem estar afligindo, mas também lhe garantindo, mediante um projeto de igual nome - Projeto SUBINDO O MONTE - sua participação na obra assistencial em favor dos esfomeados (*de todo o tipo de fome*), dos sedentos (*de todo o tipo de sede*), dos presos (*de todo o tipo de prisão*), dos nus (*de todo o tipo de nudez*), dos doentes (*de todo o tipo de doença*), dos cegos (*de todo o tipo de cegueira*), mesmo que essa participação seja de forma inconsciente, como no caso dos profanos de todos os tipos.

Por essa razão, SUBINDO O MONTE tem única e insubstituível forma para a sua aquisição, que é, precisamente, através de doação de importância em dinheiro estipulada pelo próprio adquirente, a ser depositada, no ato da doação, na conta bancária de uma entidade filantrópica escolhida pelo autor. Visa-se, com isso, ver a obra alcançada por quantos possam dela conseguir evolução espiritual, para a glória exclusiva da força poderosa e misteriosa, sem prescindir da certeza, também, de que os profanos, enquanto tais, se não têm lamentavelmente como alcançar esse evoluir, contarão, enfim, com a misericórdia daquela bendita força, não somente por haverem contribuído para os necessitados, mas porque para eles aquela misericórdia haverá de ser mais presente como fruto do amor que, na lógica dos céus, tende a se inclinar sempre para os mais fracos.

Se SUBINDO O MONTE se volta para a verticalidade no encontro de integração com a força potente e misteriosa, o projeto, que tem o mesmo nome, se dinamiza no campo da horizontalidade, no qual, precisamente, os homens se devem conscientizar de que não têm a quem recorrer, senão aos seus próprios iguais - estes, por seu turno, inclusive o próprio autor, tão contemplados com talentos e tão tristemente envoltos em defeitos éticos. Como é curial, os talentos precisam e devem ser atualizados; os defeitos éticos devem estar sempre sob vigilância para que não sufoquem aqueles.

Em SUBINDO O MONTE (o livro e o projeto), o vertical aconhego com a força poderosa e misteriosa iluminando o horizontal dos homens importará a verdadeira obra profética que tende a encurtar, cada vez mais, o caminho pelo qual o homem-espírito retorna à pátria celestial. Por certo, o alcance de tal retorno é duvidoso por meio de qualquer organismo social institucionalizado, justamente porque, em qualquer que seja ele, se teima em seguir o caminho de “*cegos que guiam cegos*”. É que se adota, para o seu estabelecimento, um conjunto normativo de sangue, se bem que essa sanguinolência, no caso do Cristianismo, se processe no “já feito” atribuído ao Nazareno, segundo o qual ele aparece tomando para si as nossas dores...

No profético é, realmente, onde se plasma todo o conjunto de uma obra que não é de ninguém porque é de todos, cujos protagonistas não necessitam de ninguém que os conduza, já que os “iniciados” e os “iniciandos” na senda da espiritualidade dessa mencionada linha profética são os que, ao invés de dominados, se dominaram antes de tudo a si mesmos - no caso dos “iniciados” ou são os que persistem na busca incessante desse auto-domínio - no caso dos “iniciandos”,

sendo, portanto, impossível se conceber um comando ou uma direção para nenhum deles. É que não há comando nem direção para quem se comanda e se dirige a si próprio. Aliás, o novo testamento hauriu, em Hebreus, cap. 8, vs. 10-12, toda a pujança da profecia de Jeremias, constante do cap. 31, vs. 31-34, acerca dessa “organização-sem-comando”.

SUBINDO O MONTE pretende demonstrar a evolução espiritual no curso de uma existência humana. É que o despertar espiritual cada vez mais se impõe no lugar das descobertas experimentadas no curso da vida. Sendo assim, devem ser considerados sempre esses dois planos bem distintos: a) o despertar espiritual – nada compromissado com o caráter pessoal, embora vivido e experimentado nele; b) as experiências de vida - marcadamente caracterizadas como pessoais. A subida começa realmente focalizando temas de forma simples, num silogismo em que, de um lado, estão as reflexões, de outro, as irreflexões e, fechando-o, se alcança a síntese da reflexão profunda... A partir desse ponto, vai se elevando às alturas vertiginosas da verticalidade inesgotável: a Divindade e o Eu, o Eu e a Divindade, em fascínio intenso, onde não tem vez o ego separatista.

Registra-se, em subtítulo, que o alcance dessa “conquista” está na dependência da espiritualidade, a qual será inatingível ao “profano” e cada vez mais propícia àqueles já “iniciados” nessa trilha, como àqueles que se encaminham nesse sentido - os “iniciandos”. Disso decorre triplo ângulo de serventia: tratando-se de “iniciado”, pode-se dizer que “o céu já é aqui na terra”; se “iniciando”, a verdadeira busca interior se faz constante; se “profano” - que pena! -, tudo quanto se lhe dirá não passará de letras mortas, inevitavelmente. Mesmo assim, a alma desse cego e surdo homem se salva, porque misericordiosa é a força poderosa e misteriosa; essa salvação, contudo, não se processará sem antes passar a sua alma pelas penas que hão de durar até a consumação deste século.

A adoção desse subtítulo é de índole meramente provocativa e não guarda nenhum sentido de menoscabo. Aliás, o próprio autor não se pode situar em qualquer categoria de espiritualidade; nem ele nem ninguém. Valha, pois, à frase “Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos” unicamente aquele sentido de provocação - até mesmo em relação ao autor.

A “profanidade” é prisão atemorizante inconsciente, para os que se rendem e persistem na cegueira espiritual - aqueles que se contentam em ganhar o mundo material em sua rudeza. Já os

“iniciados” e os “iniciandos” se deixam evacuar de suas expectativas, abrindo a porta da consciência para a plenitude da força poderosa e misteriosa, circunstância esta da qual decorre não mais qualquer expectativa de libertação, mas a real libertação das amarras terrenais que conduz a uma vitória sem qualquer sentido de ambição, na qual o ego nada pode comemorar de seu.

Mas isso, na verdade, é letra morta para profanos - perdão pela insistência da provocação!

.....

- Serei eu um falso profeta?

A resposta - insiste-se em afirmar - quem deverá dar é você, leitor.

Sumário

Impressões do autor sobre Subindo o Monte.....	9
Reflexões/Irreflexões.....	15
Reflexões.....	17
Irreflexões.....	45
Refletindo Profundamente - introdução	63
Refletindo profundamente.....	65
Transparência.....	109
Na Igreja.....	125
O Verdadeiro Sacrifício.....	157
Responsabilidade Individual Intransferível.....	165
Cristo sem Cruz.....	173
Luz, Luz, mais Luz.....	177
E o Verbo se fez carne.....	183
Encarnação.....	187
Ressurreição.....	191
Eu sou tu.....	195
Banho de Sangue.....	199
Na Missa.....	203
Espírito Eternamente Pronto.....	211
Livrando-se do engano.....	215
Guardiões da Revelação.....	219
A Cura de um Possesso.....	225
Espírito Santo.....	229
Sacrifício sem sangue.....	231
Torre de Papel.....	235
Transcendência e Imanência.....	239
O Código de Deus.....	243
A melhor ousadia.....	247
Essência.....	249
Deus existe?.....	253
O que é ser cristão?.....	257
A Verdadeira Páscoa.....	261
De um ego submisso.....	265
Subindo Sempre.....	267

Reflexões, Irreflexões – Visão Bi-Dimensional do Ser e do Não-Ser Compreendida Numa Antítese

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Caro leitor:

Escrevemos, em quarenta e dois capítulos, as nossas reflexões e as nossas irreflexões, as quais cuidam de uma abordagem bi-dimensional, compreendida na antítese pela qual se modelam. As primeiras conduzem a um pensamento positivo, desviando-se, porém, aqui e ali, para um estado de *dúvida natural*, própria de todos nós que somos seres falhos, incompletos. Nas reflexões, procuramos mostrar como se deve agir para manter o equilíbrio do corpo e da mente, na busca do Reino dos Céus, o qual é para ser gozado não só celestialmente, mas no plano terreno, também. Já as irreflexões, que vieram depois das reflexões, demonstram, por essa ordem, naturalmente, que, por mais fortes que procuremos ser no mundo, nos deixam defronte também, *constantemente*, ao estado de *dúvida natural*, arrastando-nos para o outro lado. Ambas, pois, devem ser vistas como o retrato da realidade que somos, expostos neste mundo numa incógnita impenetrável, vivendo à procura de dar um xeque-mate que nunca acontece, ficando a possibilidade do seu acontecimento cada vez mais distante do nosso alcance.

Sirva, pois, a antítese das reflexões e das irreflexões como a indicação de um caminho; caminho sem rodeios, mostrando a verdade dos dois lados, pois somos, realmente, e não somos, em dimensões distintas. Para a exploração da dimensão do ser, sirvam as nossas irreflexões, para que, com elas, tenhamos facilitado o domínio do mundo, daquilo que é, que existe, inclusive a realidade corpórea; para a exploração da dimensão que não é, sirvam as nossas reflexões para o definitivo reconhecimento de que a força poderosa e misteriosa é também graça que nos foi permitida para podermos *ver sem olhos, ouvir sem ouvidos, chorar sem olhos, saber sem cérebro*, ou seja, vivermos a glória de tudo isso e muito mais ainda, mesmo no tempo futuro em que não mais estejamos sendo...

Importante é considerarmos o conjunto das reflexões e das irreflexões, jamais qualquer delas separadamente, pois assim não têm nenhum sentido. Uma não de ser consideradas sempre se tendo em vista as outras, se bem que significando estas a realidade e aquelas a

“realidade”, mas, no fundo, tudo é uma coisa só, porque, enfim, o resultado definitivo, completo e acabado é, inclusive as considerações feitas sobre o que não é, a dimensão que não é; o incognoscível... apenas para quem é - vale ressaltar, pois suas manifestações se processam na forma possível à apreensão da nossa existência sensória.

Esperamos contar com a compreensão dos leitores. É possível que alguns terminem decepcionados. Para eles, torcemos no sentido de que, sem imposições, de forma livre - tal qual aconteceu com você, caro leitor, distinta leitora, que me compreendeu -, também reflitam melhor.

Reflexões

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Capítulo I

Díficeis são os caminhos deste mundo. Vencê-los, só através da verdade; penetrá-la, eis a grande dificuldade para nós que somos do mundo, pois nele estamos numa margem de tempo pequena, dentro da qual as preocupações são íntimas da realidade; realidade que nada mais é do que a nossa existência material e esta, por sua vez, também nada mais é do que o próprio mundo, enfim...

Quando, pela oração, nos voltamos para a verdade, conversando com a força poderosa e misteriosa, a fé com que o fazemos, apesar do enorme esforço em contrário, é tênue, acanhada e, depois, o contato com as coisas do mundo nos faz mergulhar num mar de incertezas e de preocupações, tornando praticamente nulo o contato que se quis empreender.

É bem mais fácil, seguindo as regras mosaicas, se ter uma existência justificada para o mundo, partindo do amar a força potente e misteriosa com todo o coração e com toda a alma e ao próximo como a si mesmo, passando pelo honrar pai e mãe, não matar, não roubar, não cometer adultério, não pecar contra a castidade etc. Sim, uma existência justificada para o mundo, porque os mandamentos mosaicos são regras que permitiram ao homem o conhecimento do que é bom e do que é ruim.

Mas a verdadeira justificação, a que se obtém pela fé, não está no mundo. Dá-se através da graça. Ela, que é a verdade, se estabelece mediante a obediência à lei mosaica, que não é para ser desprezada, como ressaltou a autoridade do famoso Galileu. Naturalmente, não tem ela o condão de passar uma esponja nos pecados do mundo, mas pode nos colocar, em que pese faltas que venhamos a cometer, em harmonia e em sintonia com o ser maior, princípio e fim e causa de todas as causas.

Temos a senda que nos foi consentida. Um homem como nós, um ente deste mundo, foi capaz, porque uno com o Criador, de ser, ao mesmo tempo, mundo e força poderosa e misteriosa. Ele, portanto, é a encarnação da própria verdade; verdade que nos pode justificar, através da fé utilizada na conformidade da lei por ele amorosamente ensinada: *“Pedi e ser-vos-á dado; buscai e achareis; batei e ser-vos-á*

aberto. Pois todo aquele que pede, recebe; quem procura, acha; e a quem bate, se abre” (Mateus, 7, 7-8).

Vencer o mundo como o próprio Filho do Carpinteiro o venceu, mesmo sendo do mundo, pode nos ser difícil, mas não impossível. Basta que tenhamos fé - disse ele. E se assim acontecer, poderemos fazer mais do que ele próprio fez. A dificuldade e, não, a impossibilidade para tanto está na condição de pequenez do homem, em que pese, na verdade, cada um poder sem a menor diferença de um para outro. É que cada um de nós tem, como o Cristo no mundo tem, a expressão divina da força poderosa e misteriosa em si.

Se alguma dificuldade nos esbarra para que possamos vencer o mundo, não devemos atribuir isso a falta de bondade daquela força por não nos ter feito seres pensantes como o Nazareno e tantos homens santos. Quando a corda estica e se parte na busca da verdade, tornando mais difícil ainda alcançá-la, é preciso lembrar que ainda nos resta uma tábua de salvação - a misericórdia do Criador de todas as coisas. Agora, não é por ser a referida força misericordiosa que devemos deixar de procurá-la sempre, através da trilha da verdade que nos foi deixada pelo Homem de Nazaré.

Assim, procuremos ter fé e, com ela, fazermos orações constantemente. A oração válida, isto é, com fé, significa o abraço entre o ser finito (o homem, ser deste mundo) e o ser infinito (a força poderosa e misteriosa).

A nossa mente consciente, enquanto viva, tem dois caminhos a seguir, exploráveis pelo livre arbítrio de cada um: o do desespero, que é alimentado pelos vícios de toda a espécie e que tem início e fim no mundo, como pode ir além dele; ou o Reino dos Céus, que é alimentado pelas virtudes cristãs e do qual se usufrui ainda mesmo durante o tempo em que se estiver no mundo, permanecendo, igualmente, além dele, noutra dimensão, para ser deliciosamente gozado.

Capítulo II

A força poderosa e misteriosa se plasma em perfeição e em bondade. Se alguém comete um crime, não foi ela quem assim deliberou; se alguém perde uma perna, não foi ela quem assim quis; se alguém nasceu cego ou com alguma outra deficiência, isto não resultou do projeto dela. Certamente, isto tudo são impulsos que podem levar o homem a ela, que é realidade imaterial imperecível e,

não, realidade física. Realidade física é o mundo, inclusive a nossa mente inconsciente, entidade finita, em cujo seio ela habita e em cuja direção a mente consciente, pelo livre arbítrio, pode caminhar, ou não. Bem-aventurado, pois, quem está caminhando em sua direção, pois só nela está a verdade.

Para que possamos estar e permanecer no caminho da verdade, é preciso que vigiemos e oremos, para não cairmos nas tentações mundanas. Estas são de muitas formas e de muitas espécies. Estão na nossa carne, que é o mundo. Para combatê-las, a vigilância e a oração devem se manifestar permanentemente. É que somos, enquanto seres do mundo, iniludivelmente fracos. Fraca é a nossa carne; fraca é a nossa fé, em contraposição à fortaleza que poderosamente não é em nós.

Busquemos, pois, a força poderosa e misteriosa, o que, evidentemente, não é fácil. E ao mesmo tempo é. É só persistirmos na vigilância e na oração. Só elas são os únicos meios para que possamos ter a vida prenhe das delícias do Reino dos Céus, mesmo sendo ainda do mundo.

Capítulo III

Embriagar-se nas delícias do mundo é bom. Faz um bem enorme. Agora, se é bom e se faz o bem, é preciso sondar qual o destinatário dessa bondade e desse bem. É claro que, se são delícias do mundo, elas só atendem ao que é do mundo.

É justamente nesse tipo de delícia onde impera a lei do desgaste; lei irreversível nos seus efeitos, porém revogável pelo livre arbítrio da mente consciente.

Quanto mais cedo disso se conscientizar a mente, melhor para ela e para o corpo em que ela se acha instalada.

Bem-aventurados aqueles que, mesmo não abdicando dessas delícias, se fazem conscientes de sua índole perniciosa. Não deixa isso de ser um despertar, uma consciência verdadeira, um clarão convidativo à real delícia, inalcançável em face da pouca fé, enquanto esta permanecer vacilante, pequena, insignificante. Mas bem-aventurados serão, deveras, aqueles que abdicarem dessas delícias, o que é difícil para o mundo.

Ah, se não fora a misericórdia divina! Estaríamos todos inapelavelmente encurralados.

Somos grandes, porque a força poderosa e misteriosa não é em nós. Não há em nós pequenez, senão em termos de condição mundana de que somos impregnados, pela própria natureza. É que somos do mundo. E vencê-lo, eis a conquista consistente em nos tornarmos, enquanto do mundo, tão grandes quanto a mencionada força. Para tanto, haja fé.

“Até quando estarei convosco, homens de pouca fé” - eis uma afirmação muito amorosa da parte de quem, tanto quanto do mundo quanto nós, foi, ao mesmo tempo, do mundo e de ligação estreita com a força poderosa e misteriosa. Mundo e a referida força nele eram uma unidade. É que nele não havia pouca fé, mas fé verdadeira. Nele, que era mundo, enquanto mentes consciente e inconsciente, havia, ao mesmo tempo, a presença infinita encravada em toda sua extensão corpórea, a ponto de poder se transfigurar. Isto é vencer o mundo. Eis, pois, a grande diferença entre ele e nós. Enquanto ser do mundo, nele não havia a pequenez que nos caracteriza, a qual decorre justamente da nossa pouca fé. Nele e em cada um de nós a presença de uma capacidade de ter fé, sendo que em nós a capacidade de atualização dessa fé ainda continua deveras claudicante, enquanto nele sua manifestação foi completa e incontestável e admirável e divina, embora humana.

Capítulo IV

O homem sem discernimento é filho da força potente e misteriosa que costumeiramente se denomina Deus e, mesmo não tendo mente consciente ativa, traz, no seu inconsciente, aquela mesma força. Para ele, porém, a carga da necessidade do contado com ela não lhe pesa, pois lhe falta, ainda, a iniciativa para o livre arbítrio. Essa carga somente se destina a todos aqueles que têm discernimento. Com relação a estes, a força potente e misteriosa não pode dispensar que diligenciem no sentido de que se tornem unidade com ela, pois têm livre arbítrio para assim quererem ou não. Aos que não têm discernimento, essa força, efetivamente, os dispensa de diligências e não poderia ser de outra maneira.

Ora, se a força poderosa e misteriosa, em sua misericórdia, socorre até mesmo os que têm discernimento, compreendendo-lhes a fraqueza da fé, tanto mais socorrerá os que não o têm! Grande é a sua misericórdia realmente, na medida em que não exige de quem não tem como saber agir corretamente.

Em resumo, o ônus com que se pode atingir a força poderosa e misteriosa somente é verdadeiramente pleno para os que têm completo discernimento. E mesmo para estes, ela, em sua infinita bondade, como já o dissemos, socorre a fraqueza deles, através de sua misericordiosa compreensão.

Aqueles não dotados de discernimento, destituídos da possibilidade de se abraçarem com a força poderosa e misteriosa através do Espírito Santo, trazem no seu inconsciente a presença infinita e já estão, pelo seu estado de inércia de vontade consciente, em contato com aquela força, pela sua simplicidade, pela sua ingenuidade, pela sua incapacidade de saber aquilatar o que é o bem e o que é o mal. Têm eles obtido, diretamente, sem necessidade de qualquer exigência, o Reino dos Céus. Já os que sabem discernir, por outro lado, têm o livre arbítrio para escolher: o Reino dos Céus ou a potestade deste mundo.

A linguagem da cruz, disse Paulo, é loucura para este mundo. É loucura sim, para os que são capazes de discernir; não para os ainda impossibilitados de distinguir o bem do mal.

Capítulo V

É preciso mesmo permanente estado de oração, para se alcançar a plenitude do Reino dos Céus. Tente, quem quer que seja, permanecer em oração e veja: quando menos se cuida, se está agindo na contramão do caminho que conduz à força potente e misteriosa, que não é em nós, no inconsciente, num reino que nos foi revelado pelo seu filho, o Cristo.

É necessário, pois, além da oração, muita vigilância; vigilância permanente.

Quantas vezes se faz a ligação na terra, mas a ligação no céu não acontece? E isso por quê? São os estímulos de toda a sorte que se recebe no contato diário que sufocam as ligações que são feitas na terra. Então, resultam frustradas as ligações pretendidas no céu.

Por isso, não nos devemos deitar, à noite, nem nos levantar, pela manhã, sem estarmos em oração e, daí em diante, durante todo o dia, sempre vigilantes, ficarmos vigiando, proibindo os maus pensamentos. No mais simples dos atos - o atravessar uma rua, por exemplo -, deve estar presente não só a oração, mas também a vigilância. Com esta, nos prevenimos contra a ineficácia da oração. É que, em plena rua, podem vir os atropelos, as dificuldades: é o sinal

luminoso que é bastante rápido; é o transeunte com quem cruzamos que esbarra em nós; é o apito ensurdecido de uma buzina de automóvel; é a descarga poluidora do escapamento de um carro. Então, passamos a perder o controle, passamos às xingações, aos aborrecimentos, à destilação do ódio. Ai, pois, perdemos inteiramente o estado de vigiância, pondo em ruína a oração feita, como, por exemplo, a da proteção contra os malefícios do trânsito...

Sempre então que perdemos o controle, em meio a uma enxurrada de preocupações, acontece o desvio daquele sentido preordenado de equilíbrio, de sensatez e passamos de um estado de confiança, de tranquilidade, para um estado de azáfama em cujos elementos constitutivos não há lugar para a serenidade exigível para uma ligação terrena, quanto mais para uma ligação etérea!

“Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e tudo que ligares na terra será ligado nos céus e tudo que desligares na terra será desligado nos céus” (Mateus, 16, 19) - afirmou Jesus. A verdadeira lição do Mestre, nessa passagem bíblica, significa que essa ligação não deve ser do tipo que sugere dimensões para fora de nós, como nos faz assim imaginar a famosa “escada de Jacó” (Gênesis, 28, 12); deve ser, isso sim, como uma escada, cujos degraus se projetem para dentro, para o nosso interior - o inconsciente - unindo este ao mundo dos nossos sentidos e sentimentos.

Portanto, importa que a oração seja permanente, mas sempre acompanhada da vigiância, até mesmo nos mínimos detalhes da vida diária, para que a ligação entre céu e terra sempre aconteça.

“Vigiai e orai” - disse, aliás, com toda a sabedoria, o Homem de Nazaré.

Capítulo VI

Crer, crer, crer, sempre crer. Assim nos incentiva a força interior, a única, na verdade, que nos faz capazes de tudo. Com ela, inclusive, é possível nos sentirmos em pleno bem-estar, em que pese tocados por lancinantes dores físicas. Dores deste jaez vezes por outra podem nos atingir, mas, sem nenhum propósito desafiador, se pode confiar que serão neutralizadas pelo dique inquebrantável da fé, pela força interior. A dor física abaterá tão somente a nossa realidade corpórea. Sendo firme, poderosa e permanente a nossa fé, a força interior não permitirá que fraquejemos; pelo contrário, dar-nos-á forças para suportarmos tudo de ruim.

O importante para nós é que a fé esteja viva. Sempre viva. Não importa que ela seja incapaz de restaurar a saúde física. Se estamos doentes, se a doença não tem cura, ela que se cuide: não nos abaterá o espírito. A força poderosa e misteriosa não é em nós. E, quanto ao Espírito Santo, lhe invocamos sempre a presença para que nos inspire e nos conduza para as coisas boas, santas. Ele nos dá forças para viver, não importam as adversidades que, neste mundo, porventura nos toquem o corpo.

Creemos nisto, assim o cremos e assim será. E assim o seja sempre!

Capítulo VII

Há duas verdades: uma verdade verdadeira e outra apenas verdade passageira; aquela é eterna, envolta, impregnada e lubrificada pela magnanimidade misericordiosa da força potente e misteriosa; esta é material. Insensato quem, durante a sua existência material, se preocupa apenas e tão somente com a verdade passageira. É claro que o homem, parte integrante dessa verdade pequena, não tem como dela se desprender, durante sua existência material. Ele, no seu existir, se confunde com ela. É parte integrante dela, até que um dia se transmude em pó, mas, mesmo assim, continuará sendo a mesma verdade, apenas com outra forma. Por isso, é importante que ele atente para as suas leis: biológicas, físicas, químicas, sociais, éticas. Todo esse conjunto normativo atenderá à satisfação plena da verdade passageira, que é a existência material, aplicável a qualquer espécie vivente, diferenciando-se, evidentemente, no que diz respeito ao homem, por ser ele dependente da verdade verdadeira. É que ele não é um ser fechado, como o é o macaco ou outro animal irracional. Trata-se de um ser aberto, incompleto. Pode ele, mediante o exercício do livre arbítrio, se condenar enquanto ser do mundo, mas também estará se condenando enquanto parte integrante da força poderosa e misteriosa, imagem e semelhança que dela é, na medida em que ele se conduza de forma desagradável àquela.

Capítulo VIII

Desde pequeno, vimos recebendo informações erradas sobre a verdade. Dá-se-lhe uma forma, quando, por certo, ela não cabe em forma alguma que possa conceber a nossa curta imaginação. A

verdade não é - basta dizer isso, nada mais, sem que, com isso, estejamos revelando qualquer sinal de menosprezo, qualquer atitude de menoscabo.

É compreensível que essas informações erradas ainda continuem. Afinal de contas, o homem não tem como desprezar a sua realidade material. Talvez por isso exista essa tendência de procurar dar à verdade uma forma, como se ela pudesse ser uma presença individualizada. O ponto culminante dessa forma de encará-la é o caráter antropomórfico que continua sendo dado à força poderosa e misteriosa.

Abstraindo-nos o máximo possível de nossa condição mundana, procuremos, então, “ver” essa força como o poder maior, insuperável, único, fonte de onde promana tudo isso que está ao alcance dos nossos sentidos. Retiremos-lhe a feição que nos é deixada pelos ensinamentos religiosos, precisamente aquela consistente em um senhor másculo, barbas longas, semblante carregado, sério. A propósito, vejamos a frase que costumeiramente tanto se tem ouvido: “segura na mão de Deus”. Trata-se de uma forma de linguagem com a qual não comungamos. Devemos retirar essa conformação antropomórfica do nosso padrão mental e, por outro lado, adotar e permanecer com aquela que possa imprimir simplesmente a ideia de uma força, força superior, misteriosa, exatamente no lugar desse ser provido de mãos, sem precisar, inclusive, denominá-lo Deus.

É realmente uma postura deveras muito pretensiosa querer segurar a mão de Deus. Admitida a hipótese de que ele tivesse mãos, havíamos de nos dar por satisfeitos, isso sim, pela misericordiosa bondade de ele permitir estendê-las para nós.

Ser imagem e semelhança do Senhor, como diz o Livro Sagrado dos judeus e dos cristãos, deve ser entendido de tal forma que faça o homem se aproximar de um poder infinito e eterno; jamais que esse poder desça aos pés do homem, para se tornar sua imagem e semelhança, nessa compleição que ele ostenta. A força de que o homem é a imagem e a semelhança é incorpórea.

Esqueçamos, por isso e de uma vez por todas, essa imagem de uma forma humana. Só faz piorar as condições para um bom e perfeito entendimento. Larguemos de vez essa concepção de que a força poderosa e misteriosa tem braços e pernas, que ela vê, que ela sente. Isso tem aplicação para realidades mundanas, com a qual essa força não se confunde por hipótese alguma. Estas faculdades são próprias de quem é do mundo, de quem vive submetido às suas leis, na medida em

que com ele mundo se confunde. Afastando-nos dessas concepções, tornamo-nos mais próximos do caminho da verdade.

Capítulo IX

É ilusória a convicção de que o que hoje somos possa, um dia, se eternizar; ilusória, em face da colocação em que é posta essa convicção. Na verdade, se pode dizer que o nosso existir no mundo é eterno. Mas - convenhamos - uma eternidade do ponto de vista material. O que hoje somos não deixa de existir imediatamente após o lapso de tempo que vai desde antes da concepção até o dia do desate fatal da vida terrena, a partir de quando tudo o que foi fruto de um desenvolvimento biológico começa a se desconstituir, passando para uma outra forma, sem, contudo, desaparecer do mundo. Daí se dizer que o que somos, mesmo com a morte, não deixa de existir. Apenas se transforma em pó; pó que é a mesma realidade de antes, em sua essência mais primitiva e primária, agora constituída de forma diferente, uma forma sem vida, mas com existência... eternamente ilusória.

Sob o ângulo de observação acima exposto, temos a eternidade da matéria de que somos constituídos. Mas essa eternidade de nada vale, porque, verdadeiramente, aquela que é viva para sempre não pertence ao mundo. Ela não é em nós. E pensar que, se sabendo de sua inexistência poderosíssima, quantas vezes, pela nossa pequenez, somos incapazes de velar por ela, quando podíamos cultuá-la e assim agradecer àquela que poderosamente não é em nós. Tristes de nós que, ao invés de a cada minuto de nossa vida sermos agradáveis a essa força potente e misteriosa, não constringendo, não sufocando a imagem e a semelhança dela, que não é em nós, nos deixamos invadir pela ilusão da eternidade material. Felizes aqueles que sabem e que conseguem alcançar, cada vez mais, a perfeição de seus atos e de suas atitudes, num comportamento muitíssimo agradável àquela força, abraçando-se, a cada momento da vida, com a sua misteriosa, eterna e infinita potência.

Oh, luz bendita, faz-nos sempre vigilantes e voltados para a oração eficaz, que nos permita esse abraço feliz, o qual, mesmo enquanto somos do mundo, nos pode propiciar um viver delicioso, pouco nos importando o que virá depois do desenlace fatal, porque, certamente, em tendo agradado à força misteriosa, ela que nos acolheu

aqui, neste mundo, com certeza nos acolherá a nós na eternidade, naquela eternidade verdadeira e não ilusória.

Capítulo X

É preciso, realmente, muita vigilância, para que não nos deixemos envolver pelas contrariedades que, como verdadeiras avalanches, descambam em nossa direção. Onde quer que estejamos, somos alvos de pequenos acontecimentos ou mesmo grandes acontecimentos e, portanto, os mais nocivos. São fatos que vão se atropelando uns sobre os outros, abalando, realmente, a tranquilidade que possa estar sendo usufruída. Nessas situações, vemos como sendo de importância vital lembrar imediatamente dele, o Homem de Nazaré. Colocando-o sempre como o centro de tudo, antepondo-o, na medida do possível, a tudo quanto resulte em uma nossa reação, é bem certo que agiremos melhor. Se não há como nos desviarmos de determinado impacto porventura sofrido, fruto do inesperado, certo é que nossa estrutura físico-psíquica, em consequência, se abala, inevitavelmente. Mas, imediatamente após o seu desencadear, insistimos, tenhamos em mente ele e o seu ensinamento. Assim, em fração de instantes, nos veremos livres da tormenta e recobramos a serenidade, o equilíbrio. Quando mal comece a brotar qualquer sentimento de ira, de ódio, logo o pensamento voltado para ele deve funcionar como a barreira que impede que prossigamos na atitude de desequilíbrio, no destilar ódio, por exemplo, que tanto mal nos pode causar, pois é justamente nesse estado que, se permitirmos que a situação avance, iremos ter alterado tudo em nós, em nossa estrutura, em nossos órgãos, em nosso sangue, que ficará correndo diferente nas veias, “fervendo”, como se costuma dizer. Lembremo-nos, pois, sempre dele, em toda e qualquer situação. Estejamos, sempre, em sintonia com ele. Ele é sinônimo de segurança e ficaremos mais equilibrados, sentindo, inclusive, a possibilidade de adentrarmos o terreno difícil do perdão. Sim, ele nos ajudará a sabermos perdoar. Perdoar setenta vezes sete, como certa vez ele sentenciou.

Com certeza, assim fazendo, voltaremos à paz e à tranquilidade que quase nos escapava, desta vez com a sensação de que elas estão cada vez mais seguras, porquanto vencida a provação e provado que, realmente, ele é forte. Basta ver a respiração tranquila e compassada com que logo assumimos o estado de paz de antes do impacto sofrido.

Capítulo XI

Ser realista, apesar de a realidade ser dolorosa, apesar de ela mexer muito com a gente. É melhor assim, do que nos enganarmos constantemente, vivermos artificialmente, nas nuvens. Isso não! Não tem nenhum sentido. É a pessoa enganar-se a si própria.

A consciência da pequenez, da limitação nos leva sempre a nos curvamos para o mundo, para a realidade que nos rodeia, da qual é impossível nos desligarmos. Contudo, é preciso que estejamos sempre nos dando ordens, como a nos dizer que é fundamental o afastamento de certo modo de pensar, por ser ele falso, ilusório. Claro que, por mais que assim estejamos prevenidos, não nos desligaremos do mundo. Impossível. Mas, se é impossível, que valha, pelo menos, a consciência disso, a consciência de que a realidade é essa, imutável, imodificável.

Veza por outra, por mais conscientes da chama divina que não é poderosamente em nós, dela nos afastamos e a sufocamos, desprezando-a, como acontece no simples gesto de veneração que se faz a um morto, acendendo-lhe, por exemplo, uma vela; também no ajoelhar-se em atitude respeitosa e de devoção a alguém que imaginamos poderoso, que imaginamos ser divino. Na verdade, devem ser evitadas essas sufocações e esses desprezos à força poderosa e misteriosa, decorrentes de venerações, como as acima exemplificadas, substituindo-as por outras inteiramente dissociadas de realidades mundanas. As venerações verdadeiramente agradáveis nos levam a compreendê-la melhor; compreendê-la, evidentemente, nos moldes que nos permite a nossa inteligência tão pouca, tão ínfima diante daquela que, na verdade, é inteligência suprema e inatingível, hoje e sempre, como realidade divina indiscutível, intangível, de um existir que não se assenta em nenhuma realidade física.

Capítulo XII

Se estamos em oração e em vigilância constantes, os impactos das tribulações, evidentemente, não farão nada além de nos estremecer as estruturas. Contudo, esse estremecimento não terá efeitos prolongados. Quase mesmo não terá influência sobre nós, pois, de pronto, o equilíbrio, a paz e a tranquilidade serão restauradas. Isso,

sem dúvida, somente poderá acontecer se não descuidarmos da vigilância e da oração.

Vigiando-nos pela oração sempre positiva e firme, os abalos das tragédias mal passarão do portal da nossa existência. Claro que, nessa oração e nessa vigilância, estará ali, bem sempre a nossa frente, em todo o momento de nossa vida, no dia a dia, ele, o divino Galileu; ele e os seus salvadores ensinamentos.

Assim, pois, que algo de ruim nos possa acontecer, tenhamos sempre ligada a nossa mente na presença dele, em direção a ele. Sabemos que até ele mesmo, em que pese sua sintonia com o Criador, se desequilibrou, certa vez; não um desequilíbrio tomado de irascibilidade. Seu verdadeiro equilíbrio não permitiria isso. Apenas e tão somente se indignou; indignou-se santamente. Se assim aconteceu com ele, logo devemos, com oração e com vigilância, ter todo o cuidado e toda a atenção, para que não nos atinja o pior e o mais pernicioso e o mais nocivo - a ira, o ódio, o desprezo, a inveja..., pois tudo isso só faz destruir, só faz sufocar a força potente e misteriosa que não é em nós. Na verdade, não lhe é agradável a irritação demonstrada por qualquer criatura humana, ante uma tribulação. Mesmo diante do mais terrível dos acontecimentos, convém que mantenhamos o equilíbrio. A morte de um ente querido e até mesmo a de pessoas que não são de nosso círculo diário de atividades, por exemplo, costumam nos levar ao pranto enlouquecido, situações essas que se traduzem, nada mais nada menos, como sofrimento. Ora, na verdade, tais acontecimentos são todos eles totalmente exteriores, estranhos à nossa realidade corpórea. Estão em outra realidade corporal e não naquela pessoa que fica a se descabelar, carpindo intensamente por muito tempo, se maldizendo da sorte. Tendo-se, contudo, pela oração e pela vigilância, a presença dele, a força interior nos torna, realmente, portentosa, para, então, permitir que encaremos tais fatos exteriores, naturalmente, sem abalos prejudiciais, ensejando, destarte, a persistência do equilíbrio salutar que vem sendo mantido e que é, por sinal, na nossa existência mundana, o gozo antecipado das delícias do Reino dos Céus.

Procuremos, portanto, à frente de tudo e de todos, colocar, em nossa mente, a figura dele, sempre sorridente para nós, apesar de sabermos que ele tem outras tantas figuras: a da tristeza, a do sofrimento, a das tribulações por que passou. E seu coração que é pura bondade, permite que o vejamos apenas pelo seu lado alegre, prestativo, compreensivo, compassivo, amigo, sempre de mãos

estendidas ou de braços abertos para o mundo, nos ajudando a que não nos desequilibremos e sofram, por nos ausentarmos de sua presença e da presença também da força poderosa e misteriosa, com o procedimento do esquecimento, que nos colocará à margem do privilégio do gozo das delícias que ele generosamente nos trouxe ao alcance, a qual pode ser consumida mesmo nesse tempo terreno em que somos passageiros.

Capítulo XIII

Como é difícil a sintonia! Ora-se o tempo todo, vigia-se o mais que se pode. Mas, tudo quanto nos rodeia é sinônimo de perigo. Tudo nos desvia a atenção. Só para citar um exemplo, uma batida de automóvel. Imediatamente, se tem a concentração no fato em si, quando o importante é nos ligarmos nele, para nos permitir que serenemos o ânimo e evitemos as atitudes prejudiciais de imediato.

Seria mesmo preciso que a sintonia fosse perene, persistente, viva, presente, sem se distanciar um só instante de nós o sentido verdadeiro que ele nos imprime e exprime para um viver sob equilíbrio total e salutar.

Ah, que não nos impressionem os ruídos das ruas e das avenidas; nas praças, que não nos chamem a atenção a beleza ou a feiúra das pessoas com as quais cruzamos. Olhemos para tudo isso, pois não podemos ignorar tudo quanto nos está rodeando. É impossível a indiferença. Mas, não permitamos que qualquer dessas coisas traga um mínimo de perturbação ao equilíbrio bendito que tanto bem nos está proporcionando. Deixemos que as coisas que nos rodeiam venham até nós, quando nos despertem interesse, sem que, todavia, sua manifestação aos nossos sentidos nos enseje o penar, o sofrimento.

Lute-se, trabalhe-se, diligencie-se para se conseguir o que se quer, o que se pretende. Nunca, contudo, com a perda do sossego, da tranquilidade. O que tiver de ser nosso, sê-lo-á, através do esforço normal, natural.

Capítulo XIV

Milhões de vezes melhor uma cama de varas para repousar como vítima, do que a melhor das poltronas do melhor dos palácios para nela ostentar a condição de réu. Na vida, o que deve valer,

realmente, são atitudes brandas, desprovidas de desesperadas expectativas que, no mais das vezes, nos fazem ceifadores de frustrações, de decepções. Portanto, é importante que se viva na maior placidez possível, não permitindo que as perturbações transtornem a paz de espírito, resistindo, sempre, às provocações; provocações de toda a ordem, sejam as de ordem natural, sejam as advindas de atitudes dos nossos semelhantes. Convém, pois, estarmos preparados para resistirmos às provocações.

Importante, sem dúvida nenhuma, é dialogar; jamais discutir, que não leva a nada. Todos terminam falando ao mesmo tempo, sem ninguém compreendendo nada. O diálogo em voz branda, calma, com serenidade, ajuda o raciocínio, que terá assim oportunidade de melhor posicionar as conclusões. Jamais alterar a voz. Isso é o começo para chegar ao desequilíbrio e à perda da tranquilidade que possa estar sendo usufruída.

Dentro dessa linha de conduta, pois, não se é de invejar a posição do réu que esteja no mais belo e luxuoso dos palácios; bem melhor será a condição de vítima, na condição de pior desconforto que se possa imaginar. Aquele colheu frutos do desequilíbrio e da perda da tranquilidade; esta, em que pese o desconforto, se mantém imperturbável, o que é por demais salutar para o espírito.

Capítulo XV

Bem-aventurados os mansos de coração, pois herdarão a terra. Sim, em que pese não ser de importância final, a terra é o suporte do qual não podemos prescindir. Herdá-la, na afirmação do famoso Sermão da Montanha, significa uma vida terrena verdadeiramente plena de delícias, em que pese toda a sorte de ataques que surjam, naturalmente, de sua própria inerência.

Trair a existência, fazê-la um verdadeiro inferno, uma coisa insuportável é o que nos advém ante a falta de mansidão com que devemos presidir nossos gestos e nossas atitudes; mansidão que se não confunde com covardia; mansidão que também se pode conjugar à coragem, pois é necessário que tenhamos sempre coragem.

Nada temer, porque o escudo protetor está ali bem perto de nós, evidentemente quando diligenciamos para que ele assim permaneça, sempre firme e forte e vigoroso, bem perto de nós a nos proteger. Assim, realmente, fica muito fácil para nos enchermos de coragem.

Então, com ânimo, com disposição, nos lancemos à luta, mansamente. Com certeza, a terra será nossa herança; uma herança no sentido de que as leis irrevogáveis da natureza terão os seus efeitos sobre nós de forma suave, com menos sofrimento.

Assim é a verdadeira herança que se pode ter, vivendo neste mundo numa forma de vida salutar, agradável, gozando das delícias, em meio ao desgaste natural promovido pelo passar constante do tempo, mas sem que os nossos órgãos se sintam atacados ferozmente pelas leis terríveis, tudo se passando, portanto, calmamente, mansamente, permitindo a sensação de que a terra que somos nós a possuímos de verdade, nós a herdamos, nós a temos domesticada, favorável a nós, em que pese sua inata índole transmutativa.

Bem-aventurados, realmente, os que trazem mansidão em seus corações; a terra que eles são ser-lhes-á menos pesada, mais amiga, tê-la-ão consigo, como a poderem dizer “esta parte é minha, porque me coube como herança”; herança que cresce à proporção que aumenta a mansidão dos seus corações.

Capítulo XVI

Há os que se detêm no desperdício do tempo, procurando pôr em dúvida a historicidade dele. Falam que tudo aquilo que consta do Livro Sagrado é coisa inventada, imaginada, arquitetada. A natividade, narrativa lindíssima; a vida ministerial, um deleite para o espírito; a paixão, quadro doloroso; a ressurreição, a alegria da vitória final. Negar tudo isso... que neguem. Não vai isso nos impressionar, nos influenciar jamais.

Vencendo séculos, décadas, anos, meses e dias, a mensagem evangélica tocou muitos corações. Muitos que eram verdadeiras pedras, amoleceram. E dela, felizmente, somos hoje os destinatários, sendo para nós uma fortaleza, um escudo imprescindível. Que nos importa, pois, se uns vivam dizendo que ele não existiu? Mesmo que isso fosse verdade, no fundo a boa notícia está aí, para quem quiser alcançá-la. Já faz mais muito tempo que o mundo a conhece. E muito feliz é quem vive nesse mundo do seu tempo, sendo lamentável que existam espíritos que a ela se contrapõem. Vá ver, não sabem mesmo o que fazem e o que dizem. Condenam-se, então, pela ignorância. Logo terão, de qualquer forma, o consolo da compreensão divina, pela sua misericórdia, sem que isso, todavia, os livre das desgraças que os venham a afligir no mundo; destas não se poderão furtar, pois as leis

por que se regem as coisas do mundo - única realidade que encaram como existência - atendem, cegamente, ao sentido do “porque”. E, portanto, se mergulham na devassidão, no descontrole emocional, na falta de equilíbrio, desgastam o seu corpo, veem logo os seus órgãos definharem, diminuindo a capacidade de suas funções, tudo isso de forma irrecuperável...

Andem, pois, a dizer que ele nunca existiu! Bobagens, puras bobagens. Sabemos que estão escritas suas palavras, faz tanto tempo! Sofreram elas no curso dos séculos, decênios e anos toda a sorte de aplicação, para chegar pura, verdadeira, intocável nesse tempo presente em que vivemos. De nossa parte, vamos querê-la sempre ao nosso lado; aos que não sabem o que fazem e o que dizem, ficará, certamente, a compreensão dele que poderá salvar, pelo arrependimento, mas não romperá com as leis cegas da natureza, que atendem cegamente ao porquê. O que foi destruído, destruído permanecerá.

Capítulo XVII

Como é difícil pôr em prática tudo aquilo que se procura ter como filosofia de vida, como atitudes que se julgam corretas para o comportamento. Fechemos os nossos olhos e nos ponhamos a meditar, em busca do melhor para nós, tudo em sintonia com a presença infinita que não é em nós. Enquanto de olhos fechados, tudo nos aparece mais fácil, sentimo-nos capazes de vencer a maior e mais profunda das dificuldades. Isso se dá agora, neste momento em que, de olhos bem fechados e atentos, nos pomos em meditação. É claro que não contamos, neste momento, com nada que nos desvie a atenção. Toda ela está na direção que resulta nesta postura meditativa. Somos, realmente, ligados ao tema em desenvolvimento. Procuramos, cada vez mais, dele nos assenhorear. A sintonia é feita com a maior perfeição, com a maior nitidez. Tudo isso porque a mente está direcionada, preparada, prevenida. Ela se entrega inteiramente, sem deixar espaço a qualquer perturbação.

Diferente, porém, é aquela situação que está se desenvolvendo ou para se desenvolver, sem que a pessoa esteja em nada prevenida para ela. São, então, os abalos que acontecem em tais ocasiões. Nestas circunstâncias, a sintonia fica, realmente, bastante difícil. É o atrito, é a trepidação que em tudo aparece em primeiro plano. Então, se não houver, firme, a presença dele, esse atrito e essa trepidação custarão a

ecoar em seus efeitos. Com ele em nós, entretanto, os abalos e as trepidações podem não deixar de existir, mas, na verdade, logo serão dominados, domesticados e o que ameaçou ser tempestade serenará como a mais plácida bonança. Portanto, importa, por demais, que sejamos prevenidos. Não sabemos o que nos acontecerá daqui a instantes. Daí a necessidade do permanente estado de vigilância e de oração.

Cuidado, pois, muito cuidado. Antenas ligadas. Em tudo e por tudo. Uma passada aqui, outra ali; uma conversa aqui, outra ali; um encontro aqui, outro acolá. Não podemos prever como realmente tudo isso acontecerá. Então, na frente de tudo isso, que o coloquemos como nosso guia e protetor. Certamente ele em muito nos ajudará para o equilíbrio que, por algum momento, possamos ver ameaçado pela avalanche de qualquer tribulação.

Importante, porém, é a consciência de que, mesmo em vias de sintonia com ele, não devemos definitivamente nos achar seguros. Não por culpa dele, mas por conta de nós, pela nossa reconhecida fraqueza.

Capítulo XVIII

Valham estas reflexões para o reconhecimento de que se prestam apenas para uma reles investigação ante a grandeza inatingível do que se busca como verdade última - estágio este ao alcance tão somente daqueles que podem atingir o domínio do mundo. Bem certo é que, no que tange a esse domínio, o Rabi da Galileia proclamou que qualquer pessoa poderia fazer até mais do que ele fez (João, cap. 14, v. 12), embora ele não se tenha livrado da pontinha de indignação que revelou no episódio da expulsão dos vendilhões do templo, em evidente demonstração de que, por mais que a pessoa atinja alturas vertiginosas de espiritualidade, impossível é que se livre da roupagem terrena que lhe é intrínseca. A ira (santa) se apossou dele, a ponto de se utilizar de cordas para enxotar aqueles vendilhões. Usou, portanto, de força física, quando ele, inegavelmente, tinha a completa harmonia com a força poderosa e misteriosa e dera, em vários episódios, prova cabal de que podia dominá-la. Não resta dúvida de que, nisso tudo, resulta comprovado que o humano, embora invadido do “cristico”, se deixava vitimar de uma nesga de sua realidade, sobre a qual se fez operante aquela ira. Ora, se isso aconteceu com ele, tanto pior acontecerá a nós, carentes de verdadeira sintonia e harmonia com a força poderosa e misteriosa.

Logo, imperioso é insistirmos no reconhecimento de nossa fraqueza para justificar o ir e vir nas reflexões que vão aos poucos sendo aqui registradas.

Capítulo XIX

Isso tudo que é resultado de reflexões estampadas em papel, valendo-se o seu autor, para tanto, de símbolos e das letras de um alfabeto, disposto em palavras de uma língua e que pode ser traduzido para tantas outras, não escapa às terríveis leis do desgaste. Se não forem sendo passadas, por tradição oral, de geração em geração ou mesmo se não forem sendo reeditadas, tendem, naturalmente, a desaparecer como realidade que ora ostentam. É que as palavras, as vírgulas, os pontos, as folhas de papel são coisas do mundo e portanto não pertencentes à dimensão da eternidade verdadeira.

Nossos corpos, nossas vestes, nossas palavras, nossas escritas são submetidos às leis do mundo físico, ou seja, daquilo que é real, tangível. Apenas uma força inexistente e que, a despeito de sua inexistência, é poderosa e misteriosa; força essa que assim denominamos dentro da limitada compreensão que nós temos e que não comporta mesmo denominação.

Somos, até onde conseguiu ir o conhecimento humano, os únicos no universo a ter uma fresta de luz, no mundo da compreensão que nos foi permitida, pela qual se nos mostra a sua poderosa e misteriosa inexistência. E essa faculdade nos faz diferentes de tudo neste mundo. Nada, no mundo, se compara conosco. Unicamente nós temos esse poder de sabermos que somos. E que, pequenos como somos, jamais nessa realidade frágil poderemos atingir o centro onde a força poderosa e misteriosa a que nos referimos se encontra. Aliás, não devemos mesmo nos referir a lugar em que ela se encontra. Digamos, simplesmente, que ela poderosa e misteriosamente não é - e basta.

Isso tudo, pois, que está sendo dito serve apenas para nós que somos do mundo; para a força poderosa e misteriosa, não. Seria flagrante e incontestável demais pretendermos que o nosso pensar e a nossa compreensão fossem ao menos parecidos à forma dela, pois ela, se alguma forma tem, é algo que está além da compreensão humana.

Digamos a nós apenas e não a ela que essas palavras, sejam elas orais ou escritas, devem servir como a tentativa, a busca, a direção de nós todos, pequenos, raquíticos, míseros mortais, de braços abertos e de mãos estendidas para ela, que só misericordiosamente nos

poderá atender na sua infinita bondade; bondade que é em nada semelhante àquela bondade conhecida da compreensão humana; bondade dela, que não sabemos como é. Apenas nossa limitada compreensão não pode compreendê-la como sendo terrível para nós.

Capítulo XX

Estamos tentando fazer a recepção, agora. De antenas ligadas, ficamos pacientemente a esperar. É como se fôssemos um aparelho de rádio ligado. A recepção está, num determinado momento, a zero e, aos poucos, vai aumentando a potência, passando a captar aquilo que se pretende como contato, como mensagem, como luz.

A nossa potência receptora, por maior que seja, é fraca, é de uma debilidade impressionante. É por isso que as ondas, às vezes fracas, às vezes fortes, podem aparecer no momento em que a potência esteja em zero e então fica difícil o abraço entre o finito e o infinito. Parece mesmo que há um certo dirigismo nesse poder de recepção. Só alguns poucos é que conseguem captar as ondas intensamente. Por sua vez, a emissão dessas ondas só pode ser fruto de um poder, de um domínio, de uma potência irradiadora perpétua, como uma determinação partida de um ponto, que não é ponto, porque é tudo, porque é expansivo, porque é total; uma fortaleza que não é, que simplesmente não é misteriosa e poderosamente; não tem forma, mas pensa, mas compreende, mas reclama, mas guia, tudo isso sem que esteja presa a uma limitação como a nossa. É certo que pensamos, que compreendemos, que reclamamos, que guiamos aqueles nossos semelhantes que precisam voltar ao caminho correto. Mas isso, evidentemente, sem a grandeza, a expansão, sem a ilimitada capacidade que é inata, intrínseca a ela, à essência dela.

Ah, se a recepção todos os dias acontecesse e se pudéssemos, assim, estar em contato com ela para valer mesmo!

Capítulo XXI

Estamos todos entregues a nós mesmos. Isso que somos - o nosso corpo - e que podemos tocar deve receber de nós o tratamento necessário para uma existência sadia, seguindo as leis do mundo em que vivemos mergulhados como parte que dele somos. Por isso devemos procurar ter vida regrada sem excessos, para que não

venhamos nem mesmo arranhar a saúde, o equilíbrio das funções do corpo. Portanto, cada um sendo o médico de si mesmo.

Da realidade do nosso corpo a força poderosa e misteriosa não cuida, no sentido de uma preocupação intervencionista. É certo que não se pode negar que tal realidade é obra de sua criação. Contudo, uma vez criada, obedece a leis cegas, que apenas obedecem ao porque e não a uma finalidade. Não é sua intervenção que vai modificá-la, até porque ela nada tem de intervencionista e, sim, puramente uma conformação harmônica. Ela, por isso, permanecerá cega pelos séculos dos séculos, pois não é necessariamente nessa parte onde se encontra a essência dela. Sabe-se - e não se pode negar - que o filho, no abraço com a força poderosa e misteriosa em que ambos se tornaram um, fez maravilhas, a ponto de dominar os rigores da lei física. Ressuscitou mortos, acalmou tempestade, converteu água em vinho, transfigurou-se, multiplicou pães e peixes, deu visão a cegos de nascença. E ele disse que qualquer um de nós poderá fazer isso. Basta termos fé - proclamou.

Cada um de nós tem a sua parte; a parte que lhe tocou. Há os bonitos e os feios; há os inteligentes e há os loucos varridos; há os perfeitos e os deficientes; deficientes da visão, da audição, deficientes físicos. Nisso tudo, propriamente, não está a intervenção da força poderosa e misteriosa. O elemento responsável por tudo isso é um conjunto de leis naturais. Às vezes sucede que um defeito, uma deficiência, ao invés de ser obstáculo, serve para abrigar um espírito engrandecido. Pois bem, ela não tem nada a ver com isso. Cada um que teve a sua parte neste mundo deve procurar agir de modo a não contrariar as leis deste mundo; mundo, aliás, que pode ser palco do Reino dos Céus, desde que, não se contrariando as leis da natureza, se tenha em mente ele, o Filho do Carpinteiro; ele e seus amorosos ensinamentos. Com relação a ele, propriamente, se penetra o terreno da sintonia; sintonia não com vista a pedir e a implorar bênçãos para conquistas materiais, como para recuperar uma visão, para recobrar o sentido da audição, para voltar a andar, para alcançar o que comer, o que vestir etc.. Essas são coisas deste mundo, que obedecem primordialmente às leis deste mundo. Não se pode esconder é que esses anseios podem vir a se concretizar, mas por acréscimo à sintonia porventura alcançada (v. Mateus, 6,33). Não confundir, pois, as coisas, devendo colocá-las em seu devido lugar.

Ah, logo o mal nos aflige e, maquinalmente, voltamos o pensamento para ele, como se fosse possível a sua intervenção, pronta

intervenção que venha a reparar uma dor, uma doença que se tenha instalado. Na verdade, quando não é o definimento natural da nossa estrutura, é um mal que por azar ou culpa nossa nos atinge e ficamos a nos lamentar. Ao mal, seja ele de que natureza for, não se lhe pode fazer seguir outra medida, senão a busca do novo equilíbrio, evidentemente quando isso é possível, através dos conhecimentos que para a felicidade nossa já foram conquistados. Sabemos dos males terríveis, para os quais ainda não se descobriu o conhecimento necessário para essa volta ao equilíbrio de antes. Certamente, os já conquistados e os ainda por conquistar são obras do homem; *obra, contudo, que não confere a felicidade plena*, porque tudo que ele tem feito não satisfaz senão num plano, nesse plano em que ele é, e que ele tem consciência de que, além dele, um outro há, irreal, do qual ele, evidentemente, pode fazer parte, porque, do contrário, tudo perderia o seu sentido.

Capítulo XXII

O Senhor te abençoe e te guarde, o Senhor faça resplandecer sua face sobre ti e se compadeça de ti. O Senhor volte para ti o rosto e te dê a paz..., (Números, 6,24-27). *Pai nosso que estás no céu...* (Mateus, 6,9). Problemas não puramente de ordem semântica decorrem dessas formas de abordagem; e muito pior do que isso é o padrão mental que se instala e permanece como arquétipo, nos induzindo a uma relação de intimidade entre o homem e a Divindade e vice-versa.

Pelas formas que são peculiares à Divindade de abençoar, de guardar, de resplandecer, de compadecer, de estar - formas essas incognoscíveis plenamente para nós enquanto seres do mundo -, claro é que são totalmente descabidas as abordagens acima citadas. Deve-se pedir, deve-se suplicar, deve-se orar. Mas a forma de fazer é que deve ser corrigida. Não dizer *Pai que estás no céu*, pois quem não é jamais poderá estar, salvo quando se encara o ser com pequenez. Vendo-a com nossos olhos, na pequena capacidade da nossa compreensão como aquela que não é poderosa e misteriosamente, então que façamos isso mediante uma linguagem mais ampliativa possível, sem nos preocupar o fato de ela estar, pois, na verdade, ela não é em tudo misteriosa e poderosa, até sem a necessidade de uma indicação do aqui ou do alhures. Nos céus ela não está, pois ela é o próprio céu; céu que não sabemos como é. Apenas só podemos entendê-lo como algo

delicioso, do qual, inclusive, é possível nos anteciparmos à fruição de minúscula parte de sua delícia, se estivermos não carregando cruz, como impiedosamente a impuseram ao Filho de Maria, mas lhe seguindo os passos, tão carinhosa e amorosamente postos em seus ensinamentos.

É, pois, desperdício de tempo certas invocações que vêm sendo feitas. Orar, sim, pois a oração é a busca do contato que nos tentará pôr em sintonia com a força potente e misteriosa, mas não se deve fazer com uma linguagem que revele nossa pequenez, dando a entender, no final de contas, que a força poderosa e misteriosa é tão pequena quanto nós. Vez por outra, nos flagramos em atitudes de oração, pedindo permissão para segurarmos na mão dela, esperando que ela nos tome em seus braços, que ela deixe que descansemos em seu regaço. Isso é oração pequena, que pouquíssima força pode revelar, que não tem como passar do próprio nascedouro. Melhor do que isso é o regramento de uma vida, voltada para as coisas puras, que não agridam a nossa realidade material e, ao mesmo tempo, a vigilância por uma consciência cristã, para que tenhamos, em todos os momentos da nossa vida, a presença do Nazareno, não de mãos estendidas, de braços abertos, de regaço disponível. Basta que tenhamos em mente a presença; presença independente de forma, só de conteúdo, um conteúdo realmente salutar, agradável, a graça salvadora, enfim, para que, na terra, gozemos das delícias que ele ora goza junto à força poderosa e misteriosa, minimamente que seja em comparação com a verdadeira dimensão da delícia que no céu gozaremos; céu sem conotação topográfica, no qual haveremos de não ser definitivamente misterioso e potente, caso sejamos dignos do consentir daquela força, através da maneira que lhe é peculiar de fazer com que se consinta, para que possamos vir a não sermos tal como ela não é.

Capítulo XXIII

É claro que as reflexões até agora feitas não se recomendam para uma apresentação em qualquer templo religioso. Seria o maior dismantelo. Causaria, até mesmo, um grande escândalo. A grande maioria das pessoas seria atingida como que por uma bomba de um sem-número de megatons. Não iriam mesmo caber na cabeça dos menos avisados, de uma hora para outra, abruptamente. Talvez pegassem em pedras para atirá-las contra nós.

Por isso, achamos condenável a forma como se ministram os ensinamentos do Filho de José. Tratam de assunto perigoso; material profundamente explosivo. Não que ser aplicados, tendo em vista o público-alvo (v. Mateus 7, 6). Muito lentamente é que se poderá ir avançando neles, com todo o cuidado. É como se tivesse à mão material explosivo, sensível à mínima trepidação. Nitroglicerina pura. Os preceitos dele são realmente a fonte, a luz, a verdade, a vida, mas é necessário que estejam em mãos certas, para que a sua utilização não se torne desastrosa.

Não visamos escandalizar. Muito longe da nossa intenção está esse propósito. Importante por demais é não agredirmos, é respeitarmos o modo de ser alheio.

Além de entendermos as coisas como retratam nossas reflexões, importante é manifestá-las, direcionando-as mormente àqueles que se contrapõem a nós. Isso deve bastar como uma tentativa para lhes infundir a Verdade, desde que assim façamos sem a menor intenção de uma imposição. Vale a intenção única de trazê-las a lume. O que passa da pura manifestação de nosso pensar é altamente condenável, porque, indo-se além dela, se estaria fazendo uma exigência, o que não seria bom para o próximo, nem também para nós, porque estaríamos deixando para trás o equilíbrio salutar que nossas próprias reflexões nos proporcionam.

O sentimento de folha de papel em branco porventura existente em nós, na preocupação de nada estarmos fazendo é algo pernicioso. Logo, importa que não nos preocupemos, mas fazer simplesmente pelo outro, sem preocupação quanto à recepção da mensagem. Importante é que a parte que nos toca seja feita. Com isso não remanescerá a sensação de papel em branco, vazio.

Continuemos firmes com a maneira de pensar contida nessas reflexões, sem preocupação quanto à receptividade que elas possam ter. Façamos, realmente, por onde não sejam mesmo uma Verdade exclusiva do seu próprio autor. Importa sejam difundidas, sempre, como o real caminho, pois isso basta para representar a parte que nos cabe, porque de nada vale a sensação de gozo das delícias, sabendo que o próximo fica se queimando no fogo das atitudes e dos comportamentos ilusórios, sem que nada estejamos fazendo na tentativa de desiludi-lo das armadilhas do mundo.

Esperamos nos manter nessa determinação, fazendo a caridade na forma que ora se projeta nesses escritos, sem a necessidade, para tanto, de mais iniciativas, pois a escolhida por nós certamente é o

canal que nossa forma de ser melhor nos autoriza, já que, como é bíblico, quem é apto a falar, deve falar, quem é apto a pregar, deve pregar, quem é apto a abençoar, deve abençoar, quem é apto a escrever, deve escrever, dentre outras tantas aptidões que existem. Movendo-nos, pois, através do que escrevemos, na busca da luz espiritual, contaremos, a cada dia que passe, com a disposição e efetiva realização dessa nossa forma de sermos caridosos, com a esperança de que, quanto em maior número sejam os nossos próximos iluminados, mais acelerado se tornará o processo de intercâmbio que levará outros tantos a equilibradamente se portarem ou tentarem se portar assim como nós.

Capítulo XXIV

O tempo, esse destruidor voraz, não; o tempo, esse modificador voraz, isso sim. Em seu ritmado continuar, vai transformando tudo o que existe, menos, evidentemente, o ser verdadeiro, por ser este imutável, perene, o *dominus*, enfim; ele, aliás, senhor do próprio tempo, que é um dos elementos de sua criação; tempo que, uma vez criado, ficou entregue a leis que lhe são próprias. Tanto as suas, como as leis do mundo em geral, explicam a dança equilibrada de miríade de astros, no Universo. Pois o tempo, esse tempo modificador, que não retroage, vai, com o seu passar, tornando as coisas diferentes, alterando-lhes a forma. Várias são as demonstrações do seu passar. As construções de antigas civilizações, por exemplo, bem o dizem.

Também aos seres vivos se aplicam esse conjunto da lei de crono. Seres incontáveis já foram na forma de vida que lhes é própria e, hoje, são ainda matéria, mas revestida de outra forma; uma forma, por sinal, diminuída, numa demonstração de como, enquanto matéria, somos deveras frágeis.

Esse planeta Terra sobre o qual temos a planta de nossos pés não se avoluma, nem se restringe, em sua massa, com o nosso nascer e crescer ou com o morrer. A massa dos vivos é e será sempre a mesma, relativamente, porquanto, se ainda pequeno, se nutre e vai aumentando de tamanho e o alimento utilizado para tanto não vem do espaço, mas da própria Terra.

Na Terra, pois, tudo é gerado e nela termina ficando. Não em forma estática, porque o tempo vai modificando.

Pois se é assim, que chocante - nós o reconhecemos de logo - a afirmação de que aquilo que fora a realidade física do Homem de Nazaré, hoje ainda estaria por aqueles lugares onde sua carne, finalmente, seria mudada de forma, até adquirir a forma de terra, de pó. Pode ser duro, sobretudo para certos “religiosos” uma afirmação como esta; pois eles, enganadamente, esperam uma ressurreição da matéria, à semelhança daquela que foi operada em Lázaro (João, Cap. 11), que voltou à vida, para, no entanto, ter de morrer de novo. Escondem - ou não alcançam - a verdadeira força capaz de retirar a pedra daquele sepulcro onde se colocou o Jesus telúrico; pois, na verdade, tolhe suas ações, inevitavelmente, aquele obstáculo físico, enquanto a fê não lhes for necessária e suficiente à remoção daquela pedra, para, enfim, se despojarem de seu enganoso anseio, que é a ressurreição material. Teimam em não enxergarem a verdadeira ressurreição do Homem de Nazaré, essa sim, pois ele superou a morte física, no exato sentido do dizer de Paulo, no contexto de Romanos, Capítulo 15, versículos 50-58, onde se proclama que nem todos dormiremos, mas seremos transformados. A eles, pois, sem a menor pretensão de chocá-los, sempre proclamaremos a verdade nua e crua de que estão, lamentavelmente, confundindo as duas verdades existentes. Aquela que é passageira, escrava do tempo e aquela outra perene, invisível, habitante do nosso interior. Esta, sim, é a que atende ao homem espiritualmente, porque a outra trata apenas de invólucro, de uma armação de ossos, com músculos, carne e órgãos, tudo muito bem alinhado, segundo as leis da natureza e que terminará, inevitavelmente, mudando de forma, exceto, na verdade, em relação a ele, porque dono de uma sintonia perfeita, a ponto de se antecipar aos tempos escatológicos e ver sua carne ressurecta de modo a não ter que se falar em um ponto tumular daquela que fora a sua realidade corpórea. Para esse quadro humano-divino e divino-humano, se sobrelevou a visão de um homem quando alcançou, não pelos seus olhos de realidade de carne, mas pela visão do olho espiritual, que o eu interior e a força poderosa e misteriosa eram uma unidade, mesmo que sem expressão alguma no mundo de nossas sensações.

Seria mesmo bem mais salutar que as informações fossem diretas como as que ora expressamos. Pois afirmar de modo contrário é simplesmente esconder a verdade desse mundo de nossa existência; esse mundo pesado, traidor, que em tantas e difíceis ciladas nos põe. Seja ele assim mesmo, pois não podemos mudá-lo. Sigamos a nossa vida com ele assim mesmo, mas tendo ao nosso lado ele, pois ele é o

lenitivo para que não sintamos o nosso espírito atordoado. E grande nos será a sensação de que o solo que pisamos, embora duro, áspero, perigoso, pode, em contrapartida, ser visto por nós de forma diferente, a ponto de senti-lo e nos sentirmos também leves e suaves em nossa pura realidade física, como a nos invadir a sensação de que podemos flutuar e como que não sentir que nossos pés tocam o chão.

Com ele, apesar da dura realidade, que não deve ser escondida, isso é possível e, em sinal de muita alegria, devemos erguer a cabeça agradecidos aos três. A um, por não ser poderosa e misteriosamente; ao outro, por ter-se em carne, em matéria se revelado; ao terceiro que, por tanto ao filho ter permitido, não haverá de negar a nós outros também essa felicidade.

Capítulo XXV

Pouco importa que nos coloquem a pecha de cáusticos. Não nos importamos; pelo contrário, com isso concordamos inteiramente. Melhor assim, do que a utilização de uma linguagem cifrada, para esconder a pura essência da verdade e com o fim de poupar da decepção todos os que só pensam na matéria e se medem nela e por ela e se consentem nela viverem, inclusive a prometida vida eterna. Ficamos, pois, com a nossa forma de pensamento, embora dolorosa.

Assistimos todos os dias a um ritual a que todos nos acostumamos. Na verdade, nele estamos envolvidos, metidos da ponta dos cabelos da cabeça à ponta dos pés. Dele não podemos nos desligar. Sobretudo por conta de conveniências sociais. Se, nalgum momento, nos pomos contra a forma normal de sermos, de nos comportarmos, logo nos atingem as sanções: o desprezo, o esquecimento, a indiferença. Passamos a não ser vistos com bons olhos, todos nos repugnam, como se fôssemos verdadeiros leprosos, uma classe de gente contagiosa, impura. Verdadeiramente, convém não irmos de encontro às formas usuais de comportamento. Contudo, que se mantenha em nós, sempre, a consciência de que elas existem e que as seguimos, por conveniência, mesmo que, no fundo, com ela não concordemos. Em tudo mesmo há o ritual, que chega a ser normal, natural. Momentos de felicidade, momentos de tristeza: uma festa aqui, seja de batizado, aniversário ou casamento; um velório, uma internação hospitalar, um desastre ali. Em todos esses momentos, quando não somos os diretamente atingidos, que não os ignoremos, pois deles não podemos fugir. São as nossas obrigações sociais,

morais, religiosas, humanitárias... Todos, ao nosso redor, esperam nossa reação natural, normal, a mesmice de sempre, dentro do que se convencionou ter como normalidade. Se o nascimento de mais um ser humano, a alegria; se alguém vítima de desastre, a cara de preocupação; se a morte de alguém, que o choro transmita a nossa tristeza. Certo é que assim, normalmente, deverá ser o nosso comportamento. Mas, que a nossa consciência, com o Nazareno sempre perto de nós, nos indique e nos aponte a realidade e logo nos voltemos ao equilíbrio, no sentido de que tudo aquilo se passa ao largo, ao redor de nós e que não está atingindo a nossa individualidade física. Na verdade, se não foi conosco, permanecemos incólumes e por que, então, consentirmos que aquilo tudo traga transtorno ao nosso equilíbrio físico e psíquico? Não se vai, é certo, menosprezar, não dar a mínima atenção, porque aí se estaria sendo insensível, feito uma pedra, indelicado. Mas a presença aos acontecimentos, desde que acompanhada de um patrulhamento de nós mesmos, serve para nos mostrarmos solidários, sociáveis e, ao mesmo tempo, com o desfrute de um equilíbrio imune aos choques, aos abalos, aos atritos, quer por sentimentos de alegria, quer por sentimentos de tristeza.

É bom, muito bom termos consciência disso tudo. A certeza de que não estamos enganados e de que não estamos enganando a ninguém. Isso só pode fazer um bem enorme.

Decididamente, que nos chamem de cáusticos; eles não sabem o que dizem.

Irreflexões

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Capítulo I

Deve-se estar ligado, preocupado, porque, afinal de contas, uma grande realização se aproxima do seu coroamento. Tudo vale para, enfim, alcançá-la. Olho vivo no vizinho, para que ele não puxe o tapete. O que se tem em mira há de ser conquistado, custe o que custar. Encontrar-se sempre em sobressalto, porque, a qualquer hora, a qualquer minuto, tudo pode vir de água abaixo. O que se quer é, realmente, algo que, se alcançado, significa uma grande conquista. Vida tranquila? Coisa nenhuma! O bom é, realmente, essa situação de perigo, de constante incerteza. Não saber se vai ou não dar certo. Apostar para ver. Que se queimem os neurônios em face de tantas preocupações; que se abalem os sentidos, em face de tantas tensões; que palpitem aceleradamente o coração, em face de tantos sobressaltos. É assim que se deseja ter a vida? Gosta-se desse modo de ser com tantas facilidades? Então, que se gaste e se desgaste freneticamente a si mesmo. Faça-se por onde atritar loucamente tudo o que se tem e que, para tanto, se agitem todos os nervos e todos os músculos e todos os órgãos. Sentir-se-á inevitavelmente que isso é bom, que é agradável, que é normal, que é assim que se deve viver, num verdadeiro oceano de ondas tempestuosas, ao sabor de uma ventania fortíssima, que traz, naturalmente, o desequilíbrio, a falta de sossego. Melhor será assim do que se sentir frustrado. Prossiga-se, então, na gostosa aventura, desgastando a si próprio, consumindo o que é, porque a vida é para ser vivida, sentida, totalmente abrangida em sua dimensão; dimensão que se confunde com ela própria e que não tem sentido se deixar de lado, desprezá-la. O certo é desfrutá-la, exaurindo todos os meios possíveis de um gozo realmente prazeroso, em todos os campos possíveis de atividade. No amor, no comércio, no viajar, no ter poder, no ser importante. Agitem-se todos os ânimos possíveis, porque é importante que, no curto lapso de tempo da vida, tudo, mas tudo mesmo tem que ser exaurido, secado, raspando o tacho, como se costuma dizer, para não ficar nada de resto. “Ame-se” o mais que se puder; mergulhe-se fundo no mar das sensações gostosas da libido. Deve-se secar o poço, realmente, para não ficar nada. Assim com

certeza é que se terá o prazer total, descomunal, para valer. Agigantem-se as relações de comércio, numa corrida louca de competição; assim, sorrirá o lucro, a esperteza terá condições de se mostrar presente, o gosto de passar o próximo para trás será constante, a sensação de ver que foi mais sabido que o outro cada vez mais trará um sentido de vitória. Os prazeres das viagens, estes não cessem nunca. É preciso se conhecer cada vez mais outros mundos, outros lugares, outras pessoas. Compromissos como esses devem ser postos na agenda, pois são importantes e devem ser realizados, custe o que custarem. Na disputa do poder, que reine a preocupação constante pelo ter. Mais pelo ter do que pelo ser. Com algum recurso escuso sempre se consegue passar a perna em alguém. E a partir de então, se conta com o pretendido poder. Ele existe e deve estar nas mãos de alguém. Se existe alguém melhor, não se vá abrir mão, mesmo se sabendo incompetente, de cabedal menor. Importa realmente é ter o poder, isso sim, somando-o cada vez mais. Isso significa ser importante, porque é preciso que se tenha importância para se mostrar aos outros. Casas, verdadeiros palacetes, carros de luxo, do ano. Um só, impossível. Hão de ser tantos quantos sejam os diversos ângulos da importância em que se vive.

Assim, realmente, se esgota todo o conteúdo do poço, realizando uma vida gostosamente; vida que é preciso se consumir e se consumir. Seja ela, então, desgastada em cada corpo; foi feita para se retirar a última gotícula de sua existência. Logo, é pura perda de tempo até ficar escrevendo essas coisas até agora reveladas. Importante é se lançar à consumação de tudo, em todos os aspectos. Importar-se com a lei do desgaste?! Que absurdo! Ela é para ser gasta também e isso e só isso é o que importa, desde, evidentemente, que se respeitem as leis do mundo. Fica até mais prático para consumi-lo...

Capítulo II

É tarde; tarde para tudo. O tempo corre celeremente. Parece ele, numa imagem que se lhe possa atribuir, aquela face de hiena atrevida, a rir e a zombar e a debochar dos que estão submetidos ao seu passar. Miserável! Andar a consumir o existir, esse existir curto, curtíssimo, que é a vida. Daí, pois, não se dever dar o mínimo de desperdício a cada momento do viver. Até mesmo não se perca tanto tempo dormindo. Ficar feito um idiota inerte por sobre um colchão ou dentro de uma rede ou numa cadeira, dormindo de touca, deixando

passar o precioso, o fundamental, sem usufruir verdadeiramente a sua essência é mesmo um verdadeiro desperdício. Daí ser importante o meter-se em padrão de comportamento que seja a própria explicação do existir, que vive em constante mutação. Isso sim. Pois amanhã é tarde.

Capítulo III

Não inibir jamais as tentações. Deixemos que elas deem vazão a seus insondáveis propósitos. Deixemos que os olhos vejam, que os ouvidos ouçam e que a tudo se curvem, obedientes ao chamamento; um chamamento atrativo, gostoso, excitante, formidável, maravilhoso. Faz bem à alma - assim costumeira e falsamente se proclama.

Quantas vezes, estando a pessoa em meditação, chega a provocação, que vai entrando, tomando conta de todo o ser, dominando-o, de modo permissivo, em mergulhos prazerosos que vão dando a sensação de pleno bem-estar... Ante tal provocação, não se deve desviar o olhar; pelo contrário, deve-se mantê-lo fixo na direção do que desperta a atenção. É próprio da natureza. Está nela. É impossível esconder. Olhar desperta tanta sensação gostosa!

Ah, numa praia, por exemplo, é impossível a indiferença. Pôr-se deitado sobre a fina e aconchegante areia, ficando, olhos atentos, a ver o ir e o vir dos passantes. São corpos de formação diversa. Uns tomados de gorduras: umas centralizadas aqui, outras ali. É uma anca que chama a atenção, que enche a vista; outra, aquela coisa mirrada, mas está ali, em demonstração. E os olhos veem, muito embora sem o menor interesse. Apenas os alvos estiveram em sua mira e foram, enfim, vistos.

Tudo isso é muito gostoso, é prazeroso. Não deve ser cortado, abruptamente desviado, mas sim, porque deveras agradável, deve ser exaustivamente “consumido”. É que com os olhos até “comer” é possível (que absurdo!). Pode-se não contar, enfim, com o contato físico, mas o prazer de ver não deve ser desviado. Vão às favas as considerações. E que, assim, os olhos não se acanhem de admirar até mesmo as belezas “proibidas” pelos mais diversos motivos. Quem sabe a insistência do olhar conduza o alvo da apreciação a constatar que ele está sendo notado; e isto não poderá realmente ser motivo de sentimento de ofensa, mas, sobretudo, de uma tomada de orgulho e de satisfação, pelo fato de estar sendo notado. E o que pode acontecer daí por diante vai do querer, não importam as possíveis regras proibitivas,

estranhas totalmente àquela onda de energia com que agora se está a envolver.

Decididamente, pois, jamais se deve inibir as tentações, desde, porém, que elas não tragam abalos à estrutura física e mental.

Capítulo IV

Correm, loucamente, pelos caminhos do mundo, os múltiplos interesses que o próprio mundo desperta; interesses, cujo culpado maior pela sua efetiva existência se encontra no simples fato de o mundo ser como ele é, nessa realidade crudelíssima, cega, burra, porém dotada de uma capacidade de atração imensurável, irresistível. Tudo o que é se posta ajoelhado aos caprichos do “porque”. Certamente, não há quem, do ponto de vista do mundo e exclusivamente dele - porque sendo valioso, de sentido prático, imediato, resposta ali, na hora, certeza de que do “isso” advirá, inevitavelmente, “aquilo” - não há, dizíamos, quem se veja atraído pelo não desencadeamento normal e natural de qualquer esperado “porque”. Ele sempre surgirá, não importam as curvas que tenha à frente. Logo, como poder desistir do que é do mundo? Se ele é pontual, certo, desprezá-lo, jogá-lo na lata do lixo é burrice, é falta de bom senso. E então, toda a tendência de contrariar as leis do mundo vá para bem longe, desapareça da vista, do pensamento. Importa que a mente, mundo que é, permaneça, para todo o sempre, penetrada, dominada, presa, consentida e gostosamente, pelo que de prazer e de sensações gostosas advenham do mundo. Isso importa em desfrutar devidamente o que se tem à mão, o que é palpável. São interesses que estão ali, bem à frente; desviá-los para os não usufruir, que loucura! Nem para a salvação da alma...

Capítulo V

Que importa o gozo das delícias do céu aqui na terra? Ah, para vivê-las, tudo deve estar no lugar, tudo certinho, tudo muito bem arrumado, cada coisa no seu devido lugar, aquela monotonia... Chega a provocar bocejos só em pensar. É como que numa visão bem larga um cenário de luzes, muitas luzes, luzes multicores e também de plumas de maciez cativante, aconchegante, em blocos como nuvens, suspensos no éter, cada uma delas tomadas de anjinhos gorduchos, uns

a tocar cornetas e outros, harpas, num dedilhar pachorrento, como se fosse em câmara lenta.

Definitivamente devemos dizer não! Isso é monotonia demasiadamente posta num movimentar-se lânguido, calmo, sempre nas mesmas voltas, do ir e do vir, sem aumentar ou diminuir a velocidade. No lugar de tudo isso, que se goze o verdadeiro gozo, que se faça mesmo, assim numa imagem que nos vem agora à mente, como se estivéssemos chupando uma fruta. Chupar, chupar, chupar, com toda a força possível para sugar e até mesmo indo além do sugar, arranhando, arrancando pedaços, que é para consumir e consumir a delícia que o mundo tem para nos oferecer. Não perder uma gota do prazer que está ali a nos oferecer a sua delícia. Assim, verdadeiramente, se estará usufruindo tudo quanto somos, como realidade individual e também tudo quanto nos rodeia como realidade, à qual nos somamos. No fundo, tudo se revela como o complexo da realidade total que somos; realidade deste planeta Terra, sobre o qual vivemos, como esfera a girar no espaço; realidade do espaço, tomado de miríades de outros astros; realidade de todos os astros, juntamente com todo o espaço, do menor ao de maior dimensão; realidade do espaço pequeníssimo existente entre a planta dos nossos pés e o chão que pisamos e aquele verdadeiramente gigantesco, que separa o nosso globo de uma estrela distante - Alfa Centauro, por exemplo.

Mas..., voltemos desse mergulho sideral e pousemos nossas irreflexões bem perto de nós, aos nossos pés, no chão que pisamos, pois é dele, como realidade individual que somos, que chegamos condições, no tempo presente, de usufruirmos tudo quanto nele existe, do bom e do melhor, lembrando, mais uma vez, que o tempo é tarde e sempre será para cada vez mais se consumir tudo isso que de bom está aí à disposição para ser consumido gostosamente.

Capítulo VI

Profundamente abismal e imensamente largo é o portal por onde se pode passar para o gozo sem peias e sem freios das delícias do mundo. São elas matéria de pouca ou nenhuma resistência para a penetração. Logo, isto só pode ser um convite natural, irrecusável, gostosíssimo e que muito mais ainda se reveste dessas qualidades, à proporção que mais e mais se lhe penetre a essência, esgotando-a até a última gota. É que somos feitos da mesma matéria por onde se dissolvem, quando provocados, os efeitos gostosos, deliciosos,

agradáveis. Não há, então, como resistir, tamanha é a facilidade como se penetra nesse clima saboroso.

É claro que todas as maravilhas do mundo não estão facilmente ao alcance de qualquer pessoa. É preciso fazer diligências para gozá-las. Ficar parado num canto é uma atitude inofensiva, semelhante à do louco varrido, para quem interesse algum desponta, vivendo apenas movido pelas compulsões naturais.

As fontes das delícias estão à disposição de quem, realmente, queira conquistá-las. Para alcançar tal desiderato, existem até mesmo os que se enveredam pelo uso daqueles meios horríveis, repelentes, desqualificados, das sendas do crime, da ingratidão, da falsidade, para, enfim, alcançar o gozo das delícias que têm em mente. Pode-se, por tal caminho, alcançá-las, mas, certamente, como a tudo segue a questão do preço, logo se verá que assim elas não valem a pena mesmo, porque o gozo acontecerá, mas o sofrimento logo se instalará. Daí seguramente se poder concluir que essa não é verdadeiramente uma opção ideal, feliz, inteligente, por mais que facilite a aquisição do gozo delicioso.

Importante é que, cada vez mais, se nos mostrem bem favorecidos os meios, os que melhores forem, para penetrar o mundo das sensações deliciosas.

Capítulo VII

Nada do que existe está isolado. Tudo está ligado, entrelaçado. O que somos é o que também é o corpo celeste mais distante de nós ou mesmo o mais recôndito espaço vazio, pois este também existe.

Foi-nos dado o poder de dominar a Terra, no mais amplo sentido de que esta compreende o mundo como um todo. Aliás, diz-se que o homem, ao apontar um dedo para o alto, está, certamente, comprometendo o mais longínquo astro do universo ou mesmo qualquer de sua distante parte sideral, vazia. É que, embora não estando lá para poder tocar fisicamente, a condição ímpar de existir, sabendo que existe, o torna poderoso, sobretudo porque não existe sozinho, mas tem o mundo ao seu redor e em sua vastidão, sendo, portanto, não só dono de sua mirrada individualidade, mas da totalidade da dimensão.

Foi dito que era para ele dominar o mundo. Forçoso é reconhecer, evidentemente, que, se para a imaginação não há limites, estes se fazem presentes na própria estrutura da individualidade do

homem. Embora sendo nele a força poderosa e misteriosa, o domínio do mundo, fisicamente falando, não há que ser atribuído àquela, mas às energias do próprio homem, pois aquela força, em que pese criadora de tudo quanto existe, deixou tudo entregue a um conjunto de leis. E são essas leis que o homem há de respeitá-las para dominar o mundo; o mundo, bem entendido, não o Reino dos Céus, porque este não se confunde com nada do que existe. O plano superior é uma outra realidade, incognoscível enquanto neste plano secular se estiver. Dá-se, é verdade, apenas uma antecipação, em parcela mínima, do gozo de suas delícias, enquanto no mundo se rasteja, desde que se procure a justificação verdadeira.

Deixemos para lá, porém, essas considerações, que são importantes, é verdade. Agora, nessas irreflexões, o que se pretende é apenas mergulhar no que é mundo, efetivamente realizando tudo quanto é possível, sem tantos sofrimentos e tribulações, para a consecução do gozo e dos prazeres que o mundo nos oferece.

Capítulo VIII

Por que vigiar? Por que orar? Importa é que as tentações, em verdadeiras avalanches, descambem sobre nós. É claro que não se vai ser idiota e concluir que essa avalanche seja aquela que resulta na dor subsequente e imediata; a dor das tragédias - um dilúvio, uma tempestade, um terremoto, tantos e tantos outros elementos trágicos que se podem manifestar. Deve-se, isso sim, diligenciar, sabiamente, para deles se desviar. Ficar de braços abertos esperando o perigo das tragédias se instalar é asneira descomunal. Então, se busque, sem preocupações com vigilância e com orações, o gozo das delícias terrenas. Estas valem ser vividas, totalmente. Nelas, a realidade dura que não se confunde com aquela outra que sabemos santa, importante, ímpar, grande, majestosa, mas..., sinceramente, não cabe nesses irreflexões. Estas se prestam a um direcionamento daquilo que existe, que somos, que é tangível, que pode estar na nossa compreensão, que a podemos conhecer profundamente, cada vez mais, sem segredos, através da investigação de toda a sorte, pois no momento em que são escritas estas palavras há tantas cabeças raciocinando, mergulhando profundamente o mundo científico, na busca cada vez mais do domínio de tudo aquilo que existe, ou seja, o mundo. Aquilo que existe e que dele somos parte não se confunde com a força poderosa e misteriosa - lá se vai novamente misturar as coisas, reflexão com

irreflexão - pois, inobstante obra sua, está aí, para que dominemos, não através da graça com que nos podemos justificar santamente, mas pelo conhecimento que a capacidade de investigação nos permita alcançar, ou seja, o conhecimento da lei; leis biológicas, físicas, químicas, sociais, morais, religiosas. Todas elas, não se enganem os menos avisados, estão no mundo, são o mundo. Conhecendo-as cada vez mais profundamente, o mundo será dominado e as delícias de suas fontes de prazer podem ser retiradas e esgotadas até a última pontinha de sensação gostosa que possam proporcionar.

Importante é que o gosto das coisas do mundo sempre esteja a nos invadir, para que lhe gozemos a fundo, sem deixarmos passar um segundo da oportunidade que temos para desfrutá-las, enquanto vida tivermos.

Capítulo IX

Vida regrada às raias do absurdo, exageradamente, impede o gozo das delícias do mundo. Valioso é que o conhecimento das leis do mundo avancem mais e mais, para que possamos invadir o campo delicioso do prazer; prazer de toda a ordem: não é só o prazer do sexo que se está tendo em mente. O conhecimento, pelo domínio das leis de toda a ordem, nos faz senhor do mundo, porque o vamos dominando e sabendo onde pisar, sem nos ferirem os espinhos que naturalmente vão surgindo pelos avanços que se procura obter. Distanciar-se, pois, dos riscos. Para que é que se tem a inteligência? É para usá-la. E usá-la positivamente, para que se queira tudo que seja delicioso e que não comprometa a estrutura da individualidade física. Que ela se desgaste, pouco importa. É para se desgastar mesmo. Já se viu algo ser usado sem se gastar? Fazendo-se tudo de modo a atender as leis do mundo, o equilíbrio do corpo permanece. O que hoje existe no campo sexual, um problema terrível como a aids, se está aí sendo propalado e programado tanto aconselhamento para que se tenha devidos cuidados nas relações sexuais, idiotas são os que não se previnem. Há meios para se evitar esse terrível mal. Pior seria se a sentença fosse a de que o sexo estivesse proibido e que de qualquer forma que fosse feito resultaria em contrair essa triste doença. Mas não é assim. As delícias, nesse campo, estão aí para serem desfrutadas de forma pura e delicada e respeitosa. É claro que nelas se deve ir a fundo, porém com as cautelas necessárias, pois o que se deve permitir é o desgaste do corpo,

nunca o seu total desmoronamento com o terrível mal adentrando a realidade que somos.

Capítulo X

Arriscar-se, não. Fazer só quando a certeza estiver à frente, mostrando que o que se pretende pode ser feito, sem comprometer o equilíbrio da individualidade física. Assim procedendo, se pode adentrar os campos de ação mais perigosos, mais emocionantes, mais maravilhosos, mais extravagantes. Vai-se às alturas, voando, escalando montanhas; vai-se às profundezas, mergulhando, penetrando o seio da terra até que se suporte o intenso calor, conhecendo de perto as manifestações de sua formação. Tudo isso é passível de realização, mediante o desgaste daquilo que constitui a individualidade física, mas nunca permitindo que ocorra o desequilíbrio. Cada coisa, cada fato vai acontecendo, com a previsão, porém, de que ele não atingirá além do desgaste normal, natural. Jamais a presença do inesperado, da tragédia, porque tudo previamente feito de modo a se seguir a trilha segura, o caminho certo e o avanço permitido, medidos e contados, que conduzem à certeza de que o errado não tem como ter vez.

Capítulo XI

No mundo, há que se ter bom gosto para usufruir das delícias que ele nos oferece. Veja-se a vida do homem do campo, acostumado a tarefas rudes. Claro que nele existe a resignação - uma característica cada vez mais presente naqueles mais retardados no fino bom gosto. Se não contássemos com ela, seria a revolta geral de todos contra todos.

Encontrar-se num determinado padrão de vida e, de repente, invadir o padrão de vida do outro, só porque não se está satisfeito com o seu, seria uma falta de segurança total. Cada qual, pois, no seu cada qual, conforme goste de estar fazendo as coisas de sua preferência. Na música, por exemplo, há o fino gosto e o gosto popular; o gosto pela música clássica - as melhores sonatas, os mais famosos concertos, os virtuosos de fama reconhecida em todo o lugar, o exímio violinista extraindo sons maravilhosos do seu instrumento, o pianista brincando com os dedos nas teclas do seu piano; de outra parte, o gosto popular, as coisas simples da ingenuidade do povo - as canções de ninar, as cantigas de roda, a literatura de cordel.

Portanto, o fino gosto está sempre mais presente naqueles preocupados em esgotar o que de melhor o mundo pode oferecer. Seus exigentes protagonistas são os irrisignados com o que têm e que sempre estão querendo mais e mais, desprezando, efetivamente, tudo quanto se reveste de caráter rude. Uma irrisignação inofensiva, diga-se logo, porque não buscam imiscuir-se naquilo que os outros têm. Lançam-se, isto sim, a perscrutar o que de novo, o que de mais interessante há para melhor oferecer o gozo das delícias que anseiam conseguir. É, pois, aquela irrisignação que, se acaso ofensivas, somente a eles mesmos atinge. Daí os que se entretêm em ouvir a boa música, ávidos por uma nova composição, para lhe beber os sons maravilhosos e neles se embriagarem; daí os que se entretêm com as boas leituras, pugnando por um sem-número de informações que vão se amontoando e que eles terminam nem sabendo como juntá-las no final.

Tudo isso é bom, é a opção pelo que se entende existir de melhor no conjunto das delícias do mundo. Aos que se deliciam com as coisas da terra bruta, por outro lado, também se reconhece o devido valor, embora sem lhes permitir uma enorme visão para bem profundamente compreenderem o mundo que eles são e que os rodeia. São uns coitados, mas de uma utilidade incontestável. São, tantas vezes, mais facilmente privilegiados com a conquista do ter e raros são os que disso se utilizam na busca do ser de fino gosto, para deixarem para trás a brutalidade, o tosco da sua vida diária e assim poderem se esmerar nas delícias realmente espetaculares.

Capítulo XII

As coisas belas - não somente aquelas da manifestação da mãe natureza, que tanto nos encantam e até nos comovem - as coisas belas, dizíamos, referindo-nos àquelas obras que o homem fez e continua com uma capacidade cada vez maior para fazê-las e que deliciam os verdadeiros amantes da arte, sempre os estão animando e os embevecendo.

Faz séculos que se assistiu ao surgimento de um movimento cultural denominado Renascimento, no qual o belo como que explodiu em formas maravilhosas, esplendorosas. Naquele tempo, os homens conseguiam tudo aquilo que hoje nos serve para admirar, quando vamos aos museus. Os de hoje fazem o mesmo, faltando, aqui acolá, o sentimento da arte verdadeira, mas conseguem, enfim, isso é

indiscutível, pois têm um conjunto de informações que os pode socorrer na elaboração do trabalho porventura imaginado, pretendido. Aí estão a informática e a internet, que em muito facilitam as coisas. Ah, se aqueles espíritos da Renascença tivessem contado com os recursos que possuem os homens hodiernos!

Tudo, pois, quanto já se conseguiu até hoje - na música, na dança, na escultura, na literatura, no teatro - nas artes, enfim, são conquistas do homem, são coisas do mundo, não se devendo confundilas como frutos de qualquer divindade. Foi o homem quem as fez. Foi realização sua. E o fruto disso tudo aí está. É matéria, pura matéria, que não há de ser confundida com a divindade, a força poderosa e misteriosa. Todas essas obras, é claro, sensibilizam o espírito, enquanto ele é no homem. Querer que tudo isso sensibilize o espírito divinal, em sua essência original, é torná-lo pequeno.

Ora, mais uma vez, estamos a nos envolver com reflexões, quando, neste compartimento de uma obra, o que interessa, realmente, são as irreflexões. Sim, porque estamos aqui falando do que existe, do que é realidade; realidade total, integral, até nela se incluindo - e por que não dizê-lo - a própria Revelação, enquanto encarada como realidade perceptível ao conhecimento humano; ela, vista do lado que podemos ver, com nossa limitada capacidade de conhecimento.

Tudo quanto já revelado, até o presente momento, tudo quanto os de espírito avançado lograram trazer ao conhecimento humano é matéria. Não queremos nos limitar apenas ao seu suporte material, mas à essência mesma da Revelação, porque derivada do espírito, quando este, na verdade, hóspede de uma individualidade física chamada homem.

Numa gama de feixes de energia poderosa, a matéria, em forma humana, pôde e continua ainda podendo alcançar a bendita sintonia. Enquanto manifestação antropomórfica, ela, ao trazer consigo, misteriosamente, algo simplesmente mais potente, como se fosse um receptor, antena verdadeiramente possante, opera o sacratíssimo abraço entre o finito e o infinito. Daí muitos dos seres humanos, nossos conhecidos - pois de nomes tão repetidos - terem tido revelações deveras importantes, imorredouras, divinais e que mesmo divinais não perdem o seu caráter de coisa do mundo, até porque o teor de divindade nelas embutido é inexpressivo, em comparação com a magnitude divinal propriamente dita. Não se pode, realmente, pretender que essa nesga de divindade revelada tenha a magnitude verdadeira na qual ela poderosa e misteriosamente se expressa em

inexistência. Diga-se, portanto, que a revelação, tudo enfim que está escrito nos Livros Sagrados é do mundo, porque fruto do homem, não sendo de forma nenhuma a realidade material daqueles escritos que pode salvar.

Ah, que não nos deixemos enganar nunca! Esqueçamos de vez essa ideia ilusória de que os nossos santos homens são deuses, pois tudo quanto revelaram o fizeram na condição de homem, realidade física que eram e que ainda hoje continuam sendo, embora em outra forma. Logo, Evangelhos, Epístolas, Bhagavad Gita, quadros os mais belos, como o da Ceia Larga, esculturas famosas, como La pietá, Moisés e tantas outras obras, tudo isso é matéria. Por elas jamais passará a salvação da alma. Utilizam-se suas essências, como matéria que são, para sensibilizar o espírito, sensibilidade essa que, no fundo, não é suficiente para a salvação do mesmo espírito que esteja sendo alvo de sua influência. *Há que se desligar do ser, para atingir o não-ser*, que tem como centro a força poderosa e misteriosa e que, mesmo não sendo, pode tudo; pode tudo, efetivamente, na sua forma própria de poder.

Mas, deixemos de lado essa teimosia de uma preocupação em torno dessa força. Isso nos tem desviado tantas vezes do verdadeiro gosto que essas irreflexões pretendem atingir, que é o de consumir, até a última gota, as delícias do que somos. Vamos mesmo nos encantar com a forma e o conteúdo que possamos melhor perceber das mais notáveis expressões artísticas de todos os tempos.

Capítulo XIII

Dizer que a força poderosa e misteriosa existe, limitando-a, inclusive, em alfa e ômega, é realmente se pautar com uma tamanha inexpressividade de sua verdadeira e irreal e inexistente dimensão!!! Ela não é; não é no sentido de ser material, porque material é tudo isso que vemos, sentimos, pegamos, pisamos, que podemos quebrar, que pesamos, contamos e medimos. Inclusive a palavra, a Revelação, na sua pura essência existe também, ou seja, se não existia, se não era antes, passou, com a sua manifestação ao mundo sensível, a existir; passou a ser coisa do mundo. E como coisa do mundo, um suporte para vencê-lo, nisso residindo a maior de todas as venturas, ainda bem. Mas, ainda mais uma outra vez, deixemos de lado as preocupações sobre o não-ser já manifestado, na forma de revelação e, portanto, com existência; revelação que, tornada materializada, a outra dimensão não

poderia pertencer, senão ao mundo, pois está aqui, entre nós, é mundo, é parte de nossa realidade sensível.

As preocupações, agora, devem ser aquelas voltadas a um esgotamento completo, com vista à realização do ser, do existir. O não-ser é outro plano, sobre o qual aqui não cabem maiores e profundas considerações, porque, propositadamente, em que pese sabermos da existência do outro lado, do que não existe, nos atiramos, de corpo inteiro, ao mergulho consciente no mundo que existe (perdão pela redundância) e que o nosso corpo, individualidade física, é parte integrante dele, indiscutivelmente. A opção consciente há que ser feita: ou o caminho do ser - o gostoso, o delicioso, o maravilhoso - ou o do não-ser, que é o que verdadeiramente importa; não, porém, neste plano em que estamos e em que somos. É-se, por exemplo, enquanto leitor do trecho bíblico que manda amar o inimigo, leitura que é, obviamente, um ato humano, coisa do mundo, como o livro, o papel, a letra; não se é, na medida em que se ama de verdade, uma verdade que não é do mundo, estranha a nós, à nossa índole natural. Daí a enorme dificuldade de se penetrar o não-ser. Ainda bem que a penetração é apenas difícil e, não, impossível. Vamos, porém, deixar isso agora de lado, porque o que interessa, no momento, é irrefletir e assim deixar de lado o não-ser e partir para devorar com toda a voracidade possível o mundo; degluti-lo com sanha devoradora, respeitando, é óbvio, as suas leis, pois, se assim não fizermos, o terrível sofrimento aparecerá na primeira esquina para nos abater.

Somos em tudo e por tudo. Inclusive o próprio linguajar da constatação do não-ser *é*, ou seja, existe; é do mundo, é mundo. Então, forçosa é a conclusão de que a verdade é de difícil penetração e que *só temos mesmo a arma do ser, para adentrarmos o não-ser.*

Decididamente, pois, lancemo-nos ao domínio do mundo, pois é a irreflexão que ora nos domina, em que pese nos sentirmos vez por outra tentados para a reflexão que salva no largo de uma dimensão que não é, como que uma corrente a nos puxar para dentro de um mar tranquilo, sereno, sem tormentas, uma coisa bendita, sagrada, enfim.

Capítulo XIV

É mesmo muito impressionante. Estamos em plenas irreflexões, fazendo todo o esforço possível para nelas nos mantermos, decididos a ficarmos com as coisas do mundo, mergulharmos nele profundamente, buscando extrair de sua realidade aquilo que nos

possa bastar para um existir cheio de felicidade, alegria e contentamento, mesa farta, agenda de negócio abarrotada, compromissos sociais os mais categorizados, uma vida fina, enfim, regada aos maiores prazeres que se é possível ter, mas... uma sensação de vazio nos arrebatava em meio às irreflexões e nos deixava inquietos, como que sufocados, procurando colocar o pescoço e a cabeça fora, como se estivessem dentro de um saco, em situação asfíxiante, horrorosa. Fica-se, então, em meio a densa floresta de interrogações, sobre se aquele gozo todo que se está vivenciando realmente é o que basta. Naturalmente, vamos sentindo que ele é do mundo e que não basta, pois o seu gozo é falso. E no anseio de que tenhamos apoio eficaz, nos surge aquela figura doce, tranquila, dizendo: *“Vinde a mim todos vós, fatigados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre os ombros meu jugo e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para vossas almas. Pois meu jugo é suave e meu peso é leve”* (Mateus, 11, 28-30). Já é realmente algo muito importante para a decepção de quem, mergulhado nas coisas do mundo, encontra tal lenitivo. E saber, porém, que esse lenitivo, no fundo, é coisa do mundo, porque proclamada por um homem, ser do mundo que o fora. É verdade que conquistou, que venceu o mundo. Mas toda a expressão de sua doutrina não passa de realidade humana, material. É bela, sim, é tocante, é maravilhosa sua salvadora doutrina. Isso tudo, porém, assume uma magnitude que só alcança a “grandeza mirrada” da individualidade física do homem. A força potente e misteriosa, mais importante dentre tudo e dentre todos, realmente, não existe. Inexiste e tudo pode e tudo fez e tudo consegue e tudo é seu. Evidentemente, não o poder, o fazer, o conseguir e o ser proprietário na dimensão e no entendimento que nós humanos damos a tais condições.

Chega a ser um absurdo lógico afirmar que algo tem poder, que faz, que acontece, que consegue, mas não existe. Realmente, esta é a única verdade. Pois a força potente e misteriosa não existe, porque se existisse estaria representada em qualquer matéria deste mundo, seja da terra ou dos incontáveis astros que passeiam no espaço sideral, condições essas em que se lhe reconhece apenas a imanência da majestade. Ela não existe, porque incontáveis e inimagináveis vezes inexpressiva ante o existir de todas as coisas que se pode ver, sentir, pegar, isto na visão transcendental em que se recolhe acanhado, pálido, volátil esse existir tão expressivamente diminuto!

Ah, como é fácil esgotar o mundo! Tão fácil que em poucas irreflexões logo se constata que ele é um engano e que só os tolos é que se deixam atrair unicamente pelo que ele tem de delicioso.

Mas, teimosamente, continuemos com as nossas irreflexões. Afinal, foi o propósito de escrevê-las que nos moveu. Continuemos com elas, mesmo que estejamos atolados em dificuldades até o pescoço para nos mantermos firmes nelas. Essas dificuldades fazem com que a força poderosa e misteriosa nos puxe, nos arraste; força essa que não existe e que é o que importa à salvação, mesmo sem contar com uma mínima partícula do que existe e que se posta na encruzilhada que vivenciamos em nosso embate entre o finito e o infinito, como a nos indicar que existe um limite ao qual nos é impossível a ultrapassagem.

Capítulo XV

Tanto quanto nas nossas reflexões, onde nos intitulamos de cáusticos, aqui também no ensejo dessas irreflexões não podemos escapar de tamanha pecha. Tanto aqui como lá, concordamos quanto à índole causticante de nosso posicionamento. Prefere-se então que ele fira, que ele mexa muito com a sensibilidade de muitos. Certo é que nossas assertivas são do mundo, limitam-se ao mundo, restringem-se ao mundo. Seria muita pretensão querermos que ela atingisse a compreensão do poder do não-ser, daquilo que não é, daquilo que não existe, o qual mais importância tem, porque salva.

Quantas mentes, muitas delas privilegiadas, se revelam, no mais das vezes, ignorantes, com uma venda nos olhos, posta tantas vezes propositadamente, para não se permitirem o sofrimento diante da duríssima realidade do ser em contrapartida àquela força que não existe. Ficam pensando em, uma vez mortos fisicamente, poderem passar a gozar de delícias físicas mais deliciosas do que as que se consegue no mundo. Fazem-se atrevidamente grandes, majestáticos, tal como a mencionada força, como se pudessem eles ousar a tanto, pois isso para nós todos significa o incognoscível, o desconhecido, o inimaginável e que a seu respeito apenas sabemos que pode tudo, mesmo sem ser. Pobres que se deixam enganar! Basta de tanta linha de comportamento deturpada, mentirosa, falsa, muitas vezes só para esconder e aliviar a queda, o baque surdo final, que é a morte física. Com ela, como já foi dito diversas vezes, dá-se o início da transformação da individualidade física. A matéria se transforma e

continua sendo, embora em outra forma, por séculos e séculos sem fim. O outro lado, que importa à salvação, que não existe e que o fazem como que fosse, tudo pode sem ser.

Ah, se tudo o que ora dizemos pudesse não-ser tanto quanto ela não é, para que tivéssemos ao menos um mínimo da importância que é da sua essência!

Capítulo XVI

Vemos, inevitavelmente, tudo o que está a nossa frente. Enche-nos, realmente, de satisfação olhar tudo aquilo que nos pareça belo, decente, puro. Esqueçamos, por uns instantes, todos os compartimentos do Universo e nos ponhamos, olhar fixo, a ver o passar das coisas - o vento, as árvores, raízes, folhas... Na cidade em que habitamos, sempre há um lugar, um logradouro atraente, ponto de convergência das pessoas. Na relação entre o que se vê e nós que vemos, nos invade a sensação gostosa de que aquilo tudo é nosso, nos pertence e que sobre ele temos o domínio. O movimento dos carros, das pessoas; umas que vão e outras que vêm; é um grito aqui, uma buzina ali; tudo isso penetra naquele que faz a observação; uma observação devidamente estudada, equilibrada, com a sensação de que se é o dono daquilo tudo, a ponto de fazer com que a pessoa se sinta superior a toda aquela realidade. Toda essa sensação faz do seu corpo uma coisa leve, uma pena verdadeiramente e, mais do que isso, um ser volátil, maneiro, que não sente o peso do corpo na planta dos pés, sentindo que está a navegar no espaço, deslizando mansamente como “dono do pedaço”, como se costuma dizer. Pois é inteiramente certo que um viver assim é que importa, para o mundo, evidentemente, ou seja, ser leve, ser livre de preocupações que, na verdade, levam à transgressão do verdadeiro sentido da fruição de tudo aquilo que é gostoso que é bom e que estamos a admirar.

Quantos de nós já paramos para pensarmos, para filosofarmos sobre o que somos, sobre a nossa realidade, sem que não resultasse a convicção dominando o sentimento, tornando-nos certos de que somos hoje e que permaneceremos sendo amanhã, muito embora em outra forma?

Veze, tantas vezes, é bom que paremos para pensar. Pensar é importante. Não é preciso que procuremos uma reclusão física. Mesmo estando no mais amplo e formidável lugar, devemos nos tornar reclusos de nós mesmos; reclusos do nosso pensar, do imaginar. Irmos

pulando de uma ponta a outra da dimensão que pode ter o nosso imaginário. Pretender ser dono da terra em forma bruta, sem qualquer refinamento, deixa quem assim age distante da verdadeira posse. É preciso, sempre, a reclusão de nós mesmos, para pensarmos, imaginarmos, irmos longe, longe, bem longe, pois o pensamento não tem limites. Ele nos aproxima da total dimensão do não-ser; uma dimensão bendita, cuja inexistência mais se amplia, à medida que nos faltam os sentidos.

Tal dimensão, porém, não importa, fundamentalmente, à consecução da pretendida fruição da paisagem. Vale, isso sim, que tomemos aquilo que está proporcionando gozo agora, no hoje, no presente. Ah, a paisagem, bela e maravilhosa, que temos à nossa frente nos sirva para um exemplo. Façamos como que um congelamento de imagem. De lá para cá e de cá para lá a perfeita interação, a sintonia tradutora de uma paz, de um consentimento, de uma espontaneidade sem limites. A consciência de que se está tranquilo, a respiração, em compasso normal, permitindo a sensação de bem estar, de paz. Tudo isso sendo vivido intensamente, jogando-se para distante, muito distante, a realidade dura, aquela que resultará, inevitavelmente, na transmutação daquela paisagem, que, embora um dia transmutada, não deixará de ser.

Assim como ainda há pouco fizemos com a paisagem, nos vem à lembrança fato que nos parece estar nos registros da História. É que um rei ou um general, certo dia, vendo as suas tropas reunidas - aquele poder, aquele arsenal todo.... de repente, se viu tomado de uma profunda decepção e de uma intensa amargura, face a definitiva e inabalável certeza de que, dali a alguns anos, aquilo tudo deixaria de ter aquela forma, desapareceria daquela realidade que estava sendo, naquele momento, inclusive ele o rei ou general. E chorou.

É também o que nos invade, agora. A vontade de chorarmos, de vermos as lágrimas aos borbotões descerem pela face, procurando nos agarrarmos em algo que detenha, que esbarre o passar da paisagem, a mesma paisagem que também compomos como observador e que tanto quanto ela também estamos passando. E, em meio ao pranto, nos sentimos como que arrastados para deixarmos o gesto irrefletido do pensamento para, em reflexão profunda, mergulharmos em direção àquela força poderosa e misteriosa que não existe; ela, pela sua imagem que não existe também poderosa e misteriosamente em nós, sem existência, portanto, para o mundo dos sentidos, nos torna convencidos, consolados, conformados, resignados

e as lágrimas deixam de brotar. E quando, na verdade, um dia formos sem a roupa da individualidade física, impossível é que choremos, porque esse rio de lágrimas só é peculiar mesmo àqueles que são.

Capítulo XVII

Há tantas formas de conquistar aquilo que existe. Lamentável é que, nessa empresa, sempre aparecem os aproveitadores. E muitos que são fracos, que são indecisos, que não têm nenhuma determinação, ficam alvos dos espertalhões, dos subjugadores do próximo.

Esse tipo pernicioso de comportamento está em todo o lugar e em todo o tempo.

A exploração continua. A dominação. A subjugação. Àqueles que a tanto se entregam, se lhes assegura, verdadeiramente, o poder do ter. Chega-lhes, facilmente, o domínio da situação, que é o ponto de partida para se fazerem importantes e deterem, assim, o poder que tanto perseguem. Em verdade, se fazem refêns da própria lei por eles descumprida. Têm, efetivamente, o seu preço devidamente pago. Enganam aos outros, mas enganam a si próprios. Seu caminho é uma vereda que não alcança a outra ponta da dimensão; a dimensão que importa à salvação. Ficam aqui e aqui desabam, permanecem cegos, não enxergam, estão presos a uma cápsula, que é a cápsula do ser, do existir, porque pensam que tudo se resume no que existe. Pois, se pensassem de modo contrário, não agiriam como agem, com mera preocupação com o que é do mundo. E quando ensaiam levantar a cabeça, se põem a nutrir falsa convicção de que obterão uma vida eterna na forma em que hoje são. É uma lástima que assim pensem. São realmente uns iludidos. Pode ser até que, entre eles, alguns tenham a consciência da dureza da realidade; consciência de que aquilo que hoje são é mundo e que não importa à salvação; que aquilo que importa na verdade não existe. Mas são escravos por conveniência. Ao invés de pregarem a verdade, a escondem, simulando se enganarem e levam o engano diretamente aos outros. Lamentável. Pregam reflexões, atolados, porém, até o pescoço, ou melhor, totalmente mesmo, nas irreflexões, para o direcionamento daquilo que unicamente para eles importa: o mundo.

Refletindo profundamente - em busca da síntese

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Caro leitor:

“Refletindo profundamente - em busca da síntese” tem finalidade complementar; destina-se a preencher o vácuo deixado por “Reflexões Irreflexões - visão bi-dimensional do ser e do Não-ser compreendida numa antítese”, também de nossa autoria. O vazio decorrente das reflexões e das irreflexões justifica a síntese ora escrita, como meio possível à conjunção dos dois elementos - o ser e o Não-ser - deixados em pólos distanciados um do outro na mencionada obra que a esta precedeu, cuja leitura antecipada se recomenda, a fim de que ambas possam ser mais bem compreendidas. Realmente, tem-se, nos capítulos dedicados às reflexões, aquela sensação de segurança quanto a um “porto seguro” de salvação, embora, aqui e acolá, comprometida por dúvidas. As irreflexões, por seu turno, exploram a necessidade de se gozar as delícias da vida, mas, em meio a sua descrição, despontam questionamentos sobre sua eficácia à satisfação espiritual.

Da leitura de “Refletindo profundamente - em busca da síntese” é possível que resultem decepções. Estas, porém, acontecerão apenas àqueles inteiramente mergulhados em inebriante mundo de ilusões. É que ela vai fundo no campo das desilusões, questionando e sobrepondo a importância da grande verdade que não se pode esconder: o homem, em sua divinal majestade, podendo e devendo confundir-se com o próprio Poder Maior.

Refletindo Profundamente **- em busca da síntese -**

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Capítulo I

Estou ciente e profundamente convicto de que não sou. Mas, para que propriamente disso me cientifique, é imprescindível que eu seja. Pois, embora inevitavelmente sendo, elevo-me fantasiosamente ao Não-ser, para tanto harmonizando, em socorro de minha tênue compreensão, três partes de um todo que não é. Nenhuma dessas três partes é. E são, ao mesmo tempo. São na imanência; não são na transcendência, a qual se expande até a mais recôndita profundidade de qualquer das imanências.

O Não-ser é infinito; o ser é finito. Neste, em sua integral conformação e em qualquer de suas manifestações (reinos mineral, vegetal e animal), reside o Não-ser. No homem, tal residência é diferente, porque somente nele se opera a possibilidade de busca por parte do elo comunicador, responsável pelo “abraço” que constituirá três partes alegóricas em um todo definitivo e majestoso, que não é.

O Não-ser tudo pode e tudo criou. Corresponde ao que se tem dado caráter antropomórfico como figura de Pai. Em sua conformação misteriosa, manifesta-se em tudo quanto criou. E, em nós, ele não é. Criou-nos à imagem de sua perfeição. Sua bondade, do tamanho que não se pode imaginar (é que nem tamanho mesmo tem!), nos deixou abertas as vias de escolha. Mesmo em vida paradisíaca, fomos distinguidos com a possibilidade de fazer o coroamento da transcendência na própria imanência. O desastre, porém, aconteceu, como não se é de ignorar.

O Não-ser, porém, ontem, hoje e sempre eterno, magnânimo, opera em nós a possibilidade da restauração: o que era paradisíaco, e que não funcionou, cedeu lugar à delícia celestial - o Reino dos Céus. Neste, com o Não-ser em nós e, na medida em que lhe somos filho verdadeiro (agindo na conformidade dos ensinamentos salvadores de Jesus de Nazaré), haveremos de também não sermos definitivamente, desde que nos deixemos conduzir pela luz do divino Espírito Santo, cuja busca há de ser constante. É-nos, pois, permitida a fruição do não

ser celestial, comungando, destarte, da trindade divina, através da graça, mesmo durante a realidade de que somos constituídos. Quando um dia ela não mais for, pouco importa essa sua existência onde o Não-ser reside, pois o que vale é que não sejamos celestialmente com quem poderosamente não é.

Capítulo II

Quero, como realidade que sou. O Não-ser, imanente em mim, tudo pode, porque me fez, mas não assume um querer semelhante ao meu. Ah, meu pobre querer! Ele tem uma forma, um limite. Já o querer do Não-ser não tem forma, nem tem limite, mas tudo determina em misteriosa potência.

Em simbólica passagem bíblica, se mostra como o querer, em paradisiaco recanto terrenal, foi e continua sendo débil e incapaz de possibilitar o “abraço” sacratíssimo do finito com o Infinito. Nela, o Adão feito de barro tropeçou e caiu - e muitos são os Adãos que ainda tropeçam e caem. Foi preciso, então, outro Adão - o celestial. Este, sim, de forte querer, de um querer tão forte quanto o querer do Não-ser. Ele, proclamado filho do Não-ser, a porta aberta para todos nós, seus irmãos, para que, com ele, e só com ele, possamos não mais tropeçar.

Seja, pois, não o meu insignificante querer, mas o querer que nos ficou como sacratíssima herança - a cuja envolvente e decidida disciplina nos devemos entregar - que nos faça participantes do céu, pois somente ele nos possibilita retornar ao éden, mesmo nesta terráquea existência, sem tropeços e sem quedas, e nos torna, de uma vez por todas, convictos da inabalável certeza de que, quando, num determinado dia, vier a desaparecer o suporte da unidade com o Não-ser, na imanência, permaneceremos, mesmo assim, unos, com ele, na gloriosa transcendência. Isso não representa, de forma alguma, o sacrifício do ego - parte da psique intermediária entre o id e o mundo interior. É, isso sim, a conscientização de quão nocivo é o seu condicionamento natural, capaz das mais obtusas e das mais refinadas “justificativas”, para explicar a importância de nossa inclinação antropocêntrica. Seu ponto de referência mais animalesco é o que se chama de instinto de preservação (id - substrato instintivo da psique). O querer, neste passo, é cego. Vai às conseqüências mais avassaladoras.

Consideremos o homem em seu nível social. O Adão terrenal, vivendo a paz do seu éden, não foi capaz de coroar o imanente com o transcendente, porque tornado cego pela desobediência, sendo exatamente nessa condição de cego que veio a se introduzir no processo da vida social, fora daquele paraíso. Já o novo Adão, o celestial, seu ego se viu não substituído pelo superego - nível inconsciente de atitudes - mas em abraço resultante no definitivo encontro do finito com o Infinito. Nisso está a manifestação do querer em sua mais poderosa expressão, com resultante social de inegável progresso espiritual e material.

Capítulo III

Posso, mas que poder realmente deve me interessar? O poder de Adão, em vida plácida? O poder, por exemplo, de Moisés, de Josué, de Sansão, de Samuel, de Davi, de Salomão e de tantos outros personagens, em bíblicas passagens, donde se infere uma grande intimidade deles com a força poderosa e misteriosa...? Ah, seus poderes foram, realmente, divinais, maravilhosos!

Foi preciso que a Revelação atingisse o clímax, acontecendo singularmente em um só cordeiro, para que, a partir dele, todo lobo que é em nós ficasse contido, sem, entretanto, perder, de todo, a sua feição de lobo. O cordeiro é o único meio de se colocar seguramente a coleira no lobo. Depende de cada um de nós cuidarmos a coleira de tal forma que a ação do lobo não interfira na paz do cordeiro.

Aqueles que, antes do cordeiro, não gozaram, efetivamente, de forma cabal, da plenitude da unidade, na vida terrenal, não podem ser tidos como injustiçados por não terem tido a glorificação que os homens e mulheres de hoje têm, de graça! É que o Não-ser, se não chega, em sua misericórdia, ao ponto de exigir dos que, em nosso tempo, não se fizeram, ainda, conscientes de que não são, tanto mais misericordioso será para com aqueles que nunca tiveram aquela possibilidade!

Nós que vivemos no tempo do cordeiro somos mais passíveis de responsabilização, porquanto exigível, face nosso discernimento, que mantenhamos a coleira do lobo não só no lugar certo, mas com o dispositivo apto a controlar o alcance à alimentação dessa fera que é em cada um de nós, para que ela se mantenha sã em seu ciclo vital, e, ao mesmo tempo, possibilite a placidez da pastagem do cordeiro.

Muitos tiveram o registro da Revelação, em seus diversos estágios de desenvolvimento. Aos que não existiram no tempo de seu clímax, o poder se exibia em manifestações de resplandecente fulguração que os tornava atemorizados ante a potestade divinal, tanto que não se sentiam encorajados a encarar a teofania alcançada. Aos que, hoje, contam com a Revelação definitiva, o poder não os faz receosos, mas tão majestáticos quanto o Não-ser que eles se consideram. E assim, fazendo-se íntimos do Reino dos Céus e de sua justiça, obtêm, por acréscimo, na existência terrenal, tudo de bom e do melhor e agradável e delicioso, sem falar na certeza de que não só na imanência, mas também na transcendência eles não são tanto quanto o Não-ser - causa primaz de todas as causas. Assim, realmente, vale a pena dizer que se tem poder. Um poder que tudo tem para se fazer respeitar e, nunca, se fazer intimidar. Realmente, cada vez que se tem a manifestação do poder, importa indagar se ele agrada ao Não-ser que nos é imanente. Pois só Lhe poderá agradar o exercício daquele poder que nos mantenha sintonizados com ele. Por isso, cada manifestação de poder deve ser objeto de nosso questionamento quanto à real verificação dessa bendita sintonia.

De que vale poder pelo simples fato de poder? Ele satisfaz apenas no plano da existência. Na verdade, importa é o poder que nos transporte à comunhão do “Três-em-Um”, porque assim nos deixa à vontade, sem a sensação de vazios que normalmente atingem aos “desassistidos” do Não-ser. Este, em sua harmonia, é indiferente ao que se passa no plano em que somos, mesmo que sua potestade Lhe seja inerente. Não intervém, pois, em assuntos humanos ou de outra ordem. Nós é que intervimos em sua majestade. E somente sua misericórdia é que pode explicar por que há os que se deixam “desassistir” de sua infinita bondade. Para estes - os filhos pródigos da vida - sempre existe a porta aberta que leva à possibilidade de retorno à casa paterna.

Seja, pois, a “conquista” do poder a suave consecução de propósitos edificantes que alimentam e fazem delicioso o sossego de quantos anelam um viver que Lhe signifique verdadeira satisfação espiritual... Isso se dará, por exemplo, quando, ao indagarmos a nós próprios, certificamo-nos de que o poder exercido não machucou maldosa e deliberadamente alguém, cuidando, porém, em excetuar, é claro, as hipóteses de quem machucado possa se sentir, face ao exercício legítimo de poder por nós exercido em nosso mister particular, no dia-a-dia, na exata conformidade de sua justa causa. É

justamente daquele tipo de certificado que sempre devemos com ele contar como garantia da retidão de nossos atos que resultem na projeção do poder cujo exercício esteja ao nosso alcance.

Capítulo IV

Conheço, mas que conhecimento realmente deve me interessar? Não sou e sou, ao mesmo tempo. Enquanto sendo, ou seja, existindo, disso me apercebo naturalmente por meio de conhecidíssimas vias. Conheço, porque vejo; conheço, porque cheiro; conheço, porque gosto; conheço, porque ouço; conheço, porque sinto o frio, o calor, a água, o fogo, o vento, a chuva etc. Conheço, mesmo no plano da imaginação e do que retém a minha memória. Tudo isso me é factível, porque, em mim, há sentidos predispostos exatamente para isso. Não há ser vivente que não os tenha. Uns mais apurados que outros, mas os têm. O homem, dentre todos os elementos da criação, é, todavia, aquele ser de sentidos mais completos. É que, além de sentir, sabe que sente. E aí, pois, reside a grande diferença.

Tudo quanto nos rodeia nos vem, naturalmente, ao conhecimento. Mas, há um conhecimento derivado, exatamente, do fato de termos saber. É neste ponto onde entra a possibilidade de escolha do conhecimento. Aprimorar-se em conhecimentos que, para a realidade que somos, funcionem como elementos de equilíbrio e harmonia entre o ser e o Não-ser - eis a verdadeira chave do segredo.

Ao tempo em que o homem se tornou sapiens, nasceu a centelha do conhecer que está para além do limite do conhecer natural, canalizado pelos cinco sentidos, além da imaginação e da memória. Em uma era muito recuada, perdida no tempo, sua consciência, alimentada por um saber tão incipiente quanto insipiente, o fez voltado para a realidade que o cercava, encontrando até mesmo nas manifestações da natureza o poder divinal. Esse processo, lento e gradual, lhe embutiu uma capacidade atrativa pelas ilusões; das mais simples àquelas que o tornavam ingenuamente tão poderoso quanto o Não-ser - seu grande desconhecido de então. O saber foi ganhando sentido de uma garantia, de uma verdade poderosa que o poderia socorrer em todas as questões, mormente as que explicassem sua razão-de-ser, o porque de sua estada neste planeta e o destino que o espera. Acercou-se de deuses e mais deuses. Para cada compartimento de empecilhos de sua vida, elegia uma divindade, uma coisa concreta, com representação própria - ídolos em torno dos quais muitas

adorações se faziam. Um avanço considerável há de ser reconhecido: justamente quando alcançou a necessidade da crença em um só Deus - o monoteísmo.

Mas o conhecimento maior, verdadeiro é aquele totalmente despojado de ilusão. Havemos de nos desiludir, para alcançar, realmente, a sintonia do Não-ser que não existe em cada um de nós. Quando, desiludidos, enfrentamos a realidade celestial - realidade que os desavisados a consideram inocentemente nua e crua – se pode dizer que a verdadeira sintonia entre o finito e o Infinito acontece. Nesse passo, se dá o inevitável: o bom, o salutar, o agradável, o delicioso, o maravilhoso, ganham forma, mesmo que despojados de condição primordial, pois não passam de mero, porém bendito acréscimo. O principal - as primícias - é, realmente, o sentido do ser em que reside o Não-ser, ambos em amplexo eterno, pois não mais está dependendo do fator tempo. Torna-se presente sempre, no hoje, no ontem, no amanhã, no alfa e no ômega, tal como ocorre com o Filho do Carpinteiro, nosso verdadeiro irmão, condutor da boa nova que nos trouxe a Revelação em sua inteireza. Conhecer assim, passando, necessariamente, pelo sentido harmonizador “daquele-que-não-é” com “aquele-que-é” e em cujo corpo habita aquele, torna cada ser que vive tal experiência tão eterno quanto o próprio Filho de Maria que, ainda hoje, apesar de tanto tempo passado, não morreu, mas vive; vive em realidade espiritual, significando que, para o mundo, apesar de não se ter, hoje, sua conformação física na forma como teluricamente se manifestou aos seus contemporâneos, os acréscimos de que foi alvo o fazem para todo o sempre.

Sem dúvida, seja o nosso conhecer cada vez mais profundo, pois não é à-toa que nos deleita a boa música, não é perdido o gosto pela boa leitura, não são desperdícios as viagens de lazer e os encontros culturais. Tudo isso é maravilhoso. Mas não se traduz em conhecimento salutar, necessário e suficiente, por si só, à consecução da harmonia, da sintonia do ser com o Não-ser. Tal sintonia há de ser buscada longe do conhecimento natural. Não são as vias normais dos nossos sentidos que vão possibilitar esse bendito conhecimento que nos faz unos com o Criador. Inevitavelmente, é preciso, cada vez mais, o mergulho mais profundo de nossa interioridade, ali aonde não chegam os sentidos da visão, da audição, do paladar, do olfato, do tato, como também a imaginação e a memória. Ao que naturalmente eles nos podem conduzir, isso não nos é novidade, pois com a simplória manifestação de saber o homem da caverna já o detinha. Importante,

pois, é que, no mais profundo de nosso ser, qual escada cujos degraus se voltem para dentro de nós (diferente, muito diferente da escada de Jacó, de que nos fala o Gênesis) possamos ganhar intimidade com o Não-ser que não existe em nós e, assim, poder acontecer a bendita sintonia que nos faça tão eternos quanto ele.

Capítulo V

Não ser é, com certeza, condição “*sine qua non*” para que a Revelação aconteça no ser. Jesus de Nazaré, homem, em sua telúrica conformação, foi (verbo ir) profundamente em seu interior e alcançou a plenitude da Revelação. Esgotou-a. O Não-ser se deu a conhecer a ele totalmente, integralmente; tornou-o o somos um de que fala a evangélica passagem de João, a qual, para nós, no sentido que imprimimos às Escrituras, melhor se traduziria como Não-somos. E a deixou, portanto, como caminho para cada um de nós. Sem mais sacrifícios. Sem mais holocausto. De graça!

Importante é considerarmos que o Não-ser, aquele que tudo pode, que tudo quer, que tudo conhece - tudo isso sem ser - representa o que há de harmonioso, sem máculas e sem defeitos. Não sendo, se posta em sua conformação misteriosa, irradiando sua poderosa e benfazeja força em tudo quanto há no imanente, que é ele próprio, e no transcendente - sua essência por excelência. Todo esse composto de não ser jaz e, ao mesmo tempo, se dinamiza perpetuamente. Assim sendo, se pode dizer que não há uma vontade, um dirigismo, um sentido voltado e de forma determinada para que algum ser, no caso o homem - o único inteligente que nós conhecemos - possa ser alvo de sua especial atenção e mercê. Dá-se exatamente o contrário. O homem é que, viajando para o seu interior, tem a possibilidade de se tornar íntimo do ser harmonioso, intimidade essa que, quanto mais entrelaçada, permite o abraço entre o finito e o infinito. Portanto, não se há falar em intervenção divina, como se o Não-ser quisesse o acontecimento de tal forma e de tal maneira, destinado a um ser chamado homem. O Não-ser é não-intervencionista. Nós, o homem, é que, acordando do sono produzido pelas ilusões, penetramos o fundo mais profundo de nosso ser e, uma vez isso acontecendo, passamos a não ser tanto quanto não é a harmoniosa e diáfana compleição do Não-ser. Nesse estágio, nos afloram as desilusões e, com elas, se processa o desapego àquilo que representa o nosso ser, nossa conformação material, cuja importância mesmo assim continua, porquanto, afinal de

contas, é morada, é habitação do Não-ser. Aliás, quando, com as desilusões, nos tornamos íntimos do Não-ser, se dá o viver longe das tribulações, em face da imanência jubilosa, representando isso, justamente, o viver agradabilíssimo ao Não-ser que não é poderosa e misteriosamente em cada um de nós. É isso o Reino dos Céus e sua justiça. E quando tal delícia se opera, o algo mais que representa o sucesso, a alegria, a maravilha, o contentamento, a felicidade, a saúde, a riqueza, acontece. Significa tudo isso o acréscimo de que nos fala o Evangelho. É claro que tudo isso que de bom nos acontece como seres respeitadores do Não-ser há de ser visto com bons olhos, já que se faz necessário à manutenção da parte que é suporte desse próprio Não-ser. Deve-se tratá-lo com zelo. Não, porém, um zelo permeado de preocupações - o que é deveras pernicioso. Tudo isso deve ser possuído de forma tal que não nos possua, ou seja, na forma de possuidores não possuídos. O fundamental repousa e se dinamiza aquém e além disso, sem que, entretanto, possamos prescindir do que fundamental não é, em razão de nossa forma de ser - representação material, repositório da imanência do Criador de todas as coisas que são.

Capítulo VI

Ante a condição imprescindível e também da condição inevitável de nosso ser, enquanto conformação antropogênica, se vive na dependência dos recursos da mesma natureza que o constitui. O homem primitivo a satisfazia como um atendimento a compulsões naturais. A fome e a sede, em seu processo contínuo, o tiravam da sensação de bem estar que normalmente se segue à ingestão alimentar, fazendo-o retornar à procura de novo alimento. Para sair dessa situação precária, sua capacidade foi acrescentando à natureza o que esta não lhe ofertava. Tudo, pois, quanto teve de lhe acrescentar se chama, cientificamente, cultura, segundo ensinam os sociólogos. Assim, se pode dizer que é manifestação cultural tanto o machado de sílex do homem primitivo, como o mais avançado computador e seus programas.

Assiste-se, no mundo hodierno, ao surgimento dos mais eficientes meios que proporcionam ao homem um viver cada vez mais confortável. Isso tudo ultrapassa a zona das necessidades puramente básicas e adentra aspectos da espiritualidade, tentando satisfazê-lo nesta parte em que ele busca explicações quanto à razão mesma do seu

existir - o que é, de onde vem e para onde vai. Caso, porém, lhe fosse possível extrair o somatório cultural acumulado no curso das idades históricas, nada mais lhe restaria, senão o estágio original, no qual prevaleceu, como já se afirmou, a satisfação movida por compulsões biológicas.

Mas a verdade é que a forma como foi criado lhe deixou a capacidade evolutiva. Então, cada vez mais, se processa sua busca em se aparelhar de condições úteis e agradáveis, para uma vida voltada ao paradisíaco.

Em termos de espiritualidade, essa evolução também ocorre. Começou adorando rios, florestas e todas as forças da natureza. Depois, passou a adorar ídolos, até que chegou a um estágio bem desenvolvido: o monoteísmo - a crença num só Deus. Hoje, quando já instalado o 3º milênio, com o surgimento da era de Aquários, sua evolução está próxima do clímax.

Um homem, se antecipando à evolução em seu grau maior, pregou, há mais de dois mil anos, acerca desse estágio maior. Jesus de Nazaré, em plena era de Peixes, trouxe a boa nova que agora no limiar da nova era estará, certamente, mais perceptível a um número bem maior de seres humanos, pois, até então, só uma classe privilegiada a conheceu na sua real profundidade. Suas lições mostram que, mediante a fé, importa, primeiro, o Reino que ele pregou. O acréscimo representativo de tudo quanto é bom e melhor e eficiente e gostoso e maravilhoso se segue, inevitavelmente. Para chegar a tal estágio, ele não se negou como ser. Alimentou-se; cuidou de si, sempre. Jamais foi adepto de mortificações. É verdade que jejuou, o fazendo em evidente demonstração de que não sucumbia às tentações. E assim alcançou o outro lado da dimensão. Mostrou-nos sua portentosa força interior. Fez a passagem - sua Páscoa - tendo como porta de entrada quarenta dias de jejum, sempre vitorioso ante as muitas tentações; passagem que, para nós, demora um ciclo vital, ao fim do qual pode vir a ocorrer satisfatoriamente, ou não, enquanto para ele é certo dizê-la meteórica! Por outro lado, cuidou de seus irmãos. Ressaltou, em certa ocasião: “não vim para ser servido, mas para servir”. Foi médico, engenheiro, enfermeiro, conselheiro, advogado, tudo isso praticando mediante uma luz que irradiava de sua harmoniosa sintonia com o Não-ser. Foi, portanto, tão telúrico quanto qualquer um de nós e, nessa condição, sujeito às mesmas leis naturais a que estamos subordinados; tanto que teve morte natural, idêntica àquela que todos nós, que vivos estamos, teremos um dia, inevitavelmente. Mas, na verdade, antes dessa morte

natural, pregado em uma cruz, ele havia morrido para o ser que era e, se voltando para o seu interior mais recôndito, se deu conta do Não-ser que não é no que fora ele. Descobriu, por conseguinte, que, em assim sendo, ele, naquele plano bendito, jamais poderia ser, pois o ser se submete ao ontem, ao hoje e ao amanhã. A chave, pois, foi encontrada: importante é se considerar não sendo tanto quanto aquele que soberana e eternamente não é. Para chegar a esse estágio teve que vencer tentações, teve que atravessar desertos interiores de provações as mais terríveis, sempre, porém, convicto de que o importante era se manter unido àquele que não é e que mesmo não sendo se apresenta majestoso eternamente. Nesse estágio, pois, se evidencia a bifurcação de uma dúplici realidade: de um lado, o Jesus de Nazaré, o telúrico, o homem; de outro, o Cristo, o ungido, aquele que construiu a verdade suprema, pois tanto Criador quanto a força poderosa e misteriosa. Este não negou aquele, nem aquele a este.

Cristo sempre não foi. Disse, a propósito, Jesus de Nazaré, certa vez, que “antes que Abraão fosse eu sou” (João, cap. 8, v. 58), afirmação essa que, em nossa forma de entender, significa não ser. E, não sendo, se viu realizado em seu lado puramente divinal, em comunhão perfeita com o Não-ser. Mas em sua majestade “cristológica” não menosprezou o suporte no qual se fazia instrumento de transmissão. Viu nele, enquanto telúrico, enquanto Jesus de carne e osso, a figura do ser incompleto, do necessitado, do ferido, do traído, do fraco, do idólatra, do ladrão, do pessimista, do egoísta, do falso, do insensato e de tantas outras comprometedoras condições humanas. E viu também que, da sua harmônica boda com o majestoso Não-ser, derivava, inevitavelmente, a cura e os reparos para todas as dificuldades do viver terrenal.

Capítulo VII

Quaisquer que sejam as constatações de nossos sentidos, sempre se situam em níveis que podem variar para o mais apurado e o mais refinado ponto até o retorno ao mais tosco, ao mais desprezível. Olha-se, ouve-se, cheira-se, degusta-se, toca-se, imagina-se, memoriza-se. Nisso tudo, funciona o mundo que nos rodeia com uma capacidade tal que, para além do materializado, conduz tais sentidos a um envolvimento notório pelo que há de efêmero. Nesse terreno, os sentidos se prendem às ilusões, fixam-se nelas, mas sempre têm como sair e voltar à condição mais primitiva e precária do seu apurado poder

receptivo. O tempo, então, lhe é veneno mortífero. Quando, todavia, se dá o afastamento desses sentidos, pela via intuitiva, e se penetra o ignoto, escuro e insondável inconsciente, onde não é o Não-ser, se faz o ser inteiramente desnudo de ilusões. A tônica passa a ser a desilusão; desilusão, principalmente, quanto à enganosa realidade do mundo que somos. Só em tais condições é que, realmente, se pode operar o bendito amplexo entre o finito e o Infinito. É quando o consciente encontra dominação do inconsciente, tornando, destarte, definitiva a Revelação, ponto de onde não se pode mais sair em definitivo, sendo permitido, apenas, em face do livre-arbítrio, o avançar e o recuar, mas sem mudar de “terreno”.

Abrir a nossa terceira visão para nos pôr em sintonia com o inconsciente onde não é o Não-ser significa a total capacidade da desilusão, porquanto nada mais abala, nada mais comove, nada mais leva às lágrimas, nada mais preocupa, nada mais sufoca, nada mais complica. Vive-se a sensação de que se é o *Dominus*. E, a partir dessa condição, a fortaleza de espírito conduz, mesmo no tempo da imanência, a um viver sem tribulação, com muita calma, com muita paz. O homem, mesmo lobo, fica, em tal estágio, realmente dominado; dominado de forma tal que não vai passar fome e sede; fome e sede sejam elas de que espécie for, pouco importa. É que do cordeiro, pela graça, lhe assimilou a possibilidade de um viver com vida regrada, de modo agradável à força poderosa e misteriosa e, ao mesmo tempo, em simbólica coleira, o mantém sob controle, para que haja paz entre ambos. Cada vez, então, que ele se revolta, enfraquece a coleira e põe em risco a harmonia entre eles. Voltar, então, não mais lhe é possível. Conheceu a Revelação total e não pode mais ignorá-la. De forma que dele se exige mais, parecendo-nos que a própria misericórdia do Não-ser, nesse caso, faz a devida distinção, para poder ser justa, pois não há de ser a mesma que se reserva àqueles que ainda não ultrapassaram os sentidos ilusórios.

Capítulo VIII

Imaginemos não o Cristo, mas o telúrico Nazareno, com o possível retorno àquilo que ele fora, assistindo ao que tanto se fez nesses mais de dois mil anos de seu surgimento no mundo. Tristezas amargas invadiriam certamente o seu ser, sem, contudo, se curvar às conseqüências desse desgosto, porque sua sintonia o torna infenso a qualquer sensação de desagrado. Sua visão da institucionalização do

seu ministério público - que durou três anos - plasmado em arquétipo que lhe centraliza a figura, desagradá-lo-ia, sem nenhuma dúvida. O mais correto seria a centralização de cada homem e de cada mulher no ensinamento por ele ministrado. Isso sim seria (e é) a verdadeira pregação que o agradaria. Pois bem ao contrário disso, o que ele em seu imaginário retorno assistiria seria, por exemplo, o desenfreado movimento de Cruzadas, as quais - não se pode negar - têm lá o seu valor histórico, no sentido de combater as crenças antagônicas a seu primado. Fora disso, ele, certamente, não comungaria com o afã que animava a quantos que, se julgando imbuídos de uma fé, faziam crer que o elemento central e principal que deveria ser defendido era a reconquista daquilo que chamavam de Terra Santa (ainda hoje se chama assim!) - o lugar onde o telúrico Jesus de Nazaré vivera, pregara e morrera. Fazia-se, pois, a busca de uma Jerusalém passível dos caprichos do tempo. Uma Jerusalém que era hoje e não mais amanhã, em sua essência e realidade. Uma Jerusalém terrenal. Enquanto isso, a verdadeira Jerusalém celestial - aquela que deve ser primordialmente conquista individual - tinha ficado para trás, no sentido de uma socialização, pois apenas uns poucos privilegiados (os monges) se encarregaram de guardá-la, enclausurá-la. Certo é que ele os absolveria, porquanto o que os movia não poderia ser outro sentido senão o da preservação dessa Jerusalém. Mas - ledro engano - esse é o tipo de preservação que não funciona, porque ela atravessou idades históricas e somente pôde verdadeiramente alcançar aqueles que, pela via individual, lograram alcançá-la. Daí que, ainda hoje, apesar do avanço do Nazareno, pregando Aquários em recuada margem de tempo da era de Peixes, os cruzados têm sido poucos. Quando se diz cruzados, se quer dizer aqueles que verdadeiramente olvidam os sentidos e mergulham o mundo interior, em verdadeira cruzada de travessia de desertos das maiores e das mais terríveis dificuldades, para, finalmente, vencidas todas as tentações, verem conquistada a Jerusalém celestial.

Seja, pois, cada um de nós esse verdadeiro cruzado, para que o seu somatório, em conjunto abrangente e unísono, resulte na socialização perfeita, decorrente de um reino que não é deste mundo. O Nazareno - que foi - fez sua cruzada especialíssima, coroada com o abraço entre o finito e o Infinito, nisto se constituindo sua “cristológica” manifestação, a qual é o mais importante de tudo e que o revela como o “uno-irreal-em-alegórica-trindade”, enquanto o telúrico Jesus - que também “vive” - não retorna, senão nas suas obras

que nos servem de exemplo neste mundo manifestado de nossas ações, sensações e sentidos.

Capítulo IX

Toda vez que se descobre algo precioso, ressai a necessidade de compartilhar o achado com alguém. Imagine-se, então, a situação de Jesus de Nazaré, naquele tempo de sua humana realidade social, moral e religiosa. Teve o “grande achado” em suas “mãos”. Trazê-lo consigo, sem compartilhá-lo, não era, sobretudo, da índole daquilo que propriamente enfim se achou. Na verdade, em Peixes, se dera a grande descoberta, cuja verdadeira ampliação em nível social somente seria concretizável em era subsequente, de incomensurável abertura - a de Aquários.

Deu-se, então, a pregação, dentro do que se costumou chamar de Ministério Público de Jesus de Nazaré. E, para tanto, se utilizou das “armas” que estavam ao seu alcance. Buscou, efetivamente, jogar sua luz bem longe do mundo institucionalizado, alimentando o espírito de quantos lhe pareceu capazes de recepcionar a boa nova. Não buscou conquistar doutores. Começou em lugares distantes dos centros mais importantes e perigosos à doutrina que precisava ministrar.

Estava, já, ressurrecto. Era o Cristo que nele operava. Não tinha mais como morrer, senão em sua realidade corpórea. Entregara-se em mais profunda viagem interior para se abraçar em majestosa sinfonia com o poderoso e eterno e único Não-ser. Podia falar com a autoridade de filho; filho amado no qual o Não-ser se comprazia. Daí as manifestações no mundo sensório que nos ficaram como testemunho de sua pujança e que tanto influenciaram, no curso da História, para abrandar a barbárie do grande lapso de tempo que ainda restava da era na qual obtivera a divinal Revelação. Curas de cegos e de tantos outros deficientes físicos. Lições, belas lições como a da Samaritana, do Bom Samaritano, do Filho Pródigo. Foi médico, enfermeiro, engenheiro. Sim, não há exagero em dizer de sua engenhosa capacidade, pois suas eternas palavras comparando edificações sobre a rocha e sobre a areia, embora tomadas em sentido figurado, incutem a sensatez necessária e suficiente a quantos se lançam nessa tarefa.

Dera-se, pois, a sua morte para nascer de novo, como ele tão bem ensinou a Nicodemos, o doutor da Lei (João, cap. 3). Em todo o tempo de seu público ministério, era o homem novo. A porta de

entrada para essa bendita condição foi a alegórica nesga de tempo de quarenta dias no deserto, vencendo tentações as mais terríveis: da fome, da sede, das insistentes estocadas de seu ego, desanimando-o a prosseguir a viagem, a longa viagem ao seu mundo interior. O somos um o fez autoridade divina, o tornou o próprio Não-ser expansivo, todo poderoso, onipresente, onisciente, habitado em seu ser humano-divinizado. Toda a pujança de sua inabalável convicção foi brilhante, altiva, sem o menor sinal de dúvida. Pode-se afirmar a solidez de sua determinação, de sua entrega total, naquele episódio do Sinédrio, onde todos os doutores da Lei buscavam motivos para acusá-lo e condená-lo à morte física. Justamente ali, quando se perguntou acerca do que mais lhe complicaria a situação, ou seja, se ele era filho do Não-Ser, não titubeou e disse: eu o sou, expressão essa que, para melhor entendimento, há de ser dita: eu também não sou tanto quanto ele não é. Nicodemos, que estava ali procurando um meio de salvá-lo, viu que, ante aquela afirmação, nada mais lhe era possível fazer. Ficou constringido.

Direcionando aos mais humildes sua boa nova - a quem buscou nas estradas, nos caminhos, longe dos palácios - enfim conseguiu que a semente germinasse e ficasse viva até os dias de hoje e para sempre - disso não se há de ter dúvida nenhuma. Enquanto isso, os de sua época que representavam o mundo institucionalizado, o mataram. É possível que, dentre algum daqueles doutores, houvesse algum que, em sua sagacidade, tivesse alcançado a estupidez que foi aquela morte, em face de não se fazer necessária, porquanto, muito antes de sua consumação, aquela verdadeiramente importante já havia acontecido, no exato momento em que se fizera homem novo, morrendo para este mundo e vivendo para a vida eterna, “abraçado” à infinita complacência do Não-Ser, confundindo-se com ele em sua misteriosa essência.

Capítulo X

O triste espetáculo protagonizado pelos responsáveis do mundo institucionalizado da época culminou com Jesus de Nazaré sendo levado ao calvário. Ali o homem sofreu impiedosamente, como se não bastassem os açoites de que já havia sido vítima. É que já exausto da pesada cruz que teve de levar sobre os ombros, o deitaram sobre aquele madeiro, prendendo-lhe, por cravos, as mãos e os pés: um quadro verdadeiramente triste; sofrimento pungente.

Os discípulos de Jesus de Nazaré haviam recebido ensinamentos belíssimos, enternecedores, divinos e viam, então, o seu Mestre exposto àquela execração. Eram, verdadeiramente, depositários de tesouro tão poderoso que, embora fossem pessoas simples, se sentiam naturalmente ajudadas e animadas pela fortaleza espiritual inserida na herança na qual passou a se constituir aquele tesouro. Mas não foram capazes de institucionalizar, precisamente, o que era fundamental. Ao invés de priorizarem a viagem interior que fizera Jesus de Nazaré morrer para o mundo e nascer de novo - nisso se constituindo sua verdadeira paixão, morte e ressurreição - tomaram, todavia, as ações dos homens responsáveis por aquele mundo institucionalizado e, delas, fizeram o arquétipo da nova forma de ligação entre o céu e a terra. Tomaram como símbolo a cruz. Ora, justamente nela morrera quem morto se encontrava fazia já três anos.

Só, então, à guisa de pequeno exemplo, veja-se a que ponto, segundo a História, a cruz foi transformada em fundamento: certa mulher, para encorajar seu filho na defesa do Cristianismo, referindo-se ao mencionado símbolo, disse ter visto em sonho: “*in hoc signo vinces*”, que significa por este sinal vencerás. Realmente, era a definitiva demonstração de que a essência religiosa corria em direção do mundo manifestado, pois o signo a que se reporta a aludida expressão é a cruz, onde, exatamente, se expressara e se plasmara o conjunto de medidas tomadas pelo mundo institucionalizado de então. Esse sinal pôs em expressão diminuta, esquecida a alegórica, porém, “verdadeira cruz”, que foi a entrega total do telúrico no bendito encontro com o Não-ser.

Compreende-se por que assim tenha sido feito. É que, em verdade, na era durante a qual a Revelação atingiu o seu clímax, por meio de Jesus de Nazaré, o mundo não estava deveras preparado para receber tamanho impacto. E foi assim que, se invertendo as posições, foi eleita a morte na cruz como o acontecimento chamativo do arquétipo que passaria a valer. Na sua construção foram decisivas as primeiras reuniões apostólicas, primeiro permitindo um novo modelo fechado para, pouco tempo seguinte, se abrir em fronteiras além-Judeia, justamente através das ações do homem responsável indiscutivelmente pela internacionalização do Cristianismo: Paulo de Tarso. Disso tudo nos dá conta o livro bíblico denominado Atos dos Apóstolos.

Vive-se, agora, a iminência da nova era. É claro que não será do dia para a noite que se assistirá à real revolução social que

acontecerá com a Páscoa de Jesus de Nazaré deixando ele de ser centro para se centralizar, efetivamente, em todos e em cada um dos homens e mulheres de boa vontade, a se voltarem e a se entregarem ao mesmo caminho percorrido por ele. É indiscutível que, se no curso do restante da era de Peixes, sua meteórica Páscoa (quarenta alegóricos dias) somente foi quase reprisada por quantos se fizeram santos, a exemplo de Francisco de Assis, certamente, em Aquários, reverterá sua institucionalização, deixando de lado a cruz de sua paixão e morte dramatizadas pelos de sua época, para, enfim, se centrar no homem e na mulher, propriamente. Estes deverão viajar profundamente, em seu interior, tanto quanto assim ele o fez, sem, contudo, agora, estarem tomados, impregnados de sua própria figura como meio à obtenção do fim. O meio deve passar a ser a disposição de cada um em buscar o caminho; caminho que não foi e nunca será exclusivo ao telúrico Nazareno. Todo o homem com perfeito discernimento tem em si essa possibilidade. A diferença - honestamente há de ser dita - é com relação ao tempo de duração da passagem - Páscoa - já que, se, com relação a Jesus de Nazaré, ela foi breve, meteórica, para nós outros, seus irmãos, necessário é o ciclo vital por inteiro para estarem submetidos a provações sempre presentes dos desertos de suas interioridades. É claro que esse novo arquétipo - o próprio homem e a própria mulher da nova era - embora prescindida do símbolo do Grande Viajor, não o deverá desprezar de todo, continuando ele a ser referencial sem, porém, o cunho de centralidade, posto que esta, agora, passou a se institucionalizar em cada homem e em cada mulher aquarianos. Esse, pois, é o bendito e bem-vindo mundo do neo-Cristianismo, cuja institucionalização se dará, em definitivo, ainda no início da nova era.

Capítulo XI

Aos doze anos de idade, ele já demonstrava, de forma passageira, que sua condição era especialíssima, a fim de comportar uma Páscoa meteórica. Indo à cidade maior, para a festa religiosa anual mais importante, juntamente com seus pais, destes, momentaneamente, se distanciou. E quando já se encontravam em viagem de retorno, deram pela falta dele. Ao voltarem e o procurarem na cidade, o viram no Templo em discussão com os doutores sobre assuntos religiosos. Passaram-lhe recriminação. Como suas condições de adolescente o faziam dependente dos genitores, não passou da

justificativa quanto a estar ali tratando sobre assuntos do Não-Ser, a quem ele chamava de Pai. Foi isso um ensaio de sua Páscoa. Uma demonstração de como diferentemente encararia a viagem interior. E a sua, que meteórica foi, não comportava um viver distante de questionamentos profundos, desse jaez. Deles se acercou desde muito cedo. Sem falar que houve um grande-período-de-silêncio que seus biógrafos, até o presente, desconhecem o verdadeiro assunto, ao qual se deve ter entregado com tanta determinação e coragem.

Mas, veja-se como até mesmo o autor dessas linhas se encontra influenciado pelo atrativo e piedoso conjunto de fatos e de ações que se institucionalizaram há bastante tempo! É que, ao invés de nos determos, especificamente, no momento único, ímpar, importante, magnífico, fundamental, nos atemos a buscar a “estória de uma vida”, de modo a nos deixarmos tocados pela sua capacidade de ternura e de encantamento. Verdadeiramente, não se há de precisar dessa “estória”, senão de seu meteórico momento, no qual ele morreu para o mundo e para ele ressuscitou como Homem Novo.

É dessa mesma maneira que o homem e a mulher aquarianos haverão de fazer. Cada um caminhando firme, sentindo como se estivesse numa “escada”, cujos “degraus” se voltam para a interioridade, descendo para o ponto mais escondido do inconsciente, sempre e cada vez mais. Os “degraus”, para tal “viagem”, vão sendo encontrados; numa determinada parte, se vê a projeção dos mais próximos e, até mesmo, dos mais distantes, como a perderem de vista; noutra, é possível que essa projeção se veja recuada em tamanho; pode ser até que se resuma a um só “degrau”, e aí é que justamente a “força do fogo interior” haverá de ser bem “poderosa”, para o fim de tornar “visível” mais um outro próximo “degrau” ou, melhor ainda, uma longa seqüência deles, por onde se possa ir percorrendo, até chegar à profundidade maior de nosso mundo interior...

É hora, pois, de apagar de nossa mente, sem o menor sentido de desprezo, a figura do homem crucificado como obra de mãos humanas. Em seu lugar, se deve pôr a obra divinal por excelência, aquela onde o Não-ser e o ser vivem a sintonia da mais completa teofania. O arquétipo construído pelos Apóstolos, centralizando a cruz, a morte e a ressurreição nos moldes da mentalidade externa, há que ceder lugar ao interno, ao recôndito, ao que está fora do alcance dos sentidos, por estar, isso sim, bem guardado no fundo mais profundo do nosso interior. Para tal viagem, não se faz necessário empreender esforço quer físico, quer mental. Esforço, para tal “conquista”, não

existiu nem para ele, mesmo que a viagem que fez, como tinha e podia ser diferente da nossa, se tenha dado de maneira meteórica. Com relação a nós, não. É uma vida, toda uma vida, todo um ciclo vital que temos para isso. É claro que passamos por estágios nesse ciclo de vida. E não se há de pensar que, em seu transcurso, aqueles sem discernimento estejam nessa “obrigação”. Esta só existe para aqueles, cuja vontade e determinação, nesse sentido, venham se instalando na proporção em que desponte neles a capacidade de escolha do “conhecimento-voltado-para-o-bem”, até esbarrar no clímax relativo à própria capacidade de cada um. O “*quantum*” que, involuntariamente, faltar a uma maior amplitude desse clímax não deve ser motivo de desespero. Socorre-nos, ante essa evidente demonstração da pequenez hominal, a grandiosa misericórdia do Não-Ser - disso não se deve ter o menor átomo de dúvida.

Então, que nossa “viagem” seja feita; sem sacrifícios. Estes, em sua “viagem”, nem mesmo foram vivenciados por ele. Ele chamou a si o ônus, mas este se representa verdadeira e unicamente em haver aberto o caminho para o interior, em busca do Não-Ser, encontrando-o, definitivamente. Foi essa a sua “cruz”. Nós, então, havemos de “viajar” tanto quanto ele “viajou”. Mas o devemos fazer, durante toda a nossa existência, que nada mais é do que uma passagem - Páscoa. Felizes os que alcançam o outro lado da dimensão e encontram essa passagem em definitivo. Não se deve fazer esforço algum para tanto. É só seguir o Caminho que já está traçado. Ele fez isso de graça para todos nós. Nosso “trabalho” será, pois, resultado de meditação, para a qual esforço algum deve ser empreendido, sob pena de se botar tudo a perder. Basta mergulhar no mundo interior. Abstrair o mundo sensório e penetrar o escuro mais profundo do nosso inconsciente.

Capítulo XII

Situemo-nos, hipoteticamente, em Aquários, já bem adiantados no tempo dessa era. A História a registrar os templos que em outras épocas se faziam edificar, onde o homem buscava sua comunhão com o Não-ser. Sim, nesse tempo futuro ainda um pouco distante para a vida de hoje, em nível social, a mudança já terá sido definitiva. Por causa dela, se celebram as conquistas individuais, o desejo quanto à investigação interior de um determinado indivíduo estar servindo de exemplo para outros que estão perseguindo o mesmo objetivo, tudo isso com reflexo positivo, inevitavelmente, no meio

social. Grassam, em acentuados índices estatísticos, os cruzados na cruzada do novel arquétipo. Constituem eles, com certeza, um rebanho de pacificadores pacíficos, cujas ações e reações retratam sociedades mais justas. Agem como não-religiosos, sem necessidade de intercessão ou intermediação. São seres em harmonia perene com o Não-ser, trazendo, em conseqüência disso, inevitável e salutar reflexo no campo social.

Longe vão as catedrais. Distante ficaram os cultos e as celebrações. A renovação do sacrifício, como institucionalizaram os seguidores do Nazareno, será coisa do passado, isso sem nenhum sentido de desprezo. Apenas o homem e a mulher aquarianos se aperceberam de nova forma de contato; contato direto. E disso resulta que vivem em harmonia: possuem sem, contudo, se deixarem possuir; querem, mas o fazem pela força do fogo interior; podem, mas de uma forma agradável ao Não-ser que lhes é imanente.

Eis, pois, o Reino dos Céus, propiciador de gozos deliciosos, dos quais não se tem como se enfasiar enquanto se é repositório, enquanto se representa abrigo da imanência do Não-ser, em provisória passagem, até que se opere a eterna convivência na gloriosa transcendência.

Capítulo XIII

É já o tempo do domínio total da desilusão. O homem e a mulher possuídos de sabedoria. Desiludidos. Conscientes e convictos da realidade. Mais propriamente, da realidade que são. Sua compleição, sua verdade física efetivamente vista como uma realidade distinta daquela outra. Sua desilusão, entretanto, não chega ao ponto de desmerecer a importância da realidade onde reside o Não-ser. Têm-na como o suporte no qual, tanto quanto se operou com o Nazareno, se pode processar o casamento feliz e maravilhoso resultante no humano-divinizado. A certeza inabalável é a de que, nesse conjunto harmônico, a importância maior, para o seu ser de homem e para o seu ser de mulher, serão as conquistas maravilhosas e as obras realizadas que os farão eternos, como o é, hoje e sempre, o telúrico Nazareno. Tanto quanto este, se vestem da certeza inabalável de que não são e aquilo que são - suporte da imanência - recebe toda a sorte de acréscimos poderosos que os tornam eternos, até a consumação dos séculos. Sabem da certeza que, enquanto sendo, têm pela frente: a morte física; esta será o ponto, o marco decisivo para “a-desconstituição-da-

constituição” do que se erigiu ao longo do ciclo vital. Passa-lhes longe, então, a ilusão quanto a essa morte; importa-lhes o valor atribuído àquela outra que os fez nascer de novo.

O estágio das desilusões é aquele de onde não mais se pode sair, enquanto presente o discernimento. Não se passa com elas tal como se dá com o estágio inferior das ilusões, nas quais se pode passar uma esponja para apagá-las. Deve-se ficar, ainda que mourejando no mundo das ilusões e sempre com o olho da terceira visão bem vigilante, cuidando da “realidade” mais importante que, para uns desavisados, é tida como nua e crua - coitados! Elas, as desilusões, é que significam o estágio verdadeiro. Representam a Revelação exposta, aberta, mostrada de forma integral, definitivamente revelada, sem nenhum espaço a mais escondido no escuro do inconsciente, esgotada em toda a sua extensão. É como se, considerado o Não-ser o espelho verdadeiro, escondido em nosso inconsciente, fôssemos, no espelho despedaçado de nosso consciente, buscar a junção de cada pedaço desse espelho, para fazê-lo jungido àquele outro, em “abraço” definitivo e devidamente preso a sua total dimensão, da qual não se permite saída, ressalvado, tão-só, o caráter móbil em face do livre-arbítrio de cada um de nós.

Capítulo XIV

Ah, as desilusões já nos fazem deveras iluminados. Bem-aventurados somos! Entrar nesse compartimento que nos “abre” o olho da terceira visão, sem mais qualquer possibilidade de “fechá-lo” definitivamente - eis um verdadeiro “mar de tranquilidade”.

Estremecendo-nos dentro da vastidão de nosso interior mais profundo, vacilamos, aqui e ali, procuramos traspasar a zona limítrofe do consciente e do inconsciente, por onde imaginamos o retorno às ilusões, mas... impossível. Não se pode “cegar” quem “viu” e persiste “vendo” a luz da Revelação. É certo que, embora contemplados com a intimidade do rosto do Não-ser (que antropomórfica expressão!), não nos podia faltar a zona da liberdade agora limitada ao inconsciente. É que, mesmo nesse bendito estágio, continuamos donos de livre-arbítrio, porque o Misericordioso não nos poderia impingir uma acolhida incondicional às desilusões. Por isso, buliçosamente, se pode mexer nos pontos da colagem do espelho do consciente, buscando uma saída para este, no qual se voltaria às ilusões, mas se sente que cada pedaço daquele espelho agora constitui outro tão íntegro quanto

aquele em que se constitui o Não-ser. Ambos estão, agora, justapostos. E, no nosso, podemos viver a liberdade vigiada que nos conduz aos altos e baixos da nossa passagem - Páscoa - durante todo o nosso existir. O “mergulho” mais e mais profundo nos permite “enxergar” nele, desinteressadamente, o verdadeiro tesouro em nosso interior. É como se dizer receptivo a tudo do bom e do melhor que certamente já nos é realidade, embora fruto daquele tesouro, cuja apreensão se processou de forma totalmente descompromissada de recompensas... Assim, o livre arbítrio, nesse estágio, se vê espontaneamente eclipsado por algo infinitamente superior a qualquer razão-de-ser que se queira porventura imprimir a ele.

É bom, portanto, que, uma vez desiludidos, façamos por onde mais desiludidos ainda nos tornemos. Sejam-nos, pois, cada vez mais consentidas as desilusões, para encararmos de frente a realidade. Assim, se opera com intensidade cada vez maior o abraço do finito com o Infinito e, então, a festa no Céu se processa em grande estilo. Em face disso, enfrentaremos, sem receios, a morte física, iminente ou ainda distante no tempo; não nos deixaremos enganar por falsas expectativas em torno dela; definitivas serão nossas conclusões sobre a crueza de nossa realidade e da nossa sorte no mundo, conferindo-lhes importância relativa. Importante é que, em meio às desilusões, vivendo em harmonia com o Não-ser, possamos gozar, mesmo assim, da certeza de que o bom e o melhor e o mais apurado e o mais refinado e o mais requintado serão, em que pese estarmos despídos da expectativa de quaisquer recompensas, o “bom bocadinho” que se reservará a nós, inevitavelmente, para um viver tranquilo e feliz, mesmo que a tal morte esteja a nos espreitar. Mesmo com ela e antes de se operar a sentença de sua inevitabilidade, vivemos a gargalhada da satisfação que nos é deixada pela certeza de que já nos encontramos na transcendência gloriosa, sendo possível, pois, ante essa convicção, dizer que houve grande vitória sobre ela.

Capítulo XV

Operou-se, em definitivo, o novel arquétipo. Já não mais a cruz. Já não mais o espetáculo horroroso e asfíxiante. Agora, homem e mulher vivem a busca do Não-ser consoante os mecanismos que são particulares a cada um. São eles mesmos o novo arquétipo; são modelos que, se somando uns aos outros, vão formando o conjunto

social, onde se dispensa a figura de quem dirige, de quem comanda, de quem dá ordem.

A propósito do que se afirmou acima, mais uma vez se entrecruza o registro do velho e do novo testamentos: “... *esta é a aliança que estabelecerei com a casa de Israel depois daqueles dias: imprimirei as minhas leis no seu espírito e as gravarei no seu coração. Eu serei seu Deus, e eles serão meu povo. Ninguém terá mais que ensinar a seu concidadão, ninguém a seu irmão, dizendo “Conhece o Senhor”, porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior*” (Jeremias, 31, 31-43 e Hebreus, 8, 10-12).

Na Igreja desse tempo, institucionalizado não é o Nazareno crucificado. É o próprio homem e a própria mulher. Eles, sim, verdadeiros símbolos, verdadeiros sinais do que ficara como ensinamento verdadeiro. Todos e cada um sendo viajores conscientes e conscientizados de que o “prêmio” - o “plus” que se há de ter por acréscimo - passa, necessariamente, por cada um deles e se projeta, inevitavelmente, em nível social. São cruzados da nova cruzada; não uma cruzada de imediatos propósitos exteriores. Estes acontecem pela via reflexa, isso sim, porque o novel cruzado, a ele interessa buscar o interior, de onde ressaíra, com certeza, o tesouro que fará melhor o mundo exterior. É quando - pode-se dizer - se operará o júbilo do Cristo. O Homem de Nazaré, obtendo a Revelação em sua viagem interior, não a quis só para si; deixou-a para todos e cada um de nós, seus irmãos. Portanto, enquanto eterno em suas ações e manifestações no mundo exteriorizado em Jesus de Nazaré, o Cristo a ele unido em somos um com o Não-ser faz completado o sentido do que é imanente e do que é transcendente.

Veja-se, pois, que essa “conquista” não se dá na busca, primeiramente, do exterior, mas do interior mais profundo. E assim é que, nesse tempo que, para alguns, já pode ser hoje - como o foi, por exemplo, ao irmão de Assis - a nova Igreja passará a ministrar pelo exemplo que formará o conjunto sadio de uma sociedade realmente cheia de bonança, de prosperidade e de muita paz.

Capítulo XVI

Nenhuma Igreja, nenhuma seita religiosa da atualidade prioriza o homem. Este, para a mesma viagem feita pelo Nazareno, há de contar com a institucionalização de si próprio. É a vez de acreditar no homem; no homem como ser capaz. No homem como único

elemento dotado de força suficiente e necessária ao gozo universal e maravilhoso. Homem igual a Jesus de Nazaré; igual, bem entendido, em termos relativos e, não, em termos absolutos. Este, dono de capacidade portentosa e misteriosa, enquanto aquele dono também de capacidade inegável que, entretanto, há de ser trabalhada durante todo um existir de um discernimento que comporta propensão ao evolutivo, ao progresso.

Prioridade, pois, há de ser dada ao homem, de quem, uma vez contemplado com a Revelação, reflete com luz brilhante no conjunto dos homens que se juntam uns aos outros - já que não vivem sós por serem sociais por excelência. Logo, a engenharia de sua organização social não há de ser algo solto, definido de fora para fora, mas resultado do que vem de dentro, no somatório de todos e de cada um.

Quando, pois, se operar a mudança de arquétipo, elegendo-se a viagem interior em detrimento da via do sofrimento que tão errada e imprópriamente se proclama sagrado, “sorrirá”, com certeza, o Não-ser. Ter-se-á por operado o coroamento da criação: aquele que fora criado - a criatura - de vez por todas se aninhou no íntimo mais íntimo do Não-ser; confundiu-se com sua própria essência. E então o que se proclamará como verdadeiramente sacratíssimo será a viagem interior que o homem, irmão do Nazareno, fará, pois falso é o caráter sagrado que se vem proclamando na via dolorosa, porquanto construída pelo poder institucionalizado que conduziu tristemente o Nazareno à morte terrível em cruz, ladeado por ladrões.

Torne-se realidade o mais breve possível essa nova Igreja do novo tempo: sem templos, sem ritos, sem campanários, sem imagens ou cenários de rios de águas plácidas entre vegetação viçosa e muito verdejante, sem homens e sem mulheres entregues a místicas e terrificantes ilusões, enganados, entregues ao mundo dos seus sentidos enganosos, que não enraizam nem podem enraizar a eterna lição do Divino Mestre. Seja, isso sim, a Igreja repleta de homens e de mulheres entregues à santa viagem de seu somos um em abraço definitivo com o Não-ser que lhes é inerente.

Capítulo XVII

É possível constatar, desde mais recuadas épocas, a presença de instituições sociais diversas que têm o homem como o centro de suas atenções. São verdadeiros meios e instrumentos que se destinam ao fim que é o homem em sua mais completa expressão. A família é a

primeira, considerada a célula *mater* da sociedade. Pode-se, em seguida, falar na instituição escolar. Depois, podemos situar o Estado. E tantas outras. Têm, todas elas, o sentido centralizador nas diversas necessidades do homem. São instrumentos de meio à satisfação dessas necessidades. Já no campo religioso isso não se dá. Não é o homem o centro. Em termos de Cristianismo, então, o que se tem é um arquétipo obtuso, fundado em imagem de dor e de sofrimento, edificado a partir da repulsa que o mundo institucionalizado do tempo do Nazareno efetuou contra o que ele pregara. Ao invés, então, de a religião centralizar o núcleo dessa pregação - a viagem ao interior na busca do Não-ser - fez exatamente o contrário, ou seja, a apologia do que representou a reação do mundo então institucionalizado. Essa reação é que se institucionalizou até os dias atuais, pois no lugar de se priorizar, na instituição religiosa Cristã, o homem, se preferiu o processamento de um desenvolvimento religioso em cima da *via crucis* do Nazareno - etapa de sua terrena existência que jamais lhe passou na cabeça poder eternizá-lo. Essa etapa - sua *via crucis* - é, deveras, algo insignificante, ante a grandeza em que se constituiu o triênio de seu público ministério, mostrando ao homem como devia fazer a viagem maravilhosa em busca do Não-ser, para com ele se confundir na eternidade de sua real expressão.

Capítulo XVIII

Quedem-se os capazes, em postura observante, à porta de qualquer templo religioso do hoje ou mesmo do ontem mais recuado, seja daqui, seja de alhures, para sentir como se processa, de forma errônea, a busca do contato. Em alguns casos, se chega, até mesmo, às raias do absurdo, com gritos estridentes, com retorsões corporais, em demonstrações de esforços vãos, que de nada servem à condução do Verdadeiro; pelo contrário, dele se afasta, diametralmente.

Ah, que tantas demonstrações de insanas posturas para a busca do Não-ser! A Igreja, elemento instituído, fonte enganadora! Como elemento centralizador de um poder, é mantida à força de um arquétipo arcaico, mas tão bem rodeado de zelo e proteção que justificam a própria subsistência institucional. Chega-se até a dizer que os praticantes do culto - disseminadores daquelas “verdades” institucionais - devem viver dele, pois lhes interessa a manutenção dessa postura. Afinal, há a classe dos que tiram proveito direto. E levam vida em flagrante dissonância com o verdadeiro ensinamento. É que, na

forma em que é ministrado, este fica exclusivamente para eles, como se uma privilegiada casta, que deve e precisa se manter.

Ah, como incomoda ver os templos cheios, abarrotados. A direção do ensinamento centrada no calvário cega pessoas inocentes que, coitadas, se deixam, pela sua ignorância, atolar, cada vez mais, no terreno pantanoso das ilusões! Chegam ao ponto de tirarem do pouco que têm para alimentarem um complexo institucionalizado que esmaga a possibilidade de “verem” diretamente a via maravilhosa; esta, em face de uma espessa escama posta em seu “terceiro olho” institucionalmente, fica-lhes em considerável distância. No plano de nossa realidade, são, de um lado, os iludidos, cada vez mais alimentados em suas ilusões, até mesmo a pretexto de controle social; de outro, a casta privilegiada, dentre eles havendo os propriamente desiludidos que, todavia, pregam ilusões, deliberadamente, e os convicta e inabalavelmente iludidos, tão cegos da luz da Revelação quanto os pobres que se fazem assentar nas casas de orações, abarrotando-as quase todos os dias.

Tranquem-se, por isso mesmo, as portas dos templos. Abra-se o “olho” mais importante dos homens e das mulheres, para que se conscientizem de que eles é que são os verdadeiros templos. Nada, em termos de re-ligação, funcionará perfeitamente; tudo, porém, funcionará bem, quando o homem for o centro, como o centro foi o Nazareno, que nos deixou a todos nós a possibilidade de lhe seguir as pegadas; não aquelas pegadas que conduzem ao calvário, mas aquelas que nos podem conduzir ao mundo de nossa interioridade, para o amplexo maravilhoso com o Não-ser, que não é poderoso e misteriosamente em cada um de nós.

Por isso, a antevisão do futuro próximo é possível. A Igreja instituição, na qual, hoje, se evidencia sua confusão em relação à igreja manifestada no mundo sensório, com o complexo de templos, com suas mais belas e requintadas projeções arquitetônicas e as riquíssimas obras de artes que nelas se contêm - tudo isso pertencerá ao passado. A nova Igreja (com “i” maiúsculo), no novo tempo, dispensará a igreja (com “i” minúsculo) dos concretos, das vigas, dos vitrais, das naves, dos altares. Bastam os templos constituídos em cada homem e em cada mulher. Farão, todos eles, em seu harmônico conjunto, a revolução interior que, inevitavelmente, encontrará ressonância no mundo manifestado de seus sentidos e sensações, num viver realmente repleto de maravilhas e de conquistas que os tornam felizes e prósperos. Nela, a preocupação com o re-ligar se espatifou

definitivamente; vale é a sensação de que já se é ligado, verdadeiramente.

Aprenderam os homens e as mulheres que eles são o centro da verdadeira e definitiva feição do Cristianismo, pois eles vivenciam maior intimidade com a doutrina maravilhosa. Sua própria “carne” e seu próprio “sangue” formam, em conjunto, a nova aliança. Esta, cuja consumação o mundo institucionalizado do tempo do Nazareno a situou na cruz do calvário, teve, na verdade, o seu *consumatum est* no momento no qual Jesus de Nazaré traspassou todas as tentações que lhe impingiu o seu ego e pôde, em consequência, “ver”, em definitivo, “a porta aberta” para se aninhar ao aconchegante esplendor do Não-ser.

Sendo assim, Igreja passa a ser, inevitavelmente, o conjunto de todos os homens, sem necessidade de templos para abrigá-los, pois eles se constituem, em si mesmos, nos próprios templos em que “habita” o Não-ser.

Capítulo XIX

Deve-se gabar, sem, contudo, se exaltar ante a consecução do estágio das desilusões. Humildemente, se faça por onde, cada vez mais, elas se espriem na extensão mais larga e mais profunda do inconsciente, a fim de tornar o mundo manifestado de nossas circunstâncias a verdadeira antecipação do reinado celestial.

Ah, como o tempo da existência é fugaz! E, além de sua fugacidade, se é dependente de níveis de discernimento que, via de regra, só atingem o ápice, quando já adiantado o estágio vital evolutivo. Por isso é que, com relativa propriedade, se diz que “a vida começa aos quarenta”.

Com o Nazareno, esse estágio evolutivo de discernimento também se deu. É verdade que tinha uma inclinação, uma propensão manifestada, desde a sua mais recuada adolescência. Recorde-se o episódio do templo, onde discutiu com os doutores, quando contava com apenas doze anos. Há, até mesmo, evangelhos não-canônicos que, justamente por atingirem situações de evidente exagero, por isso mesmo se encontram à margem do mundo religioso institucionalizado. Fala-se, nalgum desses evangelhos, que, quando criança, o Nazareno fazia pássaros de barro, batia, depois, as mãos, fazendo-os voar. Cuida-se, pois, de versão total e indiscutivelmente destituída de verossimilhança.

Com relação a cada um de nós, o discernimento vai surgindo em um crescendo dotado quer para mais, quer para o estacionário, quer para menos, quer para... o fim. Quanto mais se avança na idade cronológica, mais ele se manifesta; manifesta-se, efetivamente, de forma variada. Há os que, ainda jovens, estão nele adiantados; há os que, já idosos, estão emperrados, atolados em ilusões; há os iluminados ainda jovens, que vão perdendo a polidez, voltando a naufragar nas enganadoras ondas das ilusões, à proporção que se adiantam em crono; há os que, em profundo discernimento, choram a impossibilidade de com ele conviver por mais tempo, seja por causa da indesejável chegada da “senhora da foice”, seja porque um mal terrível aparece e vai fazendo definhar o elemento receptivo de sua expressão; e, finalmente, os da classe desse último tipo de discernimento, os quais são conscientes, indubitavelmente, da perniciosa motivação daquele choro!

Pois, sem nenhuma exaltação, mas humildemente, se deve, realmente, usufruir o estágio, sobretudo aquele no qual as desilusões se fazem viçosas, vigorosas, já que não é todo o nosso viver compreendido na sua extensão. Há, mesmo, o período da imaturidade, que é o mundo de infância e de adolescência, e, ainda - para os que logram atingir a longevidade - aquele dos efeitos naturais do definhamento, que o vai levando até o portal inevitável, a partir do qual “a-desconstituição-do-até-então-constituído”, em termos vegetativos, ganha passos largos e irreversíveis. Deve-se, por isso, evitar o desperdício de tempo, aproveitando, em postura humilde, a vida que o viver desiludido faz desabrochar, sendo, ao mesmo tempo, verdadeiro instrumento de valia. Para esse modo de vida, se deve postar como aquele que serve e, não, como aquele que está para ser servido; compreender os que estão ao redor, levando-os a que possam inculcar a melhor forma de também se desiludirem, mediante a viagem interior na busca do Não-ser. Importante, porém, é respeitar a forma de pensar deles, enquanto não alcançarem a convivência com o mundo das desilusões. Fazê-los antecipados ou mesmo adiantados precipitadamente a esse estágio é como “jogar pão aos cães ou atirar pérolas aos porcos”, como fala a lição evangélica. Há de se fazer tudo em obediente observação à diversidade de estágios, conquista que só mesmo cada um, individualmente, pode aquilatar. O que vai além disso é manifestação de pura irresponsabilidade; é correr o risco de fazer a abordagem abruptamente, sendo previsíveis, de tal procedimento, tormentosas turbulências, cujas conseqüências são

deveras avassaladoras. Na verdade, cada vez mais que se não respeita essa conquista individual de diversidade de estágios de discernimento, fica dificultado o intercâmbio das desilusões entre os inconscientes, fenecendo no próprio nascedouro as de quem se comporta de tal maneira; é que não ultrapassam os limites do próprio inconsciente em que se aninham. Quando, porém, os ultrapassa, se vê atingido o conjunto mais expressivo possível, a ponto de transparecer sua feição em indelével resultante social.

Agindo-se, pois, desta forma, se é Igreja nova, porquanto representando o desejo nuclear do Nazareno, qual seja, o de que se deve processar, em cada homem e em cada mulher, a viagem semelhante àquela que ele empreendeu, faz mais de dois mil anos, e por cuja realidade manifestada, perante seus contemporâneos, se eternizou para as por vindouras gerações, até a consumação dos séculos.

Capítulo XX

Imagine-se a maravilha que seria, num futuro próximo, em todos os recantos do planeta Terra, os homens e mulheres, todos eles aptos a viverem, ao mesmo tempo, em alto grau de discernimento, pondo-os em verdadeira sintonia com o Não-Ser; claro, só utopicamente. É que, em verdade, hoje, amanhã e sempre, face sua conformação e desenvolvimento biológicos, o homem está na dependência de estágios de discernimento.

No mundo, então, em que ele passar a ser arquétipo, como o centro, de que forma se deve encarar essa diversidade de estágios? Hoje, em não sendo ele ainda o centro, se conta com várias Instituições, a saber, Família, Escola, Igreja, Estado, que vão moldando, de um a outro estágio de discernimento, os integrantes de cada grupo social e da sociedade como um todo, resultando em formação voltada, primordialmente, para o exterior, para o que está fora deles. Na nova era, quando eles passarem a ser o centro, a formação também deverá atender aos estágios de discernimento, inevitavelmente.

Veja-se, a propósito do assunto em debate, que passagem bíblica repassada de forma tão deturpada, de geração em geração: “Deixai vir a mim as crianças e não as impeçais, porque delas é o reino dos Céus” (Mateus, 19, 14). Chega-se, até mesmo, em quadros de renomados autores, a mostrar sua plasticidade em efetivo encontro

do Nazareno com várias crianças, o que, evidentemente, implica considerável reforço ao significado material da aludida alegoria. Claro que não é esse o seu verdadeiro sentido. Certo é que tal ensinamento afirmativo-imperativo se aplica tanto com referência àqueles que lograram o discernimento necessário à Revelação, em determinado grau, como àqueles que ainda não sabem discernir, porque ainda, espiritualmente falando, “tomam leite”, todos eles associados, compreensivelmente, à respectiva dependência da evolução/involução física. Quanto a estes últimos, a advertência nela contida é para que não se obstaculize a busca ao Nazareno; deve-se fazê-la com o devido respeito ao estágio particular de cada um, em determinada fase de sua vida, sem forçar, sem impor, para que não se caia em compreensões errôneas e perigosas e contraproducentes; quanto àqueles, ela orienta no sentido de que, uma vez acontecida a Revelação, se deve viver o Reino do Céu em circunstância tal que se assimile o nível mental de “criança”, em sua mais simplória inocência. Significa, pois, que, sendo o homem o centro, faça como fez o Nazareno para alcançar a bendita sintonia, o celestial contato com o Não-Ser, devendo agir, para tanto, como verdadeiras “crianças” em criança, outro tanto fazendo os que venham a alcançar a Revelação, comportando-se, quando nela, como em verdadeiro estado de “criança”.

Assim, pois, no novo tempo, o Cristianismo encontrará a forma de transmitir, de uma para outra geração, a força mais poderosa de sua existência no mundo, que é a força interior do próprio homem e da própria mulher. As Instituições como Família, Escola, Estado, ganharão nova feição. Já não mais haverá, entre elas, a Instituição eclesiástica, pois seu sentido desapareceu completamente, em face de não mais haver o que ligar. Assistir-se-á, por isso, à realidade dos futuros infantes, ainda de discernimento fraco, contando com a força animadora da geração adulta, conscienciosa e discernida, servindo-lhes de exemplo verdadeiro, na medida em que, fazendo cada um por si, vão todos deixando que os pequenos possam ir ao Nazareno, ou, melhor dizendo, possam agir consoante o mesmo exemplo que ele nos deixou como parâmetro.

Em meio a essa realidade, nada existe para atrapalhar; o mundo das ilusões, como tem pregado a Instituição religiosa do hoje, já será coisa de distante passado. O ligar tomou o lugar do re-ligar e todos se movem tocados pela tendência da centralidade que os faz cada vez mais perseguidores da sintonia verdadeira com o Não-Ser que lhes é inerente.

Capítulo XXI

Caridade, fraternidade, solidariedade são diferentes uma das outras: não se é verdadeiramente solidário, sem que esteja sendo, ao mesmo tempo, caridoso; também, não se é fraterno, sem, igualmente, ser caridoso. Pode-se exercer a fraternidade e a solidariedade como pedaços desgarrados, mas com ressonância só no social. Isso acontece, quando o resultado das ações fica, qual alma errante, solta, sem serventia àquele viajor da verdadeira viagem que é fundamental, inadiável e insubstituível, pois ela é o caminho, caminho único. E não adianta a mudança da face social, em sua realidade, para torná-la mais humana, sem, ao mesmo tempo, se operar a necessária e imprescindível viagem interior. Sem ela, o resultado será sempre algo artificial, sem raiz, sem muita consistência, passageiro.

Há que se viajar ao mundo interior, pois isso é imprescindível. Somente em seu trajeto é que a caridade pode ser “enxergada”. Sim, pois ela não há de ser confundida com fraternidade, nem com solidariedade. Socorra-nos, a propósito, a lição de Paulo, in 1ª Coríntios, capítulo 13, v. 1: “... se não tiver caridade, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. v.2 Mesmo que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, não sou nada. v. 3 Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, de nada valeria! v.4 A caridade é paciente, a caridade é bondosa. Não tem inveja. v. 5 A caridade não é orgulhosa. Não é arrogante. v. 6 Nem escandalosa. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade v.7 Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. Cap. 14: v. 1 Empenhai-vos em procurar a caridade”.

Veja-se, pois, que é de todo infrutífera a busca da caridade no plano externo. Não se deve confundir com ações do mundo sensório como o estender as mãos, o conceder esmolas etc. A caridade, isso sim, é o “lubrificante” que vai permitindo, de forma bem consentida, o processo com vista à perseguição do objetivo escondido no fundo mais profundo do inconsciente.

Capítulo XXII

Como Igreja nova, se deve estar atento ao estágio de si próprio; não, porém, àquele estágio manifestado, realizável fora do homem, pois o estágio individual há de interessar efetivamente a cada um, transparecendo como resposta inevitável, no mundo social, sem, contudo, nenhuma ressonância institucionalizada transparecer. É que, antes, no tempo das religiões, não se colocava o homem no centro; este, agora, é que passa a sê-lo. Não, porém, um só homem, ou uma dezena, ou toda uma classe privilegiada. A forma adotada, agora, é a de uma efetiva ligação entre a terra e o céu, a partir da importância que é dirigida à centralidade do homem. A partir dessa forma, efetivamente, decorrerão o bom e o melhor para o mundo social, sem cunho nenhum de religiosidade exteriorizada, mas mediante um modo-de-ser-interior único, constante, genérico, salutar com resultante altamente positiva nos diversos campos de atividade humana.

Resumindo a nova boa notícia, em sua puríssima essência, se pode dizer que, com ela, se passa a ter o domínio de uma conscientização coletiva, onde a imagem do sofrimento é inteiramente apagada. Cada homem e cada mulher se preocupam em observar o estágio evolutivo ou mesmo “involutivo” de sua viagem interior, sem patrulhamento de um em relação ao outro. O próximo é olhado como parâmetro para mensurar o plus; jamais para o reparo e a observação como posturas críticas, por menores que sejam. Nessa nova ordem, isso não terá qualquer aplicação, por haver decaído o valor que tão teimosamente se atribuía na ordem anterior; na nova ordem, cada um faz por si. Nela, o quanto se possa “involuir” é e deve ser motivo de preocupação unicamente de quem vivencia interiormente esse atraso, esse descompasso. Por outro lado, a evolução do estágio é algo que representa motivo de alegria e que interessa não só àquele que com ele tenha sido contemplado, mas a todos os que compõem determinada aglomeração social. A involução, aliás, nessa nova ordem, tem tudo para se verificar somente em índices percentuais mínimos, tão ínfimos que, quando manifestada aos circunstantes, não incomodam, porquanto a influência decorrente da evolução de estágios é de forma tão avassaladora que sufoca toda e qualquer rachadura na firme disposição de se prosseguir a viagem, da parte de quem quer que seja.

Resistências haverá; não tanto como aquela ocorrida na Jerusalém terrenal dos tempos do Nazareno. Serão, todavia, sufocadas pela força poderosa da nova ordem; nova ordem sem

institucionalização nem religiosa nem muito menos outra que retrate, em si, a desinteressada “conquista do Reino dos Céus” no somatório das individualidades; nova ordem, isso sim, do mundo manifestado, que resulta, inevitavelmente, as benéficas conseqüências da aludida “conquista”. Foi dito que o Reino dos Céus não é deste mundo. E não é, realmente. Mas, não sendo, opera com força tal, que ecoa seus efeitos no mundo e faz as obras dos seus súditos como sendo meios capazes de torná-los eternos, até a consumação dos séculos.

É a hora da alegria e da felicidade de quem, há milênios, conseguiu empreender a viagem que agora, em aquários, seus irmãos, em geral, se inclinam em poderosa determinação para sua consecução. Fazem da própria forma e da mesma maneira por ele feita. Não o fazem paradigma de uma adoração, mas a senda da qual se fazem como própria senda. São os seus irmãos da nova era, em estágio evolutivo de viagem interior de retilínea e inconfundível resultante manifestação no mundo sensório, pela via reflexa.

É claro, então, que essa viagem, tanto quanto aconteceu com o Nazareno, colocará cada ser humano no aconchego do Não-ser, usufruindo das benesses que as desilusões propiciam e, nisso, os telúricos do novo tempo - pode-se dizer - são mais privilegiados do que o precursor dessa delícia, porquanto passíveis de vivenciar um mundo maravilhoso, sem violências e sem sofrimentos - verdadeiro mar de felicidade que a era do surgimento do Nazareno, porém, não lhe pôde propiciar.

Capítulo XXIII

Ah, que viagem realmente maravilhosa, se usufruindo, em seu transcorrer, das belíssimas “paisagens” da conjunção de esforços entre as ligações terrenais e celestiais! O homem e a mulher, no amplexo com o Não-ser, ficam inteiramente “mergulhados” em estágio imune às ilusões. O véu da ignorância já ficou definitivamente levantado, não tendo mais como retornar à antiga serventia com a qual se fazia importante, ou seja, a de ser tapume aos olhos do mundo das ilusões, guardando-as como se em castelos de fossos intransponíveis, porque profundos e perigosos.

Ligando-se na terra, com a correspondente ligação celestial, esta, por via reflexa, retorna ao que é terrenal, dotando-lhe, realmente, do sentido então empreendido. Tem-se existência terrenal, a qual continua até o dia em que se iniciará “a-desconstituição-do-até-então-

constituído”, em termos vegetativos. Mas a ligação celestial lhe produz efeitos que importam em controle no descontrole que é dela por essência. Mesmo em havendo a bendita ligação, não se poderá afirmar, seguramente, jamais a avareza, jamais a preguiça, jamais a vaidade, jamais a gula, jamais a cólera, jamais a cobiça, jamais a luxúria; estas são e continuarão sendo transgressões, agora não mais religiosas, mas muito mais perversas à comunhão com o Não-ser, pois, em se praticando qualquer delas, é como se estivesse fazendo de modo proposital, “provocando” a força poderosa e misteriosa, justamente por parte de quem já não é poderosamente em seu todo místico, mesmo que ainda preso à imanência. Ainda bem que, quem quer que se desiluda a ponto de se convencer de que não é tanto quanto não é o Não-ser, terá alcançado, realmente, a definitiva Revelação - estágio no qual o véu da ignorância não tem mais como ter vez. E, então, embora sendo realidade terrenal, se ganha o timbre da consciência de quão perniciosos são aqueles elementos viciosos. Uma coisa é viver sem atinar para o significado do que é nocivo; outro é esse viver consciente dessa nocividade. Mergulhar no que não é produz retorno inevitável, por conta do qual se passa a contar com a consciência de que o mal está ali, em potencial, sabendo-se, porém, o que advirá de desagradável, caso venha o mesmo a ser acionado. Afinal, não sendo tanto quanto não é o Não-ser, torna o ser aninhado santamente ao onisciente do seu não-ser interior e isso é pedra angular à determinação de para qual lado se deve pender. Pior é que, mesmo sendo opção pelo lado que desagrada ao Não-ser, sua onisciência o faz preso no mesmo estágio de grandeza da onisciência do Não-ser de que ele tem participação. Então, padece do “sofrimento celestial”, o pior de todos; muito pior do que o sofrimento terrenal. Este vai de um canto a outro, tem mobilidade, se move pelo interesse, pelo desejo de recompensas. Já o “sofrimento celestial” ele é preso à dimensão do Não-ser, com ele se confundindo, sendo impossível o retorno ao mundo ilusório, porquanto jamais será possível cegar quem já viu o todo e definitivamente iluminado, enquanto consciente do estágio de discernimento que lhe permitiu “ver” o Não-ser. Para aqueles, porém, que, voluntariamente, quais verdadeiros desertores, abandonam esse bendito estágio, fica, efetivamente, um tanto roto o manto da misericórdia, em comparação ao daqueles que, cegos, assim viveram por toda a vida, sem nunca terem atingido o estágio das desilusões.

Como é bom, realmente, viver em desiludido estágio de conhecimento!

Capítulo XXIV

Entregar-se total e espontaneamente à cruenta realidade é melhor. Pouco importa a sentença que está à espreita, de maneira inevitável. Embora inabalável essa certeza, se apegar o homem a condições que permitem, pelas leis do mundo, existência sadia e longeva. Sim, porque é bom viver. E quando o viver não reserva surpresa nenhuma, com tudo aberto, tudo claro, sem mentiras, sem meias-palavras, sem linguagem cifrada, tudo encarado na realidade de sua concreção, afastado o sentido alegórico e se tornando prevalente o sentido denotativo que nos expressam as palavras - vestimenta de tudo quanto existe - aí, sim, o homem, no meio de toda essa nova ordem, se capacita a enxergá-la cada vez mais mediante a forma determinada de prolongar suas desilusões. É, realmente, onerosa, penosa, pesarosa essa vertente para ele. Mas, deixa de sê-la, na medida em que repara na necessidade de coroamento de seu ser terrenal com o Não-ser celestial. Do terrenal, tem consciência de sua importância accidental; do celestial, a de importância final, para coroamento do imanente no transcendente. Passa a saber, exatamente, o que está por acontecer. Faz por onde se acabem os eufemismos, já que encara de frente todos os percalços. Se algo tem que ser assim e não tem como ser diferente, então...

A inevitabilidade das coisas do mundo termina firmando sua presença institucionalizadora. Tal se dá com o nascer e o morrer terrenais. Sim, pois ambos se cingem ao próprio marco de seu significado, e nada mais. Há duas portas, como bem sentenciou um grande homem: uma - a de entrada - pelo nascimento; outra - a de saída - pela morte física. A ninguém, lhe cabendo entrar, poderá se furtar à saída. Nem o Nazareno escapou dessa inexorável sentença. Sua importância perante todos nós foi demonstrar que não era a busca do poder temporal, representado, por exemplo, na construção de templos, pirâmides, jardins suspensos, belos palácios etc., que nos podia eternizar. Ficou definitivamente comprovado, através dele - sem contar com construtores, engenheiros, médicos, administradores etc. para realização de uma obra - que suas ações, em intimidade com o Não-ser, quando e como exteriorizadas, explicam, embora passados

dois milênios e mais alguns anos de sua concreção, sua perene e indestrutível existência, isso significando a completa eternidade do seu lado telúrico. Enquanto isso, as ações de homens que os registros históricos mencionam resultaram em obras que estudiosos de ontem, de hoje e de sempre lutam em buscá-los, descobri-los, refazê-los, porque desgastados pela lei de crono. Estes, muito diferente do Nazareno, encararam apenas o mundo das ilusões, o mundo passageiro. Já o Nazareno, não. Em sua argúcia, em sua perspicácia enxergou longe. Viu que é de importância acidental “morrer de trabalhar” na construção de templos, de casas, de tesouros, porque isso se destrói com o passar do tempo.

A viagem ao íntimo mais íntimo da interioridade conduz ao íntimo mais íntimo do Não-ser e, mediante essa graça, se passa, inevitavelmente, às edificações perenes, não em seu sentido material, é verdade, mas no que têm significação espiritual e, portanto, imorredouro. Que dizer, então, de uma comparação de qualquer Faraó egípcio com o Nazareno? As realizações daquele, sem dúvida, ainda se manifestam no mundo sensório, ficando os homens, mediante variada forma de interesses, entregues aos cuidados de sua preservação; mas não deixam jamais de escapar da vocação destrutiva, pelo seu natural e inevitável desaparecimento. Já com relação ao Nazareno, o que ele conseguiu alcançar, em termos espirituais, o faz vivo, aqui, agora e sempre, sem que se olvide, entretanto, a teimosa força institucional tendente a materializá-lo.

Capítulo XXV

A melhor e mais completa e mais poderosa forma de ser - não exatamente como o Nazareno, mas ser em expressão que nos torne parecidos com ele é pensar, pensar, pensar, pensar, pensar nele, sempre nele, o tempo todo, o tempo possível, a cada hora, minuto ou segundo, elegendo e dirigindo esse pensamento, primordialmente, para os momentos mais atribulados. Já que não se pode seguramente antecipar essa lembrança ao que é motivo de tribulação, com certeza esta, sendo seguida imediatamente do pensamento nele, será atingida tão somente por trepidações breves que não terão como atuar nefastamente em nosso ser. O pensamento não há de lembrá-lo, entretanto, pregado num madeiro, o corpo coberto de chagas, coração traspassado, coroa de espinhos a lhe ferir a cabeça, cravos em suas mãos e pés. Deve ser o pensamento da oração e desde que seja oração válida. Oração como

forma de poder próprio, inerente a cada pessoa consciente da importância que tem, procurando, por meio dela, ser o centro, buscando a viagem interior, pensando nele, mas fazendo por onde a aparência com ele não desvaneca o valor individual de cada um. É que se ele teve tanto valor, valor em maior expressão é reservado a cada um dos seus irmãos (João, cap. 14, v. 12). Então, há que se estar com o pensamento ligado em verdadeira e eficaz oração. Tenha-se em mente, contudo, que a oração a que se quer reportar não é aquela em que se pede e se suplica. Isso não seria bem de acordo com o valor da individualidade de cada um. Deve-se fazer de acordo com a certeza da obtenção. Assim ele o fez e disse que qualquer um dos seus irmãos pode fazer por si próprio, sem necessidade de concessão da parte dele. A lei do seu santo ensinamento diz: “Pedi e receberéis”. Logo, ante tal lei, a atitude de quem ora não deve transparecer qualquer conotação de súplica. Ora-se verdadeiramente assumindo-se a mesma condição idêntica à que adotou o Homem de Nazaré. Em pensamento, ordene-se, como se dizendo a si mesmo: é assim que deve ser, é assim que farei. Fazer de modo avesso a esse processo é permanecer fiel ao velho modelo de deslocamento que se tem feito, tão enganadamente, no curso de milênios de Cristianismo. Se o homem é o centro, ele não tem que pedir; também não é o caso de poder ordenar. É, isso sim, se imbuir da consciência do pedido em si. Neste, pela força poderosa do encontro com o Não-ser, já deve estar compreendido o resultado pretendido. Se há um pedido mal, mal se recebe. Quem não pede, não recebe. Quem pede por simplesmente pedir, falta-lhe a determinação do *quantum* a ser pedido e alcançado. Mas, pedir na medida consciente, exata. É, pois, a consciência de que o êxito já está insito no próprio pedido, do tamanho dele, nem para mais, nem para menos, ambos estando em simultaneidade. Nisso, efetivamente, reside a sabedoria advinda de quem se encontra em estágio de desilusões: com noção exata de sua magnificência, de sua importância, de sua centralidade, está convicto de que não é preciso ficar genuflexo, nem abaixar a cabeça. Vivencia a convicção de que se deve pôr, sempre, em postura altiva, dono de querer determinado, à semelhança do querer do nosso irmão de Nazaré. Iludidos, verdadeiramente, são todos aqueles que pedem sem se aterem à medida exata daquilo que está na possibilidade do querer. O Nazareno pediu na certeza da obtenção; essa certeza estava na medida de sua sintonia com o Não-ser. Tudo quanto ele pediu a este lhe foi dado; outro tanto se dará com qualquer de seus irmãos. Basta a convicção de que, em estágio de desilusão,

possa, em discernimento santo, se resignar, à medida que sua sintonia com o Não-ser, em determinado nível, inevitavelmente lhe permite.

Convém, entretanto, firmar o entendimento de que, em que pese toda essa autonomia, não há sentido para o convencimento de que o humano-divinizado possa de todo se realizar, do dia para a noite, meteoricamente, com o homem não sendo tanto quanto não é o Não-ser; também não é assim.

Capítulo XXVI

Dai e dar-se-vos-á incute, à primeira vista, o sentido das mãos estendidas em direção ao próximo. Na verdade, se deve, primeiro, dar em si mesmo, mediante o verdadeiro sentido de uma determinação na busca do Verdadeiro. Só assim é que será dado algo como resposta. Dê-se, pois, cada um em si mesmo, caindo na senda que é si próprio. Ante esse *dar-se* é inevitável a contrapartida do recebimento; recebimento no mesmo diapasão do que fora dado. É dando, realmente, que se recebe, isso, entretanto, significando um receber que não está para além das fronteiras do dar; pelo contrário, nele se insere. São simultâneos e equivalentes, tal como acontece com o *Pedi e recebereis*. Outro tanto acontece com o *Buscai e achareis*: este cuida da busca na qual não se desconsidera a Verdadeira Lei. Nessa busca já está impregnado o achado, na exata proporção daquela.

O homem, atingindo estágio avançado de desilusões, se põe em sintonia com a lei do Nazareno; lei amorosamente deixada pelo telúrico ser no qual se deu o agasalho da parte da Trindade que mais nos toca de “perto”. É, pois, nessa parte, onde se deu a vinda do Cristo, que este sempre retorna, em segunda vinda, toda vez que se viaja interiormente tanto quanto viajou o Nazareno. Seu retorno, diferente do que se plasmou institucionalmente, se dá toda vez que qualquer um de nós, seus irmãos, acolhe em seu íntimo as verdades eternas de suas leis, logrando receber, porque soube pedir, logrando a recepção, porque soube dar, logrando achar, porque soube buscar, e assim por diante. Importa não se deixar enganar, pois, por aquela vinda à qual a imaginação de muitos é levada por força da poderosa força institucionalizada, nela enxergando ilusoriamente o Nazareno majestoso e soberano, por sobre nuvens, com sua determinação de julgar os vivos e os mortos.

Vive-se, já, o mundo social em que não se busca religar. A ligação entre terra e céu já encontrou a senda de sua bendita sintonia.

O ser está definitivamente ligado ao Não-ser. Vive-se a era mais moderna do contato com o Divino. Perdeu-se no tempo mais remoto o sentido das religiões. O homem é, agora, ser divinizado. Como criação, impossível lhe é competir com o Criador. Mas está, agora, bem “junto” a ele, melhor dizendo, confundindo-se com ele, integrado no todo que compreende sua imanência e, muito mais do que isso, sua insondável transcendência. Dele não pode “se afastar” em definitivo. Deu-se conta integralmente da Revelação Verdadeira; por isso, nada então pode existir que o faça ignorá-lo, enquanto dono de discernimento santo, que é aquele totalmente domado pelo conhecimento intuitivo - o das respostas eternas do Não-ser.

Chega-se, destarte, ao verdadeiro clímax do encontro da criatura com o Criador, isso significando festa nos Céus, sem dúvida nenhuma. E nessa sinfonia celestial, se perde, por um lado, a preocupação com o religar e se ganha, por outro, com a manifestação maravilhosa e inevitável no mundo das circunstâncias de cada um de nós, em que tudo passa a ser dominado, penetrado, lubrificado pelo salutar equilíbrio e harmonia entre Criador e criatura. O homem, então, por conta disso, no plano da existência, passa a ser mais sensato, mais justo, mais dedicado, mais companheiro, mais solidário, mais educado, porque ele não mais é puramente homem, mas homem-espírito; ele é o homem-divinizado que se abraçou definitivamente com o Não-ser que lhe é inerente.

Capítulo XXVII

Faz-se por onde ficar consciente das verdades expostas ao longo deste trabalho. Sente-se, contudo, quão grande é a dificuldade para incuti-las interiormente em total e integral extensão exigível, a qual em nada se pode mostrar condizente com os elementos espaço e tempo. É que uma força poderosa, esmagadora e trepidante impede o avanço dessa correta forma de pensar e de agir. O mundo institucionalizado representa essa grande dificuldade, pois se constitui no peso e na amarra que geralmente culminam em concessivo comodismo de muitos. Afinal, é preciso coragem, como corajoso foi o Homem de Nazaré. Ele não se deixou impressionar pelas normas comportamentais de sua época. Provocou escândalos, muitos escândalos e, ao mesmo tempo, foi severo contra os escândalos provocados pela gente de sua época, mormente os escribas e os fariseus. Por escandalizar e, também, condenar o escândalo que a

sociedade do seu tempo cometia, não se pode tachá-lo de contraditório. Eram corretas suas recriminações contra escribas e fariseus do seu tempo. Na atualidade, estes ainda existem, infelizmente. Contra eles, persiste, em imorredoura constância, severa condenação a seus escândalos, haja vista a presença do Nazareno eternizado, luzindo no homem bom até a consumação dos séculos. Já os escândalos por ele provocados, em sua época terrenal, eram o resultado de sua sintonia bendita com o Não-ser, que se chocava, como ainda hoje se choca, com o mundo institucionalizado. A diferença é que o choque contra os valores institucionalizados do seu tempo deitava raízes na religião da nação a que ele pertencera; hoje, o choque deve ser contra a institucionalização de sistema religioso que o continua matando, simbolicamente, em um madeiro formatado em cruz, cujo sentido de paixão muito mais sentimentalizado ainda se consubstancia, na medida em que se passou a desprezar a madeira de sua paixão, para, em refinamento de esplendor e de demonstração de força, fazê-lo em matéria-prima riquíssima - o ouro!

Atualmente, quem quer que se tente pôr na bendita sintonia que ele nos deixou por herança, também, inevitavelmente, provocará escândalos. Este eclodirá, exatamente, toda vez que o homem, assumindo a posição de centro, tentar fazer a viagem, a mesma viagem que ele fez. Ao tentar empreendê-la, fica-se em iluminada placidez que chateia e incomoda os que permanecem, cega ou deliberadamente, ligados à passagem de encantadoras e ilusórias paisagens efêmeras.

Não é fácil, verdadeiramente, se operar a mudança de arquétipo. Tirar o Nazareno da cruz, lhe olvidar a *via crucis* que nos faz grudar em formação diuturna, persistente e insistente é árdua tarefa. Correto é encararmos, cada um de nós, a Páscoa - a passagem - não tão meteoricamente como ele pôde fazer. Nela, outra diretriz de comando não deve existir, senão a de “rezar na cartilha” de suas leis, amorosamente postas em várias Parábolas e no Sermão da Montanha, fontes de luz, no insondável limite da Revelação, dotadas de significação espiritual inesgotável. Quem quer que nelas se espelhe, não anda longe e, infelizmente, logo se depara com dificuldades. Veja-se o exemplo de quem, ouvindo pessoas, quer próximas de si, quer não, logo vêm com aconselhamentos em contrário, cada um querendo mostrar o caminho que, a seu ver, é o correto. Por outro lado, sem mesmo ouvir pessoas, mas ficando a se policiar quanto a tudo o que é circunstancial, é preciso ser forte para se não envolver pelo bombardeio, seja em casa, no trabalho ou em qualquer lugar, de

símbolos que dizem exatamente o contrário da possibilidade da viagem interior que se pretende empreender, tornando difícil a sua “concretização”. Não é preciso ir longe para tal constatação: este autor, por exemplo, ao tempo em que está escrevendo estas linhas, conta, ao seu lado, com um crucifixo na parede. E, como se não bastasse, bem mais próximo ainda, colado ao seu corpo, um outro trabalhado em ouro e pendurado, em cordão do mesmo rico metal, em seu pescoço. Haja amarras!

Por isso, como força poderosa de combate pertinaz a todo esse exército de amarras, convém pensar e se ligar o tempo máximo possível nele, sem, contudo, prejudicar a respectiva individualidade. Ao acordar, ao deitar, no alimentar-se, nos lugares e nos objetos a que sempre se tem de voltar a atenção, se deve até mesmo pôr uma marca, um sinal que o lembre, seja uma frase, seu nome, sua viagem interior, suas Parábolas, o Sermão da Montanha, mas nunca a Sua cr... ih!, já ia escrever o tal nome. Esqueçamos, não vale a pena. Não serve para nada. Só para sinal de morte. Vale é a certeza de quem a venceu, morrendo para vida nova em vida ainda!

Capítulo XXVIII

Que bom, para quem tem discernimento aproveitado e cada vez mais aproveitável! Quanto mais se adianta nele, jungindo o espelho não mais espatifado do consciente com o espelho em que se constitui o Não-ser, se é, na verdade, íntimo dele. Felizes os que alcançam esse bendito estágio, essa bendita sintonia. Com seu livre-arbítrio, conseguiu “chegar lá”. É homem-divinizado.

Como é bom Não-ser! Ficar longe das ilusões do mundo, comungando da majestade do Não-ser, tendente, sempre, a se sentir ligado à Verdade, tudo isso se traduz numa sensação muito gostosa! É como se tudo estivesse hermeticamente trancado e, mais grandioso do que a força que antes estava se contrapondo, agora se sente como vencedor por haver derrubado aquela força, resultando em abrir o que antes era hermético. Sente-se, por isso, a gostosa sensação da onipotência, da onipresença, da onisciência. Ah, é bom que logo nos apressemos em explicar isso direitinho, para que se não façam conclusões apressadas. Somos deuses (Salmos, 82, 6), mas, na verdade, nossa intimidade com o Não-ser não traspassa, não vai além dele. Ele é o limite. É o ponto final. Fundamental. E mesmo nele se estando sintonizado, se conserva, ainda, a condição de criado. É

justamente nessa condição que, face a intimidade com ele, se passa a ser onipotente, onipresente e onisciente. A criação, algo que é do mundo e que, em sua conformação, se apresenta com a característica de ser incompleto tem, em si, um fogo, uma chama que lhe possibilita, por sua vontade, “ver” esse fogo cada vez mais fogo ou cada vez mais cinzas face não mais haver possibilidade de combustão. O homem não há de pensar naquilo que tenha sido proposital ao Não-ser. Este, que pode tudo, na forma peculiar de poder dele, diferente e jamais alcançável, de nossa parte, tudo fez e nada de errado fez. Em sendo ele harmonia, nada errado podia fazer. Até a obra hominal, que pode parecer falha porque um ser incompleto, é que, na medida em que lhe restou a responsabilidade de a si mesma se completar, pode, na verdade, ser considerada, dentre todas as criaturas, a mais maravilhosa, a mais engenhosa, a mais complexa, a mais poderosa, pois funciona como o reflexo do espelho em que se constitui o Não-ser. Só ela tem o poder de “ver” o Não-ser. Pedras, rios, animais, astros etc., nada disso pode “ver” o Não-ser; só o homem. E, na medida em que se dirige, em viagem interior, ao Não-ser Onipotente, Onipresente e Onisciente é, tanto quanto no limite deste, dotado de poder criador. E justamente sintonizado em tal poder é que se torna onipotente, onipresente e onisciente, qualidades essas compreendidas em sua dimensão de humano-divinizado. Querendo e se determinando pelo seu livre-arbítrio, ele faz (tempo presente) o que não faz o Não-ser, por já ter sido completada a sua criação. Não-intervencionista fez (*consumatum est*) sua obra, tendo-a terminado. Agora, descansa de sua faina, de sua realização; descansa, bem se entenda, sem que, para tanto, esteja em um trono, como fosse possível dimensioná-lo em conformação antropomórfica. Não é assim que se deve imaginá-lo.

A vez, então, não é mais dele; é de sua criatura por excelência, o homem. Este, sim, dotado de querer, de determinação; mas um querer e uma determinação que não estão no centro de sua conformação física. Alguém que veio substituir o Adão terrenal lhe mostrou como fazer, como caminhar na luz reflexa que conduz ao Não-ser, para, destarte, empreender essa bendita viagem até alcançá-lo. Esse alguém não há de ser, necessariamente, adorado, festejado, mediante celebrações como, por exemplos, a da natividade, a da ressurreição, a da ascensão, a da glorificação. Há de ser mentalizado, como fortaleza para nós, homens, como ele propriamente o foi, para nos ser permitido chegar ao termo da jornada, tal como ele conseguiu. Teve a suprema glória de se aninhar ao Não-ser, ao tempo mesmo em

que viveu nesta Terra, junto aos seus. Cabe ao homem, tomando-o como exemplo, empreender a mesma viagem. Com ele, pois, a sensação definitiva de que o ser humano, cada homem e cada mulher, devem estar no centro. Nessa ordem de consideração, por si, por sua força de querer manifestada na idêntica forma que ele nos deixou por herança, cada um vai fazendo sua viagem, passando a não ser tanto quanto não foram os homens santos de todos os tempos.

Capítulo XXIX

A ação “anti-crística” é tão poderosa quanto a verdadeira ação “crística”. São como que dois lados de direções divergentes, sendo que ambas se traduzem, inevitavelmente, de forma positiva, no mundo manifestado de nossas ações. É que a Lei amorosamente deixada pelo Nazareno como bendita herança é eficiente a toda a prova, neste mundo, seja quando utilizada por homens bons, seja quando assaltada por homens maus. Estes, os “anti-crísticos”, se mostram, invariavelmente, como os verdadeiros “lobos em pele de cordeiro”. Levam uma vida aparentemente santa, imaculada. Fazem-se exemplos de atitudes brandas, solidárias, fraternais. Têm consigo preocupação quanto a “fogo do inferno” e, por isso, suas atitudes são movidas por esperanças de virem a ser recompensados em julgamento favorável, em um Juízo Final. São, inevitavelmente, prósperos. Aprenderam, a partir da lei cristã, que o “receber” é no “pedir”; que a “recepção” é no “dar”; e que o “achado” é na “busca”. Não resultam, portanto, como vítimas de falhas, de mau funcionamento da “máquina” dos seus projetos. Agem seguindo a mencionada lei e o resultado não bate em outro endereço, senão na casa do sucesso: a empresa crescendo sempre, o poder cada vez mais vistoso, mais propalado e servindo de “exemplo” a meio mundo de gente que fica “babando” por idêntica conquista. A propriedade das coisas cada vez mais possuindo o seu possuidor. É o crescimento, é a realização do que é mundo, é a verdadeira implantação do éden..., isso significando, para eles, “ganhar a vida”.

Mas... que lástima! Sim, porque, para “ganhá-la”, verdadeiramente, é preciso “perdê-la”, não significando isso, entretanto, que se tenha de abdicar das empresas, do poder, do patrimônio etc. “Ganha-a”, quem, tomando a outra direção - a das ações “crísticas” - “perde-a” no sentido de que toda a sua realização brota do condimento essencial de seu “ser-bom-interior”, no qual,

“cristicamente”, ele se faz desinteressado de recompensas, porquanto agindo em sintonia bendita com o Não-Ser, gozando-lhe a intimidade em meio a crescente caudal de desilusões. Com estas, deixa de “enxergar” essencialidade nas coisas do mundo, para reconhecer que, embora imprescindíveis, se submetem à fugacidade existencial. Pratica-se verdadeira ação “cristica”, a qual faz o homem crescido, tanto em sua vida mundana, quanto - e muito mais importante ainda - em sua interioridade. Não tendo - porquanto impossível - que perder a sua vida, “perde-a”, contudo, em termos de sua possessão e de sua escravização dela e, em consequência, obtém, mediante graça, o “ganhar a vida”. É, pois, a sua realização em dúplice dimensão, já que de duas partes ele se compõe: a física e a metafísica. Infelizes os “anti-crísticos” que só enxergam, no assalto que fazem à lei Nazarena, a conquista de sua parte física; bem-aventurados, por outro lado, os “crísticos”, por “perderem” a vida com a consciência e a certeza de que no próprio “perder” já se insere o “ganhar”, e isso em estado de espírito que o deixam inteiramente destituídos de esperanças por recompensas, por receios de quaisquer condenações, como se o Não-Ser pudesse ser terrível.

Capítulo XXX

Considera-se onipotente quem não se deixa iludir; considera-se onipresente quem se alça à condição de eficaz combatente das tribulações; considera-se onisciente quem se policia contra as armadilhas do mundo e, na medida em que lhe cresce esse policiamento, se alivia das tensões inevitáveis de sua condição imprescindível de ser humano...

Vamos, então, nos meter no meio de tudo aquilo que é problemático, que é asfíxiante, que é medonho, que é cego, que é tendente ao mal. Vamos conduzindo nosso viver numa maneira fervorosa de usar as coisas e as pessoas que nos cercam, de maneira mais abstraída de um sentimento de posse. Devemos ficar no estágio que temos por “conquistado” em irrepreensível sintonia, sem, contudo, nos afastarmos do que é mundo circunstancial; pelo contrário, nele devemos penetrar sempre e cada vez mais. Aliás, o irmão Nazareno não foi jamais um indiferente. Ele esteve sempre presente aos lugares e em ocasiões onde transparecia existir algo distante do eixo que conduz ao Não-ser. Aqueles do seu tempo terrenal, chamados de escribas e fariseus, verdadeiros escandalizadores aos “olhos” do Não-

ser, nunca ficaram livres da insistente presença do Nazareno entre eles. Aliás, chegou, certa vez, a lhes dizer que só os que precisam de médico é que devem ser objeto de sua dedicação e de sua assistência, pois entre eles foi que fez ressoar, profundamente, o escândalo em que se constituía sua harmoniosa translucidez com o Não-ser. Portanto, nele, o somos um com o Não-ser onipotente, onipresente e onisciente é de forma tão poderosa que, ainda hoje, sua presença eterna, entre nós, nos serve de exemplo para devermos fazer do mesmo modo que ele, em busca do Não-ser.

O sentido prático e bastante eficaz do Cristianismo do novo tempo, cujo arquétipo será o homem em definitiva substituição à cruz deverá se afirmar sempre e cada vez mais. Nele, cada homem e cada mulher farão como fez o Nazareno terrenal, o qual, agora e para sempre eternizado por suas obras manifestadas em belas e profundas lições de vida, continua no coração de todos aqueles seres humanos dotados de pura, bendita e profunda bondade. Estes, sim, é que farão esse novo Cristianismo, valorizando seu potencial, seu lado individual, como o Mestre de Nazaré valorizou o seu. Nesse fazer, jamais recusarão seu envolvimento com qualquer lugar ou qualquer tipo de problemática condição social; jamais abusarão também de qualquer delas. Farão, isso sim, por onde usar, por onde penetrar o problema vivido por cada um e em cada um, em meio a toda sorte de problemas e vicissitudes humanas, sem, contudo, se permitirem o distanciamento da verdadeira sintonia que “conquistaram” de forma desinteressadamente livre de expectativas por recompensas. Essa sintonia, eles a tiveram como “prêmio” ante a feliz intimidade com o Não-ser - causa primeira e fundamental de todas as causas, condição essa que os faz, nesse aconchegante encontro, tão onipresentes, onipotentes e oniscientes quanto a exata medida desse mesmo Não-ser em cada um deles.

Transparência

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

- Com notas explicativas -

Observação: Recomenda-se a leitura do poema e, em seguida, uma releitura, nesta se fazendo, também, a leitura da nota explicativa correspondente a um verso ou a um conjunto deles colocado entre colchetes

Homem-gênero¹, criatura, ser finito.
Deus – incognoscível², transcendental;
cognoscível imanente.
No transcendental, o eterno e o infinito;
no imanente, o finito, o fugaz,
não no todo, evidentemente.
Deus, ser no imanente,
Não-ser no transcendente.
[Encontro do transcendente
com o imanente]:³
perpetuidade daquele,
a despeito de sua fugacidade
imanente
e da sua limitação espacial,
também imanente.
Homem, obra divina,
criatura⁴.
Deus, atividade puríssima⁵,
Luz⁶.
Presença inerente
em tudo quanto criado.
Homem, intelecto,
[ciência do conhecimento

do bem e do mal:
separação]⁷,
criatura e criador – distinção.
Queda, recuperação⁸,
etapas várias de existências.
A Lei e os Profetas,
o maior deles, o Nazareno.
O intelecto cede lugar,
e o “crístico” – caminho único
faz do hominal o celestial,
até mesmo na imanência,
durante ela.
Assim alcançando o não dimensional,
atingindo o atemporal,
reencontra-se o homem criado,
e criatura, neste mundo,
mesmo enquanto nele,
imanente,
vive glória da onipresença
e onisciência
divinais
[como homem divinizado,
não como homem deificado]⁹.
Ciência pura não será;
consciência de além
do bem e do mal.
“Conquista” que se não tem,
porque possuir egoísmo é.
É-se, no espírito, integração
no divinal “regaço”,
espiritualidade sem o meu
nem o teu, nem o seu,
nem de ninguém;
só Dele.
Revelada por Ele, o Filho,
Graça que a todos alcança.
E mesmo ainda ativa a obra divinal,
no homem-indivíduo,
sua deve ser a iniciativa¹⁰,
[efetivamente para aqueles que podem

e os “talentos” não desperdiçam]¹¹.
Fora disso, aja o amor divino
mediante misericórdia,
àqueles que impossível é
atualizar esses “talentos”.
Cósmica há de ser, portanto,
a espiritualidade
do homem no Não-ser,
Cristificando-se,
e coroando o imanente
em antecipada glória,
mesmo na vigência fugaz
da inglória existência]¹².
[Os “crísticos”, pois, serão todos,
sem exceções de Revelações,
cuja “Cristicidade” não se discuta.
Não importa por quem vão:
se por Buda, por Jesus ou Maomé]¹³.
Ter-se-á na face do mundo
um novo céu e uma nova terra.
Homens-indivíduos, somados,
“Cristificados”,
em resultante social benfazeja.
Todos conscientes de uma “conquista”
nunca passível de um possessivo.
[É-se, pois, verdadeiro cristão,
vencendo o mundo tal como vencido
por Deus-em-homem-encarnado,
simbolizando a seta salvadora]¹⁴,
como o caminho a seguir.
[Vivam, porém, esse céu terrenal
não os puramente místicos,
nem os reclusos em mosteiros
ou mesmo os ruidosos participantes
clérigos, pastores, guias ou frequentadores
da igreja visível de todos os tempos]¹⁵.
[A melhor seta a seguir
é a daqueles que se doam,
desprovidos de interesses,
só servindo sem olhar a quem,

evitando até mesmo
atos de pura pieguice,
à miúde praticados, particularizados,
como o dar esmolas a um e a outro,
mesmo escondendo esse gesto
da outra mão]¹⁶.

Vão, pois, em volumes dadivosos,
como se “venda-em-atacado”,
dispensando o gotejar semelhante,
a atitudes varejistas
as ações em favor
dos nus,
dos famintos,
dos presos,
dos sedentos.

Assim se agindo, fica a nota
dominante em sentido
de como o construir
ressai imune,
e completamente livre
de um meu,
de um teu,
de um seu,
porque Dele tudo é
e deve ser,
para se atingir enfim
a verdadeira transparência¹⁷.

Mas, ainda hoje,
o que se vê?
Cegos guiando cegos¹⁸,
todos caindo na mesma cova,
de sempre.

Por isso,
o ser Cristão anda longe.
Em seu lugar,
mais vigora o culto,
o ruidoso culto,
onde o sofrimento
assume tonicidade e brilho.
O resultado infrutífero é que

de um lado prospera o “ismo”
sem lograr, na verdade,
a prevalência do Cristão¹⁹.

1 - Por homem-gênero, entenda-se o fato de que, no Livro de Gêneses, Adão não deve ser visto como uma individualidade, pois está escrito que Deus criou o homem e, não, um homem. Preexistindo a esse gênero hominal espalhado em paraíso terrenal, o verbo, que era Deus e estava com ele, se fez carne concomitantemente à existência desse mesmo gênero. Habita esse bendito verbo entre nós, ou seja, entre os homens-gênero, desde a sua existência no éden, e para além dela também. A ciência do bem e do mal – o intelecto – provocou a separação: as trevas, então, tomaram conta da “*situação*”, porque a luz da “*cristicidade*” – agora sim, em nós, dentro de nós – só surgiria em Revelação, como efetivamente surgiu, muito tempo adiante. Essa Revelação não é substância, mas verbo. Verbo que é no hoje foi no ontem e será no amanhã, sempre, e muito além de tudo isso – no eterno e infinito.

2 - A “*incognoscibilidade*” divina só acena à “*cognoscibilidade*” daqueles que, por certo, mais se aprofundarem no “*conhecimento*” da verdade que liberta, sendo esse, cada vez mais, um “*sair-de-si-mesmo*” para um “*integrar-se-na-Divindade*”.

3 - Entra, aqui, a questão relativa a panteísmo, a dualismo e a monismo:

Panteísmo: 1) corretamente identifica a essência de qualquer coisa com Deus; 2) incorretamente identifica a existência das coisas com Deus.

Dualismo: afirma a transcendência e nega a imanência, estabelecendo separação entre Deus e o mundo.

Monismo: 1) afirma a identidade de essência entre a causa divina e qualquer um dos efeitos dela; 2) ao mesmo tempo nega a identidade entre a essência divina e a existência das coisas criadas; 3) afirma tanto a transcendência como a imanência de Deus no mundo, proclamando distinção entre causa e efeito, mas não separação entre eles.

4 - O rei da criação é o homem. Cuida-se, embora ser imperfeito, da magnânima obra divinal. Tanto que, após sua criação, diz o texto bíblico que Deus descansou. A magnitude dessa criação imperfeita reside na essencial bondade divina. Sendo Deus bom, sendo Deus amor, fez o homem a sua imagem, para que não permanecesse, qual boneco de fantoche, entregue definitivamente ao seu criador. Este, em termos do que fez, não pode ter sua obra modificada, alterada. Ao homem é que, alvo do amor divino pela concessão de uma liberdade, lhe restou o livre arbítrio. Cabe-lhe a escolha, entre atualizar ou não os “*talentos*” que lhe são potencialmente subjacentes. Sendo-lhe possível essa atualização e, contudo, relegando-a, entra em falta e esta gera o seu sofrimento. Sofrimento do homem. Nunca sofrimento de Deus. Aqueles, porém, que não têm como atualizar esses “*talentos*”, socorre-os a misericórdia divina.

5 - Aqui se repete o filósofo grego Aristóteles, para quem Deus é o “*actus purus*”, atividade puríssima, no sentido de que sua obra, em que pese o descanso do sétimo dia, permanece em plena atividade. Não há passividade, nem mesmo no encontro do homem com ele.

6 - A luz é a única realidade não contaminável. Contra ela, jamais prevalecerão as trevas. Tudo quanto existe, em última razão, advém da luz que se decompõe em realidades e “*realidade*” – esta uma luz original e aquelas uma luz tanto mais tênue quanto seja a essência transformada em matéria. Ser a luz do mundo, como diz o Evangelho, é, cada vez mais, trazer essa luz em estado de dormência, escondida debaixo do alqueire, para ser colocada em cima, no candelabro, para que possa ser farol e, assim, iluminar verdadeiramente. Portanto, incorre em falta quem, podendo fazer o contrário, assiste, indiferente, à permanência das trevas, as quais, ainda assim, jamais prevalecerão. Quer queira, quer não queira o homem, a luz sempre brilhará, a despeito do que lhe couber: gozo ou sofrimento. Neste, a cega realidade de sua condição de homem-gênero lhe impõe a pena e o conseqüente sofrimento, no qual, inexoravelmente, se dá, mesmo assim, a profusão lucífera; naquele, essa profusão, em integração divinal, conta com a participação daquilo nele divinizado, para maior glória da Divindade.

7 - Quando o homem busca sua realização no mundo, voltado apenas e tão somente para a sua realidade física, para o seu ego, está, com isso, cada vez mais cavando um abismo entre ele e o criador. Foi, justamente, o que ele provocou, quando, no simbólico episódio do jardim do Éden, passou ao conhecimento do bem e do mal e, por isso, ficou nu. Uma nudez que, apesar de descrita como física, há de, em simbolizado espiritual, ser entendida como a falta de explicação que a criatura, quando chamada pelo Criador, não a pôde dar. Não teve, por isso, outra saída, senão a desculpa esfarrapada – a de que a serpente o enganara.

8 - A obra divinal, já dissemos, se encontra em atividade. Criado o homem e tudo o que mais existe no mundo, Deus, inabalável harmonia, a despeito de um eterno diabólico e simbólico – que se sucede um ao outro, mas sempre prevalecendo o simbólico – não intervém na criação, a qual se mantém apenas na atividade que lhe é intrínseca. O homem, sim, todas as vezes em que se processar a sua queda, há, ele mesmo, que se recuperar. Foi, ao longo dos tempos, o que aconteceu a muitos deles, conforme retrata o livro sagrado de todas as religiões. Do éden de Adão, homem-gênero, ao “cristico” do Nazareno, homem-indivíduo, o inegável evoluir para a Revelação mais benfazeja e reparadora, sobretudo porque gratuita: é pela graça que se é salvo.

9 - Claro que a transparência não fará do homem um Deus. Ele é criatura e, mesmo atingindo a transparência, homem permanecerá, na imanência, mas atrelado o eu à divina essência, do que resulta, em reflexo, o acréscimo de que fala o Evangelho, para aqueles que, em primeiro lugar, procurarem o Reino dos Céus. O homem-gênero continua a existir, contudo, não nele, mas dele ressaí o eu nele adormecido, que não é propriamente dele e formará junto à essência divina o Reino Celestial, daí resultando o homem-divinizado, onisciente e onipresente, na medida da luz com que possa “lucificar” sua realidade material, no quanto fizer crescer dentro de si o fogo divino que não é seu, o fogo divino que é Deus. Portanto, homem-divinizado e, nunca, homem-deificado.

10 - A iniciativa de que se fala, aqui, não é aquela voltada à realização do ego. Representa, isso sim, a busca do que jaz adormecido e de que se não tem, contudo, a propriedade. Trata de fazer crescer dentro de si esse elemento divinal, que não é seu, porque ele é a graça permitida, e o que é graça com graça se constata sua subjacência e de graça se lhe propaga a “*realidade*” a outro e outros e a incontáveis outros, fazendo mostrar ao mundo que maior do que ele é Deus. De tal iniciativa, pois,

não esquecer que o crescimento a que alguém se impute lhe será triste cegueira, no caso de chamar a si esse crescimento. Dizer “*meu*” ou “*teu*” ou “*seu*” um crescimento espiritual é apropriar-se do que é divino, mediante atitude egoística, por si mesma condenável.

11 - Quando criado, Deus dotou o homem-gênero de “*talentos*” e estes hão de ser atualizados, sendo compreensível que a maior misericórdia divina estará mais propensa àqueles que, por algum motivo, sejam incapazes dessa esperada atualização. Só, então, o homem-indivíduo há de buscar a Deus, não para se gloriar de uma conquista sua. Esses “*talentos*” potencialmente subjacentes não pertencem ao homem, mas a Deus e a sua atualização faz integrar a parte divinal no homem-gênero, por meio do homem-indivíduo, para graça maior e glória de Deus. Não olvidar, neste passo, a parábola dos “*talentos*”, a partir da qual se colocou essa questão.

12 - A existência é inglória, porquanto em sua conformação está a luz divina em sua mais tênue decomposição. Destarte, o “*ir de volta para o Pai*”, segundo palavras do Nazareno, não há de implicar em mudança, como a sugerir uma alteração topográfica. Vive-se, realmente, integrado à Divindade, à medida da maior intensidade luminosa possível no existir; contudo, a libertação dessa limitação imposta pelo existir implica a possibilidade de, solto das amarras existenciais, alcançar ainda que meros acenos da zona da “incognoscibilidade” divinal. Ai, então, se passa da inglória para a glória. Mas essa inglória não há de ser encarada como puramente infernal, “luciférica”, à vista de que se pode alcançar a “lucificação” que resulte na antecipada fruição do Reino de Deus, ainda que em paraíso terrenal, à medida que se torna, o quanto possível, a tremeluzente luz do homem-gênero na luz divinal, de modo que o homem-indivíduo leve sua obra ao brilho perante os homens, seus irmãos, isto não para sua glória, mas para a glória de Deus.

13 - Pouco importa o caminho deste mundo – importante é envolver-se para evoluir aos “*estados gozosos*” de eternidade e de ausência de limites, onde não há durações a serem medidas, nem definições a serem expostas. E alguns poucos são, realmente, os caminhos que neste mundo já despontaram, a partir dos quais se passa a um “*sem-fim*” e a um “*sem-limites*”. Falou-se caminhos, ou seja, setas. Neles, a maior importância não são propriamente eles. Residem elas, precisamente, na “Cristicidade” alcançada por cada um. Pode-se, assim, falar numa “Cristicidade” em Buda, em Jesus, em Maomé, em Francisco de Assis, em Mahatma Gandhi, em Teresa de Calcutá, como, enfim, na “cristicidade” do eu que lhe subjaz, caro leitor.

Não se tem como negar que essa condição “cristica” atingiu o ponto máximo em Jesus de Nazaré. Veja-se, nessa e por essa colocação feliz, que Cristão não é, necessariamente, só aquele que diz seguir a Jesus. Pode, perfeitamente, alguém seguir a Buda e ser “Cristificado”. Pode, também, alguém seguir a Maomé e ser “Cristificado”. Agora, a “Cristicidade” que se alcançar não se há de imputar a esse ou àquele alguém, como se uma conquista sua. Antes deve ser a integração do eu na Divindade, por meio de uma “Cristificação”, quer tendo por caminho Buda, Jesus ou Maomé.

A falta de uma consciência, nesse sentido, tem conduzido a humanidade a uma luta desenfreada sobre o que seja “*melhor*”. Ainda na nossa atualidade vivem-se as mesmas sendas já em tempos antanhos combatidas pela capacidade profética de Oseias, como se infere do Livro bíblico do mesmo nome, Capítulo 6, versículo 9: “*Bandidos em emboscada, assim é o bando de sacerdotes. Eles matam no caminho de Siquém. Sim, eles praticam ignomínia!*” Já naqueles tempos mostrava o Profeta como

era terrível a exclusividade de uma classe a quem se reservara cuidar das coisas sagradas. Matava-se para manter o poder sacerdotal. Hoje, efetivamente, não se mata, não se põe em emboscada, não se tem a pecha de bandidos. Contudo, a exclusividade continua sendo imposta. O eclesiástico é uma classe reservada, intocada, onde o que vale são as normas ditadas, fazendo-se prevalecer, então, verdadeiro autoritarismo. E, assim, por culpa do sistema religioso imperante, “*sufocam-se*” os caminhos, as setas salvadoras, que persistem, contudo, na permanência salvadora, embora impossibilitados de “*verem*” o mundo aninhar-se em “Cristicidade” na qual e pela qual se integram à Divindade. Na verdade, o que deveria prevalecer era o “*deixar fazer*” que levasse cada um a ser verdadeira seta do outro. Tomar por assalto seja qual for a seta salvadora, assumir condição de representante seu é verdadeira demonstração de uma plena satisfação onde se apresenta como bastante a realização do enganoso “eu personal”. Os que agem assim, apesar da luz aparentemente verdadeira com que, de certa forma, podem brilhar, são tão ou mais cegos quanto os da classe dos verdadeiros profanos. Manter-se em posição de certo privilégio, sob o domínio de uma hierarquia não deixa de ser ato que, ao invés de constituir o seu autor em seta salvadora, torna-o integrante de classe sacerdotal que mata não o sonho de um simples mortal, mas que esvanece o evoluir normal que cada seta salvadora imprime aos espíritos que são chamados a trilhar bom caminho. Ao invés de se permitir, naturalmente, que se processem os exemplos que vão “*contaminando*” num processo em cadeia e avassalador, para o bem, centra-se a luz de uma seta salvadora num determinado grupo a quem se entrega o culto, e que, por isso, devem, segundo se deixou escrito, dele e por ele viver. São os sacerdotes; não mais – ainda bem – aqueles sanguinários de antanho, mas são os sacerdotes que, em evidente “*pose*” de um “eu personal” desvairadamente acentuado, atingem as culminâncias de uma exagerada pregação de si mesmos. E a “Cristicidade”, onde fica?

14 - Buda, Jesus, Maomé, criaturas, homens-gênero, tanto quanto qualquer um representante dessa espécie do reino animal. Resultaram, todos e cada um, não como fruto de uma ação divina dirigida do centro-essencial à periferia, onde nesta pontificaram. Foi-lhes manifestado, de dentro de cada um, o fogo, para o despertar divinizante responsável por elevá-los às excelsitudes. Homens-indivíduos que a tão altas contemplações chegaram e que, na verdade, simbolizam o caminho, a seta, a direção que há de ser seguida por qualquer de seus irmãos, para, destarte, poderem chegar ao mesmo caminho, a um outro ainda que inferior ou a outro mais superior ainda do que aquele ao qual chegaram. São, realmente, setas salvadoras, porque assumem a condição de exemplos a serem seguidos. Mas nesse “*serem seguidos*” deve-se descartar a posição de centro para qualquer deles. O centro deve ser cada homem-indivíduo, pois não há salvação que prescindia a auto-realização. Tanto isso é verdade, que nem mesmo a presença física de Jesus de Nazaré, quando viveu a existência na terra, junto a seus contemporâneos, pôde servir de seta a Judas Iscariotes, um dos seus discípulos. E o porque está no fato de que não nasceu dentro dele Judas a abertura que o poderia levar à integração divina. Esse é o canal para a auto-realização. Podia o Jesus telúrico ter batido às portas da consciência do aludido discípulo, insistentemente, mas de nada isso lhe adiantaria, como não adiantou, porque tudo dependia dele. É que os considerados setas salvadoras não podem tudo resolver. Depende de cada homem-gênero, por meio do seu homem-indivíduo, dizer sim, e abrir, deste modo, a porta do seu coração. Judas, mesmo ali bem junto ao Jesus

humano, não abriu nele essa porta. Desse modo, a seta salvadora nada pôde fazer para, por ele Judas, se operar a integração do eu nele subjacente à Divindade.

15 - Nas igrejas de todos os tempos, mais se explorou e se vem explorando a versão da vida terrenal levada por Jesus, segundo relato dos seus discípulos, constantes dos evangelistas, onde se conduz a um sentimento de compaixão que impressiona sobremaneira os olhos da carne. Lamentável é que os olhos do espírito sejam relegados e tudo resulta como uma coisa que é plantada sem raiz e que, por isso, logo se transforma em ruínas. Prega-se aos olhos do mundo um Jesus milagroso, que na verdade existiu como manifestação material, mas o péssimo, o contraproducente nessa estória toda é que esse seu lado ganha proeminência, quando deveriam as pessoas ser orientadas pela igreja a tornar cada vez mais impressionante a força espiritual dessa manifestação do Nazareno. Curar aleijados, cegos, transformar água em vinho, multiplicar pães e peixes, andar sobre as águas, e outros tantos feitos extraordinários realizados por Jesus conduzem, na verdade, ao ponto inquestionável de sua veraz sintonia com as leis cósmicas. Até certo ponto era preciso que agisse dessa maneira, porque a fé, não só a daqueles tempos, mas a fé de ainda hoje continua pouca nos homens-gênero. Por isso, essa manifestação a que se dá conotação milagrosa, quando milagre algum aquilo significa, pois se tudo ele fez foi por conta de sua sintonia, sua altíssima fidelidade com a força poderosa e misteriosa, a ponto de, nos últimos dias de sua existência terrenal, ter afirmado que ele e ela, a força poderosa e misteriosa, eram UM.

A exploração dessa lado da vida terrenal de Jesus, eclesiasticamente falando, acaba produzindo o afastamento do real valor do ponto nuclear do seu ensinamento. Isso se dá porque se entende como mais fácil impressionar as pessoas com atitudes que se apregoam milagrosas. Esse comando chamativo reforça, cada vez mais, o caráter sacrificial, não só no Catolicismo, mas nas demais igrejas cristãs. Naquele, então, esse comando assume como que a base, a partir do ritual a que se obedece, nas celebrações, até se chegar na ornamentação dos templos que ficam tomados de imagens, a partir daquelas consideradas obrigatórias e que integram a chamada via sacra. Tudo se encontra de forma bastante direta, funcionando como o primeiro plano de uma religiosidade, despertando fortes impressões que fazem os olhos da carne acostumados e satisfeitos, como se tudo aquilo, todo aquele aparato fosse o necessário e o suficiente à re-ligação do homem com Deus. Veem-se, por isso, muitos que se põem na posição defensiva, pois, às perguntas sobre sua religiosidade, logo respondem como se estivessem quites com a Divindade, já que se dizem assistentes de missas ou de cultos, com regularidade. Trazem, às mãos, um terço; no pescoço, pendurado, um crucifixo talhado em fino e rico e precioso metal...

Esse aparato funciona, na verdade, apenas para os olhos da carne, restando, em razão disso, o grande débito de que muitos não podem se aperceber: aquele fascínio que faz com que se atraiam, mutuamente, o homem e a Divindade, fica em plano esquecido e entregue às conveniências do que é vivido e sentido pelos olhos da carne. Essa atração jamais poderá se dar mediante esse testemunho meramente carnal. Há que passar, necessariamente, pelos olhos do espírito. Daí que é mister se integrar no amor, na misericórdia e olvidar definitivamente o sentido sacrificial, sobretudo em termos de culto.

Apesar dessa colocação sobre abandono sacrificial, este, na verdade, não deixa, jamais, de se operar, quer no plano do ser, quer no do não-ser. Ocorre que esse "*ofício sagrado*" no mundo e no não-ser passa por um processo de assimilação. No

mundo do ser, sabe-se, por exemplo, que, no nosso caso, habitantes que somos do sistema solar, toda a energia que nos mantém vivos provém da luz solar que, pela fotossíntese, termina sendo absorvida e assimilada pelos seres vivos animais, entre os quais está o homem-gênero. Esse processo ocorre também no plano espiritual, onde o eu assimila a Divindade, num movimento de integração e, nunca, de absorção para si. Portanto, o segredo de tudo está em não se promover sacrifício mais do que aquele que se há de processar, segundo as leis cósmicas, tanto material, como espiritualmente. E tudo isso ocorre pela assimilação retromencionada. Enquanto, pois, esta se processa, o que deve prevalecer é o amor e a misericórdia e, nunca, mais e mais sacrifícios. Por isso a lição do Mestre, quando em meio a enfermos do corpo e da alma, criticado pelos fariseus, disse: “*ide e aprendei: não quero sacrifícios, quero misericórdia, amor*” (Oseias, Cap. 6, v. 6 e Mateus, Cap. 9, v. 13). Assim, toda a gama de manifestações de fundo religioso, seja dentro das igrejas, seja fora, no campo da arte, são motivos que impressionam os olhos da carne, o que, por si, não se apresenta como bastante e suficiente para chamar a atenção dos olhos do espírito. Para corrigir o vício do sistema imperante, se deve processar a sintonia do homem-gênero, através do homem-indivíduo, com a Divindade, mediante a assimilação da energia suficiente à sua vida material, de forma sadia e bastante equilibrada, e a assimilação em movimento de integração do eu na Divindade, tudo isso representando uma “*engenharia sacrificial*” que não pode extrapolar os limites das leis cósmicas, constituindo-se deveras contraproducente e prejudicial qualquer dose de sacrifício que se lhe ponha a mais; muito pelo contrário, deve-se condimentá-la com o amor, a misericórdia, ou seja, o elemento divino como expressão da verdadeira graça a permitir a verdadeira glória de Deus.

16 - Como se “*progredir*” em “*cristicidade*” aqui, no meio de tantos outros, ou alhures, sozinho, em meio, até mesmo, a verdadeiros selvagens? A primeira e mais vistosa indumentária “*cristica*” – se é que se pode encontrar, no mundo, alguma roupagem que bem lhe assente – é o agir anônimo, diametralmente oposto a ressonâncias pessoais. Isso, convenhamos, não é uma forma de fácil equação. Não se tem como despersonalizar algo que, mesmo nascido do signo espiritual, somente se pôde manifestar por um determinado “*veículo*”, que é o “*eu personal*” (*per sona*), aquele, digamos assim, “*por onde passa o som*”, o elemento único que pode fazer ecoar sobre “*telhados*” o que nasce do “*ouvido*” (confira-se Mateus, Cap. 10, v. 27).

A manifestação divina integraliza-se com o eu humano, que não é propriedade do homem. É este, na qualidade de homem-gênero, que, na verdade, se transmentaliza por meio do seu homem-indivíduo, e alcança alturas vertiginosas de espiritualidade, para muito além de sua condição de “*eu personal*”, capacitando-se, destarte, a um “*modus vivendi*” “*cristico*” na razão direta da presença de seu correspondente homem-gênero junto a toda a sorte de pecadores e necessitados, sem que, entretanto, com eles se misture, e na razão inversa de uma não-preocupação quanto a mérito espiritual seu, emprestando, em lugar do seu nome, o reconhecimento da integração do eu divino à Divindade. Por isso, o contra-senso do ser cristão. Sê-lo, verdadeiramente, é, enquanto homem-gênero, permear-se na rede dos problemas e das dificuldades e das fraquezas em que se vê mergulhado o próximo, vivendo-os intensamente, na busca da melhor solução, nisso residindo e se constituindo o sentido *solidário*. Por outro lado, como outra face de uma mesma moeda, enquanto homem-indivíduo, permite ao homem-gênero que todo o seu agir se apresente despidido de sentido egoístico, fazendo de sua vida não uma realização de seu “*eu personal*”, mas

prevalecendo o sentido místico, no qual o diálogo *solitário* com Deus é hermético no sentido de que mais ninguém ali pode interferir. Na verdade, o *solitário* de que se falou não permite nem mesmo a referência a diálogo, constituindo-se em verdadeira integração de parte que o divino já o tem, parte essa, entretanto, que se deixa entregue ao homem-gênero, pelo seu respectivo homem-indivíduo, e em face de seu livre arbítrio, para fazer por onde a integração divinal ocorra, quer com efeitos gozosos, quer com decorrências dolorosas ao homem, pois, afinal, de uma forma ou de outra, ela inexoravelmente se integrará, pois assim é a vontade e determinação da Divindade.

17 - Necessário é sejam postas em destaque as duas dimensões: a do ser e a do não-ser. No ser, a existência; no não-ser, a essência, a qual, por sua vez, penetra a existência até o mais recôndito de sua manifestação. No Livro Sagrado dos Judeus e dos Cristãos, a Bíblia, há o famoso Cantares ou o Cântico dos Cânticos, cuja autoria se atribui a Salomão, o Rei. Nele, a lição, segundo a qual se pode esclarecer a transparência do homem-indivíduo, “Cristico”. Nele, de um lado, o símbolo material do relacionamento humano, onde o amor se faz prevalecer diante dos preconceitos e, de outro, o simbolizado espiritual do amor com que o homem e Deus se atraem mutuamente. Entre o ser e o não-ser observam-se pulsões diferentes. No ser, uma pulsão sexual; no não-ser, uma pulsão espiritual. No homem-gênero, originariamente, conforme interpretação que se sabe condenável da parte da igreja, masculino e feminino manifestavam-se como realidades de um mesmo organismo. Veja-se, segundo o relato bíblico, que a criação, primeiramente, foi do gênero homem para, só depois desse homem já criado, dar-se a retirada de uma parte sua, a fim de constituir a mulher, sua companheira. Importante é observar que dele não se retirou, para tal finalidade, uma parte da cabeça, nem dos pés, mas de uma costela, ou seja, de uma parte situada bem mais perto do coração. Tudo isso, não custa dizer, é simbolismo, e representa o verdadeiro sentido da criação por excelência da Divindade – o homem. Para criar a mulher, não retirou Deus do homem-gênero parte de sua cabeça, porque poderia, assim, conferir-lhe uma importância tanto quanto a do homem. Também não retirou da parte inferior, porque isso levaria a significar subalternidade. Mas, retirando parte de perto do coração, exprimiu, com isso, um simbolismo – a certeza de um sentimento de atração natural. Não é à-toa a afirmação bíblica de que, casando, homem e mulher passam a constituir uma só carne. Isso faz a questão retornar, exatamente, ao primeiro momento da manifestação hominal. Assim, no plano do ser, se verifica naturalmente essa atração, movida por uma pulsão - a da sexualidade -, o que redundava no encontro dos seres em oposição sexual, com vista à procriação, e também, ao prazeres da carne. Foi essa a forma estabelecida na natureza, de acordo com os ditames da Constituição Cósmica, os quais representam a vontade divina que, por aceitação ou não do homem, realiza-se inexoravelmente. Quando age de acordo com as leis cósmicas, o homem está em sintonia, está em alta fidelidade com Deus e, destarte, usufrui o gozo. Entretanto, a atuação em desacordo com essas leis leva-o ao sofrimento, sem que deixe de prevalecer a vontade de Deus, não sem, ao mesmo tempo, se cumprir a pena, o castigo pelo agir com desobediência. Homem e mulher vivem, realmente, movidos pela pulsão sexual, na sua existência terrenal, cuja satisfação, entretanto, por si só, não é bastante. Mas essa consciência de que ela não é bastante se apresenta egoística no homem-gênero e só o homem-indivíduo é que se pode capacitar a uma experiência mais apurada, baseada no amor, em seus mais diferentes níveis de intensidade, entre o amor carnal e o amor divinal. É que tal

pulsão, vista em sua singularidade, assume condição animalesca, porque somos animais, sem nenhuma dúvida. É preciso, por isso, entrar em cena a outra pulsão, a da espiritualidade, que é o encontro do homem com Deus, no qual este deve ser amado sobre todas as coisas (*caráter místico*) e o homem aos seus semelhantes como a si mesmo (*caráter ético*). Tal como ocorre no plano do ser, onde se opera verdadeira atração, homem e mulher e vice-versa em busca de seu complemento, se dá, também, a atração do homem-gênero ao plano da espiritualidade, para o seu encontro com Deus, num fascínio que toca a ambos, à criatura e ao criador. Nesse encontro, a realização que não é pessoal, mas uma integração na Divindade, o homem-indivíduo alcança o crescimento da Divindade em si, sem que isso se constitua em mérito seu. Se assim fosse, ter-se-ia a realização egoística e justamente isso não ocorre no plano espiritual, onde o que se opera é a integração do eu na divinal dimensão. Pois justamente esse crescimento nele, sem ser dele, imprime ao homem-gênero, através de seu homem-indivíduo, a prisão da fera, do lobo que, naturalmente, carrega dentro de si, permitindo, destarte, a pastagem calma e serena do cordeiro. Veja-se que se opera a prisão, e, não, o aniquilamento do lobo. Quando efetuada essa prisão, as demais coisas boas virão por acréscimo ao homem-gênero, como bem promete o Evangelho, podendo, em conseqüência, desfrutar de uma vida feliz, sossegada, tranquila, primeiramente no lar, depois na comunidade, depois na escola, na sociedade, no Estado, onde quer que ele se encontre em contato com a natureza e com tudo quanto constitua as circunstâncias do seu viver terrenal. E mesmo nos casos em que o sofrimento se lhe depare, motivado por algo a que não deu causa, o “*consórcio*” de espiritualidade torna aquele sofrimento mais suportável, pois uma coisa por demais pesada é sofrer sem Deus no coração e outra é a resignação com que Ele nos contempla diante das tribulações, pouco importando qual seja a circunstância. Diferente, portanto, da atitude do homem-fera, que fazia valer sua pulsão sexual à força, agora é o amor, o amor carnal que, cada vez mais, se penetra de refinamento, à proporção que aumenta a integração do homem-indivíduo na dimensão do não-ser divinal. Aí, então, a verdadeira transparência do viver em Cristo. A consciência de uma realidade inarredável, a do ser, cuja desenvoltura, obedecidas as leis intrínsecas a sua natureza, faz gozosos os momentos da vivência terrenal, mesmo diante de tribulações e a outra consciência, a da integração no não-ser, por meio de entrega à integração divinal, que não é e jamais poderá ser sua, mas que explica a transparência que, mesmo não podendo ser sua, o faz ressurgir, ressuscitar da morte decretada no ser, porque, para tanto, nasceu de novo._

18 - Evidentemente não se tem como menosprezá-las. Tem-se mesmo de viver a ilusão de que as amarras existenciais podem ser tidas como dominadas, de uma vez por todas. Mas só a ilusão... Contrariando esse ilusório conformismo, afirma-se a incidência renitente dessas amarras em face da resistência ao surgimento da “cristicidade”, a qual, por isso, não aparece como tônica, propiciando, destarte, eclodir, no coração do homem, as atitudes pecaminosas da avareza, da preguiça, da vaidade, da gula, da cólera, da cobiça, da luxúria, ou seja, dos sete pecados capitais. Isso, sem dúvida, descamba em ações nas quais, à guisa de uma ilustração, vivem, qual fila indiana, os homens-gênero como cegos guiando cegos; o da frente, visualizando egoisticamente um mundo seu, recheado só de virtudes – as suas virtudes!, deixando, para a parte de trás, só os defeitos. Sendo assim, o seu semelhante fica, naturalmente, levado a enxergar no seu próximo apenas e tão somente a parte ruim que, embora refugio, procura-se, antes, deixá-la à mostra para quem, exatamente,

vem atrás. Isola-se, destarte, cada um no que acha ter de bom e de maravilhoso. Portanto, puro, puríssimo egoísmo.

Na lufa-lufa de todos os dias, a grande maioria assim vem caminhando, com a luz divina subjacente escondida, sempre e cada vez mais, sob o alqueire. Alguns poucos tomam consciência desse pernicioso agir e partem para o que pensam ser o reto-agir, pois elevam a luz para o candelabro, mas atribuem ao seu “eu-personal” essa “proeza”. Que lástima! Enganam-se e enganam a outros. Continuam, ainda assim, na condição de guias cegos. O número ínfimo, porém, fica com aqueles que elevam a luz ao candelabro e festejam a integração do eu à Divindade. Esses, na verdade, não são cegos, mas verdadeiros guias, setas salvadoras, propícias a, no seu próximo – não naquele próximo que está à sua frente ou atrás, na fila mencionada, mas no verdadeiro próximo a que se reporta a parábola do Bom Samaritano – acenderem a luz adormecida e, assim, irem aumentando o número de iluminados em plena integração divina. Não há, pois, nessas “*personagens*” como se separar o joio do trigo, como se colocar à frente virtudes e, atrás, defeitos. Nada disso. Neles, porque integrados, já, à Divindade, só há trigo. Evidentemente, enquanto se “lucificava”, acontecia o processo de separação entre joio e trigo, até que o primeiro fosse inteira e integralmente cortado, para ser lançado ao fogo.

Com isso, tem-se o novo nascimento e, nele, impossível é que joio se desenvolva. Claro é que, para tal nascimento, teve de haver uma morte. Esta nada tem a ver com aquela de ordem física que a Constituição Cósmica impõe a todo o ser vivente. Dessa morte todos morrem, inclusive dela morreu o Jesus humano, histórico. Mas certo é que sua sintonia e altíssima fidelidade com o Não-ser o fazia um ser terráqueo perfeito, sem máculas, senhor de suas ações, para quem a morte física não poderia vir senão naturalmente, via tendência normal de falência de seus órgãos. Era um corpo e uma mente sãos. Perfeito. Se ele morreu a morte física ainda tão jovem, foi porque o mataram. Provocaram-lhe dolorosamente essa morte, fato que, diante do que ele pregava e por não ter sido deliberadamente alcançado por seus contemporâneos, enquanto autoridades religiosas, se constituiu na maior estupidez praticada sobre a face da Terra! Essa morte fatalmente ele a teria, não evidentemente nos moldes como, por circunstâncias político-religiosas, se processou. Importante é que, em verdade, ele já havia tido a “*morte*”, aquela morte que o tornou verdadeiro guia, já que a cegueira do mundo fora por ele vencida.

Nessa senda de iluminados, ressei, ao homem-gênero, a oportunidade de iluminar, pelo seu homem-indivíduo, o lado divino nele subjacente. Mas se para cumprir essa “*tarefa*” há de se expor tanto quanto o filho do carpinteiro de Nazaré... arre! Significa isso muito sacrifício, muita mão-de-obra. Por isso, foi mais cômodo persistir com a estupidez. Deixe-se quem quis lutar contra as forças do mundo, espichado, lá, numa cruz. Redobre-se, cada vez mais, o sentido sacrificial e se façam moucos os ouvidos à advertência profetizada muito antes de sua terrenal existência: “*ide e aprendei: não quero sofrimento, mas misericórdia*” (Oseias, Cap. 6, v. 6 e Mateus, Cap. 9, v. 13).

Cegos! Triste é a realidade que plantam, pois colhem essa realidade nua e crua de muito sofrimento, de muita espoliação, de muita falta de consciência sobre um domínio acerca do que fere os princípios da Constituição Cósmica, coisas que o homem-gênero conhece muito bem e muito explorou e vem explorando no curso dos tempos. Consequentemente, são cada vez mais presentes e marcantes os males provenientes da avareza, da preguiça, da vaidade, da gula, da cólera, da cobiça, da

luxúria, em atos de atitudes próprias de quem é e continua cego na fila dos cegos de um mundo sem luz.

19 - Parece mais que a realidade cristã institucionalizada é inequívoca demonstração de que todo o “*poder*” expresso pelo Filho do Carpinteiro é algo fora de alcance humano e que nem mesmo o próprio Nazareno possa ter chegado ao clímax de espiritualidade, conforme lhe apregoam os Evangelhos. Por certo, tornar institucionalizada a performance do grande avatar naquilo que, hoje, se resume no “*ismo*” do Cristianismo é evidente demonstração de que a cena verdadeira foi desvirtuada para outro palco, onde, ao invés do vigor do exemplo do seu ministério, se passou a centralizar a reação que o mundo institucionalizado de sua época, religiosamente falando, impingiu a sua doutrina. O que o Nazareno pregou, do alto de sua fidelidade, de sua sintonia com as leis cósmicas, foi a necessidade de o homem-gênero ter de nascer de novo. Contrariando esse ensinamento, certamente por se achar que o Nazareno tinha aí exagerado, e muito, se efetuou, como que se escudando em porta salvadora de uma luz que periclitava num mundo de tantas trevas, a instituição do sacrifício nascido daquele mesmo mundo, sacrifício esse protagonizado pelos seus próprios irmãos de nacionalidade, os judeus, e ratificado pelos romanos, os dominadores políticos da época de sua terrenal existência. Pois diferente de uma Igreja dos primeiros séculos, nascida no dia de Pentecostes, buscou-se religiosamente a sustentação política, com o cristianismo tornando-se religião oficial de um império. Aí, sim, passou-se a um vigor e uma presença secular nunca dantes alcançada. Onde antes havia perseguições, matanças, cristãos puros entregues às feras como espetáculo ao mundo dos profanos, chegou-se a um assentimento daquela religiosidade, de maneira oficial. Mas, que religiosidade?! Não foi, certamente, aquela cuja plataforma se baseou nas linhas de uma cruz, como símbolo espiritual, nas quais o “*crucial momento*” de união entre o místico (*amar a Deus sobre todas as coisas*) e o ético (*e ao próximo como a ti mesmo*) foi protagonizada pelo Nazareno, em três anos de público ministério. E tudo assim se deu, porque certamente essa cruz era ininteligível, ou porque não chamasse a atenção, ou porque não incutisse sofrimento, ou não apresentasse sanguinolência, ou fosse possivelmente irrealizável, ou mesmo que expusesse por demais ao ridículo. Era preciso, por isso, acentuar, dar ênfase, trazer ao centro do palco a outra cruz. A cruz visível, tangível, material, feita por mãos humanas. Ali, verdadeiramente, tinha sido exposto à execração um homem. Os olhos da carne o viram. Muitas foram as testemunhas. Pois foi esse sacrifício que, lamentavelmente, prevaleceu para o cristianismo. Aquele outro verdadeiro “*ofício sagrado*” tinha contornos bastante complicados, não cabia na cabeça das pessoas. Mais valiam os espinhos de uma coroa, mais valiam os açoites recebidos pela carne, mais valiam os cravos aplicados aos pés e às mãos, mais valia, afinal, a crucifixão. E assim, no curso dos séculos e milênios, a humanidade ficou com venda nos olhos, proibida de enxergar a verdadeira cruz, por conta do sistema religioso montado. Sem dúvida, não é fácil romper as amarras desse velho sistema. É dele e somente dele a grande culpa por tão poucos ecos e ressonâncias favoráveis no campo social, apesar de mais de dois mil anos passados de cristianismo, onde o Cristo e o seu Evangelho se encontram sob os efeitos do bolor de uma carcomida teologia, na qual transparece mais a visão filosófico-aristotélica, aninhada nos “*santos*” escritos do doutor angélico, Tomás de Aquino.

Como deve ter-se constrangido aquela grande alma, até hoje ainda não superada – Jesus de Nazaré! Do alto de sua “Cristicidade”, nem mesmo pôde contar

com elementos capazes de agasalhar a visão profunda por ele alcançada, na qual se tornara uno com o Não-ser. É triste que nem no dia de hoje se lhe faça a devida justiça. Ao invés disso, mantêm-no em reprises de uma via de sofrimento. A propósito disso, aliás, ele não precisou de originalidade, pois lhe bastou repetir as palavras de um Profeta que o antecederia: *“ide e aprendei: não quero sofrimentos, mas misericórdia* (Oseias, Cap. 6, v. 6 e Mateus, Cap. 9, v. 13). Fica, pois, o dilema: ou a “Cristicidade” é possível a todo o homem-gênero ou não é possível. O Nazareno deu, a tal respeito, a prova maior. Mas o homem-gênero, ainda hoje, institucionalmente, continua, a despeito da grandiosa Revelação, inseguro de que a obra realizada lhe é possível. Se pelo menos achasse difícil, até se admitia.

Como o Nazareno se integrou à Divindade, qualquer dos seus irmãos, pela justiça de Deus, tem a mesma centelha divina, potencialmente igual. A dificuldade em atualizá-la não é motivo para amofinamentos e, destarte, adotar-se a instituição de uma via crucis, resultante de uma reação dos contemporâneos do Jesus humano e telúrico, é evidente demonstração de que a “Cristicidade” revelada é algo impossível ao homem-gênero, que deve permanecer mourejando, cada vez mais repetindo a queda que logo se seguiu à sua criação. Aquele Cristo é algo irrealizável, é muito distante das possibilidades humanas, sendo, então, o escape, *“a salvação da lavoura”* a imputação do sofrimento que sobre ele pesou pelo querer dos homens e por uma aceitação a que não podia fugir, porque, à altura dos acontecimentos, o seu querer alçava-se às alturas nas quais a importância residia em se integrar à Divindade, a qual, embora autora de tudo quanto existe, encontra glória na luz, naquela mais pura e bem apurada em essência, diferente da opaca situação mundana. Mas esse era o lado divino, não podendo realmente se olvidar a condição humana, pois “cristificar-se” é privilégio apenas possível ao ser humano. Não se vai é pensar em “cristificar-se” uma pedra ou um animal irracional. Só o homem pode “cristificar-se”. Pois esse homem “cristificado” era todo entregue aos seus. Para curar doentes, para ensinar o bom caminho, para viver totalmente entregue como servo. Enfrentou tudo quanto os homens do seu tempo terrenal lhe impingiram. Um recuo seu era a negação de Deus. Seria a vitória do mundo. Pois bem, concluindo, volta-se ao mesmo parece do início, para aqui repetir o que disse Mahatma Gandhi, líder espiritual e político do sofrido e espoliado povo indiano, ante proposta para que aceitasse o Cristianismo: *“Aceito o Cristo e o seu Evangelho, mas não aceito o Cristianismo”*. Vez por outra, surge, então, um Mahatma, que significa grande alma, para transpassar o bloqueio do cristianismo e enxergar bem a possibilidade veraz de um Cristo interno presente em igualdade em todos os homens-gênero e que pode muito bem ser atualizado. E quanto mais são esses homens, a resultante social torna os reinos deste mundo mais parecidos com o reino de que tanto falou o Nazareno. Esse reino foi entendido por Gandhi, mesmo sem se dizer cristão.

Na Igreja

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

- Com notas explicativas –

Observação: Recomenda-se a leitura e, em seguida, uma releitura, nesta se fazendo, também, a leitura da nota explicativa correspondente a uma trecho sublinhado entre colchetes

Cristino* era um rapaz que amava participar do movimento jovem da igreja do seu bairro. Chegou, inclusive, a ser presidente da entidade que, na época, se chamava Clube de Jovens. Sua namorada Maria atraía-o, de certa forma, para o aludido movimento, dada a maneira como exprimia sua religiosidade. Era das que não ficavam apenas limitadas a assistir aos atos litúrgicos. Achava que para a pessoa ser igreja era preciso ser verdadeiramente participativa. Tanto que assim se entregava, de corpo inteiro, até mais do que podia, ao trabalho de assistência promovido na comunidade, sob a orientação eclesial.

Mas, após alguns anos de namoro e de atividade conjunta na comunidade com a sua Maria, Cristino, embora mantendo firme e cada vez mais desenvolva aquela participação comunitária, passou a se afastar do espaço físico da igreja, rareando, paulatinamente, sua presença entre os fiéis, durante os ofícios religiosos.

Indagado sobre essa mudança de comportamento, costumava responder:

- Vocês saibam que eu apenas me afastei da igreja (com “i” minúsculo); não da Igreja (com “I” maiúsculo).

Sua novel maneira de agir, como era de esperar, irritava consideravelmente sua namorada e justamente por isso se processou o rompimento do namoro de ambos.

Um dia, numa reunião da comunidade, Cristino aproximou-se de um pequeno grupo de rapazes e moças, dentre as quais, ainda bas-

*Cristino = cristificado

tante chorosa, se achava Maria. Ali estava também Cristiano**, um rapaz recém-chegado no bairro, e o assunto que estava sendo focalizado era exatamente religião.

- Posso lhe fazer uma pergunta? – assim Cristino abordou o mais novo integrante daquele grupo.

- Fique à vontade – anuiu, de pronto, Cristiano.

- Mas tem uma condição.

- Diga qual é.

- Eu passei longo tempo para elaborá-la.

- E daí?

- Temo pela resposta imediata.

- Fique sossegado. Não responderei sem, antes, refletir bem no que vou dizer.

- Veja o Evangelho de São João, Cap. 1, v. 14: *“e o verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade”...*

Feita esta colocação, Cristino, olhos fixos em seu interlocutor, disparou-lhe a pergunta:

- ... quando?

- Você vai me perdoar. A resposta, nesse caso, deve ser rápida, porque é indiscutivelmente simples o seu questionamento.

- Ledo engano, meu caro.

-Tenho total certeza e convicção de que o texto bíblico não deixa ninguém se enganar. O Evangelho de São João é muito claro. Foi com o nascimento de Jesus que o verbo habitou entre nós – insistiu Cristiano.

- Pois peço licença para discordar de você. Eu bem que o preveni para não responder de imediato. Afinal, não foi à-toa que eu fiquei meses estudando para formular essa pergunta.

- Então, explique-se.

- Então, escute o seguinte: a Divindade tri-una, criadora, que tudo fez, era, no princípio, Verbo. Só Verbo. [Nele, em essência, conjugava-se o Filho, pois este é tão divino quanto o Pai]¹. Da essência, em gesto criador, manifestou-se a existência, ou seja, a Divindade, tri-una, que era UNI, no princípio, passou, com a existência de sua criação, a constituir, também, o VERSO. Daí se tem, como resultado, o UNIVERSO. Infere-se, pois, que a Divindade

** Cristiano = cristianizado

tri-una é una na essência e diversificada na existência.

- Até aqui você não esclareceu isso de forma convincente.

- [Quero dizer que, quando da criação do mundo, o Filho (que é o Verbo) já existia; Ele estava com Deus, de modo que, quando, no sexto dia da criação, se criou o homem, este, exatamente, foi o Verbo que se fez carne e habitou entre nós]².

- Interessante. Nunca tinha pensado nisso. Continue.

- Adão é gênero e, não, individualidade.

- Como?

- Isso mesmo. Diz a Bíblia que Deus criou o homem e, não, um homem (ver Gênesis, cap. 1, v. 27).

- Nisso, Cristino, eu o vejo com razão.

- Sendo Deus *amor*, o gesto da criação, juntamente com o seu Filho, não poderia encarnar uma injustiça, qual seja a de que no homem-gênero (Adão) não existisse sua manifestação como Filho - precisamente a do seu lado "Crístico". Só posso conceber a justiça de Deus com a presença do seu Filho tornando-se carne desde a criação do mundo.

- Estou entendendo.

- Dessa forma, meu caro, não temo afirmar que a manifestação hominal - obra divinal por excelência - perdida lá na mais remota antiguidade já trazia, em si, o lado "crístico". Imagine, então, que no próprio habitante das cavernas, ou mesmo nos que o antecederam, já residia a manifestação hominal, na qual o "crístico" se fazia presente em dimensão igual à que acontece hoje em dia.

- Assim você vai realmente afrontar...

- [É melhor afrontar do que aceitar que o Verbo só se fez carne na gruta de Belém]³. Deus, assim, teria deixado a humanidade não assistida do seu amor, que só estaria completo com o nascimento de Jesus, o que é absurdo!!

- Pensando assim, é.

- E você que, segundo me disseram, é bom em teologia, não vai me contestar?

- Não é tão verdadeira a informação que lhe passaram sobre mim. Sou mais um curioso...

- Pois agora redobre a sua curiosidade: penso que a Divindade una há de ser vista como trina apenas para facilitar o entendimento dos homens. Ela, apesar de seu gesto de amor, criando o mundo, com a ativa e necessária participação do Filho (o Verbo), continua una. É que, na existência, está sua presença imanente em tudo. O que vai além da existência é a transcendência, onde, exatamente, a Divindade assume atributos a que o homem não tem, realmente, qualquer acesso,

senão meros acenos. Na imanência, por sua vez, está, também, a essência, sendo esta exatamente a parte de sua conformação que a capacidade humana pode alcançar.

- Mas agora eu vou lhe fazer uma pergunta. E você fique à vontade para responder agora ou, se quiser, em outra oportunidade.

- Pode fazer.

- Onde é que fica a importância de Jesus, o Nazareno?

- Essa pergunta eu a respondo de imediato. Veja bem: a importância Nazarena está, exatamente, em ter sido Jesus a pessoa que enxergou a *verdadeira verdade*. Conheceu a verdade e ganhou a libertação, realmente. Era homem como qualquer de nós; como qualquer de nós que carrega, em si, o lado “crístico”, na mesma dimensão que nele acontecia. A Justiça de Deus, insisto em dizer, é fundada no amor e, por isso, o lado “crístico” de cada um de seus filhos - os homens-gênero - se apresenta rigorosamente igual para todos. O “crístico” no homem foi visto de forma plena pelos “olhos” do Filho do Carpinteiro. Nisso ele, até o presente momento dos registros Históricos, foi único, ou quase único, se não desprezarmos a figura do irmão Francisco de Assis.

- Quer dizer que a importância de Jesus está em ter sido o canal da Revelação verdadeira?

- Ele próprio não foi unicamente o Verbo que se fez carne. O Verbo se fez carne em e desde Adão (homem-gênero). De Adão a Jesus, o progresso de uma consciência teve lugar acentuadamente na pessoa deste último. Ou seja, Jesus fez acordar o “crístico” que nele havia e que havia também e há em todo o Adão - pois somos todos o mesmo homem-gênero criado por Deus, diferindo-nos, tão somente, pela escala evolutiva – material e espiritual.

- Desse jeito, você está sendo evolucionista e, ao mesmo tempo, criacionista...

- Exatamente. Esta - permita-me dizer, caro Cristiano - é a forma correta de interpretar o Gênesis. A propósito, reportemo-nos ao momento da criação divina. Foi uma iniciativa que atendeu a leis de uma Constituição Cósmica e cujo resultado aparece nessa vastidão que é o Universo. Quem pode negar que ele continua em ritmo acelerado? E como parte dela – dessa criação – está o homem, a obra divina por excelência, que, por não estar isolado dela, continua, também, em constante evolução. A grande diferença, entretanto, é que, dentre todas as criaturas, ele foi privilegiado com ser imagem e semelhança do Criador. Maior gesto de amor divina do que esse,

impossível! Pois ao homem-gênero se lhe colocou a possibilidade de escolha, pelo livre arbítrio: ou ele se ajusta aos planos de Deus, para assim viver os efeitos gozosos de uma sintonia divina harmônica, ou ele não se ajusta e, mesmo assim, os planos de Deus se concretizam, porém com efeitos sacrificais ao homem, que fica, [em sua e por sua existência terrenal única e irrepetível]⁴, padecendo pelo cumprimento de penas decorrentes de suas faltas perante as leis da supramencionada Constituição.

- Ih, você vai fundo mesmo, heim?

- Que fundo, coisa nenhuma. Isso é o que de mais simples pode haver. Cristo é o mesmo que Deus. Há identidade de essência entre o “crístico” e Deus, pois o “crístico” nada mais é do que o Filho (o Verbo) que estava com Deus desde o princípio. Esse Verbo, como já disse, se fez carne entre nós no ato e no momento da criação, ou seja, dentre os que constituem o gênero humano, o homem-gênero – Adão. A evolução tanto material quanto espiritual – sendo esta privilégio exclusivo do homem - assistiu ao desenrolar, no curso do tempo, da verdadeira dimensão “crística”, de tal modo que o “crístico” do Verbo encarnado entre nós da criação alcançou o em nós com o Filho do Carpinteiro. Foi com ele, o Profeta-dos-Profetas, que a Revelação atingiu o zênite, de modo a não se ter mais o que revelar. Pena é que os seus contemporâneos, mesmo os por ele escolhidos para propagarem a Boa Nova, lhe transmudaram o verdadeiro sentido, não porque o quisessem deliberadamente, mas por conta da estreita margem de entendimento de cada um e das condições sociais e religiosas da época em que viviam. Desta forma, nada mais há a ser revelado. O “crístico” foi vivenciado por ele em plenitude. Com o em nós se teve a consciência não mais como algo externo de que somos obra divina, mas que é mister viver interiormente o lado espiritual, a partir de cada indivíduo, por iniciativa sua, exclusivamente sua – essa a Revelação por excelência do Filho de Maria.

- Quer o amigo com isso dizer que nada transita de lá para cá e, sim, de cá para lá?

- Vamos colocar bem as suas palavras. Realmente, o homem-gênero não há de ficar esperando por sinais da Divindade. O plano de Deus está pronto. Cabe ao homem - sua obra por excelência - evoluir espiritualmente, o que significa dizer integrar-se na dimensão divina de que ele é parte. Essa integração se dá quer queira, quer não queira o homem. É que tudo já está traçado. A escolha deixada ao homem é só quanto a uma integração com ou sem sofrimentos demasiados.

Nisso ele é senhor das ações. E isso decorre do amor divinal, que, criando o homem a sua imagem e semelhança, não poderia deixá-lo qual boneco de marionete, passível, portanto, de manipulação. Sim, Deus é harmonia e sua obra é perfeita e acabada, em que pese evolutiva. Não intervém, por isso, em assuntos humanos ou mesmo de outra ordem. Ao homem é que, vindo ao mundo provido do “crístico”, cabe evoluir espiritualmente, alcançando “conquista” que jamais haverá de ser tida como sua.

- Como é? Explique mais detalhadamente essa última parte, por favor.

- É onde reside o grande engano cometido pelos homens. A evolução espiritual há de ser voltada à integração do “eu-crístico” à Divindade, mediante *solitárias* respostas intuitivas, frutos de constantes meditações e, ao mesmo tempo, por um comprometimento *solidário*, desinteressado, e voltado ao atendimento àqueles carentes de amor e inteiramente mergulhados em toda a sorte de problemas e de dificuldades advindas de transgressões às leis da Constituição Cósmica. Aos que, nessa ambivalência, lhes faltar o discernimento ou mesmo àqueles que o tenham de forma exuberante, sempre lhes assistirá a [*misericórdia divina*]⁵.

- Difícil!

- Você queria que não houvesse dificuldade? A dificuldade é filha do sacrifício que, necessariamente, atua quer no plano físico, quer no espiritual, metafísico. [Pense no quanto há de sacrifício, ou seja, de ofício sagrado na manutenção que se há de dar ao nosso organismo. Diariamente, temos que nos alimentar o suficiente para mantê-lo. Nisso está presente o ofício sagrado, que é, justamente, aquele da transformação da energia que assimilamos da alimentação ingerida]⁶. [Por outro lado, o sacrifício na via espiritual reside no fato de que a evolução cada vez mais deve distanciar o homem-gênero, através do seu homem-indivíduo, de atitudes egoísticas, pois o divinal não se compraz com atitudes e atos dessa natureza]⁷. Evoluir nessa área é, cada vez mais, integrar o “eu-crístico” à Divindade, de modo a obter não para si, mas para a maior glória de Deus, a certeza de um retorno a uma verdadeira integração de antes da criação, onde tudo era uno-essência, sem existência alguma. Verdadeiro veneno mortífero para esse evoluir é o impregnar-se de sentidos egoísticos, com pensamentos que se detêm no “eu” no “teu” e no “seu”, próprios do homem-gênero enquanto destituído (como se isso fosse possível) de “cristicidade”. Eis o pernicioso “eu-personal”.

- Quer dizer que o sacrifício é essencial?

- Sim, ele é essencial, mas tem uma medida. É pena que um Profeta de tempo histórico bem anterior ao do Jesus de Nazaré tenha dito uma grande verdade, acolhida por este último, mas, lamentavelmente, se vem prosseguindo na velha e contraproducente trilha sacrificial que em muito se adianta à dosagem essencial, necessária.

- Que é que você quer dizer com isso, Cristino?

- Quero dizer que é abominável, sob todos os aspectos, ver, ainda nos dias presentes, a tônica que se dá ao sofrimento. Repetindo o Profeta Oseias (Cap. VI, v. 6), o Mestre-dos-Mestres, quando repreendido pelos fariseus por estar entre pessoas pecadoras, disse: *“Ide, pois, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifícios. Porque eu não vim chamar justos, mas pecadores”* (Mateus, Cap. 9, v. 13). Em que pese essa grande lição, se mantém viva a imagem do sacrifício que se lhe impôs na cruz. Óbvio que sua doutrina não descarta o sacrifício. Ele é indispensável. Mas existe a medida certa e necessária.

- E que medida é essa e como medi-la?

- Do que é natural, não se tem com fugir, meu atento e compenetrado Cristiano. É a consequência advinda de uma lei necessária, que atende ao comando de um “porque”. Terremotos, maremotos, vendavais, etc., além de desastres que nos acontecem decorrentes de atos malvados ou mesmo não-intencionais de nossos semelhantes ou de animais de escala inferior são forças da natureza a que só aparentemente alguém pode se livrar ileso. A regra, pois, é a consequência danosa que, quando não mata, deixa sequelas em níveis variados e terríveis. Nisto não está a mão de Deus, como agente culpável (perdoe a imagem antropomórfica!), como lhe fosse próprio o direcionamento de ações, caso a caso. É a lei necessária que leva a tais resultados. Pode, em alguns casos, haver culpado e este será o próprio homem, por desafiar as leis da natureza, seja por excesso de confiança no que acha saber e dominar, seja por pura ignorância. Afora isso, estar em sintonia com as leis da Constituição Cósmica significa o equilíbrio com a energia do todo cósmico. O corpo é natureza, está na natureza. Recebe, ao mesmo tempo, influências de esferas superiores e da própria esfera terrestre. Aquelas penetram o corpo pelas suas partes excelentes. Esta, de baixo para cima, faz o contrabalanço, de modo que, quando todas as energias se distribuem sem empecilhos, fala-se em estado de sanidade da mente (energia das

esferas superiores) e do corpo (energia da própria natureza). O desequilíbrio do trânsito dessas energias é “conquista” e é, também, “herança”, de pai para filho. Veja, a propósito, o que diz a Bíblia: [*“...sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem”*]⁸ e *faço misericórdia em milhares aos que me amam e guardam os meus mandamentos* (Êxodo, Cap. 20, vs. 5 e 6). Já o equilíbrio opera apenas e necessariamente a partir do plano individual, dele ecoando resposta que se traduz em repercussão social de consequência salutar.

- Estou ficando meio embaraçado. Você está espichando demais suas considerações.

- Tenha calma. Veja você que o sofrimento faz parte da vida, quer o de ordem natural, necessária, inclusive o decorrente do desequilíbrio “conquistado” ou “herdado” pelo homem, quer também o decorrente do próprio equilíbrio. Então, em cima dessa via de sofrimento se erige, no mundo religioso institucionalizado, o sacrifício desmedido. Isso só faz piorar as coisas.

- Agora você vai falar da medida, não vai?

- Exatamente. Veja o Nazareno, dizendo a Nicodemos a experiência por ele vivenciada – a de ter nascido de novo. Primeiro, ele nasceu de mulher, como qualquer um de nós. Mas agora ele estava falando de outro nascimento, no qual ele fez a integração do “eu-crístico” nele subjacente à Divindade. Este o exato sacrifício, o ofício sagrado a que se referiu o grande gênio religioso de Jesus. Mas, o que, enfim, foi institucionalizado? Justamente a reação que os das classes política e religiosa dominantes de sua época terrenal lhe fizeram: a da dolorosa morte na cruz.

- Mas fale da medida, homem!

- A medida está naquilo, exatamente naquilo que fez o Nazareno; não naquilo que os homens do seu tempo lhe fizeram. Muitos deles, aliás, devem ter sentido quanta estupidez cometeram, porque a morte dele na cruz, bem na exata medida do que temiam, o fez forte e vigoroso na dimensão que, até então, era do domínio dos seus próprios algozes. Passaram, então, às perseguições daqueles que o seguiam. Até que, lamentavelmente, estes se transformaram em cegos guiando cegos, como os próprios que, antes, elegeram a morte na cruz como solução.

- Isso é muito complicado!!!

- Vivia-se uma “clerocracia”, como, aliás, se viveu e ainda se vive hoje. É justamente essa “clerocracia” que alimenta o “eu-

personal” da classe sacerdotal, em todos os tempos. Nisto reside, lamentavelmente, o fator que vem emperrando a “*orientalização*” do homem. O sistema que impera não faz vigorosa a “Cristocracia”. Sufoca-a. Deixa a mensagem de Jesus entregue a meia dúzia de privilegiados. Um privilégio, contudo, que vale apenas para os homens, não para a Divindade.

- Isso que você está dizendo é muito sério! – disse Cristiano, voltando o seu olhar para os demais jovens que presenciavam o diálogo, insistindo em observar as reações de Maria, agora mais atenta à conversa.

Cristino prosseguiu:

- Pois lhe digo, sinceramente, que, se já tivéssemos alcançado a “Cristocracia”, o mundo, hoje, estaria com outra face bem diferente da que temos. Tal ainda não aconteceu por culpa do sistema, manejado e dominado por cegos que continuam cegos, guiando cegos. Encaro esse estado de coisas como uma evidente demonstração de que se duvida do real império do Cristo, como se ele fosse algo irrealizável. E o resultado que se tem é o da existência de outro império, o da “Clerocracia”. Ainda bem que ela se apresenta evoluída, está bem melhor do que aquela de tempos longínquos, retratada em Oseias, Cap. 6, v. 9: “*Como hordas de salteadores que espreitam alguém, assim é a companhia dos sacerdotes que matam no caminho para Siquem; sim, cometem a vilania*”.

A essa altura do diálogo, deu-se, de forma inesperada, uma reação de Cristiano. Nela, a certeza de que cessara toda e qualquer resistência que, a princípio, vinha demonstrando:

- Acho, meu caro Cristino, que seu radicalismo tem razão-de-ser. Agora eu estou enxergando bem a realidade perseguida nesse seu modo de interpretar esses assuntos. Ela, todavia, é daquelas que não interessam ao mundo institucionalizado. O sistema está montado de forma e modo tais que não permite um avanço realmente dentro da visão dos homens iluminados que tivemos até o tempo presente. Isso é, se não estou enganado, uma constante, quer no mundo cristão, quer no mundo budista, quer no mundo maometano. Não se tem como vivenciar uma sistemática ampla, porque o que sempre fazem valer são as particularidades de um sistema que refreia o valor “cristico” em favor de uma reconhecida fraqueza humana. Sabe-se que esta é fenômeno inescandível. Mas, por outro lado, também se sabe – e isso eu já estou aprendendo com você – que essa fraqueza não tem que ganhar realce, quando se sabe que, numa visão crística-cósmica, o

homem (gênero) tem a dimensão divina, a qual é rigorosamente igual em qualquer espécie desse gênero.

- Absolutamente certo! Você, na verdade, é que agora está me surpreendendo. Saiu praticamente do seu quase monossilábico posicionamento e passou a demonstrar que está em condições de comigo dialogar. Isso me deixa muito contente.

- Pois foi exatamente quando você falou em “Cristocracia” e “Clerocracia” que me deu uma vasta percepção do assunto em foco.

- A “Clerocracia”, amigo, se assenta, lamentavelmente, no humano, no “eu-personal”. É triste ver, mormente nas religiões mais tradicionais, essa realidade. Com ela, se tem, pelo menos no que respeita ao Cristianismo, e de forma bem direta, a sufocação do “crístico”, da viagem interior, com a qual se nasce de novo, tal como o fez o Homem de Nazaré. Nas outras tradições religiosas do Buda e de Maomé isso também acontece, pois a presença, ali, de uma classe sacerdotal, embota, tantas vezes, o lado “crístico” que também havia de ali aflorar.

- Pois é: agora, conversando com você, eu estou alcançando uma outra dimensão. Vejo que a plenitude “crística”, à proporção em que é revelada (*de revelar, que significa levantar o véu*), diviniza o humano.

- Muito bem! Palmas para você! Está raciocinando de maneira muito correta, Cristiano!

- Podemos, então, prosseguir, Cristino?

- Sim. E eu prossigo lhe dizendo que toda hora e todo dia se deve vivê-los como momentos de um nascimento, de um nascer de novo, um nascer sem ser o da carne, um nascer que não impressione os olhos da carne, mas vivifique o espírito, em vida exemplar “crística”, onde o “eu-personal” não há de ter vez.

- Permita-me perguntar: como isso se dá?

- Tal como se deu ao Filho do Carpinteiro e a uns poucos que a História nos demonstra.

- Mas são poucos mesmo!!!

- Claro, são poucos, justamente por culpa do sistema, como já lhe falei.

- Então, insisto, como isso se dá?

- O “eu-personal” é o que há de mais perigoso, porque age como serpente enganadora. Aliás, ela mesma simboliza esse traço separatista, decorrente da inteligência. Veja como essa afirmação é veraz: quando, por exemplo, se pergunta a qualquer pessoa o que é a

natureza, ela sai apontando as serras, os rios, os vales, o firmamento, tudo enfim que está ao seu redor e se esquece de apontar para si mesma, como se ela fosse separada da natureza, como se ela não a integrasse.

- Isso é verdade, acontece com qualquer pessoa. É só submetê-la ao teste para comprovar.

- Pois bem: esse é o mal do separatismo, o agir decorrente das atitudes nascidas nas baixadas do ego, alimentado pelas vias normais da percepção humana. Por elas, na verdade, caminha o “eu-personal”. Não foi por elas que o Homem de Nazaré fez (nem qualquer de seus irmãos, seja de qualquer época, fará) a maravilhosa viagem interior, penetrando o deserto da interioridade, onde o “cristico” reside e, por via meditativa, faz, como esclarece a expressão evangélica, retirar o candelabro posto debaixo do alqueire, colocando-o acima, bem acima, para iluminar toda a casa (Mateus, Cap. 5, v. 15). Isso significa a Revelação produzindo a “divinização” do humano, resultando numa conquista em que o ego, fustigado, tem a cabeça de sua serpente esmagada, porquanto a glória de quem se diviniza (privilégio exclusivo do homem!) é uma glória que imputa a “conquista” ao “eu-cristico” e, nunca, ao “eu-personal”. É que essa integração se dá não para a glória do homem, mas para a maior glória da Divindade.

- Posso, então, afirmar, seguramente, que Jesus não nasceu já divinizado.

- Mas de qual nascimento você fala, Cristiano?

- Do nascimento relatado nos Evangelhos. Aquele acontecido na gruta de Belém, numa manjedoura.

- Você há de convir que, nesse nascimento, se produziu um clima de religiosidade intenso, a considerar a época em que o mesmo aconteceu. A Judeia, como se sabe, vivia dividida. Era, de um lado, o poder do Estado judaico, teocrático, e, de outro, o Estado romano. O campo religioso, muito presente em todos os quadrantes sociais, econômicos e financeiros, mergulhava em expectativa de uma salvação nacional, que aconteceria com a vinda de um Messias. O menino nascido em Belém de Judá viveu essa experiência na própria pele, pois sua família era muito ligada à questão religiosa, inclusive sua tia Isabel era esposa de um sacerdote importante, Zacarias. Como se sabe, eles foram os pais de João Batista, que as Escrituras denominam de Precursor. Esse é o relato que facilmente se tem de uma leitura do texto bíblico.

- Disso eu sei, já li várias e repetidas vezes.

- Pois bem: o nascimento a que eu quis me reportar foi aquele verdadeiro corte abrupto em termos qualitativos e lentamente construído em anos de existência, até alcançar o clímax das tentações levadas de vencida, no deserto.

- A isso você chama de verdadeiro nascimento.

- Isso! Numa intensa batalha entre o “eu-personal” e o “eu-crístico”, aquele pequeno ser nascido de mulher (e que mulher valorosa, que soube muito bem compreender o filho!) evoluiu tanto física como espiritualmente. Já aos doze anos de idade ele deu demonstração dessa última. Daí em diante até os seus trinta anos de idade, não há registro do que andou fazendo, senão o da passagem evangélica, com a seguinte expressão: *“Ora, o menino crescia, e se robustecia em espírito; e habitava nos desertos até o dia da sua manifestação a Israel”* – Lucas, Cap. 1, v. 80. Eis que o verdadeiro nascimento, a verdadeira dimensão “crística” em sua plenitude sobre o humano Jesus de Nazaré enfim aconteceu! Venceu tentações. E que tentações! E depois de tantos anos, veio o “parto”. O humano se divinizara, em toda a sua extensão corpórea. Transmentalizara-se. Sufocara, para sempre, as baixezas do seu “eu-personal”, tão natural à conformação do homem-gênero em que se constituía. O que, na sua natureza humana, era de índole natural, em termos separatista, foi levado de vencida e o que lhe produzia ilusões mundanas cedeu lugar às desilusões, para uma verdadeira integração do “eu-crístico” à Divindade – uma “conquista”, no clímax desse nascimento, tanto “crística” quanto humana, que revelou eficácia na extensão de uma existência, como a sua, limitada a mais três anos, em meio a um ministério forte, de raras ocasiões de quedas e de vacilações, a partir das quais se pode aquilatar a permanência do seu lado humano, em que pese sua “cristicidade” plena.

- Eu estou, meu amigo, procurando me filiar ao seu ensinamento, como já o fiz, há pouco. Cada vez mais, porém, você vai “cavando” argumentos em defesa de seus pontos de vista e isso me está deixando um pouco “asfixiado”.

- Não se preocupe. Vou procurar ser mais claro.

- Faça isso, por favor.

- O Unigênito...

- ...espere aí, que Unigênito?! Jesus?

- Não! Não me refiro ao humano; refiro-me ao Verbo. Ele, sim, o Unigênito.

- Ah, sim, o que se fez carne desde a criação, como você colocou logo no início deste diálogo.

- Isso mesmo. O Unigênito, a Segunda pessoa da Trindade – que, como já esclarecido, é uma – foi, enfim, revelado em plenitude (em plenitude máxima, se é que se pode admitir este pleonasma) pelo Homem de Nazaré, após longo período de meditação e de intuitivas respostas da Divindade, justamente naquele momento em que, resistindo a verdadeira crise psicológica, venceu as tentações mundanas, pondo como vencido e derrotado, em definitivo, o ego, que, simbolizado pela serpente, produz, no homem-gênero, inevitavelmente, sua separação do Criador. Acho que já disse isso!!!

- E aí se deu o verdadeiro nascimento?

- Sim, a carne criada, já contendo o Verbo, teve, em Jesus, o alcance de que, nela mesma – como na de todos os homens-gênero, seus irmãos - estava o Filho (o Verbo). Assim ele nasceu de novo, para Deus. Qualquer de seus irmãos, de qualquer tempo e idade, traz, internamente, o mesmo Verbo, filho Unigênito da Divindade. Se uns chegam a se aproximar dessa clarividência e outros, não, há de se ter presente, para aquilatar uma dose de justiça, a misericórdia de Deus. Agora, havendo discernimento, não pode é haver desperdícios de talentos. Aos que, com esses talentos, podem e devem fazer, mas não fazem, geram, contra si, débito, que entra na conta de sofrimento anormal, com o qual o homem assiste à realização plena de todo o plano traçado pela Divindade. Daí a prova maior de amor: o livre arbítrio que, nesse ponto, se lhe deferiu; livre arbítrio que não chega ao cúmulo de o homem poder mudar os planos da Divindade, como efetivamente não poderia. A criatura nunca poderá mais que o Criador. Daí, então, haver a Divindade aberto as vias de passagem: cabe ao homem escolher se quer assistir à realização do plano divino com ou sem sofrimento anormal, além daquele, portanto, que é natural e necessário, quer na via física, biológica, quer na via espiritual, também já explicado anteriormente.

- Eu lembro. E a “Clerocracia” não anda nesse caminho?

- Se anda, é tão somente restrita à própria classe sacerdotal. Daí se vê, então, que se encontra arraigado o culto ao “eu-personal”. Há, na verdade, uma igreja visível, montada, institucionalizada a partir de uma hierarquia, com ritos, sacramentos, postos eclesiásticos. Até um direito especial, chamado canônico, eles têm. Isso é o império da “clerocracia”, o que há de visível, em termos religiosos. A igreja (com i minúsculo), aquela da verdadeira “Clerocracia”, como

qualquer outra dentro de um sistema semelhante ao seu (que é, enfim, o de todos os tempos que a História nos tem revelado) prioriza a questão religiosa como um freio, um elemento de controle social, partindo, sempre, de uma classe, dentro da sociedade, previamente reservada ao culto, às coisas ditas sagradas, em contraposição ao profano. Os seus membros, muito embora puguem o Evangelho e se digam ministros do culto, detonam, na verdade, a essência da verdadeira Igreja (com i maiúsculo), exatamente aquela igreja invisível – a da “Cristocracia”.

- Estou adorando suas colocações, Cristino. Conversar com você me está fazendo um bem enorme. Muito estou aprendendo. Parece uma luz que vem de você, iluminando-me.

- Alto lá! Assim, você está se confessando ignorante, Cristiano!

- Como é? Você chamando-me de ignorante só porque eu encontro luz em você?!...

- É que as coisas devem ser colocadas, e muito bem colocadas. Na verdade, o máximo que uma pessoa pode servir a outra é de exemplo, assim funcionando como seta indicativa de bom caminho.

- Ah, já estou entendendo, Cristino. De ninguém sai ou pode sair luz para iluminar ninguém. A luz há de ser própria, individual.

- Muito bem! E me desculpe por tê-lo tachado de ignorante. Não foi minha intenção ofendê-lo.

- Não o quero com esse tipo de preocupação. O nível do diálogo está me interessando e muito, para ficar preocupado com suas desculpas. Fique à vontade. Quando quiser recriminar-me, faça-o sem cerimônias. Sou o discípulo. Você é o mestre.

- Agora você faz-me lembrar passagem brilhante de um grande livro oriental. O Bhagavad Gita. Diz ele que, “quando o discípulo está pronto, o mestre aparece”. E isso é uma grande verdade. O mestre é aquele que serve de seta. Ele é importante, muito importante, porque tem luz. Mas só aparece quando, por ser seta, faz brotar, no próximo, a luz que nele, ou seja, no seu próximo, existe. Daí se diz que o discípulo está pronto e daí se pode afirmar também, com certeza, que o mestre aparece. Aparece, porque ele tem luz, e ele, com essa luz, pregou e sua pregação não foi vã, não foi ao deserto, como palavras ao vento. Pregou sabendo, inclusive, que não estava com perda de tempo. Porque não se deve dar aos cães o que é santo,

nem lançar aos porcos as pérolas (ver Evangelho de São Mateus, cap. 7, v. 6).

- E é exatamente isso que ocorre com a “Clerocracia”.

- Sem a menor dúvida. Tudo assim acontece, porque o sistema opera sempre do lado de fora, como se uma placa eletrônica de computador, contendo informações, à qual se devem todos uma adequação. Vê-se, daí, o monitoramento, o dirigismo, onde se faz prevalecer aquilo que o clero tem como certo e que deve ser anuído por todos.

- Agora, suas palavras me fazem lembrar o homem-indivíduo correspondente a cada homem-gênero. A “clerocracia” jamais poderá produzir o homem-indivíduo, que é fundamental para o nascer de novo, o nascimento do espírito, que salva.

- É mesmo nesse sentido. Você está certo. A “Cristocracia” está ligada ao sacrifício, porém, àquele sacrifício inerente a cada um dos seguintes ângulos de observação: pelo do ser, da realidade, da existência física, se tem o ofício sagrado a que já me referi, onde se dá a assimilação, pelo organismo, das energias contidas nos alimentos ingeridos; pelo outro, o ofício sagrado da íntima relação com a Divindade, se tem a busca da integração do “eu-crístico” nela, ou seja, na Divindade. Nada mais do que esses tipos de sacrifícios servem para que se opere a “Cristocracia”. O que passa disso é desperdício, é exagero, como o que é cometido lamentavelmente pela “Clerocracia”.

- Estou cada vez mais me afinando às suas colocações. Chega-me luz; luz que não é física e que faz iluminar a opacidade de minha realidade bio-psíquica. Uma luz que não vem de você, apesar de tê-la, como a têm todos os homens indistintamente, mas persistem em mantê-la debaixo do alqueire... A luz é a mesma presente em todos os homens de todos os tempos; luz que nada mais é do que o lado “crístico” posto na manifestação hominal advinda do amor da Divindade.

- Essa luz que permeou, pela primeira vez, no mundo, um ser em toda a sua extensão e em toda a sua plástica, resultou da Revelação alcançada pelo Filho do Carpinteiro. Ele foi, exatamente, [no clímax de sua viagem interior, tão “crístico” quanto humano]⁹, com a capacidade de a tudo dominar, [inclusive podendo desafiar as leis físicas, dominando ventos e tempestades, transformando água em vinho, multiplicando pães e peixes, curando cegos e aleijados]¹⁰. Para isso, repudiou o sacrifício, com todas as letras. Evidentemente, o sacrifício repudiado não foi aquele que é basilar aos planos físico e

metafísico. O repúdio foi, exatamente, ao do exagero sacrificial. Para isso ele se valeu de palavras profetizadas muito antes de sua vida terrestre: “Ide, pois, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifícios. Porque eu não vim chamar justos, mas pecadores” (Mateus, cap. 9, v. 13). Isso ele o afirmou quando recriminado por fariseus, por estar no meio de pecadores. Eu já disse isso!

- Veja, então, se eu captei a essência deste diálogo: a “Clerocracia” distorceu a condição de seta do Mestre-dos-Mestres. Quando ele pregou a misericórdia, o amor, e não mais sacrifício, a “Clerocracia”, fazendo justamente o contrário, elegeu o repúdio que o mundo institucionalizado da sua época lhe impingiu, culminando com a dolorosa morte na cruz. Isso precisamente é o que tem de condenável na “Clerocracia”.

- Você arrematou de forma brilhante! O sacrifício em dose máxima e extravagante se encontra institucionalizado. É símbolo maior dessa triste verdade a cruz. Alimenta-se dela a “Clerocracia”. Para esse resultado, há de se culpar, embora lhes reconhecendo o merecido valor, os homens que escreveram e transmitiram a mensagem de Jesus. Deturparam-na, na medida em que olvidaram o poder do Cristo para realçar o poder do clero.

- Hum, quanta indignação está você agora revelando!

- Sim, mas não se apresse em pensar que ela me retira o equilíbrio “crístico”. Afirmo-o – note bem - sem, contudo, jamais esquecer a minha condição humana. Estou e continuo bem sintonizado com o que existe da melhor energia cósmica. Tudo faço, tudo dirijo, para que o meu arqui-inimigo, o ego, seja subjugado e que faça prevalecer o “eu-crístico”, podendo ele, destarte, se aninhar à Divindade na maior extensão possível. Por outro lado, dessa integração creio me nascerem energias que resultam nas minhas ações diárias, junto às pessoas. Dentre essas ações, considero, modestamente, os meus escritos, como forma de exercer a caridade, o amor, sem pretensão quanto a uma realização pessoal, voltada à alimentação do “eu-personal”. Poderia, hoje, estar fazendo muito mais do que isso, se vivêssemos num sistema “crístocrático”. Lamentavelmente, os contemporâneos de Jesus não alcançaram ou mesmo as condições sociais, políticas e religiosas não lhes permitiram incrementar a verdadeira e real mensagem de Jesus. Hoje, o mundo não é, ainda, “crístificado”; pode-se dizer que ele é crístianizado, o que é muito diferente. [Querida muito que o “crístico” que me subjaz valesse o quanto valeu o que subjazera no Nazareno. Contudo, o

sistema emperra, pois a “Clerocracia” claudica inevitavelmente neste ponto; daí a triste e cega realidade em que todos hoje vivemos, lamentavelmente]¹¹. Verdadeira onda de cegos guiando cegos, como fruto da cristianização.

- Agora, você foi fundo!!!

- Precisava que assim o dissesse, Cristiano. Já era tempo. A Revelação feita pelo Nazareno foi completa, mas, convenhamos, seus porta-vozes não lhe deram a total e real dimensão.

- Você é – assim me parece – o único com essa forma de pensamento tão radical para o mundo institucionalizado.

- Alguém tem de ter a coragem para dizer a verdade. Aliás, está escrito: *conhecereis a verdade e ela vos libertará*. O sistema da “Clerocracia” é uma cômoda postura religiosa que, no fundo, põe em dúvida o verdadeiro poder “cristocrático”, como se ele fosse algo distante, impossível à humanidade, uma utopia, e que só ao Nazareno e a poucos outros é que se fez alcançável. Que significa isso? A seta, que é representada no Mestre-dos-Mestres, se viu realçada aos olhos da carne, na igreja visível, pela via do sofrimento anormal, até mesmo sádico!, que lhe foi impingido pelos homens, seus contemporâneos. E assim continua até os dias de hoje - eis a triste realidade. Nessa figura, ele se torna, realmente, inalcançável. Quem há de querê-lo? Quem há de suportá-lo? Enquanto isso, a joia preciosa fica a reboque, em plano secundário, quando ela deveria ter a proeminência de sua inquestionável majestade divina. E essa joia preciosa - não custa explicá-la - é justamente esse complexo místico-ético em que ele mergulhou para, primeiramente, ganhar a consciência de uma íntima relação do seu lado “cristico” com a Divindade, ao mesmo tempo em que, longe de desertar, se aproximou de tudo quanto havia de fraquezas e de fracassos humanos, deles participando num sentido de buscar a cura de quem os sofre e de quem os padece.

E, assumindo um gesto de compenetração, mãos postas na frente:

– Deus, Deus, como o seu Filho Unigênito ganhou dimensão plena no humano de Jesus! E, em contrapartida, como Jesus, sem nunca ter deixado de lado sua humanidade, deve ter-se colocado em situação difícil não para Ele próprio, mas para os seus circunstantes! Ah, depois da longa viagem interior, “cristificado” como se tornara, não fazia sentido nenhum cerrar a boa notícia em si mesmo. Como fazer, então, para levá-la ao mundo? Procurar reis, doutores, rabinos? Essa classe de gente se constituía (e ainda se constitui) no imenso

poço de hipocrisia. Recorreu, portanto, aos humildes, até porque a boa notícia era e lhes continua sendo, ainda, receptível. Mostrou-lhes com palavras e muitos exemplos o verdadeiro poder da “Cristocracia”. Os hipócritas, poderosos de alguma forma, viram o seu mundo, aquele mundo institucionalizado de então, ameaçado de ruir. Levaram, por isso, o Nazareno à dolorosa via crucis. Terrível! Quando o Nazareno esperou que os humildes escolhidos para transmissores de sua boa notícia fossem manter a “Cristocracia” que lhes foi propiciada, eis que, no decorrer dos séculos, mais e mais foi-se implantando nova ordem institucionalizada, “clerocrática”, tal como os registros Históricos acusam. Só que, dessa vez, essa ordem apresentava um homem divinizado, que passou a ser figura de centro, que sofrera morte na cruz, na qual ele aparece pregado, braços abertos, ferido, coroado de espinhos, pés e mãos cravejados, como forma de despertar forte impressão aos olhos da carne. Ah!, ele falou de morte também, mas de uma outra morte. Morrer na carne, para nascer no espírito; não foi, efetivamente, daquela horrível morte na cruz que seus contemporâneos lhe impingiram, sob o argumento de que tinham uma lei e que ela deveria ser cumprida. Era, repito, morrer na carne para nascer no espírito. E esse nascimento no espírito da “Cristocracia” é o que menos funciona na “clerocracia”. Que lástima!

- Bravo!!! Você conseguiu!!!

- Consegui o quê?

- Consegui afastar-me definitivamente da igreja visível, onde prevalece o “eu-personal”. Doravante, vou ser igreja invisível, aquela com “i” maiúsculo. Acho que não sou pretensioso em dizer que a busca, a minha busca, agora, é a do nascimento espiritual. Perdão, corrijo-me, em tempo, para bem explicar a expressão “minha busca”. Estou cuidadoso quanto a não me deixar levar pelo que é possessivo, tão ligado que é ao perverso ego.

- Ótimo! Mas tenha outro cuidado, ainda. Não vá na ânsia de uma “orientalização” do seu ser, pura e simplesmente. Não vá se tornar, digamos, um asceta, puro místico, um recluso dentro de si mesmo, à semelhança dos que se isolam em mosteiros, verdadeiros desertores dos favores éticos que não devem ser jamais relegados!

- Estou seguro de que não seguirei por essa trilha.

- Pois bem: há de se atingir o “crístico” na forma como o fez o Nazareno. O “crístico” alcançado por Buda, por Maomé e outros é tal qual um corpo sem alma. No místico e pelo místico se alcança o “crístico”, mas, ao mesmo tempo, considerando a manifestação

existencial diversificada da Divindade, o homem, sua criatura por excelência, há de se volver na mesma misericórdia divinal para com os seus semelhantes. Sim, sem sacrifícios, além daqueles que são basilares; não como aqueles exigidos pelos fariseus que, em seus falsos pudores, achavam que pecadores são pecadores, e que não mereciam contemplação alguma. Achavam que deles se devia afastar o homem de Deus. Mas Jesus foi categórico: nada de mais sacrifícios; misericórdia, sim. Os justos não eram o seu objetivo. Fazia como certo o seu papel de seta no meio dos pecadores. Será que ainda tenho que repisar esta passagem bíblica?

- Basta. Para mim dou por encerrada essa conversa.

- De modo algum! Desejo que ela continue em outros e mais outros contextos, com outras pessoas. Faço votos de que você seja a seta que eu pude ser (assim ousou pensar) para você neste diálogo. Sinto, com isso, que maior se tornou a glória divinal. Assim é que se retorna ao “seio” do Pai. O “seio” de antes da criação do mundo, do qual nos é permitido, enquanto participantes da ingloria mundana, meros acenos apenas, em que pese a “incognoscibilidade”, decorrente de nossa pequenez. Mas a misericórdia é tão presente que restam, ainda, os acenos de que falei. [Bem certo é que, cessada a ingloria, se desatam, em definitivo, as amarras causadoras da limitação temporal das diversidades existenciais]¹², onde nós, os humanos, somos a excelência, e, então, o aconchego espiritual acontece na inteireza onde o Pai e o Filho (este, o Verbo) voltam a ser tão-somente o Uni do princípio, de antes do Verso, os quais, até agora, vêm se constituindo nesse Universo maravilhoso de que fazemos parte.

- Bom, começamos questionando o Verbo...

- ...e terminamos nele!!!

Quando, porém, se pensou que o “terminamos nele” havia sido a martelada definitiva que fechara o diálogo, eis que Maria saiu do seu mutismo, investindo, com boas maneiras, assim:

- Ouvi atentamente a conversa de vocês dois. Não me causou espanto o nível do debate. Demonstraram-se grandes entendedores do assunto. E acho que até certo ponto não cometeram erros. Mas, para me utilizar das palavras do próprio Cristino, tenho que a questão há de ser vista por ângulos realmente diferentes e necessários. Quero, portanto, ponderar que jamais será possível realizar a Igreja (com “i” maiúsculo) sem um mínimo de igreja (com “i” minúsculo).

- Veja você, minha querida – contra-atacou Cristino – que essa mesma igreja (com “i” minúsculo) há de estar permeada do que

há nos Evangelhos como agentes que impressionam os olhos do espírito e, não, meramente dirigidos aos olhos da carne. Portanto, para início de conversa, vamos ser sinceros quanto à necessidade de exterminar o simbolismo da cruz. É o grande mal por onde começa a proeminência que se dá ao sacrifício desmedido e condenável.

- Oxalá assim pudesse ser! Você tem razão em querer uma Igreja (com “i” maiúsculo”), mas repare naquilo que é a realidade, à qual se curvaram todos os homens de bom senso, de todos os tempos - os Profetas, os Apóstolos, o próprio Jesus! Não se adquire, assim, como num verdadeiro passe de mágica, a Igreja de seu anseio, que é, também, o meu e, creio, o de todos nós, aqui. Não se há como descartar, em definitivo, a igreja (com “i” minúsculo). E sabe por que? Porque o próprio Jesus foi categórico em dizer, quando perguntado pelos Apóstolos se queria que eles arrancassem o joio. Você sabe qual foi a resposta. O Nazareno, mostrando a realidade da vida, disse que não, pois ambos tinham que crescer juntos! – Evangelho de São Mateus, cap. 13, vs. 24 e segts..

- Concordo inteiramente com você. O joio e o trigo hão de crescer juntos. Isso, contudo, não é motivo para realçar o sacrifício em demasia, como faz o sistema religioso imperante. Estou e continuo disposto a permanecer aqui com vocês, neste trabalho comunitário, sem pretensão pessoal nenhuma. Só mesmo o desejo de contribuir anonimamente, sabendo que de nossos esforços e nossas diligências alguém, que não sabemos quem é, vai receber um benefício, que, é bom ressaltar, não é um mero pacote de comida... Agora, não venha com argumento como esse para me atrair, de volta, ao templo. Sou, pelos motivos que já mostrei, visceralmente anticlerical.

- Vamos mais devagar, Cristino – atalhou Cristiano. Anime-me, realmente, com suas colocações muito bem delineadas sobre o tema em debate. Mas, confesso, não quero que, por conta disso, recrudescça o distanciamento entre você e a doce Maria. Apesar de recém-chegado neste bairro, já me informei sobre vocês dois. Duas pessoas tão unidas antes e que agora estão se estranhando, quando, na verdade, têm tudo para uma reconciliação!

- Chega, vamos trabalhar – sentenciou Maria - O padre Amadeus está chegando. Não quero que ele saiba que estamos nessa crise.

Foi, realmente, motivo para o encerramento daquele diálogo a chegada do padre. Todos passaram a se envolver com as tarefas já então distribuídas para cada um. A presença do padre inibia os jovens

ante o assunto acerca do qual vinham debatendo, já que deveras comprometedor daquele, enquanto representante da classe clerical.

Ainda bem que, para encerrar esta história, conta-se com a boa notícia quanto ao que resultou da conversa entre aqueles jovens. Daquele dia em diante, de forma surpreendente, Cristino e Maria reataram o namoro, apresentando-se mais conscientes do papel de cada um e de todos os demais participantes do Clube, atentos, contudo, quanto ao joio que podia ser o próprio comando daquela igreja com “i” minúsculo que continuariam a frequentar (e que eles próprios também podiam ser!), equacionando, destarte, a grande lição de vida a que se não pode fugir, neste mundo. Que bom!

Sabedor, após alguns dias, de tudo quanto se passara no Clube, o padre Amadeus ficou muito contente com o grau elevado daquele diálogo que, muito incisivamente, contagiou os seus integrantes - pessoas jovens -, sem, contudo, comprometer a chama bem acesa em cada um, a qual estava, sem dúvida, gerando seus efeitos benéficos, com a ação por eles desenvolvida, de forma altamente caridosa, em favor dos mais necessitados, não só em termos materiais, mas também espirituais. Para exprimir sua alegria, num dos sermões dominicais, igreja repleta de fiéis, achou ser aquele um momento propício, e fez demoradas alusões ao que se passara entre os jovens, o que, por sinal, devia servir de exemplo aos mais velhos, pois não é de todo condenável a manifestação das ideias das pessoas. Aliás, o padre enfatizou que o mundo é resultado de uma força motriz não causada - Deus. Diferentemente do homem, que viaja, nessa via, pelo intelecto, a Divindade, que tudo fez, juntamente com o Verbo (seu Filho), guarda, em si mesma, a razão-de-ser de todas as coisas, não cabendo ao homem, pelo seu finito e temporal intelecto, indagar sobre os seus desígnios. Ele, com amor, que é a culminância da razão, assenta nesta o propósito da essência que ele não é, na transcendência, e no da imanência, em que Ele é, na multiplicidade das manifestações existenciais. Acrescentou que esse tipo de questionamento, como o feito pelos jovens, é decorrência da manifestação, ao mundo, daquele sobrenatural ímpeto de quem, possuído de discernimento, faz agigantar o talento (mesmo que seja apenas um, como retrata a parábola respectiva- Evangelho de São Mateus, cap. 25, vs. 14 e segts.) que a Divindade lhe fez subjazer. Por mais que se queira pautar os atos decorrentes dessas atitudes tão santas e tão puras de forma anônima, isso se mostra inevitável, porquanto, se o *íntimo-relacionar-se-com-Deus* e o *fazer-sem-olhar-a-quem* são da esfera do

sobrenatural, no terreno prático isso se manifesta pela via do “eu-personal”. A pessoa, como se sabe, é a máscara. Na realidade, pela palavra pessoa se deve entender por onde passa o som (per + sona). Daí que essas digressões de ordem teológica e religiosas não se podem dizer condenáveis. É bom que elas sempre se façam presentes. O perigo reside exatamente no apagar o fogo daquele dúplice caminho: o místico e o ético, o primeiro - a via de mão única do homem em relação a Deus; o segundo - a de mão dupla do homem em relação aos seus semelhantes.

Houve, na igreja, um verdadeiro frenesi que a todos contagiou, com os olhares direcionados a Cristino que, de início, ficou deveras encabulado, não sabendo onde colocar as mãos, nem para quem olhar. Mas a isso se seguiu uma salva de palmas tão intensa, que ainda hoje pulsam suas energias incentivadoras no coração daquele jovem.

E assim arrematou o padre Amadeus:

- Caro Cristino e todos vocês, meus jovens frequentadores deste templo. Temos consciência de nossa condição humana. Por isso, a igreja (com “i” minúsculo) de que você falou não vê em suas posições filosófico-religiosas motivo para não mais achá-lo cristão, mesmo que nelas haja o timbre de seu radical posicionamento anti-clerical e de feroz combatente da presença, entre nós... daquele símbolo - e, apontando, em demorado gesto, para a grande cruz onde estava a imagem de Jesus, concluiu o seu sermão.

1 - Há, a respeito do tema, teorias que se digladiam. De um lado, os unitários que sustentam ser Deus uno, de maneira que a 2ª pessoa, o Filho, lhe é, apenas, semelhante, não sendo este, portanto, da essência daquele. De outro, os trinitários que asseguram ser Deus e o Filho, a 2ª pessoa, essencialmente iguais. Aos trinitários, se há de render homenagens. Contudo, com duas observações: primeiro, a trindade, no final de contas, há de resultar inevitavelmente em unidade. Segundo, a afirmação bíblica, em João, cap. 14, v. 28, de que o Pai é maior do que o filho não se lhe deve interpretar como antagonica; pelo contrário, o fato do registro bíblico acusando diferença entre Pai e Filho é pura decorrência da ingloria, ou seja, o mundo, onde esta se processa, é veículo de resistência que, no final de contas, inibe, em suas amarras, o processo natural da integração do “eu-cristico” (Filho) à Divindade (Pai). Por isso essa colocação feita por João Evangelista, no cap. 14, v. 28. Realmente, sob a ótica da não-dimensão transcendental, o Pai e o Filho são um; unidade de essência. Veja-se ainda em João, cap.10, v. 30: Eu e o Pai somos UM. Entretanto, sob a ótica do dimensional imanente, embora, nesta, opere, em subjacência, a não-dimensão transcendental, há de se ater à existência de amarras constitutivas dessa mesma

inglória que é, justamente, esse período de vida terrenal que, pela difusão da luz divina, torna-a enfraquecida, à proporção que em maior escala de matéria bruta se for diluindo e se constituindo. Daí que ambas as correntes têm lá suas razões, mas faltou a presente explicação para a complementação e melhor compreensão. Pode-se dizer, realmente, com os unitários, que o Pai é maior do que o Filho, mas apenas na imanência. Na transcendência, eles são rigorosamente iguais, idênticos em sua essencialidade. Com os “trinitários”, pode-se dizer que três são as pessoas, mas, no final de contas, tudo resulta essencialmente numa só.

2 - “No princípio era o verbo e o verbo era Deus e o verbo estava com Deus” – Evangelho de João, cap. 1, v. 1. No *princípio*, portanto, só essência – o UNI; com o gesto “racio-amoroso” da criação, manifestada em diversidades, adveio o VERSO. Daí, o UNIVERSO. No verso, a imanência. Nesta, o UNI, exatamente naquela “parte” que, manifestada na criação (substantivo), pode ganhar encontro do que é e foi criado com a essência, do *princípio*. Mas não foi com o resultado do 1º dia, nem do 2º, nem do 3º, nem do 4º, nem do 5º da criação que se operou a possibilidade desse encontro. Só no 6º dia isso se tornou possível. O *princípio* – essência – era e continua *Verbo*. A sua manifestação criadora é substantiva, mas é tanto substantiva quanto Verbo no caso da criação hominal, ou seja, a do 6º dia. No homem, sim, que é sua criatura por excelência, pôs sua própria imagem e semelhança (cuidado, sem conotações antropomórficas!). E é por ser sua própria imagem e semelhança que o *princípio*, que tudo fez, juntamente com o Verbo, nada mais acrescentou a sua obra, como porta aberta de exceção à regra e assim mesmo de conotação impessoal - a misericórdia, de modo que, afóra ela, de sua parte nada mais advém. Sua criatura excelente, o homem, é que há de ir até Ele, seja para assistir, com efeitos gozosos, a realização plena do seu plano (inexorável), seja para assistir a mesma realização, contudo com efeitos sacrificiais dolorosos, cabendo-lhe, exclusivamente, essa escolha. Foi ela deixada à criatura pelo Criador. Este, já o dissemos, é “racio-amoroso” em sua essência – UNI. Criando e, assim, constituindo o VERSO do UNIVERSO, produziu substância (substantivo) em toda a sua extensão existencial, reservando, contudo, para a última, a do 6º dia, a marca, a sua marca – a da imagem e da semelhança -, possibilitando ao homem – e somente a ele – o conter, em si, em subjacência, a mesma “racio-amorosa” característica (= a Verbo e, não, a substantivo) de sua essencialidade, para que o homem não voluntária, mas necessariamente assistisse o e, também, assistisse ao cumprimento do seu plano (que é inexorável), cabendo-lhe escolher, entretanto, entre a condição de gozo ou a de sofrimento penoso. Pode-se dizer, portanto, que o homem, caminhando em direção gozosa, assume divinização do seu humano e, não, deificação. E essa divinização, de forma a mais plena e até aqui exclusiva, foi feita pelo homem Jesus, filho biológico de José e de Maria, nascido para o mundo na cidade de Belém e nascido plenamente para Deus após 30 anos de vida. Sua caminhada, a partir de então, sendo o seu “Eucristico” e o Pai tornados UNO (Eu e o Pai somos UM), deu-se em doses de evidentes provas da divinização do seu humano, mediante o encontro proporcional de sua “racio-amorosidade”, em integração com aquela mesma “racio-amorosidade” do *princípio*, resultando, pela via reflexa, o poder que o seu humano divinizado pôde produzir no que impropriamente se denomina milagres, até que, por ser incompreendido, e por se constituir em estorvo aos seus contemporâneos detentores de poderes políticos e religiosos, foi levado à morte, na cruz – epílogo este colocado absurdamente pelo cristianismo como se integrante fosse do plano da Divindade! -

Obs.: Com a expressão “*racio-amorosidade*”, quer-se aludir à condição da racionalidade da Divindade (*Razão*) e da sua “*amorosidade*” (*Amor*), sendo este a *culminância* daquela.

3 - Toda a narrativa bíblica que induz essa interpretação serve para impressionar, sobremaneira, os olhos da carne. Toda uma trajetória, que vai de antes do nascimento biológico de Jesus (com a anunciação e concepção pelo Divino Espírito Santo), e, depois dele, passando pela visitação dos Reis Magos, pela fuga para o Egito, pela matança dos inocentes, pela apresentação ao templo, pela conversa com os doutores, aos 12 anos de idade, pela sua vida pública, pela sua paixão, morte e ressurreição, tudo isso é apresentado pelos cronistas responsáveis por tais relatos com fortíssima carga emotiva, sentimental, que realça o arquétipo definido de alguém como que fora “*enviado*” pela Divindade para salvar o homem. Seria convincente e altamente mais pedagógico em termos religiosos a “*impactante sistêmica*” que guardasse consonância com o Gênesis e, por rigorosa simetria entre o velho e o novo testamentos, com as palavras de João Evangelista. Essa forma de apresentação do personagem Jesus serve como “*escama*” posta nos olhos (não os da carne, evidentemente!) de quem só pela carne consegue “*enxergar*”. Fácil é ver como essa “*escama*” tende a cair e a desaparecer, totalmente, quando se processa a liberação dessa amarra consistente na “*história de uma vida*” – a de Jesus -, cuja concepção é apresentada como milagrosa, e como enigmática é grande parte de sua vida (entre 12 e trinta anos de idade), e como majestosa é sua performance junto aos que pregou e aos que fez discípulos, e, finalmente, como é dolorosa a sua via crucis – esta última, lamentavelmente, a passagem que ganhou proeminência no curso dos séculos e milênios, como forma de despertar, no homem, o sentimento de piedade, quando, pelo contrário, a mensagem pregada foi a de que cada um fizesse a sua parte, nascendo de novo. Ah, é claro que o Filho do Carpinteiro, além de ter sido mensageiro da grande Revelação, se mostrou corajoso e ativo, não permitindo que a verdade que pregou fosse sufocada, a ponto de se esvaír todo o poder pelo qual ele se fez seta, caminho. Mas, tristemente, se operou a inversão: quando o homem, pela lição do Mestre - verdadeira seta que o é - deveria buscar nele mesmo (homem) a solução, se deparou com o sistema montado que lhe realçou a fragilidade humana (que, na verdade, não se pode esconder); muito pelo contrário, deveria realçar a mesma capacidade inerente a toda e qualquer criatura humana. No “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida*”, dito pelo Mestre, está o sentido de sua “*crísticidade*” plena, mas, também, reside a lição, para todos os homens, providos, pela justiça de Deus, do “*eu-crístico*”, a lição, dizíamos, de que em cada um deles se há de processar essa mesma direção adotada pelo Nazareno, direção que cabe a cada homem. É que, só à guisa de exemplo, nem mesmo a presença física de Jesus, em sua “*crísticidade*” plena, pôde lhe permitir que todos os que lhe estiveram próximos fossem, no tempo de sua vida terrenal, integralmente “*seus*”. Veja-se como Pedro foi fraco, negando-o, por três vezes. Veja-se como dois de seus discípulos sugeriram-lhe, na glória, sentar-se um a sua direita e, outro, a sua esquerda, e como ele lhes respondeu. Veja-se, finalmente, Judas Iscariotes, relativamente a quem a luz lhe estava tão próxima, vinda da maravilhosa seta, que era Jesus humano. Mas, que aconteceu? Ele, Judas, fechou as portas de sua consciência, hermeticamente. Não permitiu invadir-se daquela luz. E deu no que se sabe. Daí, então, se conclui que a chave está nas mãos de cada homem, muito embora ele não possa prescindir da luz da seta, que é Jesus, para que lhe seja facilitado o manejo dessa chave. Volvam, pois, todos os homens à grande caminhada

para dentro de si mesmos. Deem de mão dessa chave, abram a porta da sua consciência, e deixem o “eu-crístico” operar em gozosa integração com a Divindade, ao tempo em que, junto aos seus semelhantes, sem olhar a quem, devem processar os favores éticos ao seu alcance. Larguem, de vez, o sentimento de piedade, nascido de açoites, de flagelação, de coroação de espinhos, de escarnecimento, de cravejamento de mãos e de pés, de corpo e coração em sangue. Não deixem prevalecer aquilo que sobremaneira impressiona os olhos da carne. O avivamento há de ser o dos olhos do espírito. Concluam, com sabedoria, que Deus não teve propósito da mandar ninguém, especificamente, para salvar a humanidade. Essa iniciativa já vem de longe, desde o ato e o momento da criação, onde não agiu só, mas junto ao seu Filho Unigênito (o Verbo). Jesus foi o grande revelador desse grandioso gesto de amor divinal. Logo, há que tornar claro que Deus veio, mas veio uma única vez, com sua ação criadora, junto ao seu Filho. Agora, o homem, sua criatura por excelência, é que deve ir até ele, mediante a integração do “eu-crístico” à Divindade. Isto, exatamente, foi o que fez o humano Jesus, revelando-nos esta grande verdade. Façamos, portanto, por onde valer as lições do seu ministério. Como? Sem sacrifício penoso, mormente o que lhe foi impingido pelos seus contemporâneos. No mais, é adotar postura de comprometimento com toda a sorte de problemas e de dificuldades do nosso próximo. Assim o fazendo, haveremos de nos imbuir da certeza de que somos mansos e humildes de coração, qualidades com as quais devemos encarar como leve o fardo das tarefas em prol do próximo e que, se isso pode ser jugo, haveremos de tê-lo como suave, até porque, para isso, não há necessidade de sofrimento além da conta, justamente aquele sofrimento que tanto a vida material quanto a espiritual nos impinge. É claro que, ao olharmos para o rastro da caminhada, veremos que agimos segundo a grandiosidade da passagem bíblica que se lê no Evangelho de São Mateus, cap. 25, vs. 35 e segts.: *porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me. Então os justos lhe perguntarão: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? Quando te vimos forasteiro, e te acolhemos? ou nu, e te vestimos? Quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos visitar-te? E responder-lhes-á: Em verdade vos digo que, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes.*

4 - Não há, na verdade, como, uma vez despertada a consciência “crística”, acontecer atalhos e caminhos tortos, a nenhum homem, espiritualmente falando. Esse estágio é o céu, entendido, justamente, sem qualquer sentido topográfico. Preocupar-se com reencarnação, em forças da natureza representando deuses e deusas, com magos, bruxas e magias, significa, realmente, a falta da verdadeira dimensão “crística”. Sua falta leva o homem ao sofrimento decorrente dessa opção que, lamentavelmente, fez. O que, em verdade, se processa é a ressurreição, unicamente reservada àqueles que hajam integrado o eu-“crístico” neles subjacente à Divindade e tenham provido os favores éticos na medida exata da eficácia dos talentos que neles subjazam. Aos que objetam com os exemplos de verdadeiros exploradores do próximo, em razão do que gozam existência de luxo e de ostentação ou detenção de poder opressor e que, por isso, merecem o retorno (lei do carma), responde-se que não se deve confundir justiça divina com justiça dos homens. Perante esta, mais dia, menos dia, respondem. Veja-se os exemplos de Atila, de Hitler, de Mussoline e, em tempos mais próximos, Pinochet. A História registra exemplo de homens, nesse

sentido, aos montes. Quanto à justiça divina, há de se calar o homem, pois a ele lhe não compete este “departamento”. Sem julgar - pois, assim o fazendo, se corre o risco de ver o cisco no olho do próximo e não enxergar a trave existente no próprio olho – V. Evangelho de São Mateus, cap. 7, v. 3) apenas se pode aquilatar e presumir como é improvável que nesses homens se tenha operado a integração do “eu-crístico” neles subjacentes à Divindade, a considerar a forma de viés como se processaram os “favores éticos” por eles dispensados aos seus semelhantes. Por certo, em não tendo eles, quer do ponto de vista místico, quer do ponto de vista ético contribuído para a integração do “eu-crístico” neles subjacentes à Divindade, claro e lógico e racional é que assistirão, em via sacrificial penosa, à completa realização do plano traçado pela Divindade; porque este é inexorável. Não há, pois, retorno. A vida terrenal é uma só; “irrepetível”. Fazendo o homem prevalecer, durante ela, efeitos gozosos, estes, efetivamente, prosseguem - assim autoriza concluir o conceito que se pode ter do poder divino - na transcendência. Esse alcance - se é que se pode falar em “alcance” no plano e se é que também se pode falar em “plano” - é sem dimensão, tanto na eternidade, quanto em termos de infinito. Só há mesmo que se abstrair tudo e todos os sentidos e chegar (ora, e nem mesmo chegar!) ao nada!, ao não-ser essencial não causado, todo poderoso. Fazendo o homem, contudo, durante ela, ou seja, a vida terrenal, como se processarem efeitos sacrificiais dolorosos, a transcendência da não-dimensão também se operará inevitavelmente, porque é do plano da Divindade; contudo, o homem no qual subjaziam os talentos que foram desprezados, este assiste a conquista da não-dimensão com o sofrimento decorrente das amarras que ficaram como que “penduradas” a lhe embaraçar a passagem que devia ser suave, sem empecilhos. Em meio a estes, com o perdão da sinceridade, estão os da classe que pregam o retorno, pois os que se dizem adeptos disso são, exatamente, os que têm a lhes complicar o embaraço de suas amarras terrenais pela não conquista da profundidade “crística”. Ficam, como assim dizer, pelo meio do caminho, presos às amarras terrenais, as quais, não se há de negar, existem, a exemplo, digamos assim, da aura que envolve o corpo físico. Todos, então, que se situam nessa onda de retorno são justamente os que não chegaram à não-dimensão da “cristicidade” e, muitas vezes, o seu potencial chega a se constituir em engodo para muita gente, que se entrega ao falso e ao aparente de uma conquista, quando conquista verdadeira é a daquele que se transmentaliza e atinge a não-dimensão, de onde não tem como voltar, como ocorreu com o “eu-crístico” subjacente em Jesus de Nazaré. Se retorno há de falar em relação a ele, este há de ser entendido a partir de sua influência de seta, de mestre, de caminho, pois, alegoricamente, ele volta quando qualquer homem-gênero, pelo seu homem-indivíduo, atinge a mesma não-dimensão de onde Ele não volta nem qualquer homem também haverá de voltar. A efetivação da não-dimensão, então, é a conquista do Não-ser por qualquer homem, por, digamos assim, iniciativa sua, no plano do “eu-crístico”, evidentemente com o suporte do exemplo de quem só alegoricamente pode voltar, como exemplo, como seta, como caminho – o Rabi da Galileia.

5 - Misericórdia – compadecimento da miséria humana. É ela o mesmo verbo original que estava com Deus, o verbo extra-carne, que reconhece, em sua justiça, a pequenez humana, em que pese ser o homem a excelência substantiva. O verbo, então, não se faz esquecido de que essa substância qualificada de excelente (o homem = de humus, aquele que é fértil) tem conjugado, no seu lado divino, por ser criatura, aquel’outro lado, que é separatista – o ego -, que faz com que o próprio

homem veja as coisas distanciadas do Criador. Por isso, a compreensível compaixão do verbo, não só para com os incapacitados de discernimento, mas também para com aqueles que seguem a “trilha” de modo correto para o retorno ao “seio” divinal. Isso, efetivamente, não é fruto de uma vontade que se pode distribuir em medida e na razão de merecimento, mas, sim, uma constante que caracteriza o verbo.

6 – No Livro do Gênesis, se vê que o homem (de humus, ou seja, aquele que é fértil) é pó e ao pó retornará e, ainda mais, que, em face de haver levantado o véu do conhecimento do bem e do mal, passaria (como passou e vem passando) a comer o seu pão, no dia-a-dia, com o suor do seu rosto. É isso, pois, a dose de sacrifício normal, natural, necessária que se desenvolve na alternância do caos do diabólico com a ordem do símbolo. Realmente, desde que a diversidade existencial eclodiu, com o homem-gênero sendo a sua excelência, houve como que a “escama da inocência” que o fazia, embora Verbo, em estado de graça, infenso ao processo dessa citada alternância. Vivía em estado de éden em que se confundia em total extensão com a inocência de um “*cordeiro imaculado*”. Era-lhe implícita a mesma “racio-amorosidade” com que a Divindade, junto ao seu Filho, eclodira a explosão resultante na “multi-facetada” expressão existencial. Veio, porém, o conhecimento do bem e do mal e, com isso, essa “racio-amorosidade” implícita, quintessência lucífera, ganhou escamas em face a visão desse conhecimento, a qual, somente muito mais tarde, com o Nazareno, foi re-colocada na exata condição implícita, sem mais escamas como manifestada a Divindade no mundo existencial, centralizada em pura luz, exatamente no homem. Dessa condição a que o homem transpassou, ao levantar o tal véu, resultou, pois, a passagem, inevitavelmente, da condição de estado de éden ao processo de alternância do diabólico e do simbólico, no qual há de conquistar vitória o último, no final dos tempos, ou seja, do mundo, do que existe, do que é – Juízo Final (escatologia). Não há como o homem se safar do sofrimento natural desse processo, iniciado quando de sua expulsão da vivência no éden, onde a sua condição inicial, de macho e de fêmea, num só e mesmo organismo, tornada, depois, separada, nada tem a ver com o estabelecimento dessa via normal de sofrimento, pois esta se processa exatamente em face e a partir do levantamento do véu, quando se deu conta do que é bem e do que é mal, passando, a partir desse conhecimento, a comer o pão de cada dia com o suor do seu rosto. Cuida-se este, pois, do mesmo pão que, ainda hoje, passa pelo salário pelo qual ele tanto luta, para suprir suas necessidades de morar, de viajar, de comer, sendo elas, por sinal, insaciáveis e, ao mesmo tempo, passíveis de enfatiamento. Sim, são as coisas do mundo por que o homem tanto luta para conquistar e não há quem, uma vez conquistando-a, não passe pelo processo do enfatiamento, como a se invadir da sensação “*ah, eu consegui, mas de que me serve?*”, circunstância esta, evidentemente, somente reservada a iniciados e a iniciandos e nunca a profanos, já que estes, coitados!, são mais do que cegos no espírito.

7 - De outro lado, está o desenvolvimento, no homem, da dimensão “crística” (jamais alcançável pelo intelecto), que é a integração do “eu-crístico” nele subjacente à Divindade, em processo no qual ele esmaga não somente a cabeça mas todo o corpo da serpente do conhecimento do bem e do mal (que é a própria representação do intelecto) e passa em vida infensa a atitudes egoísticas a evoluir não para o mundo, de que ele é parte, mas para a Divindade, evolução essa, todavia, que, pela via reflexa, opera, também, na parte mundana em que ele se insere, pois obtém, necessariamente, por acréscimo (nunca para si, pois seria isso condenável egoísmo),

tudo de bom e de maravilhoso, mesmo neste mundo. E essa integração no divinal resulta no processo indolor, no Juízo final, pois que ele está livre de qualquer amarra existencial e penetra, por isso, de forma direta, sem empecilhos, na não-dimensão do eterno e do infinito transcendental – o “*mysterium tremendum*”, do qual nunca se tem como voltar. Eis a outra via do sofrimento normal, inevitável.

8 - Partindo do que é obra do homem e que lhe venha a causar sofrimento, há de ver-se, neste particular, que as conseqüências não são rigorosamente pessoais. Realmente, transgredir as normas da Constituição Cósmica, em termos de resultante físico-biológica ultrapassa a unidade do homem-gênero responsável direto por essa transgressão. Daí a afirmação bíblica que, mesmo do testamento velho, continua válida. “Visitar a maldade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração” significa a conseqüência inevitável do sofrimento decorrente do descumprimento das leis básicas, traduzida na lista quase infindável de doenças físicas e psíquicas que a humanidade conhece e suporta, naquelas incluídas as que vão surgindo e que se constituem em verdadeiro desafio aos cientistas. Isso sobretudo é resultado do separatismo provocado pelo ego, que leva o homem na direção contrária à integração necessária que o “eu-crístico” nele subjacente havia de operar com a Divindade. Começou, evidentemente, com a desobediência, no éden, onde a serpente representa o que há de intelectual no homem e que, na verdade, é tão atrativo e que o tem levado à perdição. Sim, o homem, embora contando com a boa seta, que é Jesus, teima, por culpa de um sistema religioso, em permitir o seu evoluir “bio-físico-sócio-psicológico” e “espiritual” na base daquele velho conhecimento do bem e do mal – a ciência que expulsou o homem-gênero do paraíso, colocando-o em distanciamento oposto diametralmente ao verdadeiro conhecimento da verdade, esta unicamente possível na integração do “eu-crístico” à Divindade. Com esse conhecimento do bem e do mal se processou o ofuscamento (para o homem) da “racio-amorosidade” divinal, a mesma que ele, criatura excelente que é, tem-na em subjacência e que lhe possibilita a condição de imagem e semelhança do Criador. Direcionou-se o homem-gênero, pois, em sentido adverso àquele da integração do “eu-crístico” à Divindade, tornando-se “deuses” (Gênesis, Cap.3, vs. 5 e 22). Aos poucos, contudo, foi ele, o homem, atingindo revelações divinais em doses cada vez mais evolutivas, até que a Revelação definitiva adveio com o Homem de Nazaré. Nele aflorou o “crístico” como nunca ocorrera a nenhum homem-gênero, ficando ele, para todos nós, como seta, como caminho, a fim de, com ele, necessariamente, podermos fazer brilhar a luz da “cristicidade” que existe subjacente em cada um de nós. Aquela escama que escondeu a condição imaculada do éden foi definitivamente raspada pela visão “cristica” do Nazareno. Foi-lhe tão intensa essa visão que aquela desarrumada e desastrosa onda de persistentes desequilíbrios iniciados na expulsão do éden não lhe atingiu o lado humano; pelo contrário, possibilitou que se apresentasse como criatura tão imaculada na carne, quanto o era o espírito de que ele se imbuíu em sintonia com o Pai, em relação a quem se apresentou como Uno, porque o é em eternidade e em infinito, efetivamente. Mostra-se, destarte, com a profundidade “cristica”, como ela influi no lado humano, a ponto de torná-lo imune às conseqüências naturais, capacitando-o, como um corpo são, a não se submeter, por exemplo, a doenças e a perigos. No referente ao Filho do Carpinteiro, o seu corpo são levá-lo-ia à morte natural pela falência normal dos órgãos. Mas foi-lhe aplicada a “justiça” de uma lei que os homens de seu tempo histórico diziam ter. E o feriram de morte terrível em uma cruz. Deste modo, atua como esboroamento da “visita da maldade dos pais nos

filhos” a integral dedicação do homem-gênero que, organizado em sociedade, assume o compromisso de seguir a Jesus, efetivamente, no integral cumprimento de suas lições, com as quais alcançará, primeiramente e obrigatoriamente no plano individual, sua “cristificação”, a qual redundará, em consequência, em resultante social benéfica, inevitavelmente. Para isso, há de largar o natural apego à ciência do conhecimento do bem e do mal e voltar-se à mesma “racio-amorosidade” do Criador que ele tem subjacente em si.

9 - Não olvidar, jamais, a condição humana de Jesus. Ele nasceu da carne e essa carne, sã e perfeita, morreria, naturalmente, pela falência normal, natural do organismo; mas morreu pelo processo de provocação terrível, na cruz. Seu nascimento deveras importante, em termos religiosos, foi o espiritual. Veja-se que, quando se fala em ter ele sido, no clímax de sua viagem interior, tão “crístico” como humano, é para se poder registrar que, depois desse clímax, registraram-se momentos na sua existência ministerial em que o humano se pôs, por alguma freqüência variada do “crístico”, em alguma evidência. Diga-se, como exemplo disso, o fato de haver chorado, quando soube que Lázaro, seu amigo, havia morrido. Outro exemplo, sua investida contra os vendilhões do templo. Pode-se dizer, também, a agonia por que passou no Getsêmani. É exemplo, igualmente, o que disse, na cruz, “Tenho sede”. Por fim, o desesperado grito “Pai, por que me abandonaste?”.

10 - De notar que as realizações registradas nos Evangelhos não devem ser vistas como resultante unilateral de ações de Jesus. Na verdade, o exemplo que ele representava era tão forte e vigoroso que movia seus circunstantes; esse mover era, justamente, a participação do lado humano que, obrigatoriamente, há de se fazer presente na realização do que se denomina impropriamente milagre. Não há milagre, na verdade, mas a rebentação da força individual de cada homem-gênero, ante a influência de setas poderosas, tal como assim representou a figura de Jesus. Assim é que os feitos de que fala a bíblia não aconteceram sem o concurso de quem com ele interagiu. Veja-se, portanto, o caso dos dez leprosos, o das bodas de Caná, o da ressurreição de Lázaro, o da ressurreição da filha da viúva, em Naim. Busque-se em cada uma dessas passagens bíblicas e se encontrará, exatamente, aquela participação de quem interagiu com Jesus, sem a qual o que se chama “milagre” não aconteceria. Por exemplo, nas bodas de Caná, a ordem de Jesus foi cumprida: “enchei as talhas”. Na ressurreição de Lázaro, também uma outra ordem: “Tirai a pedra”. Esta também foi cumprida. A ressurreição da filha da viúva, em Naim, o atendimento à ordem para que parassem o préstito fúnebre. E assim por diante.

11 - Muito há a lamentar, realmente, porque o império “crístico” apresentado pelo Nazareno já completou dois milênios e a sua supremacia, contudo, é algo ainda distante, porque, em face do sistema religioso montado, se faz por onde operar a cristianização dos povos e, nunca, a verdadeira “cristificação”. Deus é em nós; por nós, entenda-se tudo quanto criado. Nesse tudo, separe-se a excelência, que somos nós, os humanos, os únicos seres da manifestação criadora da Divindade capazes de ciência e de consciência. Os homens de todos os tempos, providos do “crístico”, só conseguiram despertar, neles, ciência, porque a verdadeira consciência veio com o Nazareno, tomando, em si, o real sentido de sua dimensão “crístico-cósmica”. Enquanto isso, o sistema montado no qual ele é figura central, o faz arquétipo de cristianização e, por essa razão, o sentido que ele empreendeu junto aos simples, seus discípulos, teve duração de vida curta, não chegando a uma existência de trezentos anos, a considerar o período compreendido entre o fenômeno de

Pentecostes (quando os discípulos nasceram de novo) e o estabelecimento de uma religião oficial cristã. Daí o lamento que se destacou logo no início desta nota. Sim, poderíamos, hoje, assistir a um mundo “cristificado”, para a maior glória de Deus, onde, certamente, se viveria, na via sacrificial normal e inarredável, uma vida de paz e de tranquilidade. Mas a “Clerocracia” obstaculiza esse avanço e o reino “cristico”, que não é deste mundo, cada vez mais se distancia de sua supremacia, na medida em que se processa a cristianização dos povos e, não, a sua “cristificação”, como já explicado.

12 - Dá-se o *nascer* e o *morrer*, biologicamente falando; no plano espiritual, entretanto, não se há falar em morte. Espírito é e sempre será Espírito - “realidade” eterna e infinita de não-dimensão. Espírito é divino e, por ser divino, é impróprio falar-se em espírito do mal. Só há como se conceber Espírito do bem. Criando o mundo, a Divindade reservou o 6º dia para a criação do homem (gênero) - macho e fêmea. Essa criação é atual e evolutiva; atual porque, ainda hoje, ela se processa a cada vez em que nasce um ser de mulher, qualquer que seja o sexo; evolutiva, porque a criação da Divindade é processo, é algo que sempre envolve um ir e um vir, os quais representam o diabólico e o simbólico, numa seqüência necessária e interminável, onde, inevitavelmente, resulta o caos provocado pelo primeiro, mas sempre reposto o sentido de harmonia presidido pelo segundo. O homem – e somente ele – é um complexo tanto de diabólico quanto de simbólico. Enquanto sendo aquele, assiste, inapelavelmente, “o processar” e, ao mesmo tempo, “ao processar” da vitória da ordem – o simbólico - sobre o caos – este o diabólico. Essa vitória ele não só a assiste, como assiste à plenitude de sua vocação de simbólico, restando-lhe, por ser imagem e semelhança da Divindade, escolher entre ser esse “assistir a” e, ao mesmo tempo, “assistir à” um cumprimento do plano Divino com ou sem sofrimento demasiado. O próprio nascer biológico dá início ao desprendimento das amarras que o prendem ao finito e passageiro de sua existência terrenal. Esse desprendimento é processo que, via de regra, se apresenta lento. Casos há, em que o desprendimento é abrupto; isso se dá quando, mal nasce um ser de mulher, vem o mesmo a morrer, minutos ou horas após. Essa morte biológica prematura impossibilita, evidentemente, a atualização de toda a eficácia dos talentos porventura subjacentes naquele corpo. A misericórdia Divina funciona ao máximo, nesses casos. Contudo, mesmo ainda funcionando a misericórdia divinal, aos que têm os talentos e o discernimento e lhes desperdiçam a eficácia, a estes se reserva, exatamente, o “assistir o” e o “assistir ao” exato cumprimento do plano divinal com doloroso sofrimento. Para, então, operar-se esse processo sem sofrimentos demasiados, mister é o alcance da “cristicidade” – a porta estreita através da qual se processa, suavemente, a soltura das amarras existenciais. Assim, o espírito, que nunca morre, encontra vitória em face da integração do “eu-cristico” à Divindade, em “clima” gozoso, em que pese a dose necessária e imprescindível de sofrimento que tanto a vida biológica como a do plano espiritual devem espelhar. Quis a Divindade – e nisto residem os seus desígnios, a cujo respeito não cabe o homem questionar – que as amarras do diabólico assumissem feição necessária, submetida que está sua realidade material a uma lei inexorável. Mas quis, também, e, nesse outro quis, fez questão de compartilhá-lo com o próprio homem - sua criatura por excelência - que ele pudesse, enquanto ser discernido, escolher entre a realização do seu plano com ou sem demasiados sofrimentos. Nesse encontro, nessa integração, está o sentido maior tanto da existência (Verso) quanto da essência (Uni), frutos da “racio-amorosidade” não

causada da Divindade e da mesma “racio-amorosidade” subjacente no homem, pois, se assim não fosse, tudo perderia sentido, até mesmo a Divindade, a qual, no final de contas, há de significar o nada do não-ser de sua essência, até agora escondida, no que é possível ao homem discernir, na sua manifestação, que é o Verso.

O Verdadeiro Sacrifício

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Evangelho de João – Capítulo 6:

41 Murmuravam, pois, dele os judeus, porque dissera: Eu sou o pão que desceu do céu;

42 e perguntavam: Não é Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe nós conhecemos? Como, pois, diz agora: Desci do céu?

43 Respondeu-lhes Jesus: Não murmureis entre vós.

44 Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia.

45 Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto todo aquele que do Pai ouviu e aprendeu vem a mim.

46 Não que alguém tenha visto o Pai, senão aquele que é vindo de Deus; só ele tem visto o Pai.

47 Em verdade, em verdade vos digo: Aquele que crê tem a vida eterna.

48 Eu sou o pão da vida.

49 Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram.

50 Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra.

51 Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne.

52 Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: Como pode este dar-nos a sua carne a comer?

53 Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos.

54 Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.

55 Porque a minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida.

56 Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele.

57 Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, quem de mim se alimenta, também viverá por mim.

58 Este é o pão que desceu do céu; não é como o caso de vossos pais, que comeram o maná e morreram; quem comer este pão viverá para sempre.

59 Estas coisas falou Jesus quando ensinava na sinagoga em Cafarnaum.

MUITOS DISCÍPULOS ABANDONAM A JESUS

60 Muitos, pois, dos seus discípulos, ouvindo isto, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir?

61 Mas, sabendo Jesus em si mesmo que murmuravam disto os seus discípulos, disse-lhes: Isto vos escandaliza?

62 Que seria, pois, se vísseis subir o Filho do homem para onde primeiro estava?

63 O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida.

64 Mas há alguns de vós que não creem. Pois Jesus sabia, desde o princípio, quem eram os que não criam, e quem era o que o havia de entregar.

65 E continuou: Por isso vos disse que ninguém pode vir a mim, se pelo Pai lhe não for concedido.

66 Por causa disso muitos dos seus discípulos voltaram para trás e não andaram mais com ele.

À passagem bíblica que se pôs como pórtico das considerações a serem aqui desenvolvidas, muito bem se pode aplicar uma outra, segundo a qual não se deve lançar o que é santo aos cães, nem também pérolas aos porcos (Mt 7,6).

Vê-se, no texto de João, Jesus falando com judeus, na sinagoga, e, por fim, falando com os também judeus que se tornaram seus discípulos. Àqueles, ele se apresenta como sendo o pão da vida. Mostra sua carne como sendo uma verdadeira comida e o seu sangue como sendo uma verdadeira bebida. Os judeus ficaram estupefatos: como – pensaram eles – se poderá comer a sua carne e beber o seu sangue? Pior ainda, porém, foi o fato de que muitos dos seus discípulos se escandalizaram e terminaram deixando-o. Aos judeus, pois, ele não desceu a explicações. Fê-lo, contudo, em relação aos seus discípulos. Ainda assim, o aproveitamento não foi na ordem de 100%, haja vista a deserção de alguns deles, como já realçamos. Nas explicações dirigidas aos seus discípulos, sabia ele que falava e dirigia a palavra santa não a cães, nem tampouco lançava suas pérolas a porcos, porque, na verdade, o grupo com o qual interagira constituía-se de pessoas iniciadas nos “meandros” do Reino dos Céus; dizemos iniciadas e não inteiras nesses “meandros”, porque mesmo seus próprios Apóstolos, pessoas escolhidas especialmente por ele, eram homens que sempre titubeavam em seus gestos e atitudes. Diga-se, por exemplo, de Pedro, fraquejando ao andar sobre as águas; diga-se, também, de sua proposta eminentemente envolta de sentido egoístico, no monte Tabor, quando da Transfiguração, pois sugeriu, naquele clima celestial, que edificaria tendas, só para gozar daquelas delícias, de forma a sequer lembrar da vida que tinha de viver junto aos outros Apóstolos e demais contemporâneos; diga-se, ainda, como misturou o divino com o humano, a ponto de receber um “*vade retro, satanás*”, da parte do Nazareno, numa demonstração deste de quanto e como o satânico deve ser sempre deixado para trás e, não, situar-se na dianteira; diga-se, outro tanto, das negações por ele Pedro

empreendidas, numa evidente demonstração de vacilação; diga-se, também, de outros dois Apóstolos que pediram para sentar, no Céu, um à direita, outro à esquerda de Jesus; diga-se, finalmente, de Judas Iscariotes que decepcionou o Nazareno, facilitando que as autoridades do Templo pudessem agir contra ele, na eficiência que pretendiam.

Tendo, pois, Jesus falado aos seus discípulos acerca do verdadeiro sentido de suas palavras, arrematou que elas são espírito e vida! Não poderia dizer isso de forma tão direta aos judeus, pois assim estaria jogando o que era santo aos cães ou atirando pérolas aos porcos. Mas aos seus discípulos afirmou que a carne de nada aproveita. Mostrou-lhes que ela e o sangue aos quais se reportara não poderiam ser a sua carne de ser biologicamente bem e santamente constituído, nem tampouco o seu sangue. Aos judeus ele falou em carne e em sangue, porque era a linguagem a eles mais acessível em face de sua nulidade em termos de espiritualidade – e, por isso, nutriram a falsa percepção de que lhes seriam dados pedaços da carne de Jesus e poções de seu próprio sangue. Aos discípulos, fez ver que o real sacrifício é o de imprimir espiritualidade à existência, pois só assim se chega à bendita integração do “cristico” com a Divindade. Para essa integração, veja-se que ele não disse que suas palavras são vida e espírito, mas que são espírito e vida, numa evidência de que primeiro vem a importância espiritual e, depois, o que é vida, pois esta é que deve ser vivificada pelo espírito. De qualquer forma, porém, na importância dessa ordem, ele não falou só em espírito; falou em vida também. A vida que se deve viver. É que, se, em termos de importância final, aparece o espiritual, a encarnação do Verbo (que significa a Divindade tornada existência, imanência) assenta-se, por razão e por amor, no que é vida, no que é existência material, que é e deve ser vivida santamente, em que pese em si mesma jazer o maligno (1Jo, 5, 19).

Tenha-se, então, que o sacrifício condenado nas Escrituras pelo Profeta Oseias, cap. 6, v. 6 e repetido no Evangelho de São Mateus, cap. 9, v. 13 (Ide e aprendei: não quero sacrifícios e sim misericórdia) se coaduna com o sentido imprimido pelo Mestre Nazareno nessa passagem do Evangelho de João, na qual e pela qual permite compreender, cabalmente, que aquela cena da última ceia, em que instituiu a Eucaristia, não dizia respeito, de forma alguma, à terrível e desumana maneira como seria tratado com flagelações, com coroamento de espinho, com cravos nos pés e nas mãos, prendendo-o a um madeiro, no qual veio a ter morte provocada e cruel! Evidenciou,

pelo contrário, que o sacrifício é tão somente a misericórdia que faz do homem o ser que abomina o conhecimento da ciência do bem e do mal (intelecto) que o distancia da Divindade e, em sentido diametralmente oposto a essa ciência, conscientiza-se pela via intuitiva (jamais intelectual) de quão mister é a espiritualidade, no não ambicioso propósito de alcançar a plenitude divinal, que se opera pela integração do “cristico” com a Divindade, sem nenhum sentido de utilitarismo vantajoso para o ego. Aquele brutal tratamento que lhe dispensaram e ele o anteviu porque sabia do contexto em que terminou inserido é um episódio à parte, não essencial ao plano da Divindade para que se lhe integre o “cristico” que subjaz no homem.

Assim, se a ceia da quinta-feira santa foi simbólica, o foi porque deveria, como deve, ainda hoje, servir à religiosidade tradicional, que é cega no sentido de puríssima espiritualidade. Dizer que o pão e o vinho consubstanciam o corpo de Jesus é, na verdade, olvidar o arremate que o próprio Jesus fez na passagem bíblica em comento, pois deixou claro aos seus discípulos que a carne para nada aproveita. A simbologia da Santa Ceia significa para os de hoje a mesma explicação que o Nazareno deu aos judeus, na Sinagoga. Aquela forma de simbolizar apenas se fazia mister para aproveitar o baixo ou quase nenhum nivelamento espiritual que, via de regra, está no “geral da humanidade”. E os judeus, *in casu*, representavam esse “geral da humanidade”. Não tinham eles senão os olhos da carne, para com eles se fixarem no entendimento de que seria a própria carne de Jesus que deveria ser comida e que o seu próprio sangue deveria ser bebido. Já aos discípulos, em face do seu nível de espiritualidade, reportou-se Jesus ao verdadeiro significado de suas palavras santas, como se antecipando à bendita luz que, enfim, assomou o espírito dos cento e vinte personagens que tiveram o privilégio do “*levantamento do véu em definitivo*”, após a sua morte e sua Ressurreição, ou seja, o Pentecostes, oportunidade magna da Cristandade tão pouco dimensionada, se considerarmos a cerimônia tão mais difundida e tão propalada da ceia larga, justamente por ser de mais fácil absorção pelo homem de entendimento médio. Esta serve ao “grosso da humanidade” que vive, ainda, em fase de amamentação, ou seja, são como bebês, ainda incapazes de ingerir o alimento sólido da espiritualidade.

Portanto, há de se enxergar a igreja de hoje (e de todo o tempo passado) como sendo de “i” minúsculo mesmo, porque continua detendo-se naquela mesma explicação do Nazareno, ou seja, mantém a

simbologia da Eucaristia com o pão e o vinho, tão de forma simplória mostrada por ele aos que ainda bebiam leite no sentido de espiritualidade – os judeus de sua época. Não ousou ainda essa igreja adotar uma posição que se direcione, realmente, à conquista, pela humanidade, do verdadeiro sentido do Cristo. Assim preferindo, mantém-se em postura “clerocrática”, quando, pelo certo e eminentemente Evangélico, deveria ser a grande porta-voz daquelas palavras que o Nazareno dispensou aos seus discípulos. Seria necessária esta última feição para que, realmente, se lhe timbrasse a condição de verdadeira Igreja, desta feita com “I” maiúsculo. Assim, estaria trilhando o caminho correto de uma “Cristocracia”, fazendo-se exemplo maior do único sacrifício a que se permitiu o Cristo, que é a ação não ambiciosa e anônima em favor dos que têm fome, dos que têm sede, dos que estão nus, dos que estão presos, dos que estão enfermos. Isso, quando efetivamente vivido, é o que retrata o verdadeiro cristão e, para tanto se conseguir, não se há de consignar o sofrimento de crucifixão como condição *sine qua*. E se pode dizer também que essa é a face verdadeira de uma “Cristocracia”, porque nela não se teria a necessidade de uma direção, de um grupo a comandar, já que nela prevalece a iniciação tendente à plenitude espiritual. E quem alcança esse patamar não tem como ter comando de ninguém, senão de si mesmo. Essa Igreja com “I” maiúsculo é a Igreja do Sacerdócio de Melquisedeq (Hb, 7, 1-12), aquele que não teve genealogia nenhuma, como genealogia nenhuma teve o Cristo - primeira e única manifestação individual da Divindade, Criador tanto quanto Criadora foi aquela.

Ser realista, pois, leva, inevitavelmente, a uma posição logo e apressadamente considerada “anticlerical”. Mas, essa postura corajosa há de ser recepcionada – assim se espera – por quem propriamente é apenas aparentemente aqui repellido, porquanto não devem os membros clericais partir para o radical e avesso comportamento semelhante a quem prefere o isolamento para não correr riscos de contaminações... Essa mesma igreja com “i” minúsculo, para ser eficaz, deve ser “*casa de porta aberta constantemente*” até mesmo para aqueles que, como o autor destas linhas, investem contra a sua “Clerocracia” Afinal de contas, nem este autor, nem qualquer representante da ordem clerical pode assumir a condição de dono da verdade. Essa verdade ela é única e não é de ninguém. Não cabe a ninguém imprimir-lhe o sentido de posse. E, sendo assim, só mesmo a Divindade se pode dizer soberana a seu respeito. Enquanto isso, nós,

independentemente de qualquer matiz religioso a que nos liguemos, não passamos de meros instrumentos de passagem. Somos verdadeiras máscaras de representação no seio social. Afinal de contas, o próprio termo pessoa (per + sona), atributo de cada homem e de cada mulher, seja branco ou preto, rico ou pobre, religioso ou irreligioso, grande ou pequeno, inteligente ou imbecil, significa a nossa condição de agentes da passagem do som - uma realidade, portanto, do mundo. Daí a grande farsa da igreja com “i” minúsculo ser de fácil representação, bastando, para isso, o desempenho do papel que bem se conforme aos interesses de algo, enquanto organização social. Quando, todavia, se deve ter em conta a Igreja com “I” maiúsculo, aí sim se vê o mundo da melhor “realidade”, onde fica fácil o desenvolvimento da “Cristocracia”, na qual a organização social religiosa, ou outra qualquer, não tem como ter vez, porque nessa Igreja cada um representa a vontade da Divindade, abstraindo tudo quanto significa de cunho egoístico. Nela o verdadeiro Sacerdócio não é humano, porque não deve ter genealogia alguma. É o Sacerdócio Eterno de Melquisedeq - tão Eterno quanto o é o Cristo - que prevalece, como já realçado. Assim, nessa Igreja, o sacrifício é o devotamento à Divindade, mediante solitária postura de intuitivas receptividades, por ela permitidas, em sua infinita bondade e misericórdia. Ao mesmo tempo, no mundo em que jaz o maligno, o “cristocrata” lhe faz a peremptória negação e, concomitantemente, sem considerar outro mundo, mas esse próprio mundo, afirma-o mediante a atitude de espiritualidade alcançada em integração cada vez maior com a Divindade, para glória e honra dela apenas e de mais ninguém. Eis, pois, o papel do cristão; nele a presença do seu “oxigênio” verdadeiro: a incoerência entre negar e afirmar o que foi negado, para poder realizar o que nunca e jamais poderá ser dele.

Seja-nos, pois, dada a possibilidade de compreensão universal; compreensão para os de dentro e os de fora da igreja com “i” minúsculo. Aliás, o primeiro a fazer assim foi o Nazareno, justamente nessa passagem bíblica. Soube, como nunca ninguém tinha feito antes, dispensar tratamento a pessoas diferentes, de modo a “*não jogar palavras ao vento*”, como se costuma dizer. Aos judeus, tratou superficialmente, na medida da capacidade de percepção deles; aos discípulos, não.

E assim caminhamos até os dias de hoje, sempre a “Cristocracia” cada vez mais refém da igreja com “i” minúsculo, pela falta de uma postura eminentemente cristã, à semelhança da que foi

mostrada aos discípulos, no caso em foco, pelo grande Rabi da Galileia. Essa postura, reconhecemos, é difícil, mas se torna cada vez mais distante de uma afirmação, na medida em que se insiste na condução da missão deixada pelo Nazareno em sacerdócio “levítico”. Esse sacerdócio, exatamente, é o canal do homem enquanto pessoa, enquanto passagem do som; já o outro, o de Melquisedeq, é aquele da diametral postura, que não é postura, porque não tem, realmente, uma apresentação material e que não pode servir de apoio para todo um ritual que as igrejas com “i” minúsculo terminam por incorporar, pela força da religiosidade tradicional.

É exatamente essa religiosidade tradicional o “combustível” com o qual se mantém o sacerdócio “levítico” que insiste na ideia do sacrifício e que coloca o Nazareno, braços estendidos e todo o corpo suspenso num madeiro, como forma a despertar à massa o arquétipo representativo de força externa que a deve conduzir numa aceitação de salvação, caso coloque a via dolorosa dele como substituta da sua, quando, na verdade, a via dolorosa deve ser a de cada um, individualmente, e de forma intransferível e, além do mais, não se plasma, necessariamente, em sacrifício de sangue, mas na determinação do homem no amor a Deus, de maneira solITária, e na sua presença, de maneira solIDária, junto ao próximo, em postura que, conscientemente, repele qualquer sentido de satisfação do ego, mas de plena integração do “crístico” que lhe subjaz com a Divindade.

O verdadeiro sacrifício, portanto, é o do favor ético de cada um, individualmente, manifestado em direção ao próximo, em mão dupla, e também necessariamente e em via de mão única de silenciosa busca de Deus; jamais em efusão de sangue, mormente daquele criminosamente derramado de um inocente chamado Jesus.

Responsabilidade Pessoal Intransferível

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Êxodo

Êx 20.5 ...eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam.

Êx 20.6 e uso de misericórdia com milhares dos que me amam e guardam os meus mandamentos.

Jeremias

Jr 31.29 Naqueles dias não dirão mais: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram.

Jr 31.30 Pelo contrário, cada um morrerá pela sua própria iniquidade; de todo homem que comer uvas verdes, é que os dentes se embotarão.

Ezequiel

Ez 18.2 Que quereis vós dizer, citando na terra de Israel este provérbio: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram?

Ez 18.3 Vivo eu, diz e Senhor Deus, não se vos permite mais usar deste provérbio em Israel.

Ez 18.4 Eis que todas as almas são minhas; como o é a alma do pai, assim também a

alma do filho é minha: a alma que pecar,
essa morrerá.

João

Jo 9.1 E passando Jesus, viu um homem
cego de nascença.

Jo 9.2 Perguntaram-lhe os seus discípulos:
Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para
que nascesse cego?

Jo 9.3 Respondeu Jesus: Nem ele pecou
nem seus pais; mas foi para que nele se
manifestem as obras de Deus.

É preciso, realmente, a consciência de que a Revelação Divinal chegou ao conhecimento do homem em verdadeiras e consideráveis “dosagens”, até que, com o Nazareno, ela se completou de forma cabal, de modo a não haver nada mais que possa ser revelado. Com aquele homem que teve existência histórica comprovada; que passou nesta vida em circunstância de fundo religioso intenso; filho de um povo sob o domínio de uma teocracia; testemunha ocular do poder romano que suplantava aquele domínio sob o qual viviam os judeus, desde seus primeiros tempos, sob o signo de uma unidade monoteísta, de cujo povo ele era e terminou sendo, inegavelmente, o seu maior símbolo, o seu verdadeiro expoente – com aquele homem, dizíamos, tudo quanto de divinal podia chegar ao conhecimento humano atingiu o seu ápice. As circunstâncias de sua experiência histórica lançaram-no em prova de fogo ímpar, jamais vivida por qualquer ser humano, durante a qual se lhe impôs um tratamento que lhe foi fácil, em razão de sua santidade, profetizá-la como sendo morte provocada numa cruz, ao mesmo tempo em que, nessa via dolorosa, se manteve convicto de que ressurgiria, tamanha sua diáfana integração com a Divindade. Morreu apenas a morte física, durante a qual, só por breve instante, em ambivalência notória de sua condição humana divinizada (jamais “deificada”), foi levado a pedir e a implorar que o cálice passasse o mais depressa possível, logo em seguida, entretanto, recobrando-se e se voltando à sua perfeita sintonia, para dizer que importava menos a sua vontade em relação à da Divindade; tanto assim que não provou das sombras horríveis da morte física: em perfeita consciência expirou. Terminou, destarte, os

seus dias de existência terrena, de humanidade divinizada com essa consciência, que nada mais era do que o seu lado “cristico” assumido em integração com a Divindade em eterno e infinito gozo. É certo que a sua alma provou as agruras de ver os restos mortais de sua realidade física, química, biológica descenderem às profundezas do retorno àquela origem adâmica. Mas não demorou muito – três dias apenas, tal como Jonas na barriga da baleia por não ter querido, inicialmente, realizar a missão que se lhe destinou – para enfim ressuscitar! Certo é que, melhor do que este, mais esplendorosamente ainda, alcançou a redenção, a ressurreição, mediante não mais a redução ao pó de sua carne, mas por meio da translucidez corporal – via transformação - que só o poder Divino é capaz de permitir.

A ele, outros se seguiram em escala de luminosidade bem abaixo da sua. Estão eles no rol dos que se chamam santos ou mesmo de alguns que passaram a se chamar de hereges e que morreram queimados na fogueira de uma inquisição que se dizia santa. Como exemplos, podemos citar Paulo, Simão Pedro, Estêvão, John Huss, Giordano Bruno, e... basta! É impressionante como a História, com dois mil e mais alguns anos de sua existência, não registre um único ser da espécie hominal que a ele se tenha igualado no verdadeiro cume da Revelação Divinal. A pretexto de uma conversão, por exemplo, o primeiro dentre os supracitados, ao invés de deixar de fazer coro com os “cegos condutores de cegos” que impuseram ao Nazareno a morte na cruz, transformou-o em figura caricata de um arquétipo religioso. Fê-lo o símbolo de uma religiosidade que opera de fora, sem o menor comprometimento com a responsabilidade individual, interior. Foi-lhe proveitoso, como projeto pessoal de uma missão da qual se imbuíu de certeza – e inegavelmente elogiável -, fazer com que ele permanecesse como símbolo pregado a uma cruz, vítima de sofrimento atroz, ao invés de ele mesmo, no campo restrito da responsabilidade individual, trazer sobre si toda a “via crucis” que lhe cabia, como cabe a cada um, de forma intransferível, e, destarte, demonstrar sua parte de religiosidade, embora a tenha representado magnificamente. Mas, lamentavelmente, preferiu – permitam a expressão – “pegar carona” no que triste e injusta e desumanamente fizeram por acontecer ao Nazareno. A “via crucis” ficou, assim, arraigada como sendo e devendo ser unicamente aquela pela qual fizeram passar o filho de José e de Maria, quando, por certo, a verdadeira (melhor até seria chamá-la de outro nome!) de cada um, em todo tempo e lugar, é e deveria ser sempre o devotamento e a submissão à Divindade.

mediante amor incondicional a ela, manifestado sobre todas as coisas e pessoas e ao próximo como a cada um de nós, nas ações anônimas e destituídas de interesse pessoal em favor dos que têm fome, dos que têm sede, dos que estão nus, dos que estão presos, dos que se quedam enfermos. Essa, sim, é a verdadeira “via crucis” de cada homem e de cada mulher; não aquela da brutalidade que se impingiu a um homem que se entregara ao verdadeiro caminho, como o aqui e agora pregado e propalado sem o cunho, evidentemente, da originalidade (no sentido de ser o primeiro de outros tantos que podem imitá-lo ou mesmo suplantá-lo, como o assegura João Evangelista – 14, 12), pois esta lhe coube e jamais lhe será tirada!!!

Pode-se dizer que as Escrituras, no segundo livro do Pentateuco – o Êxodo – toca num assunto que sugere uma responsabilidade mas do ponto de vista material, apenas, dele se podendo partir como ponto inicial da Revelação Divinal, neste particular. Realmente, no referido livro bíblico, no capítulo 20, está escrito que Deus é zeloso e que ele visita a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e a quarta geração daqueles que o aborrecem. À primeira vista, pode-se dizer que essa passagem bíblica, que esse, digamos assim, lance de Revelação Divina se reporte à alma humana. Nada disso. Se assim fosse, teríamos a Bíblia em flagrante contradição, frente ao que disseram os Profetas Jeremias e Ezequiel. Estes, tratando acerca da responsabilidade, taxando-a individual, asseguraram que se os pais comem uvas verdes não significa que seus filhos possam sofrer qualquer responsabilidade do ponto de vista da alma para, em consequência, aparecerem com os dentes embotados. Para o trecho bíblico de Êxodo, que não trata do tema sob o aspecto da alma, isso pode ser aplicado. Ali, a Revelação Divina não havia atingido a altura a que chegaram os mencionados Profetas. Mas não quer dizer que essa passagem esteja errada. Não. Apenas ela se refere ao que é material - físico-químico-biológico. Tenha-se por certo que Deus visita a iniquidade dos pais nos filhos no que diz respeito ao desenvolvimento de suas ações diametralmente opostas à integração que o homem deve fazer do “crístico”, que lhe subjaz, com a Divindade. Essa postura que está em todo o éden do homem de todos os tempos (de ontem, de hoje e do futuro) o conduz a esse estigma da Lei criada pelo próprio Deus que, de forma natural e inevitável, faz com que a consequência de seu egoísmo descambe, naturalmente, na fraqueza cada vez mais acentuada da sua carne, pois a cada dia e a cada momento, no curso dos séculos e dos milênios, aparecem males

terríveis que a atingem. Moisés levantou o véu Divinal, na passagem em comento, alcançando, pela via intuitiva, obviamente, como é característica de todo o progressivo aspecto de Revelação, alcançando, dizíamos, essa verdade indestrutível, perene. A conseqüência do nosso lado adâmico - que não deve ser interpretado como sendo o de uma lacuna de tempo no conhecido jardim que se denominou Éden - sempre se fez presente no homem de todos os tempos; ao do futuro, essa presença pode “evaporar-se”, na medida em que ele possa, realmente, adotar postura correta perante Deus e os seus semelhantes, se necessariamente vivenciar e não meramente conhecer os ensinamentos do Galileu. Assim é que, hoje em dia, continua esse processo de carne fraca em fraqueza que mais se acentua, porquanto o que prevalece é o comportamento profano, no lugar do comportamento da verdadeira iniciação tendente à plenitude espiritual – aquele, justamente, que direciona o homem a uma integração do “crístico” que lhe subjaz com a Divindade, consistente numa conquista que não é sua e nem jamais poderia ser, porque essa posse é justamente o que maldiz sua atual forma de agir, pela qual fica vertical e horizontalmente afastado, separando-se sempre e cada vez mais de Deus.

A responsabilidade, do ponto de vista da alma, é pessoal, intransferível. Essa conseqüência ditada pelo Êxodo é parte integrante também de uma responsabilidade do homem; mas daquele homem que se pode chamar homem-gênero, aquele que Deus criou de forma integral e completa, no seu plano de amor e de misericórdia, fazendo-o a sua imagem e semelhança; esse homem, todavia, caiu, no que lhe favorecia o espiritual, embora, neste aspecto, ele e a Divindade continuem um. Avultou, após essa queda, o lado animal, que é o do homem enquanto homem-gênero. E a esse se destina a Revelação Divinal no que tange toda a sorte de ações hominiais que mais se direcionem a uma separação entre criatura e Criador, de que fala o livro do Êxodos. Sim, essa criatura - o homem-gênero - vivia a placidez da vida paradisíaca e não se deu conta disso, permitindo, porém, que a serpente do intelecto falasse mais alto e o tornasse cada vez mais separado de Deus. Nessa separação ele não faz Deus sofrer, porque Deus é “inofendível”. O homem é que, separando-se de Deus, pelo seu lado intelectual - e assim o fazendo ele usa da liberdade que por amor lhe foi direcionada - sofre, porque sua alma, ao invés de alcançar a imortalidade – mortal que é, mas “imortalizável” – fica a padecer pelas amarras que a prendem, enquanto que o “crístico” que lhe

subjaz, de qualquer forma, traspassada a inglória de sua encarnação, goza da integração que eterna e infinitamente processa com a Divindade.

Procurando explorar a questão da responsabilidade individual, temos, ainda, a passagem de João Evangelista, no caso do cego de nascença. Quem pecou: o cego ou seus pais? , eis a pergunta. Criticase, sem razão, essa colocação Evangélica, sob o argumento de que, se trata de cego de nascença, como pode ele ter pecado se a cegueira foi concomitante ao nascimento? A pergunta, em termos lógicos, pode caber apenas aos pais; ao cego, não, pois assim se estaria considerando pecador quem ainda inocente, sem qualquer discernimento, ainda mesmo no ventre da mãe, porque dali teria saído já cego. A questão, pois, se refere a pecado cometido já com os pais em período de vida maduro, porque já capazes de gerar e justamente nesse estágio teriam pecado, vindo então o seu pecado a recair no filho, nascendo cego. A lógica seria essa. Mas, quando se transfere para o filho, este não se tornara cego depois, no curso de sua vida, vida discernida. A cegueira fora concomitante à sua chegada à luz do mundo, como já observamos. E então, como se lhe atribuir pecado, para que tivesse nascido dessa maneira? Ante essa colocação aparentemente ilógica, a resposta do Nazareno é estarrecedora: nem pecaram os pais, nem muito menos o filho cego de nascença; mas o fato se deu para que nele se manifeste o poder de Deus. Vê-se, destarte, que fica confirmada agora, mais do que nunca, a responsabilidade individual. O ter nascido cego de nascença há de orbitar no aspecto questionado no Êxodo, ou seja, de tanto separatismo, de tantas atitudes intelectivas, vitoriosa é a serpente do conhecimento do bem e do mal e, destarte, o homem fica enfrentando toda a sorte de dificuldades e de tribulações do mundo, porque ele o preferiu no lugar de Deus, quando, pelo certo, no verdadeiro aspecto e sentido do cristianismo, devê-lo-ia negar mesmo que, concomitantemente, o devesse afirmar. Não, porém, afirmar outro mundo, um mundo de fantasias, de quimeras. A afirmação devia ser a do próprio mundo negado pela convicção de sua importância acidental em relação à importância essencial do Não-ser - a Divindade. A resposta dada pelo Nazareno, neste episódio, não deixa nenhuma dúvida de quanto é valioso, para Deus, que prevaleça a sua vontade. Pouco importa que se tenha nascido cego em face do pecado decorrente do distanciamento voluntário de Deus, pelo homem. O que importa é que essa realidade brutal, que Deus fez própria à seqüência de dismantelos de geração para geração, em face da qual o próprio

Deus se revela misericordioso se o distanciamento se transformar em amor, o que importa, dizíamos, é que em cima dessa realidade crudelíssima o homem faça a vontade de Deus. Por pura e em puríssima graça, Jesus, em sua doutrina de amor, já revela que não deve haver preocupação com o que é material, com cegueira física; pelo contrário, apregoa que é sobre ela mesma que esse cego pode passar a ter luz, a luz que ele pode manifestar ao mundo, diferente daquela única luz que o homem profano conhece, limitada ao sentido de sua visão física. Essa outra luz é a luz da vida, é a luz eterna que torna ressurto todo o corpo físico, em outra realidade bem melhor do que a que se ostenta neste mundo, melhor dizendo, uma “irrealidade” que por não ser se ajusta ao verdadeiro mistério Divinal da sua transcendência.

Busque-se, por isso, a Deus. Não se espere pelo sacrifício alheio. Não são as chagas de Jesus, tão exageradamente difundidas nas igrejas, tão exploradas pelos artistas sacros, que resolvem a situação de ninguém. Cada um tem de se conscientizar do papel que lhe cabe. A responsabilidade, pois, é individual e, por isso, não se pode esperar por ninguém, nem mesmo por Jesus, a quem, unicamente, se deve ter por seta, por caminho, para a melhor das orientações que já se pôde ter. Nisso e por isso lhe devemos render a maior das homenagens, porque possibilitou essa Revelação a cada um de nós, seus irmãos. Os de sua época, da sua passagem neste mundo, acharam-no um blasfemo por ter dito a verdade que conhecia e por conta dela se libertou e, por isso, o mataram. E o matam, figurativamente, ainda hoje, os que se prendem ao mesmo madeiro no qual ele sofreu duras e injustas penas.

Cristo sem Cruz

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

A Divindade não é. E, por humilhação espontânea, mais misteriosa do que seu próprio não ser, revelou-se à “cognoscibilidade” hominal – e somente a ela. Saiu (saiu é um modo de dizer, pois sua condição de eterno e de infinito é incompatível com movimento) saiu, ia dizendo, de sua glória, em transcendência, permitindo-se a inglória.

Não sendo, tornou-se ela, com a sua criação, ser. Esse ser finito e dimensionado contém, em subjacência, o mesmo não-ser de inexpressividade, agora em imanência.

Diga-se, então, que o Cristo, primeira manifestação individual da Divindade, criador tanto quanto esta, não podia figurar em categoria de ser, porque aquela manifestação individual não assumiu condição de ser criado.

Por isso, há que se encarar o mundo, em seu todo, como obra da Divindade. Até o mais perverso ato praticado por um homem só aconteceu porque assim possibilitou a Divindade. Ver bem: se disse “possibilitou” e, não, “quis”.

O Cristo, então, pós-manifestado, em sentido, no processo de criação, apenas no 6º dia, se investe, obviamente, do padecimento de inglória, enquanto durar – não para ele, mas para a matéria físico-química-biológica (a carne) - enquanto durar, como íamos dizendo, o veículo do Verbo.

Nessa condição de manifestado no mundo ele sofre. Nesse sofrimento não se excepciona qualquer ato circunstancial da passagem daquele ser em que ele subjaz: o homem. Entenda-se ainda por homem a criação pura, veículo de espírito, de antes da queda, pois depois desta avultou o animal onde continua, em subjacência, o espírito. Em todo e qualquer indivíduo hominal, de Adão ao ser vivente, também Adão, nascido de mulher deste último momento, presentes, em concomitância, são tanto o animal quanto o espiritual. Nessa concomitância, finca-se a possibilidade deixada pela Divindade para que o homem, sua criatura por excelência, possa escolher entre cair ou

não. Primeiramente, ele é imaculado, puro, porque nascido para o mundo, podendo, só mais tarde, não por mero discernimento e intelectualidade, mas por verdadeiro despertar de espiritualidade, se integrar à Divindade. Esse “primeiramente” significa sua condição adâmica. Todo o homem de ontem a teve, têm-na os atuais, tê-la-ão os do porvir. Nesse caso, a permissão divinal precede, inclusive, à queda, propriamente dita. Antes desta, o adâmico já manifestou querer. Inicialmente, criado como ser unívoco, confundindo-se em masculino e feminino, foi, por querer conjunto dele e da Divindade, tornado separado, mas vocacionado à complementaridade em pulsão sexual: homem e mulher.

Que dizer, pois, de toda a descrição e narração que se pode pinçar, a partir dos Evangelhos, daquela circunstância geográfica, social, política, econômica, religiosa, na qual veio ao mundo aquele ser, aquele indivíduo da espécie hominal, chamado Jesus, o Nazareno? Mais do que nunca, é preciso não confundir que a via crucis que lhe foi impingida por representantes hominais de sua contemporaneidade não representa, efetivamente, aquele sofrimento e humilhação espontâneos a que tanto se permitiu o Cristo, que ele o revelou, como também se permitiu a Divindade. O Cristo sofre, padece de ingloria desde o primeiro momento em que ele e a Divindade, não causados, processaram, humildemente, a causa da qual veio a resultar o mundo.

Logo, a primeira ideia que deveria brotar de real despertar espiritual deveria ser a de que os Judas, os Anás, os Caifás, os Pilatos só o foram por permissividade do próprio Cristo criador e da Divindade, em consórcio. Se assim é, por que abominá-los, se nenhuma redenção se processa sem o sofrimento? Aí é onde reside a necessidade de melhor explicação.

A ingloria consentida a que humildemente se curvaram tanto o Cristo como a Divindade se transmuda em glória do pós-imanente, que é a mesma glória de antes dele, quer o queira o homem, quer não o queira ele. Comungam dessa glória os bons e os maus. Para estes, se dá o fracasso da queda irrecuperável, na qual sua alma fica, no pós-morte, presa a amarras terrenais, diferentemente dos bons que alcançam a imortalidade dela. Eis o ponto exato das muitas moradas na Casa do Pai: os estágios da transcendência (deve haver dentre muitos aqueles mais ignotos ante ausência total de qualquer amarra) propiciam, exatamente, a imortalidade do que era “imortalizável” - a alma. Como, pois, deve agir o homem? No cruzamento de duas pulsões fundamentais, a da sexualidade e a do fascínio da Divindade,

ganham nos dois flancos aqueles que traspassam as amarras terrenais e, ao mesmo tempo, se esvaziam plenamente do ego para preenchê-lo na mais íntima relação com a Divindade, via sua integração com esta. Para tanto, devem negar o mundo e afirmá-lo; afirmá-lo ao mesmo tempo em que o abominam. A propósito, é falso o sofrimento que os já citados personagens supõem suportar, porque se direcionam num sentido de afirmação sem negação do mundo. É que se comprazem apenas com o fardo nas costas alheias...

Muitos representantes da espécie hominal podem ter sorte diversa da do Nazareno e alcançar a redenção, sem que tenham de se deparar com a dor provocada pelos Judas, pelos Anás, pelos Caifaz, pelos Pilatos. Aqueles cuja sorte o fazem imunes a esse “sofrimento de sangue” são exatamente os que pontificam a afirmação do mundo mediante a negação desse próprio mundo. Assim o fez o Nazareno, mas a circunstância de sua experiência histórica lhe foi brutalmente adversa.

Em meio a considerações como essas, o que revolta, deveras, é que a classe poderosa – a sacerdotal – não se eduque como espelho para a humanidade, de forma tal a mostrar que o sofrimento do Cristo, da ingloria e pela ingloria, não se opera naquele massacre brutal a que os citados malvados personagens submeteram o Nazareno. Por certo, deixariam eles de ser “cegos guiando cegos”, na medida em que vivessem a verdade que, no dizer de Mahatma Ghandi, é dura como um diamante, mas é frágil como uma flor de pessegueiro.

Os que afirmam o mundo, plenamente tangidos pela espiritualidade, nada querem para si. Invadem-se do propósito espiritual de se integrarem à Divindade, para a glória desta, em necessária postura de negação do mundo, ao mesmo tempo em que o realizam pela afirmação, que é a sua presença em meio aos cegos, para que lhes facilitem o alcance, a partir do seu exemplo, da luz que é dentro deles. Sim, não precisam de açoites, de flagelação, de traição, de crucificação, de vacilação. Basta que, misericordiosamente, tanto quanto o são o Cristo e a Divindade, se lancem, anonimamente, à ingente submissão de ver no próximo que está faminto, que tem sede, que está nu, que está preso, que está enfermo a oportunidade de lhes ser úteis, e servi-los, sem qualquer interesse pessoal.

Cuidam, porém, os da classe sacerdotal, fingindo o sacerdócio verdadeiro – o de Melquisedec – em priorizar os mesmos feitos dos cegos personagens figurantes do enredo revoltante, porque de refinado “sofrimento de sangue”, o que, aliás, em revelação profética do antigo

testamento, já houvera sido condenado pela Divindade (vide Oseias, 6, 6 e Mateus, 9, 13). Mantêm-se todos em poses comprometedoras, semelhantes às dos já citados personagens cegos, transferindo o verdadeiro “serviço” para os de escala que eles julgam inferior (o povo de Deus!); a estes, como fizeram aqueles representantes sacerdotais de antanho, resta o sacrifício desse “serviço”, a verdadeira “mão na massa” de que falou o Nazareno; àqueles, o regalo do poder e do mando, carregando ao peito, ostensivamente, pesada e rica cruz de metal precioso.

Luz, Luz, mais Luz¹

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Tudo é contaminável - menos a luz, seja ela física, seja metafísica. A matéria, como uma interminável cadeia em ordem decrescente mineral>vegetal>animal² ou mesmo em ordem crescente animal<vegetal<mineral³ é luz na sua mais tênue expressão, passível, porém, de “*lucificação*” pela inércia poderosa da luz metafísica de quem, não sendo tanto quanto não é o Não-Ser, vivencia o Sentido, a consciência, a chama divina – operante!

O Galileu Famoso foi humano e divino (operado), porque atingiu o píncaro da excelsitude, mediante o nadir do seu esvaziamento, transfigurando-se, translúcido tornando-se e, no depois do existir, mesmo morta a matéria - a sua carne – veio a ressuscitar, o que significa dizer que atingiu a plenitude do Sentido (Verbo), o mesmo Sentido que subjaz em todo e qualquer ser humano, sem distinção alguma de idade, de cor, de sexo, de credo - não importa qual seja a época histórica de sua passagem terrenal. Por isso, ele permanece eterno e infinito, sem dependência, portanto, de ontem, hoje e amanhã e também sem limitações espaciais.

Registrou o Evangelista São Mateus uma passagem na qual está a prova mais clara de como a luz é realmente o ponto nuclear. Está no capítulo 15. Vejamos: Vieram uns fariseus e escribas, mandados de Jerusalém, questionar por que os discípulos de Jesus não lavavam as mãos quando comiam. Em represália, Jesus disse, aludindo à transgressão, por parte deles, do mandamento de Deus, segundo o qual o homem deve honrar pai e mãe. É que, adulterando esse mandamento, diziam: “Aquele que disser ao pai ou à mãe: ofereci a Deus aquilo com que poderia assistir-te” (Mt 15.5), acrescentando, ainda: “esse não precisa cuidar de seu pai ou de sua mãe; e assim anulastes a palavra de Deus por vossa tradição (Mt 15.6). “Hipócritas! Bem profetizou Isaías, quando disse”: (Mt 15.7) “Este povo me honra com os lábios mas o coração está longe de mim(Mt 15.8) “em vão me prestam culto, ensinando doutrinas e preceitos humanos (Mt. 15.9) E arrematou: “(...) Ouvi, e entendei” (Mt 15.10): “Não é o que entra pela boca que contamina o homem⁴; mas o que sai da boca, isso é o

que o contamina”(Mt 15.11). Mais adiante, sentenciou: “(...) tudo o que entra pela boca desce pelo ventre, e é lançado fora(?)”(Mt 15.17). “Mas o que sai da boca procede do coração; e é isso o que contamina o homem”(Mt 15.18). “Porque do coração procedem os maus pensamentos, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias”(Mt 15.19). “São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos, isso não o contamina”(Mt 15.20). Por sua vez, o Evangelho de João registra: “Entretanto os discípulos lhe pediam: “Mestre, come.” (Jo, 4, 31) Mas ele lhes disse: “Tenho um alimento para comer, que vós não conheceis” (Jo, 4, 32) Os discípulos perguntavam uns aos outros: “Alguém lhe teria trazido de comer?” (Jo, 4, 33) Disse-lhes Jesus: “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e cumprir a sua obra (Jo, 4, 34). A questão posta nestas passagens Evangélicas permite extrair o verdadeiro significado da luz.

As afirmações bíblicas “*Não é o que entra pela boca que contamina o homem, mas o que sai da boca, isso é o que o contamina*” (Mateus, v. 10, cap. 15) e “*comer sem lavar as mãos, isso não o contamina*” (Mateus, v. 20, cap. 15) enfocam o homem-espírito e, não, o homem-carne. Assim como o que sai do coração pode contaminá-lo, o que entra pela boca também contamina; no primeiro caso, se dá o comprometimento no lado espiritual no homem; no segundo, atinge apenas o lado animal do homem.

A luz não é assimilável pela boca. Importante é reconhecer que o ato físico de pôr na boca o alimento, mastigar, engolir não é o ponto fundamental da lição Evangélica. O alimento (visível) entra pela boca, sem dúvida; a luz é no alimento, mas sua assimilação difere em processo.

A luz, em forma de energia, é nos alimentos e ela por si mesma é não-contaminável; contaminável ao homem podem ser os elementos nocivos dentro dos quais pode estar a luz, a energia.

Existe uma outra forma de alimentação, só de pura luz - e ela está definitivamente escrita no Livro Sagrado, referida, aliás, por mais de um evangelista. Basta um pouco de atenção para que assim se compreenda. Não foi, porém, posta na Palavra Sagrada, de forma direta, porque, se assim tivesse sido feito, seria o mesmo que cometer, naquele tempo e naquela circunstância histórica da existência terrena de Jesus de Nazaré, um desatino! É que não ia caber na cabeça de ninguém (nem ainda nos dias de hoje!) uma Verdade tão profunda como essa. Importa, contudo, é que ela ficou dita, para que homens de

gerações por vindouras pudessem nela se abeberar e, enfim, atingir e captar o verdadeiro sentido da questão em foco.

Na verdade, aquilo que constitui luz, contida num alimento, energia física que dá sustentação ao organismo, termina sendo assimilada por ele, para sustentá-lo, ao mesmo tempo que sua canalização o intoxica; tanto que sua totalidade material é posta para fora. Então, a essência, que é a luz, é absorvida, assimilada pelo organismo. A matéria é veículo dela apenas e resultará sempre em excremento. É justamente essa matéria que intoxica em grau variado, dependendo de sua nocividade, pelo grau de contaminação de que se revestir; jamais a luz intoxicará, por ser pura.

Desse modo, o Evangelho está correto: tudo o que entra pela boca não contamina o lado espiritual no homem, mas contamina o lado animal do homem, porque termina intoxicando o organismo que o ingeriu, em escala maior ou menor, dependendo do tipo de alimento. Essa intoxicação somente deixará de existir ante a adoção de uma fórmula de assimilação da luz independente da ingestão alimentar.

A possibilidade de se alimentar da energia do sol, mediante a atrofia do aparelho digestivo e conseqüente ativação das glândulas pineal e pituitária, que passariam, com a energia do sol, a manter o corpo, está quase perto de confirmar a passagem evangélica donde ora se busca inspiração. Vem, entretanto, sendo invadida e mal interpretada pela velha e contraproducente teimosia de intelectuais em ligar tal Verdade a “cientifismos”. Por certo, ela se prende a um estado de consciência; nunca a uma constatação científica. Funciona como o inverso do que sai da boca do homem e que o pode contaminar, espiritualmente falando, como ressei das palavras do grande gênio religioso, na mesma passagem bíblica.

Os elementos que saem da boca do homem provêm de seu coração. Podem contaminá-lo ou não, dependendo de qual inclinação se revistam: se para o bem, se para o mal.

O livre arbítrio, no homem, constitui uma faculdade. Quanto mais inclinado para o bem, processa a integração do “cristico” que lhe subjaz com a Divindade. Nisso e por isso alcança conquista que jamais ele deverá absorver em sentido possessivo, porque, em assunto divinal, não deve haver lugar para um mínimo de satisfação do ego, que é o intelecto, representado pela serpente - via diabólica de distanciamento entre a criatura e o Criador. Fazendo o bem, assiste, portanto, aos efeitos gozosos da realização inexorável do plano de redenção do homem, instituído pela Divindade. Indo noutra direção,

ou seja, cultivando o mal, fazendo-lhe sair da boca, a partir do seu coração, maus pensamentos, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias, faz prevalecer o reforço de seu ego, se mostrando com sabedoria sua, própria, humanamente decaída, fruto de seu lado puramente animal, e o resultado é seu distanciamento da necessária integração do “crístico” que lhe subjaz com a Divindade, deixando-o como infeliz assistente, sob efeitos dolorosos demasiados, da inexorável vontade da Divindade, contra a qual jamais se poderá opor.

Essa luz que vem do coração, promovendo o bem, permitindo a integração do “crístico” com a Divindade, não existe, porque não é física. Metafísico e bendito e abençoado luzir a faz processar, maravilhosamente: a luz do “crístico” associada à luz da Divindade torna o imanente hominal divinizado e o divino propriamente dito em plena realização de sua vontade, que consiste em confundir sua “racio-amorosidade”⁷⁵ com a própria “racio-amorosidade” que fez questão de colocar na sua obra excelente - o homem -, sua imagem e semelhança.

Já a luz física do alimento, realidade não contaminável que nutre o organismo, se faz assimilada por ele, mas o veículo que a transporta, entrando pela boca, contamina-o, intoxica-o, inevitavelmente. Isto já foi dito, mas não custa repetir.

A “pleni-consciência” do homem de que a luz pode alimentá-lo, independente do processo alimentar que conhecemos, se associa ao mesmo processo do que sai de sua boca e lhe integra o “crístico” à Divindade. Sem essa associação, impossível alcançar a assimilação da luz física fora do processo mastigatório e digestivo, porque este é e sempre será animal.

É preciso condenar, por isso, essas posições ditas científicas tendentes a atrofiar o sistema digestivo com o alimentar-se de luz. Com tais posturas se faz crescer, falsamente, uma absorção de luz que jamais terá o condão de perdurar e encontrar a eficácia para uma integração que desague na translucidez daquilo que é corpóreo. Com o Nazareno não foi assim que se deu; muito pelo contrário, mostrou sintonia e fidelidade com a Divindade (Eu e o Pai somos um), vencendo, destarte, o mundo. Foi capaz de vencer tentações advindas do deserto de sua interioridade. Prosseguiu levando de vencida as armadilhas do mundo, disciplinado no espírito, do que lhe resultou fortaleza para enfrentar um ministério que teve como porta de entrada um jejum de quarenta dias, no deserto do seu mundo interior, desintoxicando a carne, nele prosseguindo durante três anos de

exemplos maravilhosos. E ele não cometeu invencionice (como poderia?), quando disse não haver exclusividade no que ele fez; qualquer homem poderá fazê-lo (Jo, 14, 12). Lamentável é que sua pujante e eficiente lição tenha ficado em letargia sob a velada forma como seus seguidores processaram sua imagem como arquétipo que veio para salvar, sofrendo no lugar dos outros, seus irmãos... que absurdo! Por culpa disso, mesmo se contando com tanto tempo da passagem do Nazareno nesta terra, foram pouquíssimos os homens que alcançaram “*lucificação*”. Cite-se, por imperativo de justiça, nesse caso, a figura notável de Francisco de Assis.

À luz não-contaminável que o grande poeta alemão Goethe só vislumbrou em seus estertores, se ponha, por conseguinte, luz, luz, mais luz realmente, como aquela que, de tão forte, não permitiu ao Nazareno mergulhar na maldita sombra a que ainda estamos presos. Sim, sua *unicidade* com o Pai - luz divinal e luz “crística” em integração plena - permitiu que ele se levantasse de sua última queda em que se confessou abandonado por aquele, chegando, até mesmo, a sentir sede, com isso lhe aflorando, por breve lapso de tempo, o lado animal. Mas então, recobrando-se com a sua luz maravilhosa, pôde dizer, “pleni-consciente”: *Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito!* Isto, sem dúvida, é morrer fisicamente sem se atormentar pelas terríveis sombras das trevas.

Aí a vitória (não ambicionada) pela qual todos devemos anelar, alimentando de luz metafísica o “crístico” que não é em cada um de nós, pois somente dela pode decorrer nossa alimentação de luz física, sem o risco de quaisquer contaminações. Para tanto, mister é não só nascer do espírito, mas em espírito viver, processando, destarte, a transformação do animal, fruto da desobediência acontecida no éden, no puramente e santamente hominal - imagem e semelhança da Divindade.

Assim seja!

1 - Últimas palavras pronunciadas por Goethe, poeta alemão, quando moribundo.

2 - > sinal que significa maior que.

3 - < sinal que significa menor que.

4 - A palavra homem, neste contexto, há de ser entendida como a criação excelente da Divindade, no qual, justamente, no 6º dia da criação, Ela depositou Sua

imagem e semelhança, não devendo jamais ser confundido com o animal em que veio a resultar, como decorrência de sua queda.

5 - Deus é razão, mas é também amor; este deve ser entendido como a plenitude daquela, de sorte que o plano de redenção da Divindade consiste em que o homem, sendo Sua imagem e semelhança, alcança a perfeição somente pela via diametralmente oposta ao intelecto, fazendo coincidir a razão e o amor divinal com a mesma razão e o amor divinal que lhe subjaz, o que significa que isso jamais poderá ser tido como obra sua, do seu ego, mas sim da glória do eterno e do infinito.

E O Verbo Se Fez Carne

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Importa vivenciar a consciência de que Deus não é em mim, como assim em tu - sejas branco ou preto, grande ou pequeno, homem ou mulher, rico ou pobre, inteligente ou demente, culto ou ignorante, amigo ou inimigo, religioso ou ateu. Por certo, nessa diversidade existencial, a constância de uma essencialidade transcendente se aninha no âmago do ser, ganhando imanência de expressão não existencial permanente, mesmo naquilo que é existencial “impermanente”. Importa ainda considerar que o mesmo Deus transcendente não é também no mineral e no vegetal, expressando-se neles em diversidade existencial imanente.

Essa presença consciente é racional e é também amorosa. Mas não traspassa o imanente vivo, sendo seu depositário único o homem. Com essas palavras se pretende dizer que, inobstante essa presença não existir também no extra-hominal, assume consciência apenas e tão somente no homem – criatura excelente, imagem e semelhança do Criador.

Tudo é um, mas repousa no binômio transcendente e imanente. O gesto de puro amor (chamamos assim por falta de modo melhor de expressão), como culminância da razão divinal, permitiu a inglória para si mesma, por meio de um Unigênito, que não era (e continua não sendo), em essência, ele mesmo – o Cristo. Este, pois, não era, como não é a Divindade e, com ela, desde o princípio, tudo fez, culminando em se corporificar não no primeiro dia da criação, nem no segundo, nem no terceiro, nem no quarto, nem no quinto, mas no sexto dia. Somente nesta etapa da criação, digamos assim, o próprio Criador manifestou a razão e o amor maior, se permitindo a “*verbificação*”. Criou, pois, o homem e, não, um homem. A inglória divinal, por amor e por razão se iniciou nesse gesto, saindo da majestade eterna e infinita para se aninhar no temporal e espacialmente limitado universo hominal, com tal “engenharia” possibilitando que o pequeno enfim ficasse como continente do grande, ou melhor dizendo, como continente de quem, por se apresentar eterno e infinito, não encontra a menor compatibilidade em adjetivações de grandezas...

Mas o homem caiu. E, por conta disso, ele hoje ainda se apresenta em forma dúplice: animal e espírito. A Divindade assiste à “caminhada” do seu filho unigênito que a representa na inglória de sua encarnação. Tristemente, o homem não enxergou esse gesto de amor e de razão e quis se tornar exatamente como sendo ela, na medida em que passou a conhecer a dicotomia do conhecimento do bem e do mal, pela desobediência.

Um só representante do gênero humano - Jesus de Nazaré - alcançou plenamente a grande dimensão que faz de todo homem um saudoso. Todo homem tem saudade da “pátria celestial”. Essa saudade nele se nulificou, porquanto ele completou o vazio de seu ego, mediante a vivência consciente da integração do “cristico” que nele, como em toda a criatura humana, não é e, destarte, se integrou à Divindade, voltando a não ser tanto quanto não é o Não-Ser. Venceu o mundo, tornando a inglória de sua imanência, continente do grande, no definitivamente grande, porque infinito e eterno Não-Ser.

Cumprir vivenciar a consciência de que o animal tem a sua realidade distinta da não-realidade do espírito, mas a Divindade, se submetendo, por amor e racionalmente à inglória, mesmo assim não condenou definitivamente as amarras do existencial; pelo contrário, colocou o Sentido do seu amor e de sua razão no homem, como sua imagem e semelhança, dotando-o também de uma faculdade – o livre arbítrio – para que não ficasse qual boneco de marionete submetido a uma pura predestinação. Esta não é de todo fora da verdade verdadeira e última. Integra o próprio plano da Divindade, contra o qual impossível é a qualquer criatura se insurgir.

Deve-se situar bem a predestinação e o livre arbítrio. Naquela, se confunde a razão-de-ser das coisas e do próprio divino, pela vontade da Divindade; neste, essa razão-de-ser das coisas e do próprio divino não foge à predestinação, mas, por escolha do homem, se pode processar ou com efeitos gozosos ou com efeitos sacrificais demasiados, dolorosos – para ele, evidentemente. É que, justamente por sua conformação amorosa, Deus não poderia ter disposto de outra forma, daí porque ele não sendo no homem permitiu a este a mesma liberdade que ele imprimiu à razão-de-ser das coisas e do divino.

Assim, não sendo desde o princípio, o Sentido, o Verbo, em essência idêntico à Divindade, foi obra de amor e de razão, deixando o “clarão” dessa sua razão-de-ser depositada na criatura por excelência – o homem -, no qual repousa o unigênito, em expressão consciente. Ao homem, inicialmente obra exclusivamente espiritual, cabia-lhe, como

cabeça e como rei da criação, o íntimo relacionar-se com a Divindade, em imaculado repouso. Mas, caiu e, a partir de sua queda, avultou o animal, onde, em que pese o separatismo decretado pelo intelecto, o espírito não deixou de ter morada. A ferramenta do livre arbítrio, desnecessária totalmente antes da queda, passou, por causa dela, a ter importância fundamental, porque, com ela, o animal assiste, como mero abrigo que é, à evolução e à involução do espírito, porque tomado de ledó engano de vida profana. Somente quando traspassa sua condição animal e se conscientiza do lado espiritual, divino, que não é em si, então se processa a integração com a Divindade, como obra sem mérito, pois espírito não evolui, nem “involui”; espírito é uma constância, é a própria Divindade. O evoluir e o “involuir”, portanto, são medidas que apenas tocam o lado animal, onde se enxerga apenas com os olhos da carne.

E o Verbo que se fez carne não é desde o princípio. Esse mesmo Verbo ou Sentido se confunde com a Divindade. Esta não é o Verbo e o Verbo não a é. Não sendo, se constituem em razão e amor, e preferiram, nisso se constituindo o “*mysterium tremendum*”, abandonar o não dimensional e o não temporal do infinito e do eterno, tornando o seu transcendente insondável e permanente em imanente “impermanente”. Iniciou tal manifestação substancialmente, operando o lado substantivo e, somente no término da criação, se quedou voluntariamente à ingloria em grau máximo, porquanto se aninhou no ser em Sentido e consciência, ou seja, sobre o substantivo já então manifestado fez repousar o próprio Sentido, o Verbo, que não era e continua não sendo a própria Divindade.

Foi, por conseguinte, no homem-espírito, onde exatamente o verbo se fez carne no último dia da criação.

Encarnação

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O gesto de puro amor da Divindade, se humilhando, deixando a majestade do Não-ser que tudo pode, que tudo quer, com onisciência, com onipresença, se permitindo a inglória pela via de um Filho Unigênito, resultou no mundo, no tudo do mundo físico, no qual, inclusive, está a alma - o que dá vida aos seres que a têm. É do desígnio da Divindade - não cabendo a menor indagação quanto ao porque - que ela se tenha permitido essa humilhação: diversidade do mundo das “facticidades”, onde ela em sua unidade repousa, de forma não imperiosa. O Não-ser não causado desce às baixadas de uma “existencialidade” que representa a inglória para si e para o centro de seu próprio Sentido - o Verbo - pós-manifestado à existência do mundo físico, no 6º dia da criação. Quis ela, escondendo deliberadamente a sua essência - o Não-ser poderoso de sua própria razão e do seu amor de plenitude - que o substantivo precedesse ao Sentido, sem, contudo, deixar de Não-ser nesse mesmo substantivo, porque de outra forma nada teria sentido... Ela não é, deusas, em tudo, porque criadora. A sua primeira manifestação individual – o Cristo - não é criatura. Ele não é, como não é o Não-ser da Divindade não causada. O Cristo, o Filho Unigênito, representa o querer da Divindade, desde o princípio - melhor dizendo, desde sempre!!!. Ele, portanto, em termos do que se apresenta manifesto, é não somente o Verbo, mas também o substantivo - este o veículo de pura humilhação de que se serviu a Divindade para sua apresentação em escala de “cognoscibilidade” hominal.

A revelação em descortino máximo dessa “*verdade que liberta*” não é privilégio de um homem apenas. Todos os homens-gênero são capacitados para isso, desde o seu nascimento biológico. É possível que, quando encarado como pessoa (per+sona = por onde passa o som), traga o “*defeito de fábrica*” que lhe impossibilite o desenvolver dos talentos com que vem ao mundo. A Divindade (misericordiosa) reconhece não somente sua pequenez, como a do maior dos sábios, sobretudo.

O digamos assim “processo encarnatório” é substantivo e Verbo, necessariamente nessa ordem. A espontânea humilhação da Divindade, como “*pensamento-que-pensa*” e que, apesar disso, não

diminui, não se desgasta jamais, se manifestou, junto ao Filho Unigênito - este como primícias, e deu lugar ao substantivo, nele mesmo fazendo repousar a essência de sua unidade, a qual ganhou canal principal e único no homem, criação do 6º dia, que, entretanto, como todo o substantivo, traz, também, o eterno e o infinito divinal, com a grande diferença de se tratar do Verbo, agora encarnado.

Vivenciar a encarnação se impõe. Diferente não pode ser. A submissão aos desígnios da Divindade é chave de sabedoria. Não há outra forma de ser senão no mundo. Não dispomos de outra ferramenta além do ser, para contemplar e vivenciar o Não-ser. É no ser – que é o mundo – que se realiza a nossa existência. Estamos, pelo nosso lado animal, pregados a ele, da porta de entrada – desde antes da concepção com o nascimento biológico – até a porta de saída – a morte. Durante esse período, não se tem como desgarrar das coisas do mundo. Aliás, em termos de realidade hominal, cada um de nós é pessoa. Nessa condição é justamente por onde cada um de nós faz passar o som (per+sona). E é como pessoa que nos manifestamos no e ao mundo: à mulher companheira, aos filhos, a todos enfim do nosso convívio social, econômico, financeiro, político, religioso etc.

É possível, em concomitância, se vivenciar a encarnação e a ressurreição. Basta a consciência da dúplice forma: a carne e o espírito; na primeira, se encarta a pulsão sexual; na segunda, a espiritual. Uma há de ser penetrada da outra, sem vice-versa, evidentemente. A carne deve ser penetrada do espírito; jamais o contrário. É a força espiritual que faz atuar no material, tornando-o translúcido – *ressurrecto!*

A pulsão espiritual conduz, em sucessão de viventes como obra da pulsão sexual e que se exaure na consumação dos séculos, ao nascimento espiritual; não ao nascimento do espírito, que este não nasce nunca nem nunca morre. O nascimento espiritual é aquele despertar, no homem, de que deve procurar se acercar da justiça de Deus, amando-o sobre todas as coisas; todas mesmo, inclusive o seu próprio ser de homem, de pessoa, de pai, de filho, de possuidor das coisas etc.. A pulsão sexual, por ser animal, sobremodo em estado primário, sugere facilmente a imaginação da cena do troglodita, arrastando a mulher, para possuí-la e até mesmo matá-la... Essa pulsão é cada vez passível de um refinamento, à proporção que a mística toma conta do coração do homem. Veja-se como a juventude se incendia naturalmente pela pulsão sexual – fato que foi ontem e será no futuro, sempre. Essa pulsão, no entanto, vai, com o passar do

tempo, sendo penetrada do refinamento do amor, pela via da mística relação do homem com Deus, em *solitária* e sofredora convivência que, por sua vez, vai se traduzindo em *solidária* ação junto a seus semelhantes, começando isso, naturalmente, na família! Essa energia da pulsão sexual se faz necessária como impulso para a perpetuação da espécie, fato esse verificável não só no homem, mas em qualquer outra espécie de ser vivente.

É aqui onde está a zona fronteira dos valores que, se não forem dimensionados em “cristicidade”, conduzem o homem ao afastamento de Deus, fazendo-o um derrotado em sua “vida de carne”. Olhar para trás - para reconhecer as faltas; olhar para os lados - para espargir o amor; olhar para dentro - para perdoar a si e ao próximo; olhar para o alto - para louvar ao Senhor; olhar para a frente - para manter firme a esperança... tudo isso, evidentemente, há de ter o sentido de pureza espiritual, tanto que esse olhar de que muito se falou não há de ser confundido com o olhar dos olhos da carne. É com os olhos do espírito que se faz a conjugação da pulsão espiritual com a pulsão sexual, fazendo do resultado desta a transparência para o ressurgimento. A vitória da “vida de carne” é aquela da afirmação de um mundo que passou pela negação do mundo. Não é, portanto, de outro mundo, senão o próprio mundo que é também o próprio homem. Porque ele não é isolado da natureza. Ele integra a natureza. Sua alma faz parte dele. Esta, como se sabe, é aquilo que lhe dá ânimo. É o sopro que lhe deu vida. Vida terrena, vida adâmica, substantiva, na qual, no sexto dia da criação, adveio como substrato do que até então já criado, e com muito amor foi edificado de forma tal, a ponto de poder ser sede do Sentido, do Verbo. Portanto, há que se viver intensamente a encarnação. Essa encarnação que é igual para cada homem e para cada mulher. Unido, em princípio, na criação, em masculino e feminino, foi, por sua e pelo querer da Divindade, tornado ser separado, mas vocacionado à complementaridade, pela pulsão da sexualidade.

É preciso, pois, a consciência desse estado. Não descartar a condição de ser que se prende a uma escala de evolução, que começa antes mesmo da fecundação de um óvulo por um apenas (entre tantos) espermatozoides. Esse mesmo autor que ora escreve é fruto desse começo. Não há quem a ele se furte. É a preliminar para uma vida autônoma, extra-uterina. Isso é realidade para todo o ser vivente. Todos, sem exceção, têm ânimo, alma. Não é substantivo sem ânimo como o mineral. Não é substantivo intermediário que tem vida

dependente de raiz. É, isso sim, o animal em diversas escalas, cujo ápice é a hominal, que tem alma “imortalizável”, embora pregada ao que é terrenal. Nele subjaz, porém, o mais importante: a Divindade, muito bem representada pela primeira e única manifestação de sua individualidade, o seu Filho Unigênito que, apesar de Filho, não é criatura, mas tanto criador quanto a Divindade. A alma se livra das amarras. O espírito não nasce nem morre, mas o homem, hospedeiro do Verbo, sorri no céu da nova terra, traspassando os limites da gaiola de sua existência passageira animal para a eterna existência espiritual que ele, pela “cristicidade”, faz dimensionada, a ponto de “lucificar” o material, tornando-o ressurrecto! Por isso, compreensível é a mensagem de Paulo aos Coríntios e aos Filipenses: “...*Sabemos que todo o tempo que passamos no corpo é um exílio longe do Senhor. Andamos na fé e não na visão. Estamos, repito, cheios de confiança, preferindo ausentar-nos deste corpo, para ir habitar junto ao Senhor* (II Coríntios, 5, 6-8). ...*se o viver no corpo é útil para o meu trabalho, não sei então o que devo preferir. Sinto-me pressionado dos dois lados: por uma parte, desejaria desprender-me para estar com Cristo – o que seria imensamente melhor; mas, por outra parte, continuar a viver é mais necessário, por causa de vós...* (Filipenses 1, 22-24)”. Aqui, a ênfase, de forma indubitável, à encarnação. É que, na verdade, não há o que escolher; não há o que preferir. Já habita em nós o Senhor. Não se tem como se desprender do Cristo; ele é em cada um de nós. Nossa alma ganha imortalidade à medida que deixamos a direção do mundo, negando-o sem deixar de encará-lo, vivendo nele, suportando tudo que é dele, com toda a esperança de alcançar a redenção, sem o menor sentido de premiação, porque essa conquista, essa vitória jamais haverá de ser computada como mérito da pessoa, do homem. Tudo isso é para a maior glória da Divindade. Aí sim, a alma do ser vivente chamado homem, presa às condições terrenais, alcança liberdade, livrando-se das amarras. É como se tudo fosse um grande elástico preso à terra. Na ponta de cima está a alma do homem que descobre o tesouro da bondade em seu coração. Vive ele mediante a conquista do mundo, sem dele se desprender, porque ele é do mundo – sempre puxado para baixo, pela força da elasticidade. Mas o homem com a alma nas alturas de sua vida de iniciado ou de iniciando pode ver com os olhos do espírito e, à proporção que mais se inicia na espiritualidade, enxerga o grande campo que não é campo, que não é nada, traduzido no eterno e no infinito da Divindade. Eis a encarnação tornada ressurrecta! Glória à Divindade. Sempre!

Ressurreição

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

A *ressurreição* é mais consentânea com os planos da Divindade do que a *reencarnação*, porque esta funciona como se uma aceitação de perpétua humilhação dela, ante sua submissão espontânea à inglória, quando isso, por si só, já significa o maior gesto de amor, inigualável a qualquer outro.

Por isso, a alma de quem se volta para a reencarnação se vitima de um ciclo de amarras que se prolonga para além da existência terrena. Nesse sentido, se dá aquilo que se costuma chamar de retorno que, na verdade, não passa de um pseudo-retorno. Certo é que ela se torna prisioneira de si mesma, por não ter alcançado - em contraposição ao ego - um estágio de infinito e de eternidade, no qual as amarras não têm vez e, por isso, possibilita efetivamente a verdadeira ressurreição.

O espírito, que nunca é nem pode ser do mal, não está submisso à ação hominal. Ele não é no homem, como não é em tudo que representa o existencial, sendo que no homem ele assume o sentido, a consciência do Verbo Encarnado. O homem, à medida que, a cada passo de sua diametral posição intelectual, faz assomar o poder mental, se projeta em quedas e, em consequência, sufoca, em amarras, a sua alma – aquilo, precisamente, que consiste nas prisões do seu existencial. Bem certo é que jamais sufocará a inglória espiritual - humilhação a que se permitiu a Divindade em seu Filho Unigênito, que não é em nós (Verbo) ontem, hoje e sempre. Nessas quedas, o homem não ofende a Divindade, porque ela é “inofendível”. “Ofendível” é a própria condição posta à disposição do homem para que ele possa integrar o “crístico” que lhe subjaz àquela. Por não traspassar as vias normais do conhecimento (os cinco sentidos), se atola no mundo das ilusões, quando, por certo, deveria se desiludir dele, para alcançar a “*realidade*” que mais lhe importa como imagem e semelhança da Divindade, que ele não é. É como se nele não valesse a dúplíce natureza: a física e a metafísica. O “como se” é mesmo um “faz-de-conta”, porque não pode descartar a evidência de sua dimensão existencial. Encarando-a de frente sem menosprezá-la, esvazia-lhe o sentido de puro “utilitarismo”, para torná-la plena da “verdade que liberta”, que não é, não pode nem nunca deverá ser tida

como sua. A condição “crística”, então, ganha verdadeira dimensão; em estágio que a põe infensa a ilusões do mundo, não chega a negá-lo, porque o cristianismo é uma afirmação do mundo que passou pela negação do mundo.

Na verdade, traspassa o atraso em que consistem as amarras mundanas a postura de quem, livre de crenças “reencarnacionistas”, afirma um mundo novo no mesmo mundo em que ele vive, mas corajosamente o negou, porque fonte de ilusórias perspectivas. O verdadeiro mundo é o dos que, “ressurrecionistas”, não só creem, mas principalmente se encontram em harmonia, em alta fidelidade com a Divindade. Vivem e realizam o “crístico” que lhes subjaz, na certeza e na convicção de que não realizam obra de sua propriedade. Sabem que, com esse proceder, estão livrando suas almas de amarras, de modo a poderem ter participação – jamais por seu lado animal – na grande integração que é desejo e desígnio da Divindade, ou seja, a diversidade de sua presença no hominal tornada a unidade de seu próprio e essencial Não-ser, em não-dimensão tanto temporal como espacial.

Urge, pois, que se alcance a iniciação, mínima que seja, já que esta não tem limite máximo de crescimento. Com ela, realmente, se livra o homem do “atoleiro” das amarras existenciais, sem, contudo, desprezar o mundo em que vive – desde que seja verdadeiro cristão. É possível que, se titubear, fique no vaivém, qual “cão que volta ao seu vômito” e “porca lavada, que sempre retorna à lama” (vide II Pedro, 2, 22). Se titubeios não há, acontecerá o que disse o Profeta: “o lobo e o cordeiro morarão juntos” (vide Isaías 11, 6). O alcance desse estágio é, realmente, a carta-patente da livre e definitiva ressurreição, onde não há o menor vestígio de império da morte, mas perpetuidade do domínio espiritual que por graça nos foi tornado possível.

Portanto, reencarnação não!!, porque ela constitui o atraso em que vive a humanidade, mergulhada, faminta do Deus que ela busca lá fora, quando ele não é em essência no íntimo de cada homem. Certo é que não se tem como descartá-la, em definitivo, porque, afinal de contas, se constrói um mundo novo sobre o mesmo mundo real que se negou, sendo que essa negação, entretanto, não significa passar ele à inexistência. Ele existe e continuará a existir, pois é nele que se processa a “passagem”, a páscoa, em cima, precisamente, de todo o maligno, pois o mundo todo jaz nele (vide I João, 5, 19). Importa, porém, a consciência dessa condição de mal para, em convivência com ela, nos precavermos e não nos atolarmos nas amarras

“reencarnacionistas”, mas “olhar” para o além da eternidade e do infinito, de onde não se tem como e porque voltar. À guisa de exemplo, vejamos como a revelação alcançada pelo Profeta Samuel o deixou presa de amarras mundanas, tanto que a Bíblia dá conta de seu retorno, após sua morte, no qual manteve diálogo com Saul, por meio da feiticeira de En-dor(I Samuel, 28, 3-20). Jamais tanto se poderá dizer do Galileu, que, em definitivo, pela plenitude da integração do “cristico” com a Divindade, se transmentalizou no sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedec (Hebreus, 5, 6; 7, 3; 7, 11-14). Fez-se porta aberta para iluminar, em via reflexa, o seu lado humano, comungando intimamente com a Divindade, levantando o véu totalmente, a ponto de poder verbalizar, mesmo que ainda na ingloria de sua existência, a afirmação: “*Eu e o Pai somos um*” (João, 10, 30). Em sua personalidade (humana) se assentou a dimensão cósmica. Nesta, a presença de uma força metafísica do não-ser sem limites de tempo e de espaço; naquela, o canal por onde fez passar o som (pessoa = per+sona = por onde passa o som = personalidade).

Ressurreição sim!!!, com o novo nascimento; nascimento não propriamente do espírito, que este não nasce nem morre; nascimento no homem do despertar que o direciona para o espírito, fugindo das amarras que prendem sua alma e permitindo, com o seu livre arbítrio, abrir as portas do coração - chave por meio da qual se processa a integração do “cristico” com a Divindade.

Eu sou tu - baseado no evangelho de Tomé

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Acendiam-se as luzes da cidade que ficara para trás. O crepúsculo cedia lugar à escuridão da noite. Estava eu, carro estacionado no acostamento, iniciando a reposição de um pneu. De repente, o barulho de um motor se fez ouvir. Era de um outro carro. Aproximou-se. Não demorou muito e o senti passando por mim, em alta velocidade, luzes internas acesas e um som musical nas alturas. O motorista, cabelos longos, loiros, esvoaçantes. Ainda deixou perceber-lhe a barba um tanto densa.

Fiquei tomado de espanto. Aquela figura me era familiar. Era um rosto que conhecia desde que me entendi de gente.

Detendo-me mais naquela figura, recordei os primeiros traços que dele construí em meu imaginário nas aulas de dona Lídia, a minha inesquecível professora de catequese...senti a sensação de estar na direção, e acelerei. Era-me forte o desejo de ver de perto, novamente, aquela figura*.

Após alguns quilômetros de viagem tensa, eis que diviso o carro que eu perseguia, o qual estava parado sob a copa de uma árvore gigante que invadia a estrada. Encostei nele, ficando lado a lado. O homem que o dirigia me olhou fixamente. Na escuridão daquela noite, além do brilho dos faróis dos dois automóveis, uma outra luz ganhava dimensão e se mostrava de forma bem mais brilhante ainda. Vinha do corpo do estranho motorista.

- Quem é você? – perguntei.

- Eu sou Tu. – respondeu fixando-me ainda mais o olhar penetrante.

Gelei.

- Como é que Eu sou Você?

- É que o teu Tu está em Mim e vice-versa e vives fazendo como todos fazem: procuram-Me fora. Esquece. Vive o Eu que é em teu Tu. Melhor será dizer que não é em teu Tu.

- ???

- Acorda! Deixa de tolices!

- Mas não foi assim que eu aprendi nos livros, Mestre!

- Que Mestre, coisa nenhuma! Eu quero discípulos prontos! Só assim eu saio dessa característica que te chamou a atenção.

- *Que característica?*
- *Essa aqui; esse meu modo de vestir, minhas alpercatas, meus cabelos, minha barba. Tudo isso, com certeza mais te chama a atenção do que o essencial.*
- *Que complicação!*
- *A complicação não está em Mim. Eu mesmo tenho tantos Tus! Todos, aliás, o têm! Mas vivem em busca de minha imagem, de minha figura. Quando é que vão entender que estão errados?*
- *Agora reconheço o meu erro.*
- *Ainda bem! Vê-Me em teu Tu e não “arreda o pé” dessa forma de ser junto aos teus irmãos.*
- *Faz-me isso lembrar uma bela passagem do Evangelho de São Tomé.*
- *Tomé era um homem voltado para a “cabeça”. Nada de vida prática era com ele. Queria resumir tudo à essência. A razão era com ele, até certo ponto; certo ponto, aliás, que é o ponto deveras importante.*
- *Eu sei.*
- *Será que tu és outro Tomé?*
- *Refere-se àquele do Evangelho que o imortalizou em apologista da dúvida?*
- *De jeito nenhum. Reporto-Me ao Tomé do seu próprio Evangelho. O “Tomé cabeça”.*
- *Aquele a quem Você deu de beber da fonte borbulhante na qual ele se inebriou?*
- *Pois é. E ele ainda se atreveu a Me chamar de Mestre, depois de haver bebido daquela fonte! Na verdade, Ele ficou, tanto como Eu, também Mestre. Alcançou o Eu sou Tu.*
- *Seus outros discípulos não tiveram esse alcance. Eram homens mais “pés no chão”.*
- *O discípulo amado - João - era também muito “cabeça”! Mas não era arredio como Tomé. Este, mesmo tendo bebido da fonte borbulhante, ainda assim achou de duvidar da minha ressurreição. Por isso passou à História como o homem-símbolo da dúvida. Foi isso resultado de sua teimosia em resumir a existência às coisas do alto.*
- *Fiquei sabendo da conversa reservada que Você teve com Tomé. Foi rápida, a considerar seu resumo em três palavras.*
- *Tu estás certo. Só mesmo três palavras. Disse a Tomé: Eu Sou Tu. Melhor e mais certo se deve dizer: Eu não sou Tu.*

- ...apontou-lhe, então, a fonte borbulhante, ele bebeu o seu conteúdo e se inebriou...

- ... pois é. Para Tu veres como o Tomé “vivia nas nuvens”.

- E Seus outros Apóstolos? Será que Tomé revelou a eles a conversa que teve com Você?

- Ele não teve tamanha coragem. Os outros apóstolos não foram assim tão íntimos desse alcance de minha identidade divinal.

- Mas até que eles insistiram.

- Insistiram muito. Eu vi essa insistência. Mas Tomé se saiu muito bem. Disse-lhes que, se dissesse o que lhe revelei, cada palavra assumiria a condição de pedra afogueada e, com certeza, ele Tomé não seria compreendido e seria alvo de pedradas por parte dos seus companheiros de apostolado.

- Agora, sim, entendi perfeitamente o Eu Sou Tu. Melhor seria dizer, repito, Eu não sou Tu...

- ... pois vai e esquece de ver nos outros - em Mim principalmente - o verdadeiro Deus. Tu o és. Cada um de nós - homem - o é. Melhor é mesmo dizer não o é. Agora, por favor, faça mais do que Tomé. Vive essa verdade do Eu sou Tu, mas ajuda a difundir-la, inclusive junto a quem se deixa mergulhar exclusivamente no plano da horizontalidade, como os demais apóstolos.

- Mas exclua João desse rol.

- Sim, excluo-o. Mas o próprio João também necessita de ti para uma vida “pé no chão”.

Foi quando, inteiramente entregue ao personagem com quem dialogava, imaginei o carro ao lado do meu “arrancar” para, lá não muito distante, fazer uma curva brusca e destinar-se em direção a mim e ao meu veículo. À proporção que mais se aproximava de mim, ele perdia a nitidez de sua realidade, até que enfim desapareceu, inclusive com o seu próprio condutor; dentro de mim, para nunca mais sair... ao mesmo tempo em que ouvi o som oriundo da chave de roda ao bater de encontro a uma pedra após o esforço de apertar a última porca e voltei a mim. E, então, efetuada a troca do pneu, reassumi a direção do veículo e prossegui a minha viagem por aquela estrada deserta, escura e cheia de curvas, sentindo, contudo, que de mim irradiava muita luz, razão por que, a partir de então, eu passei a me sentir mais seguro de mim mesmo.

* O autor utiliza o recurso de diminuição do tamanho da fonte e o retorno ao seu tamanho normal, inclusive alterando para o estilo itálico, para significar o êxtase vivido pelo personagem, procedimento esse adotado tanto no começo como no fim da sua descrição.

Banho de Sangue

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Expulsar-vos-ão das sinagogas, e virá a hora em que todo aquele que vos tirar a vida julgará prestar culto a Deus (Jo, 16, 2).

Tirar a vida – por tal expressão não se deve entender apenas matar, no sentido de morte física. O Nazareno - foi-lhe tirada a vida pelo meio cruel, sob o argumento de seus algozes de que tinham uma lei, que devia ser cumprida; a lei de Deus, segundo a interpretação deles. E continua, ainda hoje, se tirando a vida de muitos, a partir da exibição das dores atrozes de um crucificado...

A igreja é, na verdade, a transmissora do sacrifício de sangue, condenado, claramente, pelo Nazareno, quando ele repetiu palavras do Profeta Oseias (cap. 6, v. 6 e utilizada por Aquele, em Mt, 9, 13). Com a ritualística por ela adotada, ostenta a imagem do crucificado em lastimável estado de dor, quando se deveria deter em transmitir o verdadeiro sacrifício da ação não ambiciosa e anônima em favor dos que têm fome, dos que têm sede, dos que estão nus, dos que estão presos, dos que se quedam enfermos. A não ser que se queira dizer que isso redunde em sacrifício de sangue...

Dentro da prioridade eleita, a de mostrar o Nazareno chagado e morto numa cruz, substituindo cada um de nós pela sua ação de graça, se põe a igreja a tirar a vida de quem mesmo arremeda o agir cristão. Quem quer que assuma o papel de defensor não ambicioso do pobre, do faminto, do preso, do enfermo se vê substituído compulsoriamente pela igreja instituída. O seu clero prioriza, acima de tudo, a sua figura assumida como depositária única dos ensinamentos do Nazareno e da vivência “cristica”. Sua condição de “representantes” os mostra como os intocáveis, a ponto de, como na sinagoga dos tempos de Jesus, “tirarem a vida” dos verdadeiros cristãos sob o pretexto de estarem servindo a Deus. Sim, porque eles se julgam os “tais”, mas não põem a “mão na massa”. São ricos, até mesmo nas vestes caprichosa e ricamente desenhadas e costuradas.

São proprietários de terras, donos de aeronaves. Habitam majestosos palácios, ricamente decorados e ditam, como infalíveis, a doutrina que acham ser a melhor por tê-la recebido, segundo propalam, por inspiração dos céus. São alvos de favorecimentos e de intitulações. Vivem numa vida melhor, como dirigentes, quando o cerne do favorecimento ético fica a cargo de alguns fiéis, que nem aparecem. O serviço – que é o viço do ser – é assistido de longe por eles e, enfim, tomado de assalto; assalto compulsório e reflexivo, decorrente da própria violência e do próprio sacrifício inerentes à cruz.

Matam-se sonhos... e como se os mata! Os anseios de um favorecimento ético, de fazer pelo próximo de modo tal que se alcance, verdadeiramente, os que têm fome, os que têm sede, os que estão presos, os que estão enfermos, passam pela censura de uma exagerada observância dos clérigos que não fazem e não deixam que outrem o faça, para não macularem a performance que eles têm e devem fazer prevalecer no seio social. Doar-se integralmente, para eles, não parece a verdadeira postura de um cristão, na medida em que, com isso, se dilatam as pupilas dos “cegos condutores de cegos”, que são eles mesmos, deixando-os altamente incomodados, sob o peso de vestes de cores carregadas e de um peso de cruz...

Essa exagerada observância é o câncer que corrói a própria existência da igreja, na medida em que se faz cega aos verdadeiros movimentos de mútua cooperação. Com isso, mata o sonho de quantos procuram fazer o papel de cristão. Nesse pouco que eles fazem, a igreja chama para si o mérito e, na medida em que assim se mostra, sufoca o sonho tornado concreção da parte daqueles obreiros. E o pior de tudo isso é que esse mérito é contado em seu favor, enquanto permanece postada à sombra da cruz do sacrifício de sangue. Por isso, ao invés de pregar o Cristo, prega a violência, a própria violência de que foi vítima o Nazareno. A obra tomada de assalto pelos senhores do clero sai do aparente “clima” cristão e assume, aos olhos de todos, o sinal de sangue, de sofrimento, destoando, portando, das próprias palavras do Rabi da Galileia: *“Ide e aprendei: não quero sofrimentos e sim misericórdia, pois não vim para salvar os justos, mas os pecadores”*(Mt, 9,13).

Não poderia ser diferente a afirmação do Nazareno. Sua profecia é, hoje, a verdade mais repetida e mais repisada, com uma constância mecânica. Realmente, foi dito que das sinagogas de sua época muitos seriam expulsos – como ele o foi a preço vil de 30 (trinta) moedas, saídas do bolso do templo. Hoje, continua a expulsão

não somente das sinagogas, ainda hoje existentes, da parte de seus irmãos de nação, como assim das igrejas dispersas pelo mundo inteiro. Igrejas cristãs. E também, por que não?, das mesquitas dos árabes e dos templos hindus e budistas e de tantas outras seitas religiosas. Onde quer que se vá em termos desse tipo de organização, o Cristo está sendo expulso, representado por aqueles que se julgam seguidores de sua doutrina. Pois não são e nem podem ser aceitos mesmo na sua dimensão ainda distante do “crístico”, porque isso significaria, exatamente, a nulificação da organização à qual pertencem os “clerocratas”. Por isso, o sonho tornado real é alvo de mortificação permanente, da parte dos que se investem do poder clerical - verdadeira demonstração de sacerdócio “levítico”, que não serve, evidentemente, para suportar as lições do Cristo Jesus.

Ainda bem que existe – ah!, é preciso que não desacreditemos nisso jamais – ainda bem que existe, íamos dizendo, a “fraternidade branca dos irmãos anônimos”, mesmo que se não tenha a menor comprovação documental a respeito. Essa fraternidade, por certo, é a puríssima essência da ação cristã. Contra ela, justamente face seu caráter anônimo, a igreja nada pode fazer, senão se render, cabisbaixa, à dimensão de uma condição, como a sua, de “guia cega de cegos”. Já os membros da citada fraternidade, sem organização, sem endereços, sem prédios, sem utensílios, sem rituais, vivenciam o mérito “crístico”. Nisto e por isto não se submetem a sacrifício de sangue. Sacrifício para eles, tão somente, é o representado no fato de não se realizarem a si mesmos, mas se permitirem a veiculação do propósito da Divindade que, satisfeita, assiste à sua criatura por excelência – o homem – transpassar o sofrimento a que ela, humildemente, se permitiu, com a ingloria consistente na criação do mundo e, enfim, vê-lo vivificando a vida em puríssima espiritualidade, de tal forma que a essência divinal, no quanto se abriu em “cognoscibilidade” hominal, permaneça na glória sem mais necessidade de inglorias. Para isso, os da fraternidade branca não derramam senão suor e lágrimas; sangue é sacrifício abominado pela Divindade e o próprio Cristo repetiu o que ela dissera pela boca de um seu Profeta, como antes se destacou e não custa aqui repetir: *“Ide e aprendei: não quero sacrifício e sim misericórdia, pois não vim para salvar os justos, mas os pecadores”* (Oseias, 6,6 e Mateus, 9, 13).

Portanto, a certeza inabalável de que alguém faz por mim, sem que eu o conheça, é prova da grandeza do reino pregado e vivido pelo Nazareno. Só a este, como sendo aquele ser de quem adveio a luz da

Revelação, se explica o agir fora do anonimato. A nós outros, porém, só mesmo anônima e não ambiciosamente nos cabe agir. O faminto, o sedento, o nu, o preso e o enfermo, toda essa diversidade de necessitados merece o favorecimento ético do próximo, de forma anônima, até mesmo porque não cabe, de sua parte, aquilo que seria, por exemplo, mais uma prisão – o dever de ser grato, quando, por certo, se deve dele esperar, no máximo, o reconhecimento pelo que se lhe fez.

E é bem certo que nessa disposição voluntária de fazer pelos outros se deve dimensionar, precisamente, o que seja fome, o que seja sede, o que significa nudez, prisão e doença. É claro que, por exemplo, a fome, além de ser aquela de ordem física, que é a comida de que se ressent o estômago vazio, há de assim se considerar, também, a fome, digamos, por Deus, a fome de conhecimentos, a fome de informação. Sim, porque há tantos que se postam esfomeados, nesses sentidos e é preciso que a ação anônima seja posta em todas as direções, no seio social, para que os atinja e os sacie. O mesmo se diga em relação à sede, à nudez, à prisão e à doença. Você que me lê, já imaginou a quantas anda a prisão do próximo? Quero, evidentemente, me referir não à prisão física por trás de grades, mas a toda a sorte de aprisionamento que o faz permanecer estático e sem nenhum sinal de evolução espiritual.

Só assim, na verdade, escapam da igreja de sangue os que vivenciam o “crístico”. Que esses permaneçam num crescendo de sua fraternidade branca. Os irmãos anônimos lancem de seus corações, voluntariamente, toda a carga de ações tendentes a suplantar qualquer sorte de dificuldades, para o esclarecimento na verdade e da verdade e, como consequência, qual passe de mágica, poderemos ter o mundo vencido por todos nós, como Jesus o venceu! – sem banho de sangue.

Na Missa

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

...No mundo tereis tribulações; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo. Jo 16.33

Certa feita, numa quinta-feira grande, o padre, terminado o ofício divino, facultou a palavra aos fiéis; ninguém se atreveu a usá-la.

- Estão vendo! Depois não digam que a Igreja não se abre e não dá oportunidade a ninguém – arrematou ele, cheio de satisfação.

Do lugar onde eu me encontrava, sempre mergulhado em minhas reflexões e profundamente conscientizado da lição evangélica segundo a qual não se deve dar pão aos cães, nem pérolas aos porcos, não usei a palavra facultada, como já disse que ninguém a usou, mas, intimamente, me achei não mais no lugar onde estava sentado e sim lá, na frente de todos - menos do padre, evidentemente. E me vi, corajosamente, fazendo-lhe uma pergunta:

- Padre, respeitadamente, peço-lhe que me responda: Jesus venceu o mundo antes ou depois da sua crucifixão?

Voltei-me para os assistentes e vi que eles me endereçavam olhares fuzilantes! Era, segundo pude extrair de seus gestos, uma afronta o que eu estava fazendo com a autoridade religiosa.

Aquela minha coragem interior de logo se arrefeceu e caminhei, passos largos, para logo fazer-me sentado e bem calado no lugar que se me havia reservado, desde o início. Entre mim e o padre, contudo, ficou um mútuo desejo de continuação daquele diálogo provocado por ele à viva voz e replicado por mim, intimamente. A insistência do olhar do sacerdote fez voltar em mim toda a coragem de que me armara para ir até sua presença. E depois que todos os fiéis já se haviam ido, vi-me só naquele altar. Era eu do lado de cá e o padre do lado de lá. Entre nós, estendida, a mesa do sacrifício.

- O irmão certamente é iniciado nos assuntos religiosos - ponderou, inicialmente, o sacerdote.

- Não tanto no meu mundo mental, padre...

Reuni coragem, e continuei:

- Sei das tantas e tamanhas aflições que devem atingi-lo. Elas decorrem dessa forma ritualística de repetições diárias. Com certeza ela o faz refém de sua poderosa tendência mental - alimento

indispensável para a religiosidade tradicional dos frequentadores habituais deste templo. Eles, permita-me dizer assim numa imagem simplória, sequer bebem leite, espiritualmente falando...

- Mostre-me, então, outra forma de fazer para anunciar o Evangelho!

- Está, precisamente, na resposta certa à pergunta que formulei não só ao senhor, mas a todos... espere, todos, não! Estou ainda confundindo as coisas. Não falei senão imaginariamente, como continuo falando, agora, com o senhor.

O padre, mostrando-se receptivo ao questionamento, adiantou:

- Você realmente tem razão quando atina para a lição do Mestre: *não se deve dar pão aos cães, nem pérola aos porcos*. Falar certas verdades numa assembleia constituída de pessoas com pouca ou nenhuma iniciação espiritual é mesmo “chover no molhado. É preciso, realmente, colocar o sentido evangélico de forma tal que possa haver a recepção em sua inteireza, senão de nada vale a pregação.

Sem mais delongas, coloquei um introito no assunto que desejava debater:

- O senhor, na sua homilia, falou sobre Judas Iscariotes. Ele, na verdade, não tem existência autônoma. Trata-se de criatura, ou seja, obra da Divindade. Tudo quanto resulta em ex-istência só teve e tem mesmo uma responsável: a Divindade. Então, o Judas, como o Anás, como o Caifaz, como o Pôncio Pilatos e tantos outros são obras dela.

- E podemos descartá-los?

- Poder não podemos. A questão é só de prioridade.

- Como assim?

- Esses personagens, afinal de contas, são integrantes do processo histórico de Jesus, mas não estão no contexto de sua poderosa força divina como “*conditio sine qua*”.

- Você está indo muito fundo.

- Apresso-me, por isso, na verdade que não é minha nem sua, mas de Deus. Digo-lhe, padre, não eu, mas a própria Bíblia, que toda essa seqüência de fraquezas, de sede de sangue, de flagelações, de sangue derramado na cruz se processou quando o Nazareno já tinha vencido o mundo.

- Como é? Está abstraindo toda a *via crucis*?

- Eu não posso negar o que é, inclusive, verdade histórica. Mas apelo para o sentido bíblico e para a fortaleza das palavras do Nazareno. Aos seus discípulos ele não disse, naquele momento em que as dores se faziam facilmente previsíveis, que ia vencer o mundo. Pelo

contrário, suas palavras não deixam dúvidas: *...no mundo tereis tribulações. Mas tende bom ânimo. Eu venci o mundo*. Assim é que se lê no Evangelho de João.

- Sendo assim, para vencer o mundo não deve, necessariamente, haver calvário!?

- Vamos ser francos, padre. O Nazareno não falou no tempo presente, nem no futuro. Ele disse: Eu venci o mundo. Cuida-se de uma afirmação que dá conta de algo já consumado. O que passa disso são fatos que estão no plano dos homens e não no da Divindade. Ou seja, o seu Filho, que não é criatura, mas criador tanto quanto ela, vencera o mundo. E ele o venceu, sendo Deus, em sua forma humana, porém divinizada. Os homens, os do seu tempo e os do tempo presente, continuam matando-o na forma desumana, atroz, dolorosa. E essa forma é justamente a priorizada pela Igreja.

- Mas..

- Não tem “mas”, padre. Aceito o “mas” apenas de sua parte de celebrante que há de seguir o rito traçado pela organização a que o senhor pertence. Cá entre nós, entretanto, acho-o mesmo um homem de mente e coração abertos para não me recriminar; pelo contrário, é capaz até de me implorar para que fique quieto na “minha teologia”, pois certamente ela lhe trará dores de cabeça... Fique tranquilo quanto a isso. Afinal, não me faço nem me farei mouco aos ensinamentos do Nazareno: nem pão aos cães, nem pérolas aos porcos.

- Já que esse nosso diálogo está posto em elevado nível de espiritualidade, vou, então, me antecipar ao que você me irá dizer: tenho por certo que ouviria de você que o calvário não é senão a ingloria a que se permitiu, humildemente, a Divindade, através do seu Filho Unigênito - primeira manifestação individual dela e criador tanto quanto ela. Nessa ingloria sua poderosa “excelência” não sofre quaisquer ranhuras; pelo contrário, ela a mantém na mesma condição poderosa de eternidade e de infinito.

- Suas palavras fazem-me alegre, porque se conjugam com a verdade que liberta. Estou vendo que, com o senhor, nesse diálogo, nem os cães nem os porcos têm vez...

- Mas espere que ainda vou completar. Quero dizer que o mais maravilhoso de tudo isso é que a Divindade se abriu ao conhecimento de um ser, um único ser: o homem, sua criatura excelente! Em sua carne quente e mortal ela se aninhou. Tem verdade mais confortável do que esta? Qualquer homem de hoje, de ontem e de amanhã traz em si, em subjacência, a Divindade. Felizes aqueles que podem assistir

com sua alma livre de amarras terrenais ao gozo da glória verdadeira, que é aquela onde não mais existe mundo, porque vencido pelo Verbo da Divindade.

- Está no caminho da verdade e da vida, padre.

- Mas não se deixe enganar, estamos ainda praticamente no meio desse caminho.

- Concordo, padre.

- Foi precisamente o que fez o Rabi da Galileia. Venceu o mundo, sem dele se afastar. Não foi um covarde que, por ter dito palavras duras, tivesse depois se escafedido. Venceu o mundo, este mundo mesmo que está diante de todos nós. Melhor dizendo, não o que está diante de todos nós, mas o que o somos, como parte integrante dele. Esse mundo no qual jaz o maligno foi por ele negado, mas ao mesmo tempo afirmado. Isso explica a importância fundamental do que é espiritual - “combustível” único necessário para vencer o mundo.

- Ah, padre, agora que já estou entrando na sua intimidade religiosa, sei como é terrível para o senhor encarar todos os dias essa realidade ritualística. Viver na companhia da cruz. - E, num gesto convidativo: olhemos juntos para cima, agora. Lá no alto mesmo está a cruz. Está certo que ela não está com o crucificado. Está vazia. Mas é cruz, é sinal de sofrimento.

E o padre sentenciou:

- Não tem outra forma para fazer chegar o sentimento religioso mais próximo de uma disciplina...

- Eu compreendo, padre. Tiraram o Nazareno da cruz. Propalam sua ressurreição. Eu não discordo dela. Mas se faz de modo muito sacrificial.

- Continuo dizendo que é a melhor forma a se adotar, porque não há evolução sem sacrifício. A ideia de sacrifício, aliás, vem de tempos remotos.

- Mas também vem sendo combatida desde esse mesmo tempo remoto, padre. Recordo-me, agora, do que disse o Profeta Oseias no versículo 6 do capítulo 6.

- Sim, isso mesmo que disse tal Profeta foi repetido pelo Nazareno: *“Ide e aprendei: não quero sacrifícios e sim misericórdia, pois não vim salvar os justos mas os pecadores”* (Mt 9, 13).

- Veja que, embora combatido por ele, o sacrifício foi adotado em toda a sua extensão pela Igreja, inclusive sacrifício de sangue.

- Com uma grande diferença.

- Eu sei. A diferença, segundo a Igreja, está em que o Nazareno nos substituiu, de forma que não há mais sacrifício de ninguém!

- Isso mesmo!

- Aí é onde reside mais uma crucifixão do Nazareno!

- Como assim?

- Tudo isso assume extraordinária direção egoística. É o homem se apoiando no sacrifício alheio...

- Isso era preciso... o Filho de Deus padecendo por nós...

- Concordo que o Filho de Deus padece, mas em cada um de nós. Há, nesse passo, uma grande confusão, um enorme embaraço. Não é o sacrifício de um homem, mas o sacrifício da Divindade tornado Sentido, tornado Verbo no homem. Esse sacrifício é dúplice: de um lado, sua realidade animal, cuja manutenção individual e da espécie se dá com a assimilação da luz contida nos alimentos ingeridos. Nesse processo, ele, primeiramente, luta para conseguir o alimento, depois o ingere e então se processa o ofício sagrado da assimilação da luz que o sustém. O alimento, seja ele qual for, produz intoxicação do organismo, cuja gradação está na dependência do tipo do alimento ingerido. E tudo quanto se ingere se transforma em excremento. Já a perpetuação da espécie reside na pulsão sexual que atua como conseqüência da separação do homem inicial, do éden, que era uma unidade, compreendendo o masculino e o feminino. Com a separação, ambos se complementam na pulsão sexual, homem e mulher, mulher e homem, um em complemento do outro. A realidade espiritual, por sua vez, também é sacrifício, pelo qual o homem abomina o ego e prioriza tudo no amor - a Deus sobre todas as coisas.

- Você está indo longe demais com sua teologia!

- *Vade retro, satanás!* Abandone, padre, o lado meramente intelectual do pensamento, pois, embora permitido por Deus, é obra exclusiva do homem e mergulhe de cabeça apenas no que é de Deus.

- Você assim me faz lembrar a passagem bíblica envolvendo São Pedro...

- Procure não ser como ele foi, então.

- Vou me esforçar – disse, com um sorriso no canto da boca.

- É bom que faça assim, pois se continuar nesse caminho que vem seguindo, terminará dando com os burros n'água. Mas, atente para o reparo que lhe faço: mais do que eu o senhor sabe que não é necessário esforço algum. É só deixar de lado o esforço mental, intelectual, representativo da serpente enganadora. Basta que busque,

dentro de si, as respostas de Deus, em silêncio, e elas acontecerão; intuitivamente.

- Nunca pensei em receber hoje tão grande lição...perdão, não se trata de lição. Você fala do que eu já sei.

- Assim o senhor está me aliviando, e muito, padre.

- Na verdade, comungo com a sua teologia...

- Deixe de ironia.

- Nada disso. Estou sendo sincero.

- Pois então já me dou por feliz, sabendo que o senhor se guia pelo verdadeiro Cristo.

- No Cristo que venceu o mundo...

- Tem que ser. No Cristo que venceu o mundo, sim. Pois foi esse Cristo que pôde suportar e vem suportando tanta difamação, tanta falsidade, tanta fraqueza, tanta traição, tantos espinhos, tantas dores, tantas lacerações, tantas agonias. O senhor sabe tanto quanto eu, padre, que, se o Cristo não tivesse vencido o mundo, encarnado na pessoa de Jesus, não teria este suportado toda a *via crucis* que se lhe impôs injustamente, criminosamente. Vale frisar que, mesmo vencedor do mundo, na carne quente e mortal de Jesus de Nazaré, este fraquejou, nalguns momentos de sua via dolorosa, justamente porque era homem; homem divinizado, jamais homem deificado. Em face de sua condição humana, pois, chegou a pedir que o cálice passasse logo, recobrando-se entretanto de imediato e afirmando que a vontade dele não prevalecia e sim a da Divindade. Decepcionou a muitos quando disse que o Pai o havia abandonado, mas também, nesse passo, recobrou em seguida sua íntima união com o Pai; tanto que, conscientemente, expirou, sem provar das sombras horríveis da morte.

- Você está muito correto!

- Sim, padre. A verdade é que o Nazareno venceu o mundo antes de ser crucificado. Isso está escrito com todas as letras.

- Mas... - o padre, de repente, se transfigurou. Deu-se conta de que já se passara muitas horas desde quando terminara a missa do lava-pés e passou a demonstrar a sensação de que estava passando por algum desconforto.

- Que estranho, padre!

- Silêncio, amigo! – disse, colocando o dedo indicador na boca.

Insisti:

- Esse som persistente e agourento eu o conheço muito bem, padre. São matracas!

- Estamos, amigo, saindo do estado feliz de embevecimento do mundo imaginativo... - arrematou ele com muita convicção, mas cheio de receios ante um personagem que logo se fez destacado em meio a uma multidão.

- Agora estou me dando conta, padre.

- Salve-me, amigo! Não vê aquele olhar penetrante e investigante em minha direção?

- Estou vendo, sim, padre.

- É preciso, meu irmão, que eu siga o meu caminho de luta, senão...

- Compreendo. Mas, valeu a nossa conversa.

O padre, cabisbaixo, se distanciou de mim, caminhando em direção a um cortejo fúnebre que passava ao lado da Igreja; era a procissão do Senhor Morto, pois já estávamos na Sexta-Feira da Paixão. E aquele olhar penetrante e investigante era do bispo. Imagine como mais penetrante e mais investigante seria o seu olhar se seus olhos pudessem ver a imaginária situação que eu e o padre “vivenciamos”, como prática salutar de uma espiritualidade verdadeira, a ponto de não sentirmos o passar do tempo.

Espírito Eternamente Pronto

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Quando se diz que a carne é fraca, assoma, naturalmente, aquela ideia de que, em contrapartida, o espírito é forte. Nada mais enganoso. Talvez porque vivamos mergulhados em um mundo lingüístico de antíteses, a exemplo do branco e do preto, do alto e do baixo, do escuro e do claro, do perto e do longe, do fácil e do difícil e de tantos outros incontáveis desencontros semânticos logo nos assalte, como no caso focalizado inicialmente, a ideia de fortaleza espiritual.

A impressão que surge assim de imediato quanto a pujança espiritual conduz à enganosa conclusão que retrata realmente o espírito como sendo algo que, no tempo e no espaço, possa evoluir ou “involuir”. Na verdade, espírito que se tem como verdadeiro espírito é o que sempre e eternamente aparece pronto, perfeito e acabado, nunca passível de ranhuras ou de fissuras. Espírito é sinônimo de Deus e se o espírito é Deus ele é sempre vencedor, ele é sempre do bem, ele é sempre eterno, ele é sempre infinito. Por isso, a bíblia assevera, por palavras saídas da boca do Nazareno, em agonia no Getsêmani, e segundo relato dos evangelistas Mateus(26,41) e Marcos (14,38), que o espírito está pronto. Se o espírito está pronto, em posição não necessariamente inversa a isso se tem que a carne foi colocada em condição de recipiente do Verbo divino, veículo do conhecimento de Deus pela via da intuição, jamais pela do intelecto, que é a da serpente enganadora do conhecimento do bem e do mal. Essa condição veicular é fruto da misericórdia e do amor divinais. É que a Divindade se humilhou a tal ponto de se permitir que o seu Unigênito - tanto Criador quanto ela - sofresse a ingloria da encarnação, para que na carne quente e mortal do homem (e não na de um homem só), sua criatura por excelência, pudesse essa criatura, como depositário único do ser consciente e de base mineral, vegetal, animal, assistir ao gozo do retorno à glória de antes do princípio, em delícias celestiais benfazejas à sua alma liberta de amarras terrenais. Esse homem, pois, que é repositório e veículo do Verbo, desde que afastado da ciência do conhecimento do bem e do mal, caminhando em sentido diametralmente oposto, intuitivamente, desprende-se das terríveis forças do ego e, destarte, se integra, com o eu “cristico” que lhe subjaz à Divindade. E assim sua carne fraca, mortal alcança, na ressurreição

dos mortos, o eterno e o infinito do divino, mediante transformação em luz divina que se não há de confundir com qualquer tipo de luz física.

Diante do que se disse, há de se ter como verdade verdadeira que o espírito não tem evolução e nem também tem involução. Esse vaivém é exclusivo da criatura homem, mesmo excelente sendo, fruto caído pela desobediência resultante no separatismo - desígnio, por sua vez, da própria Divindade que o fez possibilitado de uma escolha livre. A Divindade sofre, então, pela encarnação e sofre, também, porque sua criatura excelente se rebelou, dela se distanciando, na medida em que não a ama sobre todas as coisas. Essa desobediência o estigmatizou. Deixou de ser o homem já, àquela altura, bi-dimensionado em sexos opostos, imaculado em estágio de éden, para se “bi-dimensionar” em carne fraca e, ao mesmo passo, em repositório do divino, que nunca deixou nem poderia deixar de ser. Por isso, até hoje, vive sob pulsão dúplici: sexual e espiritual. Ambas essenciais; a primeira, à perpetuação da sua espécie, na qual mais se mostra perto de Deus, na medida em que, na “conquista” da companheira ou do companheiro, vice-versa, forma família equilibrada e sadia pelo amor que não deve ser só o carnal, mas o de afinidade espiritual. A segunda, a necessidade de uma integração do “crístico” que lhe subjaz à Divindade. A pulsão sexual nada tem a ver, essencialmente, com a espiritual, porque aquela lhe foi imposta como condição de sobrevivência, que se pode sintetizar, digamos assim, na expressão “comer o pão com o suor do seu rosto”; isto, evidentemente, sendo fardo que tanto se pode aliviar, na medida em que se liberta a alma de amarras terrenais, na “conquista” que não é nem pode ser pessoal, jamais; na “conquista”, queríamos dizer, da melhor integração do “crístico” que lhe subjaz, como veículo do Verbo, com a Divindade.

Há, pois, gritante erronia na afirmação de que o espírito é forte. Admitir isso é o mesmo que reconhecer que ele, sendo Deus, reste submetido a uma gradação de fortaleza, por manipulação hominal. Pela vontade do homem, Deus seria, num momento, forte, noutra mais forte e noutra menos forte, como se a criatura pudesse moldar o Criador. Mas a realidade de Deus não é assim. O espírito, que é Deus, é pronto, sempre pronto. Mesmo face a circunstância da ingloria a que ele se permitiu, ele é pronto. E é pronto sem admitir qualquer gradação de fortaleza. É pronto no sentido de que é cabal, de que é completo, definitivamente. Não tem como crescer, nem tem também como diminuir. Ele é pronto e não precisa se dizer mais nada.

Por outro lado, a carne, fraca como é, goza do privilégio de ser habitáculo desse mesmo espírito pronto, que é Deus, que é a Divindade, em busca da qual o homem se dirige em via de mão dupla, no amando os seus semelhantes em caminhada de perpetuação da espécie e em via de mão única de cada um em relação à Divindade que traspassa a ingloria da encarnação, quer dela se mantenha unido o homem, quer dela ele teime em se separar. O homem, enquanto carne fraca é que fica com sua alma presa a amarra terrenal, na medida em que não enxerga essa verdade, ficando não o “crístico” que lhe subjaz, mas a parte carnal impossibilitada de alcançar a luz divinal da ressurreição mediante transformação em luz, como luz é a própria Divindade. Esse castigo não se há de catalogar como pena eterna, porque a carne é mundo e o que é mundo deixará de ser no final dos tempos (Mt 28,20), quando, então, tudo voltará ao antes do princípio, em que não se fala nem de tempo, nem de espaço, mas, sim, só de eterno e de infinito – justamente a Divindade no seu *mysterium tremendum*.

Livrando-se do Engano

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O ontem é história, o amanhã é um mistério, o hoje é uma dádiva, por isso mesmo chamado presente... Espantoso é que, com tais colocações, se permita a invasão de evidente demonstração do ter e de preocupação com ele.

Realmente, choca as pessoas de certa iniciação a teimosia de pessoas voltadas eminentemente ao profano com vista a valorizar o hoje que, segundo referida frase, por ser deste tempo, tem o nome presente. Isso, na verdade, funciona como uma postura, cuja maior e única serventia é a de somente influenciar o ânimo das pessoas fracas e de cegar mais ainda quem nessa cegueira se encontra e a cada dia mais nela se envolve em densas trevas.

Não se pode, efetivamente, retirar a condição de dádiva da existência como um todo. Sim, toda ela é fruto de humilhação espontânea da Divindade que, sem espaço e sem tempo, antes do próprio princípio, se permitiu a inglória, isto é, da glória eterna e infinita, portanto inexistente, se fez, por sentido racional e amoroso, ser, existência, sem comprometer, mesmo assim, sua essência verdadeira de não-ser.

O não-ser transcendente à imanência de ontem, de hoje e do sempre (este limitado à consumação do século), se permitiu a humilhação da inglória, com a criação; humilhação que ganha maior expressão no fato de que ele consentiu em subjazer no homem, cuja alma está presa a amarras terrenais. O não-ser fica, por assim dizer, preso, espontaneamente, na nesga de tempo do curso da vida do homem, o que para ele se constitui em inglória. Nessa inglória ele não perde a sua glória. Mais dia, menos dia, na consumação do século, ele haverá de recuperá-la, *in totum*. O homem, que é a criatura excelente, única que abriga o Sentido, o Verbo, tem alma, que é mortal, mas “imortalizável”. Cabe-lhe, integrando o “cristico” que lhe subjaz à Divindade, conduzir, com esse processo integrador, a liberação das amarras de sua alma. Assim, a Divindade sorri porque assiste a liberação da inglória consentida, por razão e por amor, e também sorri a alma daquele homem que, em face dessa integração, tornou imortal

aquilo que era mortal – a sua alma. É nesse dúplice enfrentamento que se opera a ressurreição dos mortos. Aquele que se esvazia do ego para se completar do divino faz do seu corpo e daquilo que lhe dá ânimo – a sua alma – o novo corpo translúcido, ressurrecto, traduzido em luz divina, que se não confunde com luz física.

Portanto, o presente, que é dádiva, não deve ser objeto de consumação voraz, à conta de sacrifícios de toda a ordem, para se alcançar a conquista do ter, a qual é mera ilusão, algo de importância accidental e nunca essencial. Verdadeiramente, no presente, que se não pode descartar, se deve vivenciar tudo sem, entretanto, permitir o domínio do que é ilusório. Importa a consciência da desilusão. Certo é que o presente, com essa consciência, deve ser negado de forma peremptória, e, concomitantemente, afirmado, mediante proceder que, anônimo e desinteressado, deve conduzir o homem à constante e persistente assistência aos seus irmãos famintos, aos que têm sede, aos que estão nus, aos que se encontram presos, aos que se quedam enfermos. É só para o que deve servir esse presente como dádiva que realmente é. Devotá-lo unicamente a preocupações pelo ter conduz o nosso caminhar a sentido eminentemente dirigido pela voz do intelecto, que é a serpente do bem e do mal que tanto nos faz separados do Criador. Pode-se ficar com essa dádiva em aplausos estrondosos, desde que às suas preocupações se lhes imprima importância accidental – jamais importância essencial!

A frase em apreciação constitui, pois, uma perigosa e contagiante reflexão. Resume-se, praticamente, a uma programação de vida profana. *Viver o presente, deliciar-se e com ele se bastar...* que perigo para a alma! Com certeza, uma fagulha “iniciática” é suficiente para operar o enfatiamento de tanta postura profana que nela se contém... Mas, é imperioso reconhecer que, enquanto persistir uma visão profana como essa, nenhum enfatiamento se operará; pelo contrário, agigantar-se-á, sempre e cada vez mais, a sede do ter, o que faz permanecer bloqueado qualquer direcionamento verdadeiramente divino.

O presente, por si só, - como o passado e o futuro – é cápsula que aprisiona, incompatível com o eterno e o infinito que devem presidir a vida do “verdadeiro viver”.

Por isso, restrições não de ser feitas à frase em questão, porque ela representa uma postura radicalmente “ocidental”, justamente aquela da *latinidade* apurada do homem *cristianizado*, bem representado na mais refinada postura de um viver de luta renhida

(daqueles que se iludem com o que disse determinado poeta), na qual ganha proeminência a condição de verdadeiro mago das proezas e das aventuras em lutas incessantes, no desiderato de um lugar ao sol...para quê?

Desvencilhemo-nos, pois, dessas lições, afastando-nos, definitivamente, das amarras do “*presente dádivo*” que só encontra sentido no mundo da existência sensória. Esse mundo, aliás, há de ser bem vivido e jamais desprezado, porque, afinal de contas, não se pode viver sem ele, pois é suporte da imanência. Bem-aventurado, porém, é aquele que “enxerga” além dele, com olhos que não os da própria carne, mas aqueles que apontam para a vastidão da não-dimensão do infinito e do eterno, do “*mysterium tremendum*” - a transcendência. Esta, pelo amor de Deus, faz nela abrangido tudo quanto é criatura, sobretudo aquela de puríssima excelência em termos substantivos e de direção “racio-amorosa” - o homem-espírito. Ele é participante ativo de toda a criação, porque imagem e semelhança da Divindade – com o “eu-crístico”, que nele subjaz. E a transcendência, por ser misteriosa, não lhe cabe assinalar dimensão (que, enfim, não tem e nem existe) e que, por isso, não pode representar o que passou, nem o que se passa, nem mesmo o que passará.

O presente é dádiva, realmente. Mas, uma dádiva que se deve aproveitar como suporte para o melhor – o aconchego do “encontro” do “eu-crístico” com a Divindade, em que não há espaço a medir, nem tempo presente, passado ou futuro. Bom é saber que esse “encontro” se plasma no eterno e no infinito, eles que já foram o passado, que são o presente e serão o futuro, sem o serem, efetivamente, porque não existem e por não existirem servem de repouso ao verdadeiro poder daquela que não é – a gloriosa Divindade.

Guardiões da Revelação

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

A Revelação, em sua plenitude, aconteceu com o Nazareno; com ele e unicamente e exatamente e simplesmente e sinceramente e indubitavelmente e santamente (e tantos outros advérbios de modo terminados em “mente” e de sentido altamente positivo quanto se queira aqui acrescentar) com ele!!!

Sua máxima foi - resumindo, aliás, o Sermão da Montanha e todas as Beatitudes - a de que não se deve fazer sacrifícios e sim que se deve ministrar a misericórdia.

Foi incompreendido - pelos discípulos, pelos evangelistas, por seus contemporâneos que exerciam o poder quer temporal, quer sacerdotal.

Sua existência terrena - é bom frisar - se verificou em cenário conturbado. De um lado, a sua nação, baseada em pilares religiosos, onde se professava a crença num Deus único, interventor nos assuntos humanos, tudo centralizava no afã de obter a libertação, primeiramente da escravidão do Egito e, depois, mesmo se vivendo as delícias da terra onde mana leite e mel - Canaã -, do anseio torturante que persistia (e que ainda hoje persiste para os que professam o judaísmo) na grande promessa de Deus – a da vinda de um Messias. De outro lado, outra nação, um império - o império romano - dominador que, mesmo poderoso, fazia a política da tolerância, pelo menos em termos religiosos.

O Nazareno fez a total descoberta do véu. Tudo revelou. E foi então incompreendido. Os seus compatriotas viram nele um perigo para o “*status quo*”. Fizeram-no réu. O crime, a blasfêmia. Como não podiam eles mesmos tirar a vida dele, levaram-no ao julgamento dos romanos. Estes eram representados, no momento, por Pôncio Pilatos, que ainda tentou lhe evitar a morte, mas teve que se curvar, por receio de desagradar ao Deus que adorava – César. E a maior estupidez da face da terra foi cometida. Mataram o Nazareno na cruz, não sem antes tê-lo submetido a inominável tortura física através de chibatadas e coroado com espinhos e escarnecido por muitos.

Lamentavelmente, a distorção da Revelação Verdadeira deu margem à edificação de um sistema religioso obtuso e a dissidências horríveis. Foi, realmente, a falta de fidelidade exata aos ensinamentos do Galileu por parte dos discípulos, dos evangelistas, dos

propagadores iniciais o que deu margem ao surgimento e a permanência dessa religião cristã que, ao invés de “*crisificar*”, “*cristianiza*”. Diga-se, por justiça, que a eles não se direcionam culpas, senão o reconhecimento da boa vontade, ao mesmo tempo reconhecidamente limitada; tanto que se operou pouco alcance daquela Revelação. Mesmo assim, socorre-os a misericórdia da Divindade, como ela, em sua infinita bondade, há de socorrer o também limitado alcance, seja ele de qual nível for, de quem, como o autor destas linhas, se aventure em considerações desta ordem.

Nesse processo religioso em vigor, como é fácil perceber, se torna falsa, impura, incompleta a Revelação, porque o sistema montado funciona de “*fora para fora*”. Já no processo que seria o verdadeiro e eficaz, tudo aconteceria de “*dentro para fora*”, necessariamente. Ou seja, primeiro, como condição essencial, indispensável, teria de acontecer “*dentro*” para se manifestar “*fora*”. É mesmo como se diz: “*o que é dentro é fora*”, inapelavelmente. Ou ainda, como está no credo cristão, “*assim na terra como nos céus*”, sendo evidentemente os “*céus*” o interior e a “*terra*” o exterior.

Foi esse sistema de cristianização que trouxe tantas mazelas, tanto distanciamento do verdadeiro sentido do Cristo revelado pelo Nazareno. Aliás, esse desvirtuamento não foi pernicioso apenas para o próprio Cristianismo em si; deu margem ao surgimento de outros sistemas religiosos, como o do Islã, do Profeta Maomé. Nas suratas e nos respectivos versículos do Alcorão, obtidos, segundo escreveu o aludido Profeta, da revelação que lhe fez o anjo Gabriel, se vê que o Islã se centra no desvirtuamento que fizeram não só os cristãos, mas também os próprios judeus. Estes, pelo distanciamento do verdadeiro Deus revelado no Livro que foi dado a Moisés; aqueles, por terem se apegado ao sentido do sacrifício na cruz que foi impingido ao Nazareno. O resultado é que a Revelação verdadeira foi desviada e continua sendo assim até hoje.

Ainda bem que tanto no lado cristão, como no lado judeu, como até mesmo no lado muçulmano (e por que não dizer também no lado hinduísta e budista?) existem os que revelam luz de alguma forma bem inclinada à grande verdade mostrada e vivida pelo Homem de Nazaré. Esses poucos não são, por hipótese alguma, os convictos e inabalavelmente e teimosamente “*impositores*” do sistema religioso. São, isso sim, os integrantes da “*sociedade anônima da fraternidade branca*” - aqueles que vivem “*o viço do ser*”, ou seja, do “*ser-viço*”.

Não, não procuremos nas igrejas, nas sociedades de benemerência, nos mercados, nas praças, nas ruas, nas casas dos ricos ou dos pobres esses “*bandeirantes do céu*”. Eles não aparecem a ninguém. Aparecem, isso sim, as obras meritórias que promovem desinteressadamente. Nada mais demonstram do que a boa vontade de fazer olhando exata e muito precisamente a quem: ao que está com fome, ao que está com sede, ao que está nu, ao que está preso, ao que está doente. Importante é que jamais apareça a sua presença física. No máximo, o que permitem é o anonimato da carga poderosa e eficiente de uma espiritualidade que os fazem íntimos da Divindade, isso sem nenhum sentido de orgulho e de convencimento quanto a conquista de um lugar especial em outra vida, por exemplo. Eles são, sem dúvida alguma, os legítimos guardiões da Revelação, na medida em que se mostram como setas, como verdadeiros exemplos a serem seguidos. Mostram-se homens e mulheres voltados aos verdadeiros ensinamentos “*crisificantes*”. Mas na hora de fazer pelos outros, se recolhem; não fazem alarido algum acerca do que e para quem fazem. E o resultado é que ficam dentro exatamente da verdadeira Revelação e, destarte, íntimos da Divindade, para honra e glória desta, jamais para honra e glória deles, pois não passam de homens-carne que se deixam guiar pelas coisas do espírito que eles, enquanto homens-carne, jamais terão alcance dele.

Realmente, se deve anonimamente e sem ambição fazer pelos esfomeados, pelos sedentos, pelos nus, pelos presos, pelos enfermos. Mas como fazer tais socorros e ao mesmo tempo ser seta, se os atos, nesse sentido, devem ser anônimos?

A resposta precisa está no fato de que o caráter anônimo da doação deve funcionar da parte tanto de quem recebe como da parte de quem dá. Dá-se anonimamente de modo que o recebedor recebe mas não sabe quem exatamente lhe deu. Aí sim o verdadeiro anonimato. Não é que o doador seja anônimo no sentido de não aparecer. Ele aparece, sim, de maneira genérica, como seta, como exemplo, como um verdadeiro cristão, mas quem recebe não sabe se foi ele efetivamente quem deu, porque são muitos os que dão e até porque quem dá não o faz de forma individual, tendo “a” ou “b” como destinatário, mas sempre para um universo de pessoas que esteja com fome (*de todo o tipo e de toda a forma de fome*), com sede (*de todo o tipo e de toda a forma de sede*), nua (*de todo o tipo e de toda a forma de nudez*), presa (*de todo o tipo e de toda a forma de prisão*) ou enferma (*de todo o tipo e de toda a forma de enfermidade*).

Dar com a mão direita de modo tal que não saiba o que faz a mão esquerda significa que quem não deve saber é o lado egoísta do homem. Mas o seu lado espiritual, esse sim é que se move no sentido de dar. Quem não deve saber, pois, é o ego. Quem recebe, esse sim, sabe que recebe, mas não deve saber exatamente de quem. E até mesmo não é preciso que ele saiba, porque, se souber, ele fica preso a sentimento de gratidão e isso é coisa do ego. Dá ideia de troca. Quem dá com o espírito, dá sem busca de recompensa. E da parte de quem recebe ele sabe que alguém lhe deu, mas não deve saber quem exatamente é. Importa que ele se eduque nessa contumácia de dimensão espiritualizada. E isso lhe será efetiva e eficazmente pedagógico.

Dar, pois, não efetivamente no varejo, mas no atacado, porque o estender a mão, v.g., a uma pessoa que se diz necessitada, numa esquina, é sentimento de piedade sim, mas não essencial e radicalmente “*crístificante*”, na medida em que o recebedor, nessa condição, alimenta o ego e fica escravo do império de algum sentimento de gratidão que tenha de revelar, em face disso, no desenrolar da sua existência. Também quem dá se arrisca a um mover egoísta, pois seu sentimento de compaixão faz brotar o sentido de uma direção que satisfaz, mesmo que paliativa, como realização sua. Por isso, o dar tem que ser anônimo.

A quintessência da Revelação Nazarena ficou pelo meio do caminho nesses dois milênios e mais alguns anos de sua bendita chegada ao homem. Tudo isso por culpa não se deve dizer, mas por limitação natural dos discípulos, dos apóstolos, dos evangelistas, dos doutores, esses últimos, sim, os que se podem rotular de culpados, porque se detiveram em estudos (para eles profundos), com fins voltados a explicarem a aristotélica conformação orgânico-social, como fundamental para a sobrevivência e a convivência em estado cristão. Enquanto se perderam nesses “*estudos profundos*”, fizeram cada vez mais vigoroso o sacerdócio “*levítico*”, que não enxerga aquele outro Sacerdócio que, embora não exercido, não decrece jamais, porque ele é eterno e é infinito – o Sacerdócio de Melquisedeq.

Por isso, se louve em cânticos de altíssimas vozes o surgimento espontâneo e divino dos “*bandeirantes do céu*”, como anônimos integrantes de uma fraternidade branca. É ela, efetivamente, a única possibilidade da conquista do Reino dos Céus, em seus acréscimos que podem ser usufruídos nesta terra em que somos passageiros. O qualificativo “*branca*” lhe recai na perfeita

conformidade da essência cristã, porquanto, em sendo branca, não tem destaque, não tem referência, não tem sentido instituidor, não é algo que se materializa em si, senão nas obras que dela advêm qual o efeito da lei da gravidade.

A Cura de Um Possesso

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

...Ora, na sinagoga deles achava-se um homem possesso de um espírito imundo, que gritou: “Que tens tu conosco, Jesus de Nazaré? Vieste perder-nos? Sei quem és: o Santo de Deus!” Mas Jesus intimou-o dizendo: “Cala-te, sai deste homem!” O espírito imundo agitou-o violentamente e, dando um grande grito, saiu. Ficaram todos tão admirados que perguntavam uns aos outros: “Que é isto. Eis um ensinamento novo, e feito com autoridade; além disto, ele manda até aos espíritos imundos, e lhe obedecem!” A sua fama divulgou-se logo por todos os arredores da Galileia. (Evangelho de São Marcos, Cap. 1, versículos 23-28)

Dizer que Jesus expulsou demônio e que esse demônio era um espírito imundo é uma grande impropriedade, é uma adulteração da verdade verdadeira pregada por Jesus e adulterada - não deliberadamente - pelos Evangelistas. É que as dificuldades naturais de percepção dos homens do tempo do Nazareno os levaram a essa forma na qual terminaram se expressando, deixando-os, destarte, longe do alcance da verdadeira Revelação exposta pelo Mestre. Espírito imundo é expressão agressiva à Divindade, porquanto tudo quanto é espírito é divinal.

Diga-se, então, com grande margem de acerto com a essência da pregação de Jesus, que, no mencionado episódio, o demônio (diabólico), que é sempre presente no mundo, porque neste jaz o maligno - teve, ante Jesus, um grande momento de provocação de sua vocação destrutiva, fazendo assomar, no lugar desta, o sentido da construção simbólica (que constrói e edifica), por influência positiva da força Nazarena. Cabe acrescentar, por dever de clareza, que essa

influência não é daquelas que operam no âmbito do Sentido, do Verbo, ou seja, daquela presença divina que importa na não-dimensão transcendental da Divindade, na imanência. É, antes, uma natural influência desta; melhor explicando, o demônio que Jesus expulsou – na verdade, a expressão mais correta é que ele se fez expulsar – não se há de confundir com o demônio a que se refere, v.g., o texto sagrado em relação a Judas Iscariotes. O seu caso representa a atitude de quem, no contraponto da aproximação do homem com Deus, age de modo diametralmente oposto, tentando fazer prevalecer o poder do intelecto, circunstância em que o homem procura se fazer Deus, com o conhecimento da ciência do bem e do mal. Neste passo, a porta para o império do Sentido, do Verbo está fechada pela ciência pecaminosa. Já no caso do homem que tinha um demônio e foi expulso – melhor seria dizer, insistimos, que se fez expulsar – não havia essa porta fechada. Era simplesmente o diabólico que se manifestava e se desenvolvia em arrasadora onda de desencadeante e perigosa maldade. Essa manifestação encontrou na simbólica presença Nazarena, fruto, por sua vez, de sua sintonia com o Pai, as ondas energéticas divinais que, inevitavelmente, levaram aquele homem possesso – melhor seria dizer aquele homem onde se estabelecia pernicioso desequilíbrio entre o diabólico e o simbólico – ao retorno de um equilíbrio não tão operante com o de Jesus, mas, de qualquer sorte, menos propício ao desencadear cada vez mais avassalador para um só lado, o pior de todos - o do diabólico. A prova maior de que não assumia posição de consciente e diametral oposição em relação à Divindade são as próprias palavras que manifestou no momento. Não revelou a menor oposição a Jesus; pelo contrário, lhe reconheceu de logo e sem nenhum receio a Divindade: “Que tens tu conosco, Jesus de Nazaré? Vieste perder-nos? Sei quem és: o Santo de Deus”.

Pois bem, o homem possesso não era o resultado da total e conturbada vida profana que não dá margem a qualquer sentido de espiritualidade; tanto que não se sabe e não há nenhum indicativo evangélico de que tenha esse homem evoluído, depois, em espírito e em verdade, permitindo que o “crístico” nele subjacente se integrasse, por consciência, à Divindade. Esta, evidentemente, em sua infinita bondade e misericórdia, não haveria nem haverá jamais de praticar a inominável injustiça de lhe impor castigos. A sua incapacidade, enquanto deixado entregue pelo diabólico, não o coloca em situação de penosas conseqüências, porque estas se destinam tão só aos que se entrincheiram na luta de oposição à Divindade, com a arma do

conhecimento do bem e do mal. A infinita bondade da Divindade não condiz em manter presa em amarras terrenais a alma de um vivente humano, como o do episódio, porque seu livre arbítrio se anulara quando exatamente envolvido pelas forças negativas do diabólico.

Espírito Santo

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

A denominação “Espírito Santo” pode conduzir a um grande engano. Esse engano é o de se pensar e admitir que ele esteja sujeito a uma gradação, passando do grau máximo – o de santo – para, digamos, o grau mínimo e horripilante – o imundo.

Espírito é Deus e Deus não admite gradações nem definições. O homem é que, obra excelente da Divindade, teve a graça de contar, em subjacência, da mesma razão e do mesmo amor daquela, de sorte que a santificação do espírito se opera nele e não na Divindade. O homem, não o homem-carne, mas o homem-espírito alcança, não para honra e glória sua, mas para a da Divindade, a santificação de si mesmo na medida em que se não deixa possuir e permite, destarte, se completar da Divindade.

É por graça que o homem-espírito se nivela com a Divindade, pois esta traçou o seu plano de modo tal que fez do homem hospedeiro de si mesma em dimensão de razão e de amor. Esse nivelamento é obra do espírito e não da carne. Por isso e para isso, o homem espírito se santifica e tanto maior será essa santificação quando atingir a não-dimensão do eterno e do infinito.

A Divindade e a sua primeira e única manifestação individual, o Cristo, que é criador tanto quanto aquela serão sempre gloriosos. Por razões próprias do seu “*mysterium tremendum*”, se humilharam voluntariamente, se permitindo “corporificar” o mundo e, exatamente no 6º dia da criação, “se aninharam” na criatura por excelência – o homem. Este homem da criação era o homem-espírito, o puro, o casto que, entretanto, veio a cair, na medida em que optou por seguir o caminho do conhecimento do bem e do mal, com o que saiu do estado de inocência. Daí é preciso que ele, enquanto homem-espírito decaído se recupere da queda, se santifique, tornando santo o espírito que lhe subjaz. Essa realmente a condição de nivelamento na qual o homem-espírito voltará a ter a condição inicial, mediante a mesma razão e o mesmo amor da Divindade que nele é depositada. E só com essa razão e esse amor se dará o consórcio universal em que a Divindade assistirá à realização plena do seu plano; plano que não depende, para a sua realização, do homem-carne. Mas o homem-espírito fica preso a sua

consumação, “gozando” sua alma quando usa da razão e do amor divinais e “sofrendo” quando não os usa.

Portanto, seja o homem-espírito o grande construtor da verdadeira maravilha que é o aconchego da criatura com o Criador, na medida em que aquela traz, em subjacência, este. A glória da Divindade recuperada, após a permissão da própria humilhação no seu período de ingloria – sua “corporificação” no mundo, permanece infinita e eterna. Sua criatura excelente - o homem-espírito - participa desse retorno na medida em que se põe em postura centrada no seu amor e na razão-de-ser que ela colocou em tudo quanto permitiu que fosse.

Espírito Santo, santo do homem-espírito!!

Sacrifício sem Sangue

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

A oferta de Caim não foi levada em consideração pelo Deus do cronista de Gênesis, mas assim foi a de Abel. Caim ofertou frutos da terra; Abel, pastor que era, ofertou ovelhas.

Esse Deus que o cronista de Gênesis lhe alcançou a Revelação é, lamentavelmente, o mesmo Deus dos Evangelistas e dos autores das Cartas do Novo Testamento.

É claro que todo o Levítico é uma tentativa de amenizar o que fora posto pelo Deus do Gênesis - um Deus a quem mais agradava o odor da carne do que o sabor dos vegetais. Veja-se a tentativa do cronista em pôr no Levítico toda uma regulamentação quanto à ingestão da carne - o que podia e o que não podia ser comido.

Antecipando-se à verdadeira Revelação, que foi a do Galileu, o Profeta Oseias já dizia: *“...porque eu quero misericórdia e não sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que os holocaustos”* – Cap. 6 v. 6.

Alinhado a semelhante Revelação de porte máximo, o Evangelista, enfim, colocou essas palavras no mesmo patamar do Rabi da Galileia, como tendo este acolhido tais palavras, na íntegra, segundo se infere de Mateus cap. 9, v. 13.: *“Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero e não sacrifício. Porque eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento”*.

Eis, então, o verdadeiro Deus Revelado; já o Deus em cuja revelação apareceu pequeno, pela pequenez do cronista de Gênesis - no que não lhe pode ser posta censura alguma – se fez revelado no tamanho limitado a que pôde chegar o cronista. Surgiu, então, na evolução reveladora, a Revelação com letra maiúscula, melhor ainda, com todas as letras maiúsculas (revelação = levantar o véu, ou seja, descobrir aquilo que se encontra encoberto). O profeta Oseias viu a Deus na sua não-dimensão eterna e infinita, muito tempo antes de o Galileu o haver seguido nas mesmas palavras, às quais apenas pôs o sentido de sua dimensão bem humana-divinizada. Ainda bem que esse ponto fundamental não foi relegado pelo cronista do Evangelho.

Sendo, pois, essa passagem, a nosso modestíssimo ver, o ponto nuclear da Revelação, se lhe distorceu o direcionamento na

medida em que se optou por mais sacrifício, dentro, aliás, daquela trilha do Deus sequioso de sangue do Velho Testamento, mais propriamente o Deus do Gênesis, aquele que, ao invés dos frutos da terra de Caim, preferiu as ovelhas de Abel. Estas, uma vez em holocausto, fariam subir o odor que mais lhe agradava...

Apegados ao Deus de caráter sanguinolento, se firmaram, ainda, os Evangelistas e os demais autores dos livros do Novo Testamento no episódio - também de sangue - ocorrido no monte Moriá. Ali, Abraão, seguindo a ordem do Deus a que ele obedecia, conduziu seu filho único, Isaac, para sacrificá-lo. Ainda bem que o cronista mostra que Deus apenas testava a fê de Abraão; tanto que, ao erguer o braço para imolar o filho, eis que a intervenção divina mandou que parasse e fez aparecer o animal para o sacrifício - um cordeiro.

É lamentável que, apesar de tanto apelo para que se não faça mais sacrifícios, se ponha relação entre Isaac e o Galileu, numa tentativa de demonstração de que este deveria, enfim, ser mesmo a vítima do sacrifício. Não foi isso o que disse o Profeta que viu a Deus, o Deus Verdadeiro, o mesmo que não somente viu, mas o viveu propriamente - o Filho do Carpinteiro. A sua palavra de ordem é que não haja sacrifício - e sim que haja misericórdia.

É claro que sacrifício não está de todo descartado. Apenas se diz que se não quer mais sacrifício. O sentido sacrificial aparece necessariamente nos dois flancos: no animal e no espiritual. Sacrifica-se na carne, na medida em que se tem de assimilar a energia necessária e fundamental para que se viva a vida, no tempo terrenal da existência; sacrifica-se no espírito, na medida do encontro da não-dimensão do eterno e do infinito da Divindade. Para isso, valioso é o esvaziar-se de todo o egoísmo, para somente então se poder processar a plenitude divina. É fundamental, para tanto, que o homem atinja o lado homem-espírito, somente onde se processa a integração do "cristico" que lhe subjaz com a Divindade.

Abominável é que se processe mais sacrifício do que esses que foram apontados. O que passa disso é condenado pela Divindade. Jesus disse categoricamente: vale é a misericórdia; nunca o sacrifício. Queria, pois, reportar que o homem, em direção a Deus, deve se ocupar com o conhecimento dele e esse conhecimento se processa na misericórdia.

Os fariseus, no episódio retratado por Mateus em que Jesus repete Oseias, queriam fazer ver a existência de uma maior pureza no

agir deles, por se afastarem dos impuros. Mas o Mestre foi na essência da Revelação, ao estabelecer que o homem não se compromete por estar no meio dos impuros. As pessoas podem se juntar a eles sem se misturarem com eles. E isso é feito de forma a mais natural possível, quando se é homem de bom e de verdadeiro coração. Para este homem, os puros não serão jamais objetos de sua preocupação; antes se sentem plenamente movidos de júbilo quando mais um seu semelhante assim se revela. Sua veraz ocupação, porém, é estar junto aos impuros, para lhes sarar as feridas, para lhes aparar as quedas, deixando assim plenamente revelado o dignificante papel de bom samaritano.

Logo, há de se recriminar a postura de quem tenha “involuído”, lamentavelmente, na Revelação Verdadeira, mesmo que se trate de alguém com o nome inscrito na História da humanidade. É que esses que retrocedem são os que se apegam, em demasia, ao Deus vingativo e sanguinário e, em consequência, ao invés de retirarem, repõem o Nazareno na cruz, à medida que a elegem como o sinal de sacrifício, condenado com todas as letras pelos Profetas.

Nessa ordem de consideração, valham os frutos de Caim como os que mais se prestam a uma consonância com a verdadeira misericórdia, ao invés da oferta de Abel, mais propícia ao sacrifício de carne, pois sem este a ovelha não se presta ao alimento seja do corpo, seja da alma, para que o espírito então se veja integrado à Divindade. Essa integração, pelo contrário, se deve perfazer, realmente, mediante a misericórdia, sem sacrifícios demasiados, como bem sugere a oferta de Caim.

Não precisa mesmo nada além do que ficou Revelado em definitivo. Ter essa Revelação no grau máximo é sinceramente se conduzir em santidade, na exata não-dimensão que torna o corpo e a alma propícios a um aconchego no eterno e no infinito divinais.

Torre de “Papel”

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Lamentável, por todos os aspectos, a condição carnal do homem. Por mais que se operem, no curso de sua vida, os níveis de conhecimento – o instintivo, o intelectual, o intuitivo, resulta, no fim, ante o fraquejar da fortaleza que sempre incutiu ser, em desmoronamento vergonhoso.

Ah, como a carne é fraca mesmo!

Por mais que o homem se humanize, por mais que ele se intelectualize, por mais que ele, enquanto carne, se “espiritualize”, sua condição humana não vigora em fortaleza, pois ele, como homem, continua um fraco. Sempre permanecerá na condição de uma torre frágil... de “papel”!

Agora mesmo este autor se põe a escrever, desenvolvendo linha de raciocínio que presume equilibrada. Seus órgãos estão funcionando a contento; seus sentidos estão apurados; queda-se, nalgumas vezes, em escutar o universo... que pretensioso! E se imbuí de uma fortaleza que, no final de contas, não é fortaleza coisa nenhuma. Pense no que será a derrocada dessa torre forte que ele pensa ser! As sombras horríveis do “desenlace final”, por exemplo, o fazem um molambo, uma miséria.

O homem nascido de mulher, filho da carne, é de “papel”. No mundo, se faz de forte, se edifica em torres muitas vezes extravagantes na altura e na beleza das cores. Esses, então, é que se veem em vertiginosas quedas, porque o elemento da construção, sendo “papel”, se desgasta com facilidade e tomba inapelavelmente. Na classe desses audazes construtores estamos todos; todos os que nos invadimos de convicção quanto a um desempenho cheio de brilhos e de refinamentos. Entre eles se situam, principalmente, os que se fartam em medidas de uma espiritualidade que se creditam! São os piores de todos, porque verdadeiros “assaltantes”. Calculam sua grande realização, quando o engano os deixam reféns de meras ilusões. Mostram-se, via de regra, como os grandes realizados – os cientistas, os teólogos, os industriais, os grandes comerciantes, os de benemerência comprovada – mas, que pena!, não resistem à dureza da realidade com que eles encaram o “desenlace final”. Nesta hora é que

toda a sorte de “evolução” não os pode socorrer; sendo assim, desabam.

Por isso, vale se desgrudar dessa teimosia e viver a convicção de que a torre, qualquer que seja ela, será de “papel”. Se construída (ela sempre é construída, embora variando de tamanho e de cores), a tendência natural será sempre se murchar e tombar e se espatifar; imprestável. Que importa essa constância inevitável?; que ela desabe, então!

Ao homem nascido do espírito, lhe seja bastante o aconchego com a Divindade, no quanto esta possa ser por ele alcançada e vivida em integração – não possuída. O que disso advenha como acréscimo seja indiferente àquele verdadeiro homem, porque outro não deve ser o seu rumo, senão santificar o espírito que nele é. Esse acréscimo, sem dúvida, reflete no homem-carne, mas pode não dimensioná-lo no mundo, muito embora o tenha por vencido. É que mais importante do que esse acréscimo é a dimensão maior do eterno e do infinito que sobrevém da integração com a Divindade. Esse acréscimo é estampado em coisa do mundo que se goza em satisfação “personal”.

É claro que o autor fala apenas desse homem nascido do espírito. Se vivê-lo é o que importa, para isso sua condição de homem-carne se apresenta como elemento complicador. Seria preciso mesmo o verdadeiro silêncio - o nada dizer, o nada ouvir, o nada falar para caber ao primeiro a santificação do espírito que é em si e que não pode jamais aparentar um sentido possessivo, porque aí já se estaria penetrando o terreno do homem-carne, sempre lamentavelmente presa de falsa fortaleza da torre que pretenda edificar, qualquer que seja a sua altura.

Apaguem-se, pois, todas as pseudas luzes que, na construção da minha torre, me serviram para, seguramente, dizer “isso” ou “aquilo”, convicto, inabalavelmente, no que me pus a dizer. Elas não passam de coisas falsas realmente. Quem as acendeu pode ter sido o homem-espírito (no que se salvam), mas com mais certeza pode ter sido o homem-carne. E assim não acho que me sirvam a mim no momento fatal. Fossem de alguma serventia, a mim mesmo, como homem-carne, de nada me valeriam, porque não passariam da minha “persona” que é grávida de toda a sorte de desejos e de anseios de posses do mundo, inclusive em me amargar pela possibilidade de sair dele...

Desconfio, portanto, de mim mesmo, da “espiritualidade” que posso e que possam os outros sintonizar em tudo quanto fiz, escrevi e

permanece como rastro de mim mesmo. Vivo a convicção, em fogo de intelectualidade, de que sou, como muitos, construtor de torre... de “papel”.

Essa convicção, sem dúvida, seja em socorro da minha fragilidade humana; anelo não hei de ter quanto ao lado da fortaleza do homem-espírito que possa ter desenvolvido. Neste passo é a própria Divindade a encarregada de me deixar em paz no largo estuário de sua infinita e eterna bondade.

Quanto à minha torre, lhe seja dado conforme a humanidade que em mim possa se integrar à Divindade. Sim, porque mesmo pensa ou definitivamente derrubada essa torre, há de se tornar reflexo positivo, de alguma forma, do quanto de espiritualidade possa atingir. É isso o coroamento da torre, mesmo estraçalhada, porque, mesmo assim, lhe vale muito mais a translucidez que lhe pode permitir o estágio de paz do homem-espírito.

Transcendência e Imanência

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Vale, realmente, a certeza de que a imanência guarda, em si, a grande possibilidade de se “aninhar” à transcendência mais pura – aquela exatamente “não contaminada” de tudo quanto existe. Hoje (como no ontem e no amanhã), esta participa, na inglória, daquela, sem, contudo, jamais sujeitar sua glória, pois foi por Razão e por Amor que a Divindade e o seu Unigênito - o Cristo, primeira manifestação individual Daquela - se humilharam, voluntariamente, a ponto de permitirem e se permitirem no existir, onde também têm “morada”. E, no fim - não exatamente no fim, porque este, na glória, não existe - no fim, como vínhamos dizendo, a glória permanecerá singularmente como glória, sem mais o outro “lado da moeda”, de puríssima experiência, da inglória.

É essa “morada” a diversidade de graus em que a criação excelente da Divindade - o homem - se vem mantendo, no mundo, ao qual, aliás, já se fez, em definitivo, a Revelação no grau máximo. As muitas “moradas” existentes na casa do Pai representam, exatamente, essa variação gradual, onde o homem pode se postar cego, enclausurado em vida profana, ou iniciado espiritualmente, em comunhão plena com a Divindade, ou mesmo engatinhando nessa iniciação, ou seja, voltado aos passos que conduzem à espiritualidade.

São exatamente aqueles homens voltados à via meditativa do conhecimento divinal, na qual se classificam como iniciados ou iniciandos, os que, respectivamente, se “aninham” à transcendência e os que tendem favoravelmente a isso; os profanos, contudo, continuam cegos, se perdem na imanência, se prendem a ela tão somente, sufocando-se, lamentavelmente. Nesse procedimento, só a eles mesmos prejudica, pois a Divindade – “inofendível” - assiste ao retorno à glória, mesmo que, na inglória, se veja hóspede do humano-ser que não evoluiu, que se embaraçou na vida, que se vitimou em amarras terrenais.

Pobre a alma deste homem!

Permanecerá, até à consumação dos séculos em via de sofrimento. Era-lhe necessário, na vida terrenal, em mão dupla, favorecer, anonimamente e sem ambição, aos seus irmãos – aos que

tinham fome, aos que tinham sede, aos que estavam nus, aos que estavam presos, aos que se quedavam enfermos. Era-lhe, mais ainda, no plano espiritual, esperado o trafegar na mão única – a da relação íntima do “eu crístico” que lhe subjazia com a Divindade; nada disto operou. Sua alma ficou, por isso mesmo, presa em amarras terrenais. O espírito que lhe subjazia, por ser ele a Divindade, ainda que na imanência e, por conseguinte, na inglória, “sorri”, mesmo assim, a “libertação” para a glória, quer no desate final da vida, quer na consumação dos séculos, quando, então, tudo deixará de ser e se mergulhará definitivamente no infinito e no eterno do divino, que não deixam jamais transparecer significado espacial ou temporal ao que efetivamente brota puramente em transcendência.

Viva-se, pois, em conhecimento diametralmente oposto ao sentido intelectual, ou seja, em frutos de uma via meditativa, intuitiva, essa certeza de que a glória se impõe à inglória e aquilo que, por concessão Racional e Amorosa, se tornou imanente, penetrado de transcendência, “verterá” em sentido único de puríssima transcendência – no infinito e no eterno. É isso, na verdade, o *mysterium tremendum* da Divindade. Feliz o homem-espírito que, no processo de “reaquisição natural da glória”, pela Divindade, se acha integrado no seu “corpo” misterioso; infeliz o homem-gênero que, enlaçado pelas circunstâncias terrenais, não foi adjutor da Divindade nessa “reaquisição”, pois, em vida, teve um viver atribulado e, no pós-morte, ficou sua alma mortal – que poderia ser imortalizada – presa às amarras terrenais, as quais persistirão sufocando-a até à consumação dos séculos.

Seja a sua alma, caro leitor, prudentíssima leitora, libérrima de amarras terrenais; com certeza, nessa condição, sorrirá o homem-gênero que é você, habitáculo do homem-espírito que, nesse caso, “sorri” com a Divindade, no eterno e no infinito, em verdadeira transcendência...

Essa transcendência, puríssima luz metafísica, justamente por metafísica ser, não tem existência e, destarte, não é, em *mysterium tremendum*, Divindade; Divindade que, por defeito de linguagem humana, por se nos afeiçoar personificada, inclusive em sugestiva feminilidade (ela), não há de se nos apresentar como algo (porque não é algo mesmo!) espaçoso ou duradouro. Imagine-se o Não-ser poderosíssimo, glorioso, infinito e eterno, onde o homem-espírito de alma livre de peias terrenas encontra aconchego que só a misericórdia

divinal pode, por querer tão espontâneo quanto o da ingloria a que se submeteu humildemente, explicar.

O Código de Deus

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

A “verdade que liberta”, alcançada tão-somente pelos verdadeiros iniciados, está em constante revelação àqueles que buscam a espiritualidade – os iniciandos. A decifração do código de Deus em nada anima os que se postam em vida profana. Têm esses, assim como aqueles, em subjacência, o divino na transcendência que a Divindade, pela sua razão e pelo seu amor, se impôs, voluntária e humildemente, na imanência – mesmo na do mais cego dos profanos.

Benditos os que sempre buscam a decifração do código, sem isto constituir, efetivamente, qualquer propósito de queda de braço com a Divindade. É claro que se descarta, para isso, a menor possibilidade de atuação meramente humano-carnal; certo é que isso só se opera pela via do homem-espírito, por meio do conhecimento meditativo, intuitivo – as respostas de Deus.

Ensaia-se, então, essa decifração no lado humano-carnal e de simples ensaio jamais passará. É que a carne é fraca. Nunca relegar essa constatação. Dela, pois, a mera submissão aos desígnios de Deus é o que se pode razoavelmente esperar. Sim, porque não tem para onde fugir.

O código é simples. Sua decifração não requer esforços hercúleos, porque estes são próprios da carne. O que se requer, aliás, não é nada, nada mesmo.

Os propósitos de Deus não se escondem. Estão em código, mas passíveis de alcance pelo homem, enquanto homem-espírito, pois este é a imagem e a semelhança da Divindade. Começa-se, efetivamente, com o homem-gênero, trilhando o caminho da afirmação do mundo e, em incoerente e concomitante determinação, negando-o. Veja-se que o mundo afirmado não deve ser outro diferente daquele negado. Nada disso. Não precisa o homem refugiar-se nesse processo dúplice. Não se lhe aconselha, também, abusar desse mundo. Basta usá-lo santamente. Claro é que, por esse caminho, ele vai se “desegosificando” e o homem-espírito tende à integração “cristica” subjacente com a Divindade. O homem-gênero vai, destarte, santificando (tornando santo) o homem-espírito (decaído). E, nessa

ambivalência, “sorri” a Divindade e “sorri” também a alma do homem-gênero.

O código de Deus foi decifrado; decifração que é obra do próprio Deus, porque é no homem-espírito que se processa a integração divinal. Ao homem-gênero, lhe restam os acréscimos de que fala a boa notícia; acréscimos que valem para o mundo e para o além-mundo, onde sua alma tem o regozijo da imortalidade, até a consumação dos séculos. E nessa decifração, então, ficou às escâncaras o verdadeiro plano da Divindade. Com é do seu propósito, aliás.

Em sua majestática não-dimensão infinita e eterna de Não-ser, não se sabe o motivo pelo qual, voluntária e humildemente, resolveu processar o Ser. Começou se sacrificando juntamente com o Filho Unigênito – o Cristo – primeira e única manifestação individual dela – se movendo em atitudes e em atos de criação. O seu Filho Unigênito, diferente dessa criação, não é criatura. É tanto criador quanto a própria Divindade. E veio, então, o processo “criacionista” tão bem relatado no Gênesis. Primeiro, em termos de manifestação física, sensória, a luz; luz física, à qual, evidentemente, já precedia a luz metafísica que não é a própria Divindade e o seu Filho Unigênito.

Essa descida da glória infinita e eterna para a inglória do mundo não se fez com a abdicação da própria majestade da glória em transcendência puríssima; pelo contrário, essa glória permeia tudo que constitui a inglória da imanência.

E então houve, dentre as criaturas, uma na qual a Divindade se fez em imanência habitáculo de sua poderosíssima transcendência. Foi o homem, a criatura do 6º dia da criação. Foi criatura, realmente, com o grande trunfo de contar, em subjacência, com o Não-ser propriamente, pois o homem-espírito santo, puro, imaculado lhe era como selo de proteção e garantia de uma vida paradisíaca, mesmo que terrenal. Mas, pela influência do homem-carne esse homem-espírito caiu! A Divindade, então, sofredora por se ter, em humilhação voluntária e racional e amorosa, submetido à existência, mais sofredora ainda se tornou porque sua criatura excelente - o homem - descambou no despenhadeiro desastroso consistente em querer conhecer o próprio Criador, através de processo de conhecimento intelectual - conhecimento do bem e do mal.

Agora, o homem conta com a Revelação de quem, ímpar na História da Humanidade, se prestou a ser a seta, o caminho para todos os homens-gênero, para que, por meio dos seus santos ensinamentos,

possam atingir o mesmo homem-indivíduo na dimensão a que ele chegou. Sim, a Divindade sacrificada em sua descida e, depois, ainda sacrificada pela decepção causada pela queda de sua criatura excelente foi, finalmente, revelada, decifrada pelo Homem de Nazaré, o qual abriu a possibilidade não ao intelecto humano, mas à via de mão única que cada homem pode ter com a Divindade, para que o homem-gênero salve a sua alma mortal, tornando-a imortal, na medida em que deixe de lado o sentido egoístico da vida, passando a amar a Deus verdadeiramente sobre todas as coisas. Sim, todas as coisas, até mesmo a condição de sua individualidade física, seu corpo, seus órgãos, seus sentidos e, além disso, tudo que está em seu redor, seus familiares, seus amigos, seu trabalho, o mundo, o universo, tudo isso há de ser visto como uma inteireza que, mesmo assim, deve não ser relegado, mas vivido com a certeza de uma intuição verdadeira da completa complacência com a Divindade, pois esta é fonte primaz de tudo e de todos. Veja-se, a propósito, o que registrou o Evangelista Lucas, no versículo 26 do capítulo 14*.

É esse sacrifício como contraponto àquele sacrifício a que se submeteu tanto a Divindade como o seu Filho Unigênito o “exigido” por ambos ao seu habitáculo - homem - quer na sua condição espiritual, quer na sua condição carnal. Nesta, esse sacrifício lhe socorre a alma; naquela esse sacrifício atua na integração da Divindade que lhe subjaz.

E a festa nos céus então acontece!

Mas...cuidado, muito cuidado, homem-carne, você é muito egoísta, é grávido de desejos e pode querer aceitar como seu tudo quanto se disse e se afirmou aqui como sendo ou parecendo coisa divina. Resta é a necessidade de uma reflexão, porque foi de um humano-gênero, como o autor, que brotaram essas linhas. Todo o cuidado é pouco para não confundir o humano com o divino. Sabe-se lá que garantia se tem da divinização do humano! Essa resposta, que nos dê a própria Divindade. E somente ela! Resposta em escala divina e evidentemente em via intuitiva, jamais intelectual, pois esta é sempre obra da serpente traiçoeira - a do conhecimento do bem e do mal.

* Se alguém vier a mim, e não aborrecer a pai e mãe, a mulher e filhos, a irmãos e irmãs, e ainda também à própria vida, não pode ser meu discípulo.

A Melhor Ousadia

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Êxodo simboliza a realidade de ontem, hoje e sempre – no mundo. *Egito* é sinônimo de escravidão. Quantos, no ontem, no hoje e no amanhã estarão escravos e se submeterão, de braços cruzados, à escravização do seu ser? Em nome, tantas vezes, de um conforto, de uma vida segura, de um pão e um teto certos se contentam os homens, via de regra, com o *status quo*. É mesmo a situação de comodismo que os anestesia, a ponto de ficarem sem um horizonte. Bastar-lhes a certeza do hoje... dominados e dominadores se respeitando, se querendo como são, porque tudo está bom para ambos... - eis o verdadeiro perigo.

Deserto é rebeldia, é insubmissão à ordem reinante, à vista do surgimento de uma consciência. Cuida-se de posicionamento perigoso, incerto, embora intencionalmente adotado em vista do que pareça melhor - a libertação.

Terra da Promissão é a concretização da grande promessa - a terra de Canaã, onde mana leite e mel...

Pois bem: hoje, posso me encontrar em estado de felicidade, por me julgar imitado na posse da *Terra da Promissão*. Mas, amanhã, por apego a um desses bens materiais que tanto atraem não só os profanos, mas também os iniciados em direção à Divindade, posso descer dessa aparente sensação de segurança e retornar ao temível *Egito*, ou seja, perder a minha suposta libertação e me submeter, novamente, à escravidão.

Deve-se viver na existência não o *Egito*, propriamente, pois se deve estar bem vigilante para evitar, com muitas forças, que se reinstale essa perversa circunstância, mesmo que, no presente, se esteja vítima da fascinação de uma mudança de tipo de vida que se eleja como melhor. É claro que não se há de permitir, por conta disso, que se estabeleça a circunstância correspondente ao *Egito* - aquela que gera para a escravidão. Não se há de querer a prisão do ter. É bom, realmente, se conseguir aquilo que, em perfeita avaliação, transpareça como uma melhora. Mas que isso não signifique uma escravização, deixando as pessoas presas de difícil situação financeira que reduza ou aniquile de vez o já muito limitado espaço de liberdade financeira que porventura se esteja ostentando. Seria retornar ao *Egito*,

verdadeiramente, e ficar preso a compromissos que impediriam, por exemplo, o simplório lazer que já se vem usufruindo.

Sirvam essas colocações como o *deserto* que se deve estar animado a enfrentar, com confiança e muita disposição de luta, porque a *Terra da Promissão*, por incrível que pareça, também gera para a escravidão, quando, exatamente, se vive a acomodação, em vida plácida, na fácil obtenção de seus frutos. É preciso caminhar sempre da escravidão do *Egito* para a libertação - via *deserto* - na *Terra da Promissão*, mas jamais se contentar com esta, porque é *medonha* toda a aceitação nela existente, representada em estagnação. Eis que se torna necessário algo de sentido mais verdadeiro, de um valor maior que a própria terra de Canaã, pois se esta, como já dissemos, também gera para a escravidão, isso decorre da medida do tédio e do enfatiamento que nos podem trazer as coisas conquistadas com gosto e submetidas, depois, à resignação em “tê-las-por-tê-las”. Às coisas deste mundo, portanto, nunca se lhes deve dar arremate definitivo, como algo completo e bastante, porque assim fazer é correr o risco de se escravizar na terra de Canaã.

No mundo, então, devemos ser, sempre, os destemidos rebeldes navegantes do *deserto*, porque o *êxodo* continuará inevitavelmente. Importante é que, no seu dinamismo, nunca nos deixemos encantar pelo aparente conforto da *Terra da Promissão*. O desaparego às coisas conduz do simbolismo da libertação ainda hoje ansiada pelos judeus (que esperam um Messias) àquela verdadeira libertação dos cristãos, numa projeção de morte como condição de vida; morte, portanto, para o que é aparente libertação - a *Terra da Promissão* e vida, a verdadeira libertação, na Ressurreição, que não depende necessariamente de morte física para o seu eclodir, desde que tudo ocorra como aconteceu com o Nazareno - morto em vida a partir do seu bendito não às tentações sofridas no deserto de sua liberdade espiritual.

Essência

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Vamos ouvir uma das tantas conversas que, costumeiramente, os amigos Esse e Ex se aprazem em cultivar em seus encontros diários, dos quais pude haurir a lição e da qual jamais poderei me esquecer:*

- Atente bem, caríssimo Esse, para o que eu vou lhe contar:

“Perguntou o Rei ao louco:

- Em que ocasiões te lembras de mim?

Respondeu o louco, sem pestanejar:

*- Sempre que me afasto de Deus, lembro-me de Vossa
Majestade.*

O Rei ficou sem entender.

*- Silêncio!!! – acrescentou placidamente o louco.
E mais embaraçado ainda ficou o Rei”**.*

- Eu ouvi atentamente, Ex.

- Que diz você, então, Esse?

- Digo...

- Diga logo!

E Esse, após breve reflexão:

- Digo, como se estivesse em prece: *“Ó Deus, permiti ao Rei que logo se invada do mesmo grau de espiritualidade presente no louco – e se torne também louco (como se isso fosse normal). Sim, Vós apareceis, no breve diálogo, ó Deus, como quem somente pode ser vivenciado pelos homens desta classe. E nessa linha de consideração se costuma reconhecer que Vós nasceis no coração dos ignorantes – o louco o é, sem dúvida – e morreis no dos que se presumem sábios – e o Rei mais do nunca assim se apresenta”.*

- Essa prece é maravilhosa, Esse!!!

- Mais maravilhoso é o que eu ainda tenho a dizer! Deixe-me, caro Ex, colocar os termos de modo mais correto e bem claro. Deus nasce Deus morre..., mas é preciso dizer que, mesmo ante a afirmação de que ele nasce (como se isso fosse possível), mesmo ante a afirmação de que ele morre (como se isso também fosse possível), ele

é perene, ele é eterno e infinito. Não importa se diga que ele nasce no ignorante; pouco importa, outrossim, se diga que ele morre no sábio. Por certo, ele permanece no antes e no depois do tempo e do espaço. Não fosse assim, ele não seria Deus; seria um títere: ora nascendo com os ignorantes, ora morrendo com os sábios - manipulado!

- Em suma, amigo Esse, pelo que você está me fazendo entender, devem se juntar e misturar loucos e sábios, para afirmarem ambos que maior do que eles é Deus e que Deus propriamente é neles. Sendo eles Deus, o são como mineral, como vegetal, como animal, importando ainda dizer que Deus os fez veículos do Sentido dele próprio e que no suporte do mineral, do vegetal e do animal (que eles o são) habita o Sentido, o Verbo encarnado (que é Deus). Eles são, portanto, o próprio Deus ambulante, conduzindo em si a “*essência-das-essências*”, isso em face da Razão e do puríssimo e verdadeiro Amor divinal, concretizado nesta feição que se lhes deu mediante sacrifício, ao qual Deus se permitiu voluntária e humildemente. Daí que se deve servir de seta (evidentemente só aos sábios), porque, afinal de contas, tudo se resume (ou se amplia) na glória do antes do ser, em que pese a inglória a que Deus se permitiu com a criação do mundo nele e ele também no mundo. É assim que sempre eu tenho ouvido de você em sua maneira de doutrinar. Estou certo, Esse?

- Quase certo, Ex, porque essa doutrina não é minha e dizer que ela me pertence importa em apropriação indevida. Agora, me permita arrematar: Deus não há de ser vivenciado apenas pelos loucos. Isso seria uma medida, além de mesquinha, contrária à inexpressiva e inexprimível Majestade Divinal. É que o louco apenas tem nesga de tempo e de espaço, na qual o próprio Deus se projeta, eterno e infinito. Mas Deus é também no Rei. Ora, então, nem Deus, nem louco, nem Rei. Essência é o que desponta afinal, como ponto de partida não causado para tudo quanto existe, inclusive o louco e o Rei, os quais se confundem, justamente, com Deus.

- Que estupenda conclusão, Esse!

Esse e Ex repentinamente pararam a conversa. Tinham, certamente, alguns afazeres a cumprir. Curioso, fiquei a considerar, em voz baixa, mas perfeitamente audível, sobre aquela conversa de conteúdo tão profundo. E concluí que ambos não se rivalizavam, em que pese a índole accidental do segundo, em relação à índole essencial do primeiro, insinuando, destarte, a importância do primeiro. E eis que, de repente, já estando ambos a certa distância, gesticulando em minha direção, disse um deles:

- Cuidado, autor, com sua colocação, com a sua maneira de “ver as coisas”!

E então pude, tomado de sobressalto, ouvir palavras pronunciadas por Esse, que se distanciava, às quais Ex manifestava concordância, balançando a cabeça. E aquele concluiu:

– Tudo é um, autor! Não se engane. E saiba que Ex, cada vez mais, se conscientiza de que em sua índole acidental Eu sou...não sendo, para terminar (terminar?!) na maior e definitiva importância do Não-Ser!

Calei-me, ficando não somente guardando comigo essa grandiosa lição, mas disposto a fazê-la bem viva em todos os momentos de minha vida.

* Com Ex e Esse se quer simbolizar a manifestação que a Divindade, por Razão e por Amor, e também por auto-humilhação espontânea, se permitiu, tornando a Essência (Esse) em Existência (Ex), de modo que, no mundo – que é sua criação - escolheu criatura única – o homem – no qual ela repousa em consciência racional e amorosa, ou seja, o seu Verbo, o seu Sentido se tornando carne nessa criatura privilegiada; carne, portando, que tem base no mineral, no vegetal e no animal, e na qual repousa, como já dito, o Verbo, o Sentido, desde que o Esse se permitiu em manifestar-se em Ex.

** Adaptado de um conto Sufi.

Deus existe?

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

-Diálogo num fim de tarde:

- O mal existe?

- Não, o mal é a ausência de Deus.

- E Deus existe?

- Existe, sim!

- Como realidade?

- Como realidade!

- Mas essa realidade não é o mundo?

- É, sim!

- Então, Deus repousa no maligno.

- Como é?!

- Isso mesmo que eu lhe disse.

- Explique melhor.

- É que, segundo a Bíblia, o mundo jaz sob o maligno¹.

- Então, é necessário que eu reformule o meu conceito de

Deus.

- Não siga por esse caminho! Deixe de ser pretensioso.

- Por quê?

- Já vi o finito pôr limites no Infinito?

- Mais uma vez explique melhor.

- Você é criatura, ser finito; não queira estabelecer limites no

Criador, Infinito.

- E como devo fazer?

- Não é você que deve fazer.

- Então me aponte o caminho.

- Aguarde o despertar natural das respostas de Deus, pela via da intuição². Nela se alcança o eu no “*sempre*” e no “*largo*”, respectivamente, do eterno e do infinito, nos quais não se é jamais como realidade hominal decaída, que somos todos nós, filhos da carne.

- Ah, você torna as coisas incompreensíveis para mim.

- Calma, convém lhe dizer que não me refiro a coisas; depois, é fundamental que não se compreenda mesmo, porque na medida da compreensão é que se dá o efetivo despertar do intelecto.

- E daí?

- Daí que, em “matéria” de Deus, só há consciência³, jamais compreensão. Nesta, o ego está em ação, perigosamente. A consciência difere completamente da ciência, que é fruto do intelecto, a serpente perigosa do ego, que leva ao entendimento e à compreensão. A consciência permite intuição na via espiritual, a qual não ocorre nunca na pura condição hominal da realidade de carne. Naquela, sim, se pode ser alvo da Misericordiosa seqüência de respostas Divinais.

- Quer dizer que devo relegar o meu lado carnal e me fixar no espiritual?

- Você, não, ego⁴, mas o Eu que não é em você, ego. Você, ego, é puro egoísmo. Você é um eu, mas um eu minúsculo, “personal”, ego. O Eu maiúsculo é o maior amigo de você, ego, embora esse ego lhe seja o pior inimigo.

- Posso, então, dizer assim: “*eu quero, como homem, como carne, mas a sentença maior consiste no fato de que o querer verdadeiro é o do homem celestial em mim*”. Está certo concluir dessa maneira?

- Isso mesmo, você está no caminho certo!

- Mas...

- Mas o quê? Sua última afirmação é uma sentença que está além da sabedoria. Ela percorre o caminho da Verdade que liberta. “*Conhecereis a Verdade e ela vos libertará*” - está escrito no Livro Sagrado.

- Sabedoria... Verdade...

- Apegue-se, em via intuitiva, a esta última, não propriamente você, ego, mas o Eu que não é em você, ego. Se não fizer assim, eu vou chamá-lo com toda a autoridade e com o perdão da palavra de... assaltante.

- Assaltante?!

- Sim, isso mesmo, *a-ésse... as, ésse-a-éle... sal, tê-a-ene... tan, tê-é... te!* É este o termo que eu encontro para melhor qualificar quem “*navega*” na direção de Deus, para, por exemplo, convicto, pretendendo-se sábio, dizer: “*O Senhor é o meu Pastor, nada me faltará*”. Isso é um assalto ou, melhor dizendo, é uma tentativa de assalto, pois esse *meu* e esse *me* conduzem a uma posse da parte do ego.

- Que complicação!

- Calma, não tem complicação, coisa nenhuma. Os homens que você vê utilizando a sabedoria, estes vivem tentando assaltar o Divino. Já os que estão na Verdade, estes se encontram na comunhão com Deus. E enquanto nela permanecem são de tudo não possuídos, inclusive do próprio Deus, porque não é a sua realidade de carne que chega a tal dimensão, mas o próprio Deus que não é em si, no fundo mais profundo da interioridade, o eu.

- Por isso, então, sua posição quanto à não-existência de Deus.

- Isso mesmo! Deus não existe. Veja que não estou conceituando nem definindo, apenas relato algo que é fruto da vivência com Deus, da parte homem-espírito em mim. Trata-se ele de uma “irrealidade” transcendente, a qual por Razão e por Amor, humildemente, se permitiu existir, imanente. E em imanência ele continua não sendo, em transcendência, em toda a realidade do mundo, inclusive na sua criatura por excelência, o homem, que se pode recobrar da queda como “irrealidade” divina, espiritual. Isso, evidentemente, apesar de estar sendo escrito por mim – ego -, sinto-me despir dessa condição (que pretensioso!) para poder dizer e proclamar isso que somente pode acontecer na dimensão espiritual. Deus Misericordioso me perdoe esse lado egoísta que lamentavelmente é o único de que disponho, na Terra, para assim poder me expressar. E não somente eu disponho, mas qualquer ser nascido de mulher.

- Portanto, a sua conclusão é que Deus não existe, insisto em saber.

- E não existe, também, o mal.

- E em conclusão “*nada começa sem nada*” e “*tudo termina sem tudo*”.

- Correto. Afinal, você, ego, segue a direção do Eu, ponto fundamental, que não é ponto, para em consciência (portanto, fora dos sentidos normais), se conscientizar e se integrar, como homem-espírito, no largo (que não é largo), e no demorado (que não é demorado), respectivamente, do Eterno e do Infinito, ou seja, do Divino.

- Convenço-me agora de que você, através de algo mais importante que o seu ego, me serviu de seta para ver, como homem-espírito, que Deus não existe. Obrigado, muito obrigado mesmo.

- Nada de agradecer. O que lhe aconteceu foi de graça e por graça; permita que isso aconteça com outros e assim haverá festa nos Céus.

- Com imperturbável certeza, mesmo estando na Terra!
 - E isso porque “*o que é dentro é fora*”.
 - Sim, tal como o “*assim na terra, como no céu*”.
 - Basta, fiquemos por aqui.
 - Onde? No Céu ou na Terra?
 - Na Terra mesmo, desde que morto na carne viva.
- Fim do diálogo.
-

1 - ...e que o mundo todo jaz sob o Maligno – I João, 5, 19

2 - Há formas diferentes de conhecimento: o instintivo, o intelectual e o intuitivo; é neste último que se processa o diálogo e, mais importante do que isso, a vivência (não a convivência) entre Deus e o Homem-Espírito. Vivência, porque Deus e Homem-Espírito não são diferentes para se poderem considerar justapostos. Aliás, como consta do dicionário, intuição significa percepção rápida; conhecimento claro e imediato, sem utilização do raciocínio; predisposição especial para apreender rapidamente determinados conhecimentos; pressentimento. E, na Filosofia, ela significa contemplação pela qual se atinge em toda a sua plenitude uma verdade de ordem diversa daquelas que se atingem por meio da razão. Ao homem-carne, decaído, reserva-se-lhe o canal da intelectualidade, justamente o que ele optou quando desobedeceu e teve o conhecimento do bem e do mal. Também o homem-carne participa, junto com os seres do reino animal, da via do conhecimento instintivo, em alguma escala.

3 - Interprete-se consciência como algo que está além da ciência, que é o conhecimento do bem e do mal. Esta encontra possibilidade de desenvolvimento nas vias normais dos sentidos (tato, olfato, visão, gustação, audição), na imaginação e na memória. A consciência opera fora desses sentidos normais do homem, em dimensão espiritual de homem-espírito, resultando na vivência dele com Deus, onde quem sai ganhando não é nem nunca será o homem-carne, porque este é egoísta sempre.

4 - Neste ponto, o interlocutor-condutor realça o tratamento dado ao interlocutor-conduzido, para lhe tentar mostrar sua realidade de carne (ego) em relação à “realidade” da condição do homem-espírito (Eu).

O que é ser cristão?

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Jesus como decorrente de natural relação entre os seus pais terrenos? Será que é menos cristão quem não crê que o sangue das veias de Jesus era apenas humano? Será que deixa também de ser cristão quem, ao comungar, não crê que o pouco de trigo que engole não é o corpo de Jesus?

Ah, que tantos desvios da verdadeira lição deixada pelo Mestre dos Mestres! Que tanta necessidade se tem de uma melhor compreensão dessas interrogações, de sorte a não se operar sacrifício à liberdade que liberta! Que intensidade de luz se faz mister para que os homens não mintam para os outros, a ponto de não se darem conta de que a maior mentira é a que pregam, deliberadamente ou não, a si mesmos!

O conteúdo das interrogações feitas acima não conduz a respostas afirmativas, para que, necessariamente, se tenha a definição de cristão. Aliás, definição é algo que não cabe neste “compartimento”. Poder-se-ia mesmo falar em definição de Jesus, mas definição de cristão é impossível. Do mesmo modo que Deus é indefinível, Cristo também o é e cristão segue essa mesma esteira de impossibilidade de compreensão. Ambos não são e repousam em sentido eterno e infinito, não podendo o homem, enquanto carne, compreendê-los, porque o finito (o homem) não pode abarcar o infinito e o eterno da Divindade e do Cristo. Os questionamentos apresentados inicialmente são todos e cada um de importância apenas relativa para o ser cristão.

Dá-se a condição de cristão a quem assume postura de evidente desilusão deste mundo e se lança ao “terreno” do eterno e do infinito transcendente, ainda que abrangido no imanente de nosso vestuário físico-químico, de duração curta enquanto ser vivente e de duração incerta, quando matéria tornada pó, até a consumação do século. O Cristo - deixemos de lado por enquanto o Jesus, o humano, o telúrico - não pode entrar naqueles questionamentos, todos eles de limitação espacial e temporal e, portanto, incapazes de compreenderem a não-dimensão dele como Unigênito não criado tanto poderoso quanto poderosa é a própria Divindade. Daí se dizer que o Cristo não é tanto quanto não é a Divindade e, nessa não-dimensão,

não cabem as preocupações quanto a filiação de sangue, quanto a ser ou não divino o sangue, quanto a ser ou não divino um pedaço de pão de um sacramento. Cristão é, ou melhor, não é - porque, do ponto de vista essencial, prescinde de existência - todo aquele ser da espécie hominal que, desiludido deste mundo, o afirma necessariamente, ganhando expressão de não-dimensão semelhante à da força poderosa e misteriosa - a Divindade -, muito embora, em sua roupagem físico-química, não possa prescindir da importância relativa, seja da filiação, seja do sangue, seja do pão, antes que se processe sua morte física. Estes dados sobre os quais foram lançadas as interrogações têm a ver com Jesus; o agir de forma desiludida, mas responsável com as coisas do mundo, sem, contudo, um sentido de posse, tem a ver com o Cristo e faz o seu protagonista timbrado com o nome poderoso de cristão! Um, evidentemente, está ligado necessariamente ao outro, neste mundo de nossa existência, sendo que este último é eterno e infinito e aquele tem uma eternidade limitada aos tempos escatológicos, ou seja, do juízo final. É preciso, pois, a consciência dessa distinção, para que se não confunda o que é terrenal com o que é essencialmente celestial. Jesus, em sua humanidade, é terrenal; Cristo, em sua essência de filho não criado, é celestial, tão soberanamente majestoso quanto a própria Divindade. Daí, pois, a necessidade de afirmação de que, para ser cristão, não se pode prescindir do que é terrenal, mesmo que isso seja, como o é, de importância relativa. O homem, na exata conformidade do exemplo de Jesus, faz a viagem interior que ele mesmo fizera e, inevitavelmente, alcança o *status* de cristão, porque adquiriu a consciência, em conhecimento intuitivo, de que não é tanto quanto não é a gloriosa Divindade. Dentro dessa consciência, ele, sem um mínimo resquício de deserção, se faz plenamente atolado em meio aos embaraços da vida de seus irmãos, dando-lhes as mãos, socorrendo-os naquilo que estejam necessitando para combater toda a forma de fome, de sede, de prisão, de doença e tudo o mais que represente dificuldade na existência deles, que não deixa de ser, também, de quem se vê consciente da triste figura desse quadro humano e que se propõe a combatê-lo desinteressadamente. Cruzam-se, destarte, nessa dupla direção, não propriamente duas medidas de madeira, mas o sentido puro e profundo de cada uma delas - uma no propósito da manutenção plena da integração do Cristo com a Divindade, que é obra do homem-espírito; outra, a da faina incansável do homem-carne se entregando, desinteressadamente, ao cuidado com o próximo necessitado. Eis, então, sem qualquer sentido de uma definição, o verdadeiro cristão. E,

em face disso, cabe dizer, seguramente: os que assim agem ficam na categoria dos “cristificados” e os que se postam, pura e simplesmente, à sombra de parentesco, de sangue e de pão se rotulam de cristianizados, residindo a diferença entre ambos, exatamente, em que o “cristificado” operou mudança interior, refletindo no mundo, enquanto o cristianizado vive o faz-de-conta do amor ao próximo, já que se faz contentado com a fé não-operante, alimentada justamente por aquele parentesco, aquele sangue, aquele pão supostamente divinos, porque desprovidos, lamentavelmente, do sentido “cristico”.

A Verdadeira Páscoa

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

A páscoa da Ressurreição de Jesus não representa a Verdadeira Páscoa que não se pode dimensionar. Esta nada mais é do que a própria humilhação a que se submeteu humilde e voluntariamente a Divindade, ao se tornar ser, juntamente com o seu Filho Unigênito – o Cristo. Nisso sim reside a condição de festividade na qual se pode e se deve manifestar a alegria pelo “nascimento” do verdadeiro Emanuel - o Deus conosco. O Natal, no começo dos tempos, se apresenta como a mesma oportunidade em que se há de reconhecer aquela “ex-istência” (não é demais repetir) a que humilde e voluntariamente se permitiu tanto a Divindade quanto o seu Filho Unigênito, ou seja, o Natal é um misto de alegria e não se pode dizer também de tristeza, pelo seu sentido pascoal de passagem da Divindade, porque, em que pese aos nossos olhos parecer de índole sacrificial, para ela voluntariamente transparece em sentido absolutamente contrário, em face justamente do seu infinito e eterno amor. Por isso, aquela páscoa de que primeiro se falou e que se apresenta como passagem de uma vida para outra vida – a espiritual -, não tem, lamentavelmente, sido a verdadeira páscoa para a ressurreição do homem Jesus, mas o pretexto para a utilização de uma institucionalização, justamente aquela que representa toda a sorte de reação à presença de um homem iluminado, tão iluminado que conseguiu, no seu ser de homem, expressar a dimensão divina; tanto que conseguiu a translucidez da matéria antes da morte física, manifestada em contundência após o evento morte, no terceiro dia, ressurrecto, inicialmente em “focos” reservados a uns poucos e, finalmente, nas escâncaras das dramatizadas línguas de fogo de pentecostes, intuída por significativo número de discípulos. É que, nessa morte física, processou a parte final de sua passagem definitiva, muito antes do eclodir escatológico, de forma “pleni-consciente”. Morreu sem provar das sombras horríveis da morte, embora tenha descido à mansão dos mortos. Mas esse ser homem não era Deus. Apenas revelou o Deus e o vivenciou no maior e jamais até então transponível estágio, a ponto de nele se operar essa ressurreição bendita, tornando-se humano-divino, antes mesmo daquela citada eclosão. Portanto, a páscoa que trata daquilo que aconteceu ao homem

determinado – Jesus – não se compara à Páscoa que, para nós, pode representar tristeza, no Natal do princípio, mas nunca tristeza para a Divindade. E o traço triste da páscoa da Ressurreição de um homem – Jesus – é que ela dá notória dimensão à reação do mundo contra o Ministério e contra a própria Revelação feita por aquele homem, querendo ela mostrar que o mundo teve de matá-lo fisicamente, além de deixar transparecer que isso é fundamental para ela. Na verdade, porém, Páscoa não é aquela de um homem só – Jesus -, mas de todo e qualquer homem-gênero, desde Adão. Em qualquer ser da espécie hominal, a Divindade vive a sua Páscoa, ela e o próprio homem-gênero. Por meio de todos aqueles que, como Jesus de Nazaré, vierem a conseguir a “pleni-consciência” na hora do desate, se pode reconhecer que a Divindade, em que pese a ingloria voluntária e humildemente desejada, obtém desde sempre a vitória na glória, pois esta é no passado, é no presente e também é no futuro. A páscoa com “p” minúsculo não é a Páscoa da Divindade, com “P” maiúsculo, mas apenas a incidência num ser da espécie hominal, lamentavelmente distorcida, no caso de Jesus, em cenas de sangue de uma paixão que lhe foi imposta quando já havia vencido o mundo e, portanto, absolutamente desnecessária e incompreensível como integrante do plano da Divindade, plena como sempre de pura bondade e amor. Essa páscoa tem sido posta em destaque como elemento único centralizador da passagem da Divindade, como se toda a miríade de representantes hominais não tivesse em si a possibilidade dessa passagem com ela. A pseudo-páscoa de Jesus, muitíssimo diferente daquela obtida mesmo antes de sua morte física, foi e continua sendo o fruto da exagerada observância dos seus contemporâneos detentores dos poderes políticos e religiosos e terminou por influenciar os que “montaram” o sistema religioso cristão, a ponto de colocar a paixão criminosa que lhe impuseram como condição *sine qua* para a obtenção de uma ressurreição. Esta, na verdade, estava no caminho certo nem tanto para uma eclosão inevitável, posto que já era “realidade” espiritual e não se deu porque foi Jesus sacrificado na cruz; se deu porque aquela “realidade” já era antes da morte física, de tal sorte que o poder da ressurreição o fez poderoso como sempre, desde quando atuou na exata sintonia com a Divindade. É essa ressurreição “crística” que se apresenta “factível” no mundo espiritual, completamente infensa a terrível *via crucis* como a que foi impingida criminosamente ao Galileu. Tal como a este, a outros tantos se permitirá que a alcancem e que isso não seja para esses outros jamais, mas alcancem em plena

harmonia com a Divindade a ressurreição dos mortos, ou seja, morrerem na carne viva para nascerem no espírito. Esse nascer no espírito a partir da carne viva é a verdadeira pregação feita e vivida pelo Nazareno, mas é desvirtuada pela páscoa que tem precedente de sangue, e sangue criminoso.

Por isso, cumpre abstrair da páscoa do humano Jesus toda a trajetória que por circunstância política, religiosa e histórica terminou colocando-o em situação deveras complicada e sempre tê-lo como aquele ser humano que alcançou no seu humano o divino, “conquista” essa que não foi sua, mas sim do espírito em si subjacente, porque integrado à Divindade, confundindo-se com esta, para a maior glória dela.

A verdadeira Páscoa, então, é a da Divindade, que se processa ao mesmo tempo durante o qual tenha duração a sua ingloria consentida, humilde e voluntariamente manifestada e concretizada por amor, se auto-admitindo a existência juntamente com o seu Filho Unigênito – o Cristo. A páscoa de Jesus é a passagem do homem-gênero, qualquer que seja ele, desde Adão e assume importância no fato de vencer o mundo, nascendo em espírito na carne viva, sendo o evento morte natural apenas o fato biológico contraposto ao também fato biológico do ser nascido de mulher. Essa páscoa de Jesus (abstraída a *via crucis*) e de qualquer de seus irmãos, inclusive de quem o antecedeu na ordem cronológica do tempo de existência terrenal, se alcança sem necessidade de derramamento de sangue, como aquele que criminosamente se lhe impôs, já que para ele essa páscoa ele a viveu ainda em vida biológica, contemplada com a vitória dessa vida sobre a morte, porquanto a translucidez de sua parte corpórea (até já no episódio da transfiguração) é o sinal maior do clímax de “cristicidade” por que deve ansiar o verdadeiro, o autêntico cristão. Evidentemente, não se alcança esse estágio espiritual como a realização plena do ego humano; ele há de ser a “pleni-consciência” de perfeita integração do eu humano com a Divindade. Nisso e para isso há de estar afastado totalmente o perigoso e terrível ego e, no seu lugar, de modo prevalecente, totalmente aberta deve estar a via do conhecimento intuitivo – a das respostas de Deus, como preferencial da espiritualidade. Os que alcançam essas divinas respostas – e que têm sido poucos – se antecipam à glória, em comunhão com a Divindade, mesmo durante a ingloria da existência, enquanto os que não as alcançam permanecem, mesmo mortos biologicamente e durante a espera da eclosão final, presos às amarras terrenais e mesmo

às celestiais de penitências, quando, então, os tempos terminarão e só restará a “irrealidade” bendita, misericordiosa e de incomensurável *mysterium tremendum* da gloriosa Divindade – essa, sim, a Verdadeira Páscoa.

...De um ego submisso

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Ó, Pai que não sois nos Céus,
Vosso Mistério causa santificação
No Eu em mim eterno, infinito.
Vosso Reino viceja-o constantemente,
porque prevalece a Vossa vontade,
assim dentro,
como fora.
O Pão vosso alimenta-o.
Vossa Misericórdia
lhe provoca misericórdia
de amor ao próximo
permanentemente aviventado,
embora gloriosamente não seja
a Graça da Sabedoria Divinal
em harmoniosa fidelidade,
tal como a do Filho do princípio...

Subindo sempre

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Muito errados estão os que acreditam numa subida espiritual que seja bastante por ter atingido o ponto ideal... A espiritualidade é fonte inesgotável. Durante toda uma existência do humano e também do não-humano o processo do simbólico e do diabólico vai acontecendo. Neste, não impera o Sentido, o Verbo - ao menos na forma “consciencial”. Naquele, sim, brota o Sentido, o Verbo na força total, como causa primaz de todas as causas e conseqüências, como o ponto que não é ponto porque não existe, porque transcendente, mas, mesmo assim, atingindo o recôndito mais escondido de qualquer das imanências.

O homem-carne, destarte, é presa desse binário procedimental, pois se submete no corpo e na alma à harmoniosa tendência do simbólico e à destrutiva natureza do diabólico. Importa, em sua vida terrenal, agindo em santidade, imprimir, cada vez mais, o sentido simbólico que agrega, que une, não dando espaço, destarte, a muito de destruição que lhe pode cometer o diabólico. Assim agindo, sua alma, que é mortal, se torna imortalizada e se livra de penas que pode sofrer até que se consumam os séculos.

Viva-se, pois, em diretivas do conforto das delícias celestiais, pois só assim a alma imortalizada pelo exato cumprimento das leis divinas, quando se está na existência, assistirá a completa restauração da glória da Divindade, na consumação dos séculos. Assistirá a e assistirá à mencionada restauração, pois sua conformação, enquanto presa a amarra terrenal, recebeu do homem-carne a que se achava jungida as melhores doses de libertação, pela via do conhecimento intuitivo da liberdade que liberta e, desse modo, livre de suas amarras terrenas, goza, no céu, a liberdade de não somente assistir essa restauração, no sentido de participar dela, mas, também, de assistir à, no sentido de estar presente a esse gozo divino.

O “progresso” espiritual, portanto, se opera tanto na existência terrena como na pátria celestial. Em ambas, a alma passa por um processo de “alavancagem” de seus múltiplos e facetados atributos que, se bem usados, a põem a salvo e, quando não, a deixam presa em terrível situação, mormente no lado celestial do pós-morte corporal,

ficando nele à espera da consumação dos séculos em processos doloridos para ela.

Logo, importa a consciência de que o homem-carne é, via de regra, ponto de partida para a salvação da alma. Esta, mesmo não tendo dele recebido as melhores energias de salvação, fica, no céu, ainda submetida à busca dessa salvação, pois também no céu se processa o crescimento, a subida do monte para a alma. Só que, desse modo, o processo se lhe torna mais penoso, ainda. Mas, desde que se trate de alma pura, é possível até que se recobre da perda de tempo de sua encarnação e retome ou mesmo dê início à subida do monte. Bem certo é que com sua pureza poderá dar movimentação àquela continuidade ou àquele início de que falamos, para que se transforme em elemento de regozijo no final dos tempos.

Eu, homem-carne, tenho, aqui e agora, essa visão e, certamente, minha alma sente a “alavancagem” que a faz subir, subir e subir. Mas, também é preciso não me imbuir de convicção quanto a um ponto que seja preciso, que seja o máximo, porque me limita o fato de ser criatura, pois é como criatura, como ser preso na gaiola da minha limitação, que chego a tais ilações. Por isso, seja-me bastante o sentido da necessidade de um crescimento, sempre para mais, sempre para o alto, sempre monte acima, sem parar, sem preocupação quanto a um ponto exato, maior, melhor, definitivo. Que sempre suba, sem olhar para baixo, subindo e subindo sempre.

Diz-lhes este livro, caro leitor, prudentíssima leitora:

Quando, um dia, num momento, ainda que seja um só momento, vocês, que suas mãos me sustêm, tiverem o alcance da minha essência, com certeza essas suas mãos sentir-me-ão como uma brasa viva e, logo, vocês cuidarão de me repassar adiante, a outrem.